

VOLUME 2

TEATRO SELETO

CHICO
DE
ASSIS

TEATRO SELETO

CHICO
DE
ASSIS

Presidenta da República
Dilma Rousseff

Ministra da Cultura
Marta Suplicy

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES - FUNARTE

Presidente
Guti Fraga

Diretora Executiva
Myriam Lewin

Diretor do Centro de Artes Cênicas
Antonio Gilberto

Diretora do Centro de Programas Integrados
Ana Claudia Souza

Gerente de Edições
Oswaldo Carvalho

VOLUME 2

TEATRO SELETO

CHICO
DE
ASSIS

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Copyright © by Francisco de Assis Pereira
Todos os direitos reservados

Fundação Nacional de Artes – Funarte
Rua da Imprensa, 16 – Centro – Cep 20030-120
Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2279-8071
livraria@funarte.gov.br – funarte.gov.br

Edição
Oswaldo Carvalho

Produção editorial
Jaqueline Lavor Ronca

Produção gráfica
Julio Fado

Capa e projeto gráfico
Retina 78

Preparação de originais
BR75

Revisão
Obra Completa Comunicação

Dedico esta seleta a todos
os meus companheiros
do Teatro de Arena
de São Paulo com quem
dividi o apendizado.





CHICO DE ASSIS

— **SUMÁRIO** —

VOLUME

02



PREFÁCIO	00
MISSA LEIGA	00
A TOCA DA RAPOSA.....	00
A ÓPERA DE TRINASSAU	00
DAVI E GOLIAS	00
ENIGMA	00
CONCERTO Nº 1 PARA SOLIDÃO E ORQUESTRA ...	00
CONHEÇA SEUS ÍDOLOS	00
MERDA	00
CADERNO DE JÓ	00
TREMEMBÉ JONES CONTRA KING KONG	00
OS BALÕES	00
O MUNDO SERÁ	00

PREFÁCIO

O TEATRO DE CHICO DE ASSIS

O teatro de Chico de Assis merece um estudo à altura, mas quando a Funarte decide publicar a sua obra, o autor não procura um dos muitos amigos acadêmicos com competência para uma reflexão menos epidérmica e rigorosa, recorre a um cúmplice. Está certo, esse cúmplice conhecia, se não todas, quase todas as peças escritas pelo Chico, mas precisava reler o que fosse possível, fazer anotações, juntar elementos que pudessem dar substância a um texto pelo menos levemente parecido com um prefácio, que apresenta o leitor à obra. A dificuldade de escrever este prefácio reside na abrangência da obra de Chico de Assis, caracterizada por sua recusa a olhar para o próprio mundinho, para as próprias angústias, característica que o aproxima dos grandes autores e, em especial, do poeta alemão Bertold Brecht em suas ideias sobre o teatro.

8 Da geração em que se formou e da qual as expressões mais visíveis são Oduvaldo Vianna Filho e Gianfrancesco Guarnieri, Chico de Assis guarda a mesma preocupação de observar o mundo à sua volta e levar ao palco o resultado de suas observações. Nada do exercício onanista que, em parte por força do obscurantismo que se abateu no Brasil no final dos anos 1960, marcou a geração seguinte de dramaturgos, que filtrava a observação do mundo pelos humores de suas angústias pessoais, muitas vezes ingenuamente juvenis. Chico, entretanto, diferencia-se dos amigos dos primórdios do Teatro de Arena de São Paulo por uma independência libertária e, eu diria anárquica, incapaz que sempre foi de seguir normas, dogmas e receituários, sejam eles ideológicos ou partidários. Isso está presente não só nos temas diversos que ele aborda, mas nas formas que propõe para contar cada história, quase a ensinar que cada caso impõe uma narrativa própria, específica, seja em versos brancos, seja trilhando o roteiro da liturgia da missa católica, seja trabalhando o humor mais adequado à crítica política ou ao simples doboche. É difícil ou impossível, enquadrar o teatro de Chico de Assis, assim como não se pode enquadrar o autor nessa ou naquela corrente de pensamento, nesse ou naquele grupo. Isso porque o próprio Chico talvez não consiga enquadrar-se, ajustar-se a figurinos externos, ainda que se esforce. Basta constatar que ele transitou por todas as áreas de atuação profissional que se apresentaram em sua vida – rádio, televisão, cinema, publicidade, imprensa, música popular, universidade. E nessas áreas fez de tudo um pouco. Ficou um tempo, deu sua contribuição, ganhou para pagar as contas, não para acumular, e seguiu em frente. Um pouco mais disciplinado e um

pouco menos anárquico em seus impulsos e paixões, estaria até hoje com um belo contrato a garantir-lhe a aposentadoria. Preferiu sempre seguir caminho, e seu único pouso seguro, porque se trata de sua casa, o teatro.

Mas Chico é um homem irremediavelmente condenado a ser fiel a si mesmo e a seus amigos, o que não o impede de discordar deles às vezes pelo simples prazer de discordar, por ver nisso uma possibilidade de ampliar e exercitar argumentos. Daí o meu prazer também em provocá-lo: como alguém tão impregnado da poética teatral de Bertold Brecht pode ser tão fascinado por Tennessee Williams? Para ficar no teatro americano do século passado, mais coerente seria Chico interessar-se antes por Eugene O'Neill. No entanto, ele prefere Tennessee pelo seu domínio das técnicas da escrita do teatro e da criação e desenvolvimento das personagens assim como reverencia Aristóteles com a mesma sinceridade da sua profissão de fé em Brecht. Contudo, o que parece contraditório só parece. Há uma grande coerência nessa atitude intelectual. O conhecimento não é, jamais pode ser, excludente. Para Chico de Assis, buscar a verdade é um modo de caminhar e não um objetivo. Dá para entender? Embora pareça, ele nunca está tentando provar uma tese. O que lhe interessa é o raciocínio. E isso está escancarado em seu teatro. Ele não é um doutrinador, é apenas um genuíno dramaturgo.

Como o poeta alemão, ele define a sua tarefa de autor de teatro como a do observador atento ao que acontece no mercado dos homens, que registra como as pessoas se relacionam, como os interesses se entrelaçam e se chocam, como o homem pode ser lobo e algoz do homem. Tudo isso com um sentido de brasilidade genuína, ao revelar as características do homem brasileiro com humor e picardia, para não dizer malandragem, sem perder o olhar crítico, mas claramente tomando o partido dos seus personagens. Alguns, como Xandu Quaresma e Ripió Lacraia, estão inscritos em definitivo entre os mais representativos da nossa literatura. As questões que Chico de Assis coloca em cena são as questões comuns a todos, trabalhando a filosofia e a política com a poesia da vida cotidiana e anônima do Brasil interior, o que dá uma universalidade às suas peças. Como Brecht, Chico também toma partido sem nenhum disfarce, escancarando seu humanismo, sua crença no ser humano.



**MISSA
LEIGA**

Este trabalho é uma oração pelo destino do mundo e do homem. Cada parte deste texto segue as partes tradicionais da missa Católica Apostólica Romana. A secularização de muitas partes é uma mensagem direta ao tempo do mundo e os textos sagrados fazem parte do tempo do templo. Na busca da síntese não encontramos mais nada senão medo e fuga. É possível que existam outras soluções, mas estas que se seguem nos parecem imediatas e inevitáveis.

Conscientes de nossa profunda ignorância diante de Deus e do universo, nos confessamos errados e iníquos. Nosso gesto e nossa atitude representam apenas uma corrida para longe de Deus, para podermos gritar o que não basta mais ser sussurrado e dito em voz meiga.

Entre conhecer o homem e Deus, temos mais oportunidades de conhecer o homem e a humanidade. Esta missa leiga tenta representar esta ideia e este vínculo. Se a verdade começa dentro de mim pela centelha divina da vida, então este testemunho é verdadeiro. Se o homem é uma fraude, então é fraudulento.

Diante do limite da morte geral da humanidade que se autodestrói, nossa oração tem seu sentido.

Transportarmos o tempo do mundo para o tempo do templo é a ligação maravilhosa que tentamos. Espantar-nos diante da absurdidade da sociedade atual é a ligação perplexa que sofremos.

Recorrermos ao efêmero e ao eterno com a mesma simplicidade é a nossa forma de verdade.

São Paulo, 1972.

Chico de Assis

MISSA LEIGA



CANÇÕES

MISSA LEIGA

1 - PROCISSÃO DE ENTRADA

Armando Bógus e elenco

2 - A DESTRUIÇÃO DO TEMPLO E DESPOJAMENTO

Armando Bógus, Claudia Ribeiro, Buzza Ferraz, Sonia Cezar, Oswaldo Mendes, João Acaiabe, Rosa Maria, Maria Christina, Edna Falchetti, Edelcio Mostaço, Walter Cruz, Julio Cesar, Ivan José e solo de Edmar Ferretti

3 - SALMO DA PAZ

elenco

4 - KYRIE

Edmar Ferretti e elenco

5 - GLÓRIA

Armando Bógus e elenco

6 - ALELUIA

Armando Bógus e elenco

7 - CANTO DE JOÃO BATISTA

Armando Bógus, Maria Helena e elenco

8 - OFERTÓRIO E CANTO DA ENTREGA

Claudia Ribeiro, Edna Falchetti, Walter Steiner, Rachel Araujo, Ivan José, Maria Christina, Walter Cruz, Rosa Maria. Cantam: Maria Helena, Neide Duque, Oswaldo Mendes e João Carlos Vicci

9 - SANCTUS

Armando Bógus e elenco

10 - AGNUS DEI

elenco

11 - ÚLTIMA ORAÇÃO

Armando Bógus e elenco

* participaram da montagem original em 1972

Peça sobre o Tempo do Mundo. Tem a estrutura da missa católica, laicizada.

Trata da responsabilidade humana diante da vida.

Esta peça foi estrelada por Armando Bógus. Levada à cena em um teatro improvisado na antiga fábrica da Lacta em São Paulo, em 1972.

Montada no Rio de Janeiro em 1973. Levada à cena com elenco brasileiro em Portugal, Angola e Moçambique em 1973.

Texto de Chico de Assis, constante do programa da leitura dramática realizada em São Paulo, no Auditório Alceu de Amoroso Lima.

Os atores estão divididos em dois grupos. Um deles está no altar-mor arrumando as coisas para o início da missa e o outro deve entrar em procissão pela porta principal do templo. Tudo está às escuras, e tanto o grupo que arruma o altar quanto o que adentra o templo vêm à luz de velas. O texto que se segue é dividido em dois grupos: um que quer entrar e outro que impede sua entrada mas cede aos argumentos e recua para o altar-mor. Os atores vestem roupas ritualísticas muito amplas e ornadas. Roupas completas com chapéus, coroas etc....

18

GRUPO Nº1: Entremos no silêncio
Na tenda deste templo
Estamos juntos
Os que aqui já estavam
Os que chegam agora
Os que já se foram
E os que ficaram lá fora
Vamos nos aproximar do altar divino!

GRUPO Nº2: Com as mãos limpas e lavadas
E, no rosto, uma aparência de paz!

GRUPO Nº1: Vamos nos aproximar do altar divino!

GRUPO Nº2: Sabendo que este dia não é igual
Ao dia anterior que acabou de passar!

GRUPO Nº1: Vamos nos aproximar do altar divino!

GRUPO Nº2: Há muito mais sangue derramado
Pelos campos, salas, quartos e calçadas!

GRUPO Nº1: Vamos nos aproximar do altar divino!

GRUPO Nº2: Há no ar mil gritos de tormenta
Só não ouvimos por costume!

GRUPO Nº1: Vamos nos aproximar do altar divino!

GRUPON.º2: Há no ar maior quantidade de sangue!
Só não sentimos o gosto por costume!

GRUPON.º1: Vamos nos aproximar do altar divino!

GRUPON.º2: Há, nas mãos e nos olhos, uma fuga
Só não notamos por costume!

GRUPON.º1: Vamos nos aproximar do altar divino!
Com as mãos limpas e lavadas
No rosto, uma máscara de paz!

GRUPON.º2: Cobrindo a angústia da dor
Da inevitável memória da fome
Da inevitável falta de amor!

GRUPON.º1: Vamos nos aproximar do altar divino!
Com as mãos limpas e lavadas.

CENA 2 ILUMINAÇÃO DO TEMPLO

19

Os dois grupos estão agora no altar-mor e se preparam para começar a iluminação do templo. Os candelabros e lamparinas são acesos e distribuídos pelos atores que os colocam em pontos predeterminados. Os candelabros devem estar num aparador e um ator os distribui um a um, enquanto segue-se este diálogo:

ATORN.º1: *(PEGANDO SEU CANDELABRO, ENQUANTO OUTRO, AJUDANTE DO DISTRIBUIDOR, ACENDE AS VELAS)*
O templo é um lugar de paz
Aqui o tempo está parado
Na data longínqua da criação.

ATORN.º2: *(O QUE DISTRIBUI OS CANDELABROS E DIRIGE A ILUMINAÇÃO)*
Mas o relógio do mundo continua marcando as horas.

Segue o processo, enquanto o primeiro vai colocar o seu candelabro em lugar predeterminado.

ATOR№3: O templo é um lugar sagrado
Um pedaço do paraíso na terra
Uma imitação dos tempos do Éden.

ATOR№1: Mas o relógio do mundo continua marcando as horas.

ATOR№3: O templo é um lugar santo
Que santifica os homens.

ATOR№1: Mas o relógio do mundo continua marcando as horas.

ATOR№4: O templo é a morada do Deus vivo
Que vivifica o homem.

ATOR№1: Mas o relógio do mundo continua marcando as horas.

ATOR№5: Faz hoje um mundo que houve a criação
Faz hoje um templo do pecado original!

ATOR№1: Mas o relógio do mundo continua marcando as horas.

ATOR№6: Qual tempo seguir?
O tempo do templo
Ou o tempo do mundo?

ATOR№1: Sua mão é a mesma mão de Adão
Seu pé é o mesmo pé de Noé
Seu coração é igual ao de Abraão
Suas alegrias iguais às de Isaías
Sua dor e sua dó iguais às de Jacó
Mas o relógio do mundo continua marcando as horas.

CENA 3 O TEMPO DO MUNDO

A iluminação está completa e os atores voltam ao altar-mor. Formam um coro, diante do qual fica um corifeu. Todos têm pastas para lerem a música que vão cantar. O canto que se segue deve obedecer a um ritmo respiratório (Carl Orff) e deve ser acompanhado por tambores graves (tímpanos).

CORIFEU: E se arrancarem as portas do templo?

CORO: Ainda assim existe o templo.

CORIFEU: E se derrubarem as paredes do templo?

CORO: Ainda assim existe o templo.

CORIFEU: E se destruírem os pequenos altares?

CORO: Ainda assim existe o templo.

CORIFEU: E se arrebentarem todas as imagens?

CORO: Ainda assim existe o templo.

CORIFEU: E se demolirem o altar-mor e com ele o sacrário?

CORO: Ainda assim existe o templo.

CORIFEU: E se no lugar do templo ficar um deserto árido?

CORO: Ainda assim existe o templo.

CORIFEU: E se a morte ceifar uma parte de nós?

CORO: Ainda assim existe o templo.

CORIFEU: E se a morte continuar sua ceifa?

CORO: Ainda assim existe o templo.

CORIFEU: E se ficar somente um homem sobre a terra?

CORO: Ainda assim existe o templo.

CORIFEU: Na sua cabeça.

CORO: No seu coração.

Dois atores trazem uma grande pira para diante do Corifeu.

CORIFEU: E se for ceifado o último homem?

CORO: *(ATEANDO FOGO À PIRA)*

Não haverá mais necessidade do templo.

O Corifeu rasga sua pasta de música e a joga para que se queime na pira. Os coristas seguem o seu exemplo. Enquanto se dá esta queima, cantam um coral de melismas sem palavras: alguma coisa que sugira a ideia de calmo desespero. Jogadas todas as pastas, o Corifeu faz um sinal e os dois atores da pira trazem um abafador e fecham a boca do fogo. Depois, retiram a pira.

CENA 4 DESPOJAMENTO

O Corifeu se prepara para ser desparramentado por acólitos. Ergue as mãos para o alto e diz:

CORIFEU: Dai às minhas mãos virtudes, Senhor
Para que eu possa lavar todo mal e mancha
Toda mancha e mal, Senhor.
Tira de mim as vestes da vaidade,
As que estão dentro de mim, Senhor
Porque estas, visíveis, eu atiro fora.

O Corifeu atira fora uma parte de seu paramento, enquanto os acólitos arrancam o restante de suas roupas ricas. Eles trazem uma bacia para que ele lave o rosto que, muito maquiado, contrasta agora com seus trajes comuns.

CORIFEU: Lavo do meu rosto as tintas da alegria
Tira de mim, Senhor, a tristeza oculta sob ela
Estou como sou a cada dia.

O Corifeu acaba de lavar o rosto, enxuga. Todos cantam a canção da paz, enquanto arrancam suas roupas de teatro, seguindo o mesmo processo do Corifeu. É um baile sobre o tema de despir as roupas da vaidade. A música é violenta, com muitos atabaques e tumbadoras.

TODOS: (*CANTAM*)

Há muito que a minha alma vive
Entre aqueles que odeiam a paz
E, eu sou pela paz
Eu sou pela paz
Pela paz e o amor
Senhor!

Eu quero a paz em toda a terra
Mas eles querem fazer a guerra.
E, eu sou pela paz
Eu sou pela paz
Pela paz e o amor
Senhor!

*A música se repete o suficiente para que todos
se despojem e lavem suas maquiagens.*

CORIFEU: É possível que o homem

Fosse um ser criado
Para ser abandonado?
É possível que o criador
Deixasse o homem de lado
Só por culpa do pecado?
É possível que o sofrimento
Esteja nos planos de Deus?
É possível que a angústia
Seja um mandado divino?
É possível que a violência
Seja um acordo entre Jeovah,
Senhor dos exércitos
E a humilde condição humana?
É possível que a dor e a fome
Sejam um legado da onipotência?
Se isso tudo é possível
Se tudo existe assim!
Ergamos nossa voz
Clamando!!!

*Ataca o coral do Kyrie com violência terrível.
Vozes altíssimas e som fortíssimo.*

CORO: (CANTAM)

Kyrie eleison
Christe eleison
Kyrie eleison.

Senhor, tende piedade de nós
Jesus Cristo, tende piedade de nós
Senhor, tende piedade de nós.

Kyrie eleison
Christe eleison
Kyrie eleison.

A música aumenta cada vez mais e os atores se prostram desesperados, humildes diante do poder divino. Se humilham rastejando, erguem as mãos implorando. Quando terminam, ficam sentados no chão, em vários pontos do altar. O Corifeu se move rápido entre eles, fazendo as perguntas (uma para cada ator).

24

CORIFEU: E a quem foi revelado o braço de Jeovah?
A um homem rico nascido numa terra fértil?

ATOR: Não, como servo e como a raiz que sai de uma terra seca.

CORIFEU: A um homem muito belo, que nesta beleza fizesse prazer?

ATOR: Não, não tinha beleza, nem formosura.

CORIFEU: A um homem aclamado por todos os homens?

ATOR: Não, desprezado e rejeitado.

CORIFEU: Um homem que veio colher nossas alegrias e felicidades?

ATOR: Não, tomou sobre si nossas enfermidades
E carregou as nossas dores.

CORIFEU: Mas Jeovah o encheu de glória e alegria?

ATOR: Não, foi ferido de Deus
E oprimido pelas nossas culpas e iniquidades.
O castigo que nos devia trazer a paz caiu sobre ele
E pelas suas machucaduras fomos nós sarados.

CORIFEU: Todos nós temos andado como ovelhas desgarradas,
Cada um por seu caminho
E Jeovah fez cair só sobre ele
A iniquidade de todos nós.

ATOR: Ele foi oprimido, contudo humilhou-se.

CORIFEU: E não abriu a boca.

ATOR: Como o cordeiro.

CORIFEU: Não abriu a boca.

ATOR: Levado ao matadouro.

CORIFEU: Não abriu a boca.

ATOR: Como a ovelha muda.

CORIFEU: Não abriu a boca.

ATOR: Tosquiada.

CORIFEU: Não abriu a boca.

ATOR: Foi ferido.

CORIFEU: Não abriu a boca.

ATOR: Sepultado entre os ímpios.

CORIFEU: Não abriu a boca,
Contudo levou sobre si os pecados de muitos
E intercedeu pelos transgressores.

25

CENA 5 O SACRIFÍCIO

Os atores agora tomam dos instrumentos de suplício de Cristo e os exibem: látegos, coroa de espinhos, lança, ferros, cravos etc. Montam uma grande cruz de madeira ao fundo do altar, enquanto falam para o público:

ATOR Nº 1: Algum de vocês está disposto a uma prova?

ATORM^o2: Algum de vocês está disposto a um sacrifício?

ATORM^o3: Não um sacrifício por si,
Por seu filho ou sua cidade.
Não um sacrifício incompleto,
Um sacrifício pela metade.

ATORM^o4: Mas um sacrifício geral, por toda a humanidade.

ATORM^o1: Quem de vocês está disposto a ser traído?
Não por um estranho, mas pelo melhor amigo?

ATORM^o2: Quem de vocês está disposto a ser escarnecido
Diante de todo o povo reunido?

ATORM^o3: (*MOSTRANDO COROA DE ESPINHOS*)
Quem de vocês está disposto
A andar pelos piores caminhos
E de levar na cabeça
Esta coroa de espinhos?

ATORM^o4: (*TOMANDO A COROA E AVANÇANDO AINDA MAIS PARA O PÚBLICO*)
Alguém aí quer vestir este capuz?

ATORM^o1: (*TOMA A COROA E AVANÇA AINDA MAIS PARA O PÚBLICO*)
Esta carapuça serve em alguém que queira carregar aquela cruz?

ATORM^o2: (*MOSTRANDO CRAVOS*)
Existe aqui alguém em disponibilidade para levar cravos na mão?

ATORM^o3: (*MOSTRANDO LANÇA*)
Quem se apresenta para deixar arrebentar seu coração?

ATORM^o4: Por acaso um voluntário para ser furado de lança no lado?

ATORM^o1: (*MOSTRANDO MARTELO*)
Quem aqui quer ser crucificado?
Se ninguém entre nós aceita a prova
Só nos resta parar o tempo da história
E cantar.

CORO: (*CANTAM*)

Glória, glória, glória
A Deus nas alturas
E paz na terra aos
Homens de boa vontade.

Laudamus te
Adoramus te
Benedicimus te
Glorificamus te
Agnus Dei
Qui tolis peccata mundi.

CENA 6 COLETA

Então, os atores largam os instrumentos de suplício e retornam com gravadores minicassete de pilha, estão com microfones. O Corifeu exorta a coleta.

27

CORIFEU: Esta é a hora da coleta.

Que cada um diga uma verdade e uma palavra de amor.
Vamos coletar suas vozes.
Aquele que não tiver nada a dizer,
Então diga: “Não tenho nada a dizer.”

Os atores saem pelo público, gravando suas vozes.

CORIFEU: Quem tiver o que falar, que fale!

Quem tiver o que gritar, que grite!
Quem tiver o que oferecer, que ofereça!
Quem tiver que escarnecer, que escarneça!
Sua boca muda é seu coração congelado!
Sua falta de ajuda é seu mundo trancado!

CORIFEU: Quem tem a verdade que a distribua,
Pois necessitamos dela.
Quem tem amor que o prolifere,
Pois temos querência dele.
Quem vislumbrou um sinal no futuro,
Que nos leve para vê-lo.

CORIFEU: Os que egoisticamente percebem
E não desatam os nós da realidade,
Que se tenham em guarda,
Pois serão destruídos pela vingança comum e geral.
Quem está a salvo, que salve a todos.
Quem se afoga, que afogue a todos.
Quem se mata, que mate a todos.
É a isso que devemos a continuidade da vida.

Os atores regressam do público trazendo nos gravadores a coleta. Trazem as caixas de som individuais para gravador e ligam seus aparelhos. Todas as vozes gravadas soam ao mesmo tempo e, improvisadamente, os atores abaixam e levantam o volume dos gravadores, retrocedem as falas mais significativas e terminam por encher o templo das altíssimas vozes da coleta. Pouco a pouco vão abaixando o volume e desligando, um por vez, os gravadores. Levam os aparelhos para fora, pondo fim à coleta.

CENA 7 EPÍSTOLA

*O Corifeu recebe numa bandeja duas cartas,
toma-as nas mãos e as mostra ao público.*

CORIFEU: Epístola,
Mensagem, carta, recado,
Bilhete, aviso, comunicado,
Advertência, conselho,
Informação, notícia,
Vínculo, ligação,
Transmissão, missiva,
Epístola.

Rasga o envelope para ler a primeira epístola.

CORIFEU: Primeira epístola.

*(LÊ A CARTA DE ALGUÉM MUITO IMPORTANTE COM UMA MENSAGEM
PARA AQUELE DIA)*

Segunda epístola.

(LÊ UMA CARTA DE ALGUÉM MUITO HUMILDE)

Estas são as duas epístolas de hoje,

A primeira é de fulano de tal

E a segunda é de beltrano de tal.

*O Corifeu ergue as cartas e as coloca depois de
volta na bandeja, que é levada para fora.*

29

CENAS RESSURREIÇÃO

*O Corifeu vem para a frente, com uma máscara nas mãos –
uma máscara de alegria, que deve ser segurada por um cabo.*

CORIFEU: Agora é a hora da alegria da ressurreição.

Os atores colocam as máscaras da alegria e cantam.

CORO: (CANTAM)

Aleluia
Aleluia
Aleluia.

A música começa alegre, mas vai entristecendo e o coro canta a baixíssima voz, muito lento e triste, enquanto o Corifeu, tirando a máscara, fala para o alto:

CORIFEU: Como ter alegria, Senhor
Neste tempo de provação?
Como ter alegria
Consciente do sentimento do mundo
Alegria porque a mão colheu,
Escolheu as sementes,
Semeou e tornou a colher?

CORIFEU: Alegria porque uma criança nasceu?
Mas, Senhor, tudo o que plantamos
Tudo o que construímos e fazemos nascer
É para a morte vir e colher
Não a morte comum, limite da vida
Mas a morte geral de humanidade
Este suicídio lento e geral.

CORIFEU: Só nos resta uma única alegria, Senhor
Absurda, sangrada e sofrida.
A alegria de saber
Que, apesar de tudo,
Só existe uma coisa mais
Inevitável que a morte:
A vida!

*Os atores soltam as máscaras e cantam,
numa alegria louca, o Aleluia.*

CORO: (CANTAM)

Aleluia
Aleluia
Aleluia.

No fim da canção, um ator traz um grande missal e o coloca numa estante diante do Corifeu, que diz:

CORIFEU: Evangelho segundo São Mateus.
Naqueles dias apareceu João Batista,
Pregando no deserto da Judeia.

JOÃO: *(PARA O PÚBLICO)*
Raça de víboras!
Quem vos recomendou que fugísseis da ira que vem por aí?
Dai, pois, frutos dignos do vosso arrependimento
E não queirais dizer dentro de vós mesmos:
“Temos como pai a Abraão”.
Porque vos declaro que, destas pedras,
Deus pode suscitar filhos a Abraão.
O machado já está lançado à raiz das árvores
E toda a árvore que não der bom fruto
Será cortada e lançada ao fogo.

CORIFEU: *(FECHANDO O LIVRO)*
A pior víbora é a que não sabe que tem veneno
E a pior árvore é a que dá frutos secos,
Certa de que são sumarentos.
Raça de víboras!
Quem vos recomendou que fugísseis da ira que vem por aí?

JOÃO: *(CANTA)*
Eu sou a voz que clama no deserto.
Que anuncia, grita e avisa.

CORIFEU: João, a voz que canta o canto certo
João, que cada um limpa, lava e batiza.

JOÃO: Eu sou aquele que prepara a terra.
Suor. Combate. A luta é dura
Eu sou a mão que faz a paz e a guerra
Para a chegada da semente santa e pura.

CORO: É João, João que canta o canto certo.

JOÃO: Eu sou a voz que clama no deserto.

CORO: Nas águas limpas as almas são lavadas.

JOÃO: Eu sou aquele que separa as caminhadas.

CORO: É João, João que canta o canto certo.

JOÃO: Eu sou a voz que clama no deserto
Aquele que tem dois pães
Dê um deles a quem nada tem.

CORO: É João, que fala e fala bem.

JOÃO: Quem tiver duas vestes
Dê uma delas a quem nada tem.

CORO: É João, que fala e fala bem.

JOÃO: Eu sou a voz que clama no deserto.

CORO: É João, que canta o canto certo.

*A canção termina e João diz, baixo e compassado,
desanimado, com um pouco de raiva, para o público.*

32

JOÃO: Raça de víboras!

Quem vos recomendou que fugísseis da ira que vem por aí?

CENA 10 OS TEMPLÁRIOS

O Corifeu bate palmas e chama os atores em torno de si.

CORIFEU: Vamos montar a bancada da Santa Inquisição

Que, no ano de 1314, prendeu e julgou

Os monges da Ordem dos Templários,

Que lutaram nas cruzadas

Que tentaram libertar a Terra Santa.

Os atores vão montando uma mesa comprida e dois escabelos. Paramentam-se como vários Dominicanos (inquisidores) e dois Templários – um velho (o GrãoMestre) e um moço (o Jovem Templário). Os Templários, como os Dominicanos, têm o hábito branco, com a diferença que aqueles trazem uma cruz vermelha do lado esquerdo do manto. Enquanto montam a cena:

CORIFEU: Você crê?

CORO: Eu creio.

Mas é fácil abrir a boca
E dizer “eu creio”.

33

A cena já está montada. Os Dominicanos estão sentados por trás da mesa e dois soldados armados de achas trazem os dois Templários e os colocam diante dos escabelos. Por cima deles, a grande cruz de madeira se ilumina. Fachos de luz sobre os dois Templários. Neblina sobre os Dominicanos.

CORIFEU: Que se faça representar a cena da inquisição.

E vocês, atores, procurem dar o máximo de sua sinceridade,
Para que surja alguma verdade.
Vocês acreditam no que estão fazendo?

ATORES: Sim, acreditamos.

CORIFEU: É fácil abrir a boca
E dizer “acredito”.

ATORES: Amém.

Uma separação musical épica wagneriana, antes de começar a cena. Alguns acordes grandiosos. Depois, o início.

O Dominicano que preside a mesa fala pausado e solene.

DOMINICANO-MOR: In nomine Iesus Christus dominum nostrum.

TODOS: Amém.

DOMINICANO-MOR: Esta inquisição abre o processo
Da Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana
Contra os monges da Ordem do Templo.
In nomine Christe vos acusamos de heresia,
Tratos com o demônio, negação de Cristo e sodomia.

DOMINICANO-MOR: Que o sangue de Cristo
Derramado pela humanidade
Ilumine estas obras
E que o Espírito Santo abra nosso entendimento
Para ouvir e julgar estas acusações.
Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

TODOS: Amém.

DOMINICANO-MOR: Os acusados podem se declarar
Culpados ou inocentes,
Neste sumário.

GRÃO-MESTRE: Todo homem
Colocado diante da justiça
Deve ser culpado.

JOVEM TEMPLÁRIO: Inocente, inocente de todo o coração.

DOMINICANO-MOR: Que seja lida a parte da acusação!

Um dos dominicanos levanta-se e vem para a frente. Um facho de luz cai sobre seu rosto. Traz um papel que abre e lê.

PROMOTOR: É posto que os monges templários
 Se reuniam nas vigílias da noite.
 É posto que, nessas reuniões,
 Praticavam iniciações negras,
 Nas quais o conscrito a ser iniciado
 Tinha que renegar Cristo, o Crucifixo,
 Deus, a Santa Virgem e todos os Santos.
 É posto que, nesse momento,
 Os iniciantes tinham a falsa revelação
 De que Cristo não era o verdadeiro Deus.
 Que era um falso profeta,
 Que nunca sofreu pela humanidade,
 Mas sim por crimes que havia cometido.
 É posto que no Cânon da Missa,
 Os templários omitiam as palavras da consagração.
 É posto que aos iniciados era dada a liberdade
 De se unirem carnalmente em sodomia.
 É posto que, na hora mesma da iniciação do conscrito,
 O iniciante e o iniciado se beijavam
 Na boca, no ventre, nos ombros,
 Na nuca, na espinha dorsal e no ânus.
 É posto que seus corpos, nesse momento, estavam nus.
 É posto que adoravam ídolos estranhos de três faces.

JOVEM TEMPLÁRIO: Eu nego!

DOMINICANO-MOR: Não é chegada a tua hora de falar.

GRÃO-MESTRE: Eles só perguntam respostas prontas.

DOMINICANO-MOR: Que seja feito o interrogatório pelo inquisidor.

*O inquisidor se levanta, faz o sinal da cruz e uma
 oração, para si mesmo. E começa seu inquérito.*

INQUISIDOR: (PARA O JOVEM)

É certo que os monges se reuniam nas vigílias noturnas?

JOVEM TEMPLÁRIO: Sim, é certo, mas...

INQUISIDOR: É certo que havia uma iniciação?

JOVEM TEMPLÁRIO: Havia uma prova de fé.

INQUISIDOR: É certo que, nesta prova,
O Grande Mestre tinha que ser beijado?

JOVEM TEMPLÁRIO: É certo.

INQUISIDOR: É certo que os beijos eram dados nos corpos nus?

JOVEM TEMPLÁRIO: Sim... É certo.

INQUISIDOR: Em que parte do corpo estes beijos eram dados?

JOVEM TEMPLÁRIO: Um entre os ombros, e outro na base dos rins.

INQUISIDOR: E o outro?

JOVEM TEMPLÁRIO: Não havia outro, havia uma ordem.

INQUISIDOR: Que ordem era essa?

JOVEM TEMPLÁRIO: O Grande Mestre dizia...

GRÃO-MESTRE: Beije meu ânus.

JOVEM TEMPLÁRIO: (*GRITA*)
Prefiro morrer a ter de fazer isso.

PROMOTOR: Está provada a sodomia!

JOVEM TEMPLÁRIO: Não! Era uma prova!
Só os que se negavam eram aceitos.
Os estatutos da ordem eram contrários à sodomia.

INQUISIDOR: E os iniciados que obedeciam à ordem e beijavam?

JOVEM TEMPLÁRIO: Não eram aceitos.

PROMOTOR: Mas não se pode negar que havia o beijo.

GRÃO-MESTRE: Como existiram as lutas pela Terra Santa.

INQUISIDOR: É certo que o Grande Mestre
Pedia que se negasse Cristo três vezes?

JOVEM TEMPLÁRIO: É certo.

INQUISIDOR: Você negou?

JOVEM TEMPLÁRIO: Na boca sim, mas não de coração.

INQUISIDOR: E isso também era uma prova?

GRÃO-MESTRE: Não, isto era a verdade.

JOVEM TEMPLÁRIO: *(AJOELHANDO-SE DIANTE DO MESTRE O PUXANDO-O PELO MANTO)*

Era uma prova.

GRÃO-MESTRE: *(ARROJANDO O JOVEM AO CHÃO E LEVANTANDO-SE)*

Era a verdade.

INQUISIDOR: É certo que o sinal secreto dos templários
Consistia em cobrir a cruz do manto com a mão direita?

GRÃO-MESTRE: É certo.

INQUISIDOR: É certo que isso era uma negação de Cristo?

GRÃO-MESTRE: É certo.

PROMOTOR: Heresia! Heresia confessa!

GRÃO-MESTRE: Verdade! Verdade de Jesus,
Filho de Judah de Gamala e uma mulher,
Que era um revoltado contra a ocupação romana.
Unido aos revoltados chamados zelotes que lutavam e matavam.
Jesus, filho de Judah de Gamala,
Que tinha um irmão gêmeo chamado Tomás
E ainda outros irmãos.
Verdade de Jesus,
Que foi crucificado de cabeça para baixo,
Como revoltado e revoltoso,
Por ordem de Pôncio Pilatos.

37

PROMOTOR: Heresia confessa contra a Santa Cruz.

GRÃO-MESTRE: A Santa Cruz é um paradigma.
Se é verdade que Cristo era Deus
Não poderíamos amar nunca o aparelho do seu suplício.
Se é verdade que Jesus era um homem... a mesma coisa.

PROMOTOR: Heresia.

JOVEM TEMPLÁRIO: Nunca duvidamos de Deus,
Andávamos em busca da Santa Arca da Aliança.

GRÃO-MESTRE: A cruz é uma forma de pecado
(COBRE A CRUZ DO MANTO COM A MÃO).

PROMOTOR: Não há mais nada a dizer.

*Num repente o Grão-Mestre se lança contra um soldado,
toma sua acha e faz em pedaços a grande cruz.
Os soldados o dominam, os Dominicanos gritam.*

DOMINICANOS: Hereticus, hereticus.

JOVEM TEMPLÁRIO: *(EM LÁGRIMAS)*
Grande Mestre, a Cruz foi destruída!

GRÃO-MESTRE: Não, criança! Renasceu agora!

CENA II OS DOIS CRISTOS

*Os atores refazem a cruz, enquanto mudam suas roupas.
O Corifeu comanda a preparação da cena de Pilatos.*

38

CORIFEU: Padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos. Qual deles?
Pilatos dos Evangelhos ou Pilatos dos Templários?
Qual Cristo? Cristo dos Evangelhos ou o Cristo dos Templários?
Qual cruz? A cruz dos Evangelhos ou a cruz dos Templários?
Que seja feita a cena dupla:
Com dois Pilatos, dois Cristos e duas crucificações.

Os atores se preparam.

PILATOS^{№1}: De que acusam este homem?

CORO: De blasfêmia.

CRISTO^{№1}: Dai a César o que é de César.

PILATOS^{№1}: Não encontro culpa neste homem.

PILATOS^{№2}: Eu vos culpo de sedição e revolta contra o Poder Romano.

CORO: Bandido!

CRISTO^{№2}: Tomai de César o que nos pertence!

PILATOS^{№1}: Então você é um rei?

CRISTO№1: Meu reino não é desta terra.

CORO: Crucificação!

PILATOS№1: Eu lavo as minhas mãos do sangue deste inocente.

PILATOS№2: Então, você quer ser rei?

CRISTO№2: Nosso reino é nossa terra.

CORO: Crucificação!

PILATOS№1: Lavo as minhas mão no sangue deste traidor!

CRISTO№1: Não vim trazer a espada, mas a paz.

CRISTO№2: Não vim trazer a paz, mas a espada.

CORIFEU: Você crê?

TODOS: Eu creio.

CORIFEU: É fácil abrir a boca e dizer “eu creio”.

CENA 12 OFERTÓRIO

39

*Os atores tiram as vestes com as quais
representaram, para encenar o ofertório.*

CORIFEU: Nesta hora do ofertório
É chegado o momento de nos darmos
De nos oferecermos em teatro
São dois mil anos de Cristo
Uma eternidade em Deus
E dez mil anos de teatro
Dez mil anos de vaidade
De orgulho e egoísmo
Dez mil anos de verdade
De engano e de cinismo
Dez mil anos de alegria
Dez mil anos de temor
Dez mil anos de torpeza
Dez mil anos de beleza
Dez mil anos de amor.

CORIFEU: Nos nossos rostos lavados
Na nossa palavra dura
Nos nossos gestos ensaiados
No ser da nossa criatura
Aceitai esta oferenda
Quase louca, quase nobre
Aceitai esta oferenda
Destes palhaços da emoção
Destes títeres da imitação
De nós, de cada vagabundo
Que se presta a ser o espelho do mundo.

CORO: Aceitai que eu não seja eu
Aceitai que tu não sejas tu
Aceitai que Deus ainda não morreu
Aceitai que o mundo ainda não nasceu
Aceitai, porque eu sou um pedaço de ti
Embora não queiras te arrebentares
Sou a bomba escondida na flor
E o perfume que exala o pântano
Sou a mentira que querieis fosse verdade.

40

CORO: (*CANTAM*)
Porque eu sou a esperança da lágrima
E a inevitabilidade do sorriso
Sou maior que o maior
O menor que o menor
Sou o vínculo entre tu e tu mesmo
Sou o vácuo povoado
Sou a queda e o voo
A noite densa e o dia raiado.

CENA 13 LAVABO

Os atores pegam dos turíbulos e entram pela igreja cantando, perfumando de sândalo o ambiente. O Corifeu manda trazer uma grande bacia e chama um coro de crianças que lavam suas mãos e cantam.

CORO DE CRIANÇAS: *(CANTAM)*

Louvai a Jeovah
Cantai a Jeovah
Um novo Cântico.

Os atores trazem os turbulos de volta. As crianças tomam os turbulos e saem. O Corifeu prepara o Orate Frates.

CENA 14 ORATE FRATES

CORIFEU: Orate Frates, orai irmãos, pelo destino do mundo.

Convida a plateia a ouvir a palavra de Deus. Os atores saem para o público dizendo trechos da Bíblia (antigo e novo testamentos) e, além disso, levam jornais e fotos de problemas atuais do mundo. Ligam uma coisa a outra. É o sacerdote coletivo que prepara a prece comum.

41

Quando voltam para o palco, o Corifeu diz a oração. A plateia deve responder com os atores.

CORIFEU: Eu sou culpado por falta de amor.

TODOS: Eu sou.

CORIFEU: Eu sou culpado pelas guerras de retaliação.

TODOS: Eu sou.

CORIFEU: Eu sou culpado das mortes pela fome.

TODOS: Eu sou.

CORIFEU: Eu sou culpado pela tristeza do solitário.

TODOS: Eu sou.

CORIFEU: Eu sou culpado pelos suicídios e assassinatos.

TODOS: Eu sou.

CORIFEU: Eu sou culpado pela escravidão dos homens.

TODOS: Eu sou.

CORIFEU: Eu sou culpado de egoísmo, falta de humildade e soberba.

TODOS: Eu sou.

CORIFEU: Eu sou culpado pelo veneno da poluição.

TODOS: Eu sou.

CORIFEU: Eu sou culpado por participação na destruição.

TODOS: Eu sou.

CORIFEU: Eu sou culpado por omissão contra a destruição.

TODOS: Eu sou.

CORIFEU: Eu sou culpado de só pensar naqueles que amo diretamente.

TODOS: Eu sou.

CORIFEU: Eu sou culpado por esquecer a totalidade do mundo.

TODOS: Eu sou.

CORIFEU: Eu sou culpado por ser um avaro com o amor que posso dar.

TODOS: Eu sou.

CORIFEU: Eu sou culpado porque não sei receber amor.

TODOS: Eu sou.

CORIFEU: Eu sou culpado por culpar os outros.

TODOS: Eu sou.

CORIFEU: Eu sou culpado por não entender os que se amam.

TODOS: Eu sou.

CORIFEU: Eu sou culpado.

TODOS: Eu sou.

CENA 15 SANCTUS

O Corifeu vai dizer o prefácio do abandono. Abre o Missal e lê.

CORIFEU: É verdadeiramente digno, justo, necessário e salutar
Que sempre, em toda a parte, vos demos graças a Deus
Senhor, Pai, Santo, Deus, Onipotente e Eterno. *(FECHA O MISSAL)*

*O Coro diz o salmo que prepara o Sanctus – o
Coro começa num sussurro e vai aumentando
até a entrada da música para o Sanctus.*

CORO: Deus meu, Deus meu, Deus meu:
Por que me desamparaste?
Deus meu, Deus meu, Deus meu:
Por que estás afastado de me ajudar,
E das palavras do meu bramido?
Deus meu, Deus meu, Deus meu:
A ti clamo de dia porém não respondes.
Deus meu, Deus meu, Deus meu:
A ti clamo de noite porém não respondes,
E eu não acho descanso.
Contudo, tu és Santo
Sanctus
Sanctus
Sanctus.

*O canto do Sanctus deve ser calmo e melismático,
gregoriano, que vá tomando, muito serenamente, todo o
espaço do templo. Ao fim do Sanctus, o Corifeu lê uma
lista de mártires do novo e antigo testamentos, assim
como mártires de todos os tempos e credos, e mais os da
atualidade e, ainda, as vítimas dos grandes genocídios.*

Ao fim deste momento de preparação – onde cada nome dito pelo Corifeu deve ser adjetivado por um ator e dita alguma coisa sobre seu martírio – começa o Padre Nosso.

TODOS: Pai nosso, que estais nos céus
Santificado seja o vosso nome
Venha a nós o vosso reino
E seja feita a vossa vontade
Assim na terra como nos céus.
O pão nosso de cada dia
O pão nosso de cada dia!
O pão nosso de cada dia!!
Nos dai hoje
E perdoai as nossas dívidas
Assim como nós perdoamos
Os nossos devedores.
Não nos deixeis cair em tentação
E livra-nos de todo mal
E livra-nos de todo mal!
E livra-nos de todo mal!!
Amém.

44

CENA 16 SACRIFÍCIO DE ABRAÃO

CORIFEU: Antes da comunhão
Façamos a preparação
Sobre o sacrifício
Antes da comunhão
Alguma coisa que paira
Ainda viva, no tempo do templo!
(VOLTA-SE PARA O CORO)
Experimentou Deus a Abraão e disse:

CORO: Abraão!

ATOR Nº1: Eis-me aqui!

CORO: Toma teu filho,
Teu único filho Isaac, a quem amas.
E vai à terra de Moriab.

CORO.º2: Abraão!

ATOR.º1: Eis-me aqui!

CORO.º2: Toma teu filho,
Teu único filho Isaac, a quem amas,
Oferece-o ali em sacrifício,
Sobre um dos montes que te hei de mostrar.

CORO.º1: Abraão!

ATOR.º1: Eis-me aqui!

CORO.º1: Toma teu filho,
Teu único filho Isaac, a quem amas.

CORIFEU: Abraão arriou seu jumento,
Levou consigo dois de seus moços,
E partiu com Isaac para o lugar onde Deus lhe havia dito.
No terceiro dia, levantando os olhos,
Viu o lugar ao longe, e disse aos moços:

ATOR.º1: Fiquem aqui com o jumento,
Eu e o jovem iremos até lá.
Depois de adorarmos, voltaremos até vós.

CORO: Pegou a lenha do sacrifício e a pôs sobre Isaac.
Também levou o fogo e o cutelo. Caminharam ambos juntos.

CORIFEU: Disse Isaac a Abrahão, seu pai.

ATOR.º2: Meu pai.

ATOR.º1: Eis-me aqui, meu filho.

ATOR.º2: Eis o fogo e a lenha,
Mas onde está o cordeiro para o sacrifício?

ATOR.º1: Deus proverá por si, meu filho,
O cordeiro para o sacrifício.

CORO: Assim, caminharam juntos.
 Chegaram ao lugar que Deus havia dito
 E, ali, Abraão ergueu o altar
 E arrumou a lenha para o sacrifício.
 Tendo amarrado Isaac, seu filho,
 Deitado sobre a lenha,
 Tomou do cutelo para matá-lo.
 Gritou-lhe do céu o anjo de Jeovah:

Abraão, Abraão!

ATOR Nº 1: Eis-me aqui.

CORO Nº 1: Não estendas as mãos sobre o jovem
 E não lhe faças nada.

CORO Nº 2: Teu único filho, Abraão.

CORO Nº 1: Agora sei que tu temes a Deus.

CORO Nº 2: Teu único filho Isaac.

CORO Nº 1: Visto que não lhe negaste teu filho, teu único filho.

CORO: Tendo Abraão olhado atrás de si,
 Viu um carneiro embaraçado no mato pelos chifres.
 Foi e tomou o carneiro em holocausto em lugar de seu filho.

CORIFEU: Abraão, Deus salvou teu filho
 Por causa do teu sacrifício,
 Da tua intenção!
 Mas um dia o próprio Deus
 Deixará matar seu filho.
 Teu filho, Abraão,
 Antes da morte
 Teve a ressurreição.
 Mas, o filho de Deus,
 Este só ressuscitará
 Depois da morte.

*Os atores pegam os pedaços da cruz
 arrebitada para remontá-la, enquanto falam
 sobre a preparação da comunhão.*

CORO: Vamos reconstruir a cruz
Para que ela seja o sinal
Desta comunhão.

CORIFEU: Ergam o lenho vertical.

CORO: O lenho do poder e da força
Que procura ganhar o alto do mundo
Alçar alturas, pisando baixeiras
Dominar e usufruir o tempo da vida
Somar esforços para seu prazer
Submeter as vidas ao seu lazer.

CORIFEU: Ergam o braço esquerdo.

CORO: Que é o braço do egoísmo
Do pensar só em si mesmo
De se orgulhar solitário
No isolado cinismo
Sobre cada calvário.

CORIFEU: Por fim, o braço direito
Feito da violência
Que serve ao poder e ao egoísmo
Que serve ao falso prazer
Ao truque e ao cinismo.

CORO: Completa esta cruz.

CORIFEU: Precisamos de um Cristo
Que, lembrado por este lenho
De madeira morta e mortificada,
Seja vivo e vivificante
Que, sem ser despedaçado,
Possa ser servido em comida
Nesta ceia de comum união
Que fazemos em seu nome
Por seu nome.
No tempo deste templo
Servimos a comida deste amor
Que, quanto mais distribuído,
Mais se torna maior e unificado.

CENA 17 AGNUS DEI

Os atores chamam as crianças pelos nomes e as mandam beijar os do público, que devem também beijar-se entre si. Os atores fazem o mesmo. Enquanto as crianças beijam o público, os atores cantam o Agnus Dei.

CORO: (CANTAM)

Cordeiro de Deus
Tirai os pecados do mundo
Agnus Dei qui tolis peccata mundi.

*Ao final, o Corifeu reúne as crianças,
que o beijam, e diz para elas:*

CORIFEU: Vão-se embora
Porque, para vocês, a missa acabou.

CORO: Ite Missa est.

As crianças saem.

CENA 18 APOCALIPSE

O coro canta a preparação para o Apocalipse.

CORO: (CANTAM)

Humilde e calmo
Como um cordeiro
O mundo inteiro
Vê chegar a hora
É a hora final
Surge a cada momento
Mais um sinal.

CORIFEU: *(TOMANDO O LIVRO)*

Apocalipse de São João apóstolo.

Primeiro selo.

Vi quando o Cordeiro e ouvi uma das quatro criaturas viventes

Dizendo como em voz de trovão:

CORO: Vem!

CORIFEU: Olhei e eis um cavalo branco

E o que estava montado sobre ele tinha um arco;

Foi-lhe dada uma coroa e ele saiu para vencer.

CORO: Vem!

CORIFEU: Segundo selo.

Quando ele abriu o segundo selo,

Ouvi a segunda criatura vivente dizendo:

CORO: Vem!

CORIFEU: Saiu outro cavalo, vermelho,

E ao que estava sentado sobre ele,

Foi-lhe dado que tirasse da terra a paz,

E que os homens se matassem uns aos outros.

Foi-lhe entregue uma grande espada.

49

CORO: Terceiro selo.

CORIFEU: Quando abriu o terceiro selo,

Ouvi a terceira criatura vivente dizendo:

CORO: Vem!

CORIFEU: Olhei e eis um cavalo preto,

E o que estava montado sobre ele tinha uma balança na mão.

Ouvi uma como voz

No meio das quatro criaturas viventes dizendo:

CORO: Um queniz de trigo por um denário

E três quenizes de cevada por um denário;

Mas não faças dano ao azeite, nem ao vinho.

CORIFEU: O quarto selo.

Quando abriu o quarto selo,

Ouvi a voz da criatura vivente dizendo:

CORO: Vem!

CORIFEU: Olhei, e eis um cavalo amarelo,
 E o que estava montado sobre ele chamava-se a morte;
 O Hades seguia com ele
 E foi-lhe dado poder sobre a quarta parte da terra,
 Para matar com a espada, com a fome, com a peste
 E pelas feras da terra.

CORO: O quinto selo.

CORIFEU: Quando abriu o quinto selo,
 Vi, debaixo do altar, as almas daqueles
 Que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus,
 E por causa do testemunho que mantinham.
 Clamaram com uma grande voz:

CORO: Até quando, Senhor, santo e verdadeiro,
 Deixas de julgar os que habitam sobre a terra
 E deles vingar o nosso sangue?

CORIFEU: A cada um deles foi dada uma vestidura branca;
 E foi-lhes dito que repousassem ainda um pouco de tempo,
 Até que também se completasse o número
 Dos seus conservos e seus irmãos
 Que deviam ser mortos com eles e foram.

CORO: Sexto selo.

CORIFEU: Vi quando abriu o sexto selo
 E houve um grande terremoto,
 O sol tornou-se seco como um saco de silício,
 A lua toda tornou-se como sangue,
 As estrelas do céu caíram sobre a terra
 Como a figueira, agitada de um grande vento,
 Deixa cair seus frutos verdes,
 O céu recolheu-se como um pergaminho quando se enrola,
 E todos os montes e ilhas foram removidos de seus lugares.
 Os reis da terra e os príncipes,
 E os tribunos e os ricos e poderosos,
 E todo escravo e todo o livre
 Se esconderam nas cavernas e entre os penhascos dos montes
 E diziam aos montes e aos rochedos:

CORO: Caí sobre nós e escondi-nos da face
 Daquele que está sentado sobre o trono,
 E da ira do Cordeiro,
 Porque é chegada o grande dia da ira deles
 E quem pode subsistir?

CORIFEU: O sétimo selo.

Quando ele abriu o sétimo selo,
Houve um silêncio no céu quase por meia hora.
Vi os sete anjos que estão de pé diante de Deus
E lhes foram dadas sete trombetas.

CORO: A primeira trombeta.

CORIFEU: Tocou o primeiro anjo a trombeta.

Seguiu-se saraiva e fogo, misturados com sangue
E foram lançadas sobre a terra:
Foi queimada a terça parte da terra
E a terça parte das árvores e toda erva verde.

CORO: A segunda trombeta.

CORIFEU: O segundo anjo tocou a trombeta.

Foi lançado ao mar um como grande monte ardendo de fogo;
A terça parte do mar tornou-se em sangue
E a terça parte das criaturas que estavam no mar,
A saber, das que tinham vida, morreu,
E a terça parte dos navios foi destruída.

CORO: A terceira trombeta.

CORIFEU: O terceiro anjo tocou a trombeta.

Caiu do céu uma grande estrela ardendo como um facho,
E caiu sobre a terça parte dos rios,
E sobre as fontes das águas.
A estrela é chamada Absinto.
A terça parte das águas converteu-se em Absinto,
E muitos homens morreram pelas águas,
Porque elas se tornaram amargas.

CORO: A quarta trombeta.

CORIFEU: O quarto anjo tocou a trombeta.

Foi ferida a terça parte do sol,
A terça parte da lua
E a terça parte das estrelas,
Para que a terça parte deles se escurecesse,
E faltasse a luz do dia
E, do mesmo modo, da noite.
Olhei e vi uma águia que voava pelo meio do céu,
Dizendo com uma grande voz:

CORO: Ai, ai, ai dos que habitam a terra
 Por causa das outras vozes das trombetas
 Dos três anjos que ainda têm que tocar.

CORIFEU: A quinta trombeta.
 O quinto anjo tocou a trombeta.
 Vi uma estrela caída do céu na terra,
 E foi-lhes dada a chave do poço do abismo.
 Ele abriu o poço do abismo;
 Do poço subiu fumo, como o fumo de uma grande fornalha,
 E o sol e o ar escureceram-se com o fumo do poço.
 Do fumo saíram gafanhotos sobre a terra;
 E foi-lhes dado poder como têm os escorpiões da terra...
 Foi-lhes ordenado que não fizessem dano à erva da terra
 Nem a qualquer coisa verde, nem a árvore alguma,
 Mas somente àqueles homens
 Que não têm o selo de Deus nas suas testas.
 Foi-lhes permitido, não que os matassem,
 Mas que os atormentassem cinco meses, e o seu tormento
 Era como o tormento do escorpião quando fere o homem.
 Naqueles dias os homens procurarão a morte e não a acharão;
 Desejarão morrer, mas a morte foge deles.

CORIFEU: As figuras dos gafanhotos eram semelhantes
 A cavalos preparados para a guerra;
 Sobre suas cabeças tinham umas como coroas de ouro,
 E os seus rostos, eram como rostos de homens,
 Tinham os cabelos como os cabelos das mulheres
 E seus dentes eram como dentes de leão
 E tinham couraças como couraças de ferro,
 E o estrondo de suas asas
 Era como o estrondo de carros de muitos cavalos
 Que correm ao combate.
 Têm caudas semelhantes às dos escorpiões, a aguilhões,
 E nas suas caudas acha-se o seu poder
 De fazer dano aos homens cinco meses.
 Eles têm sobre si como rei o anjo do abismo
 Chamado em hebraico Abadom e, em grego, Apolion.

CORO: O primeiro ai já passou;
 Eis que vêm ainda dois ais depois destas coisas.

CORIFEU: A sexta trombeta.

O sexto anjo tocou a trombeta.
Ouvi uma voz que saía dos quatro chifres
Do altar de ouro que está diante de Deus
A qual dizia ao sexto anjo que tinha a trombeta:

CORO: Solta os quatro anjos que estão atados junto ao Eufrates.

CORIFEU: Foram soltos os quatro anjos

Que haviam sido preparados para a hora, dia, mês e ano,
A fim de matarem a terça parte dos homens.
O número das tropas de cavalaria era de duas miríades;
De miríades eu ouvi o número deles.
Vi assim na visão, os cavalos
E os que estavam montados sobre eles,
Os quais tinham couraças de fogo, de jacinto e de enxofre;
As cabeças dos cavalos eram como as cabeças de leões,
E das suas bocas saíam fogo, fumo e enxofre.
Por estas três pragas:
Pelo fogo, pelo fumo e pelo enxofre
Que saíam de suas bocas,
Foi morta a terça parte dos homens.
Pois o poder dos cavalos
Está nas suas bocas e nas suas caudas;
Porque as suas caudas são semelhantes a serpentes
E têm cabeças e com elas causam dano.
Os outros homens que não foram mortos por essas pragas,
Não se arrependeram das obras das suas mãos,
Para que não adorassem aos demônios
E aos ídolos de ouro, de prata, de cobre, de pedra e de pau,
Que nem podem ver, nem ouvir, nem andar;
E não se arrependeram de seus homicídios,
Nem de suas feitiçarias,
Nem da sua fornicação,
Nem dos seus frutos.

CORO: A sétima trombeta.

CORIFEU: O sétimo anjo tocou a trombeta.

Houve grandes vozes no céu dizendo:

CORO: O reino do mundo passou a ser
Do nosso Senhor e de seu Cristo
E ele reinará pelos séculos dos séculos.

CORIFEU: Os vinte e quatro anciãos
Que estão sentados diante de Deus sobre seus tronos,
Prostraram-se sobre seus rostos
E adoraram a Deus dizendo:

CORO: Graças te damos, Senhor Deus
Todo poderoso que és e que eras
Porque tens tomado o teu grande
Poder e entraste no teu reino
As nações encheram-se de ira
Mas veio sua ira e o tempo
De serem julgados os mortos
E de dar recompensa aos teus servos
Os profetas e aos santos e aos que
Temem o teu nome, aos pequenos e aos grandes
E de destruir os destruidores da terra
Abriu-se o santuário de Deus que está no céu
E no seu Santuário foi vista a arca da sua aliança
Houve relâmpagos, vozes e trovões
E terremotos e tempestades de saraiva.

54

CENA 19 OS CAVALEIROS DO TEMPO DO MUNDO

Corifeu fecha o livro e todos que sofreram todo o impacto do Apocalipse ficam mudos e imóveis em abandono lento e angustioso. Neste profundo silêncio começa a descrição dos cavaleiros do tempo do mundo feita pelo Corifeu e pelos atores.

CORIFEU: No tempo do mundo
Já estão à solta
Sete cavaleiros
Que precedem os cavaleiros finais.

ATOR Nº1: Um veste uma roupa negra
Com coberturas de metal com espinhos de aço.
Um capacete negro com espinhos de ferro.
Óculos negros.

ATOR№2: Traz pendurada ao pescoço uma máscara contra gases.
Usa luvas negras e, em uma das mãos,
Leva uma espada de lâmina ondulada.

ATOR№3: Na outra, um estandarte
Do qual pendem pedaços de corpos mutilados e sangrentos.

CORIFEU: Seu nome é guerra.

ATOR№1: Outro, veste uma roupa de plástico transparente
E por esta transparência podemos ver seus órgãos.
Podemos ver por esta pele transparente.
Numa das mãos traz uma caveira
E, na outra, um estandarte,
De onde pendem ossos humanos.

CORIFEU: Seu nome é fome.

ATOR№2: O terceiro veste roupa branca imaculada...

ATOR№3: Que só deixa de fora os olhos.
Tem as mãos sujas de marrom.
Numa das mãos empunha uma ampulheta e na outra...

ATOR№4: Um estandarte fétido de onde pendem formas de lixo.

CORIFEU: Seu nome é poluição.

ATOR№1: O quarto está vestido de metal e vidro.
Sua cabeça é transparente e podemos ver um cérebro
De engrenagens, circuitos e dígitos.
Usa óculos como binóculo.
Nos ouvidos, fones.
Na boca, megafone.
Numa das mãos, um ábaco
E, na outra, um estandarte cheio de números.

CORIFEU: Seu nome é Kibernos.

ATOR№1: O quinto cavaleiro tem uma roupa vegetal
Como uma pele de cacto verde.
Traz as mãos sem dedos.

ATOR№2: Seus olhos estão voltados para dentro das órbitas.

CORIFEU: Seu nome é solidão.

ATORM^o3: O sexto cavaleiro tem uma roupa de lâminas cortantes
 E vidros em cacos e arestas afiadas.
 O sangue escorre continuamente do seu corpo
 Salpicando de vermelho as peças de seu vestido.
 Numa das mãos traz um coração esmigalhado
 E, na outra, um estandarte do qual pendem...

ATORM^o4: Lágrimas, gritos abafados
 E muitas expressões de dor.

CORIFEU: Seu nome é angústia.

ATORM^o1: O sétimo cavaleiro é o mais belo.
 O único verdadeiramente belo.

ATORM^o2: Se veste em prata e púrpura.

ATORM^o3: Na cabeça, um capacete de ouro radiante.

ATORM^o4: Numa das mãos, um pequeno sol iluminado em raios.

ATORM^o1: Na outra, um estandarte flamejante, que ofusca a vista.

CORIFEU: Seu nome é Estrôncio.

ATORM^o1: Mas eles, os sete...

ATORM^o2: Os sete cavaleiros do tempo do mundo...

ATORM^o4: Os sete cavaleiros do tempo do mundo têm um só nome.

CORIFEU: Seu nome é morte.

CORO: O que podemos, Senhor, contra eles
 Se eles cavalgam dentro de nós?
 Como deter sua galopada, Senhor?
 Se cada um de nós abriga parte
 Da sua faina devastadora?

CORIFEU: A esperança da paz universal
 A esperança da humanização do homem
 A esperança de um mundo mais simples
 A esperança da arte e do amor
 A esperança do medo da destruição
 A esperança da intervenção divina.

CORIFEU: Sermão secular e leigo

Que precede o encerramento desta missa.
Nos acostumamos à morte e ao genocídio
Como adquirimos vícios gerais como fumar e beber
Estamos resistentes e intoxicados a qualquer notícia
Esperamos, como num jogo, sermos personagens da tragédia
Aí, então, nos desesperamos e tomamos providências
Aí, então, gritamos, mas ninguém nos ouve
Porque o ar está poluído de berros lancinantes
Aí, então, tentamos explicar o mal do mundo
Mas ninguém nos ouve,
Ninguém tem ouvidos para estas coisas.

CORIFEU: Somos vítimas sintomáticas

Do nosso desinteresse pela vida
Pela nossa apropriação sôfrega
Das migalhas e farrapos da alegria
Sobradas do contínuo festim da violência
A solidariedade humana é uma doutrina
De condenados à morte, imediatos
O amor é o privilégio dos que vivem
Sob risco de vida, nos andaimes do mundo
Sob a marca da fatalidade planejada, marginal
Debaixo das ordens de guerra e destruição
E paradoxo do amor é sua própria destruição
Quem entende de perigos é o equilibrista.

CORIFEU: Quem sabe da felicidade

É o recém-afogado no mar
Certas facilidades de sobrevivência
Egoístas e pessoais castram no homem
Sua sensibilidade geral
A notícia do mundo é tão tragicamente forte
Que a humanidade devia chorar
E se afogar num autodilúvio de lágrimas
Ou então refletir sobre as formas de tortura
Repensar as várias modalidades de assassinato
Mastigar a fome e enguli-la sem água
O homem está calmo e feliz
À espera de que invadam sua casa
Atirem sobre seu filho e violentem sua mulher.

CORIFEU: Isso já aconteceu, só falta perceber
 Esta humanidade contraditória
 Esta procura dos seres abandonados
 À sua própria sorte
 Por entre pedaços de corpos
 Vamos escolhendo veredas
 Que nos leve, a todos,
 Ao encontro do melhor lugar
 Onde será feita a nossa seara de sangue.
 É preciso começar alguma coisa
 Que liberte a vida
 Que não limite o conhecimento
 Pelas grades dos sentidos
 Olhos, ouvidos, olfatos, tato e sonho.

CORIFEU: Só uma consciência em cacos
 Entende um mundo despedaçado
 Só um ser inacabado e abandonado
 Tem terror do finito e do infinito.
 É preciso seres desiguais e concordantes
 Ao invés de iguais e discordantes
 E isso já basta para uma nova forma de amor.

CORO: Cada minuto tem seu Deus
 Cada segundo e cada parte do segundo
 Cada momento tem seu mito
 E um homem que repete “acredito”.

CORIFEU: No primeiro dia...

CAVALEIRO Nº 1: A bomba destruirá as comunicações continentais.

CORIFEU: No segundo dia...

CAVALEIRO Nº 2: A bomba destruirá as fontes de energia.

CORIFEU: No terceiro dia...

CAVALEIRO Nº 3: A bomba exterminará a maior parte da fauna.

CORIFEU: No quarto dia...

CAVALEIRO Nº 1: Extinguirá a flora.

CORIFEU: No quinto dia...

CAVALEIRO Nº 2: Haverá a mutação dos minerais.

CORIFEU: No sexto dia, chegará a vez do homem.

CAVALEIRO Nº 3: E o sétimo dia...

CORIFEU: Será o dia seguinte.

Sob a chuva de Estrôncio
O mundo descansará
Na mais bela púrpura,
Brilhante como um sol.
Estrôncio 90.

CORO: Ora pro nobis.

CORIFEU: Estrôncio 90.

CORO: Estela matutina.

CORIFEU: Estrôncio 90.

CORO: Estela maris.

CORIFEU: Estrôncio 90.

CORO: Estela vespertina.

CORIFEU: Estrôncio 90.

CORO: Sicut ab initio et nunc et semper et in saecula saeculorum.

TODOS: Amém.

CORIFEU: Senhor!

Deixa que eu seja como a flor do mato
Semeada pelo vento ao sabor do acaso

Senhor!

Deixa eu ser como o riacho louco que desenha
Em curvas inúteis sua própria estrada

Senhor!

Deixa eu ser como a ave
Que acaba de aprender a usar as asas
Mas não sabe para onde voar, apenas voa

Senhor!

Deixa que eu viva em constante amor
Sem poder saber nunca o que é o amor.

Deixa que eu viva em constante amor
Sem poder saber nunca o que é o amor.

Deixa que eu viva em constante amor
Sem poder saber nunca o que é o amor.

Deixa que eu viva em constante amor
Sem poder saber nunca o que é o amor.

Os atores se preparam para a procissão de saída.

GRUPO 1: Saíamos em silêncio

Da tenda deste templo
Saíamos juntos
Nós que aqui estávamos.

GRUPO 2: Vamos nos afastar do altar divino.

GRUPO 1: Com as mãos limpas e lavadas
E no rosto uma aparência de paz!



FINIS





**NA TOCA
DA RAPOSA**

NA TOCA DA RAPOSA

PERSONAGENS

DIOMEDES

ARMINDA

FELIZBERTA

BENÉ

DOUTOR SAMIR

PADRE PALMA

ZILDA

ALBERTINHO

ALENCAR

CENA I

Sala da casa de Diomedes. Casa senhorial de construção antiga com móveis pesados, que foram de fazendas de antepassados que estão nas paredes, em retratos.

Luz só na lamparina acesa diante do Coração de Jesus. Noite funda. Ouvimos Diomedes gritar antes de entrar na sala. Vem de pijama.

DIOMEDES: Não vou ser cuspidor fora que nem caroço de fruta. Seus filhos da puta. Eu não arredo! Vocês vão ter que me matar! Eu vou ser candidato quer vocês queiram, quer não queiram! Seus bostas!

Diomedes, sonambulando, entra na sala. Atrás dele Arminda, sua mulher, de camisola. Acende a luz.

66

ARMINDA: Diomedes, pelo amor de Deus, é sonho.
Acorda, homem! É um sonho.

DIOMEDES: Não dobro, nem vergo, nem deixo corno nenhum me passar a perna. Eu faço política há cinquenta anos, seus canalhas! Cinquenta anos não são cinquenta dias.

Vem Felizberta, a criada, embrulhada num roupão colorido.

FELIZBERTA: Nossa senhora! Outra vez, dona Arminda?!

ARMINDA: Felizberta, me dê um copo com água...
Depressa. Diomedes, acorda!

DIOMEDES: O que foi? Minha Nossa Senhora! O que é que eu estou fazendo aqui? Arminda, o que é que eu estou fazendo aqui?!

ARMINDA: Você sonhou outra vez. É a segunda noite que você tem pesadelos. Esses mesmos pesadelos. Vou ligar para o Doutor Samir.

DIOMEDES: Não liga não, Arminda. Deixa ele dormir... Ainda mais que hoje é sexta-feira... Sexta nada, hoje já é ontem. Hoje é sábado. Isso foi o toucinho do feijão: eu não posso mais comer toucinho. É só eu gostar de alguma coisa pra me fazer mal. Arminda, a política no inferno deve ser assim. Satanás dá tudo o que é bom pra gente comer, mas tudo tem que fazer mal.

ARMINDA: Não fala esse nome...

DIOMEDES: E eu tenho lá medo do capeta?

Entra Felizberta com a água.

FELIZBERTA: Olha, eu botei um bocadinho de açúcar e uma folhinha de hortelã esmagada. É bom pra acalmar.

DIOMEDES: E quem é que está nervoso pra acalmar? Ora, vá dormir Felizberta, parece um fantasma com esse penhoar.

ARMINDA: Pode ir Felizberta. Ele não tem nada, dormiu de barriga cheia e sonhou. Só isso.

Felizberta sai.

67

DIOMEDES: Arminda... O que foi que eu fiz? Falei?... Gritei?

ARMINDA: Nada...

DIOMEDES: Sabe quando você vai conseguir mentir pra mim?

ARMINDA: Falou e gritou. Como na outra noite. Gritou que ninguém ia passar você para trás.

DIOMEDES: Nem no sonho eu arredo pra esses safados. Até nos sonhos... Até nos sonhos esses borrabotas aparecem. Eles querem me matar e me enterrar politicamente. Arminda, eles querem jogar meu passado fora. Jogar meu passado político fora como se fosse osso de boi em fim do churrasco. Morderam a carne enquanto tinha, agora que eu estou velho e a carne está no osso... Querem me queimar de vez. Mas eu mostro pra eles quem foi que morreu. Arminda, se tem alguém que me conhece...

ARMINDA: Sou eu e sei que você vai ser eleito Prefeito mais uma vez. Bem, deitar!... Isso passa. Amanhã você clareia as ideias.

DIOMEDES: Pobre Arminda... Te fiz acordar no meio da noite. Eu não! Aqueles desgraçados da Aliança Liberal. Aliança Liberal... Bando de...

ARMINDA: Diomedes...

DIOMEDES: Pode ir dormir, Arminda. Vou ficar um pouco aqui na varanda, tomando ar. Vai, Arminda, eu estou bem.

ARMINDA: Eu tenho um assunto para falar com você, mas acho que não é hora.

DIOMEDES: Conheço esse batuque... É pra bem, ou pra pior?

ARMINDA: Sempre a mesma pergunta, pra bem ou pra pior. Você devia dizer se é pra certo ou pra errado. Isso é que você devia perguntar.

DIOMEDES: Está bem, Arminda, eu refaço a pergunta. É pra certo ou pra errado?

ARMINDA: Pra certo...

DIOMEDES: Ah, que alívio...

ARMINDA: Pra consertar um errado...

DIOMEDES: Você devia fazer política, Arminda. Sabe muito bem falar e desfalar ao mesmo tempo, como certos mineiros que eu conheci.

ARMINDA: Amanhã eu te falo tudo...

DIOMEDES: *(BEIJA A TESTA DE ARMINDA)* Vai dormir, meu amor, eu estou bem até demais.

ARMINDA: Venha logo.

DIOMEDES: Eu vou indo...

ARMINDA: Não vá fumar...

DIOMEDES: Deus me livre!

ARMINDA: Boa noite.

DIOMEDES: Boa noite...

Diomedes vai até o relógio grande de pé. Carrilhão que quando bate toca a Marselhesa. Estica a mão para abrir a caixa do relógio. Duas da manhã: o relógio dispara a caixa de música com a Marselhesa. Diomedes tira a mão como se tivesse cobra dentro da caixa do relógio.

Espera a música acabar. Depois enfia a mão na caixa do relógio e tira uma caixa de madeira. Leva para a mesa e abre. De dentro tira fumo, palha e um canivete. Olha para os lados e vai fazendo seu cigarrinho. Cantarola feliz. Vem Felizberta com a bandeja de chá.

FELIZBERTA: Fumando, hein?

DIOMEDES: Fumando nada... Fazendo cigarro, que é bem diverso de fumar. Fumar, Dona Felizberta, é a arte de tragar a fumaça, e o cigarro nem aceso está. Ou será que estou mentindo?

FELIZBERTA: Trouxe chá... Se a Dona Arminda pega o senhor...

DIOMEDES: Ela não vai saber de nada. Só se alguma pessoa falsa e traidora desta casa for contar pra ela. Mas aqui em casa não tem pessoa falsa nem traidora, não é Felizberta?

FELIZBERTA: O Doutor Samir disse que se o senhor fumar...

DIOMEDES: O Samir fala demais... É turco... Sabe Felizberta porque é que os turcos falam tanto? Pra vender o peixe deles. Então eles falam o tempo todo, porque enquanto eles falam não ouvem o que o comprador do peixe está dizendo... Muita sabedoria. Mas em outras horas eles ficam mudos e não falam nada... Sabe por quê? Porque o profeta Maomé disse que o homem tinha nascido com duas orelhas e uma boca só, pra ouvir duas vezes mais do que fala. Um bom político é assim, Felizberta. Fala quando não quer ouvir e cala quando fica inventando o que vai dizer.

FELIZBERTA: Eu deixo a chaleira. Boa noite, Doutor Diomedes. Não vá deixar o toco do cigarro no chão.

DIOMEDES: Com a fumaneira que eu estou, deste não sobra nem o toco... Boa noite, Felizberta.

Diomedes acende o cigarro, liga o rádio numa música americana lenta. Senta na cadeira preguiçosa e dá umas baforadas. Dormita. Larga o cigarro no chão.

CENA 2

Ambiente de luz se modifica, uma música da década de vinte toca no rádio, substituindo a anterior. Arminda jovem e elegantíssima, usando chapéu de véu, surge da sombra, por trás de Diomedes. Com as mãos faz a brincadeira de tapar seus olhos.

ARMINDA: Adivinha quem é?

DIOMEDES: Clarita... Não, Clarita tem a mão mais fria. Bernardette... Não, Bernardette cheira a alfazema e este perfume é de... Deixa de ser boba, eu sempre sei que é você, Arminda.

Diomedes levanta, olha dos lados pra ver se não vem ninguém e beija Arminda, que ri.

70

DIOMEDES: Tem mulher bonita nesta cidade. Mas você é a mais linda de todas, meu amor. E olha que não sou só eu quem acha isso. Todos meus amigos também têm a mesmíssima opinião. Mas eu não tenho ciúmes de você porque... Modéstia à parte, o jovem edil Diomedes da Cunha é o Rodolfo Valentino de Santo Antão... Olha, meu bem, na festa do aniversário do seu pai eu quero que você me faça um favor. Eu vou anunciar um fato que vai fazer tremer toda a cidade. O partido não me quer. Eles querem o Matias. Mas eu vou dar o golpe. Você fica bem pertinho do Matias. E quando eu interromper a festa pra dizer que o Matias arredou pra eu entrar no lugar dele, você dá uns beijinhos nele pra o povo pensar que ele está feliz com a solução. Mas não beija muito não. Você faz isso por mim, meu amor?

ARMINDA: Diomedes... Beijar o Matias. O que é que você quer que as pessoas pensem de mim? Que eu sou vulgar? Mas eu não sou. Eu não vou beijar ninguém na festa de meu pai. Imagine passar um ridículo destes na festa do aniversário de meu pai. Mamãe iria morrer de vergonha. Ainda mais o Matias. Todo mundo sabe que ele era apaixonado por mim antes de eu me casar com você.

DIOMEDES: Era, não! É apaixonado ainda e sempre será. E têm outros como ele. Mas também tem muita moça bonita chorando este passarinho de gaiola aqui. E por que foi que eu me casei com você? Por quê? Por acaso foi pra fazer política?

ARMINDA: Um pouco...

DIOMEDES: Como se o apoio do seu pai fosse mais importante que minha vocação política. Eu me casei porque me apaixonei por você, como um boi sonso, no dia em que te vi na matriz...

ARMINDA: No casamento de minha tia Luiza... Eu era dama de honra.

DIOMEDES: Eu te vi ali, criança ainda... Eu, já rapaz, de bigode e tudo... Disse para mim mesmo: "Olha aí, Diomedes, quem vai ser a paixão da sua vida." Linda como uma santa.

ARMINDA: Quando você quer alguma coisa mente assim. Mente sempre.

DIOMEDES: Deus me tire a fala se é mentira que eu te amo. Arminda eu te amo mais... Mais... Mais que tudo na vida.

ARMINDA: O que é que você vai falar no discurso?

DIOMEDES: É surpresa... Na hora você ouve. Mas não deixa o Matias reagir... Beija ele.

ARMINDA: Eu também tenho uma surpresa pra esta festa... Mas também não vou te contar coisa nenhuma. Depois, é presente para o meu pai. Não é para você.

DIOMEDES: Não faz assim comigo... Me conta, Arminda. O que é?

ARMINDA: Não conto, não. Mas se quiser saber, vá à festa comigo.

DIOMEDES: Não vou, não.

ARMINDA: Se você não vai, vai ficar sabendo pelos outros.

DIOMEDES: Arminda eu tenho um sexto sentido, um sétimo, um oitavo, um nono, um centésimo sentido... Eu já sei o que é... Minha nossa senhora! Se for o que eu estou sentindo que é. Nunca um anúncio veio tanto a calhar. Me diz devagarinho você está... Está?

ARMINDA: Eu... Estou... Estou...

DIOMEDES: *(ABRAÇA COM CUIDADO)* Um filho? Um filho homem?

ARMINDA: Eu acho que é homem...

DIOMEDES: *(PASSA A MÃO PELA BARRIGA DELA)* Ainda nem nasceu e já está me ajudando na política... Eu te amo, Arminda *(FALA PRA BARRIGA)* Amo você também, meu filho.

ARMINDA: Esse filho que nós vamos ter... Vai morrer no meio da rua.

DIOMEDES: Não!!!

Blackout.

CENA 3

Marselhesa do relógio. Quando a luz volta, Arminda e Diomedes estão na mesa do café da manhã. Felizberta serve a mesa.

72

DIOMEDES: Arminda, o leite está fraco. Tá meio aguado.

ARMINDA: É o mesmo de sempre...

FELIZBERTA: Seu Juvêncio quem trouxe. O mesmo leite do mesmo Seu Juvêncio.

DIOMEDES: Juvêncio leiteiro. Cabra cearense safado. Ele acha que porque não chove lá de onde ele veio, a água vale mais que o leite. Um faztudo. Já foi eletricista. Agora é leiteiro, nunca viu uma teta de vaca na vida. Chegou aqui pra ser coveiro do cemitério, agora é dono da padaria e da leiteria.

ARMINDA: Um homem esforçado. Ele sempre é muito atencioso comigo.

DIOMEDES: E ainda por cima aquele burro sem asa é da oposição. E até já ouvi o Bené dizer que ele quer ser vereador. Ele falou alguma coisa pra você, Arminda?

ARMINDA: Na verdade, falou. Mandou perguntar se você apoiava ele.

DIOMEDES: Isso é atestado de óbito pra político, o burro sem asa da oposição me pede pra apoiar ele. Já me mataram! Está todo mundo me deixando de lado e os mequetrefes da oposição estão disputando meu cadáver político. Todo mundo me deixando. Até você, Arminda.

ARMINDA: Eu, por quê?

DIOMEDES: Ouvindo essas conversas de Juvêncio leiteiro.

ARMINDA: Por que você não lê o seu jornal?

DIOMEDES: Boa pergunta! Não leio porque o Julinho jornalista não me entrega os jornais às seis horas. O trem chega às 5:45. Sempre recebi o jornal às seis. Agora, o Julinho — que também é da oposição — acha que eu já bati com o rabo na cerca e nem me entrega mais o jornal na hora. Se eu sou eleito, redistribuo as bancas de jornal. Seu Julinho vai ver quanto dói uma saudade. Aposto que Albertinho Maranhão já deve ter lido todos os jornais a esta hora. Imagine só, um candidato de trinta e nove ou quarenta anos. Não sabe nem limpar o rabo com decência.

ARMINDA: Diomedes. Estamos à mesa.

DIOMEDES: Desculpe, Arminda, mas eu não consigo aceitar uma coisa destas. Em Santo Antônio os políticos são uma caterva de imitadores. Agora temos esta tal de Aliança Liberal. Não é aliança e nem liberal. Não é aliança porque na primeira oportunidade os cretinos viram bandeira. E não é liberal porque esses analfabetos não têm a mínima ideia do que é o liberalismo. Arminda, você acha que eles leram Henry Ford? Não, não leram. Usam o carro que o Ford inventou, mas não sabem patavina da doutrina liberal. Se você, Arminda, disser a eles a frase “laissez faire, laissez passer”, eles pensam que é da Bíblia ou do Almanaque Capivarol. Essas bestas ouviram o bode gemer, mas não têm ideia de que cabra está com o bode. Mas eu vou dar uma lição a estes burros sem asa. Me passe o bolo de fubá... Arminda, fui eu quem fez tudo nesta terra. O paço novo, o hospital municipal, o estádio. Eu trouxe capital de fora pra fazer as fábricas e dar emprego. Eu obriguei o Banco do Brasil e o Banco do Estado a botarem agências aqui. Eu criei as cooperativas agrícolas, eu construí o colégio estadual, a faculdade de direito...

FELIZBERTA: O mercado novo...

DIOMEDES: Disse bem, Felizberta... O mercado novo. Tudo o que tem de bom nesta terra, fui eu que fiz. Arminda, você sabe que eu nunca meti a mão num centavo do governo sem necessidade absoluta. Esta casa, foi seu pai quem deu. A fazenda, herdei de meu pai. Sempre vivi do salário da Prefeitura. Agora, esse PMDB de merda... Meia dúzia de comunistas, querem me tirar da política. Você lembra, Arminda, quando eu invadi sozinho a sede do Partido Comunista em 45 e mandei bala nos anticristos? Eu fui macho. Eu sou macho. Não são cabelos brancos que vão me impedir de brigar com essa caterva imunda.

ARMINDA: Tome seu café, vai esfriar.

DIOMEDES: Arminda, você acha que eu estou errado? Pode dizer. Você esteve comigo este tempo todo. Você, Arminda, inaugurou tudo o que eu fiz. Foi sempre a primeira-dama da cidade. Não te dói, do fundo da alma, o que está acontecendo comigo?

ARMINDA: Muitas vezes você se juntou com gente que nunca prestou. Esta é a sua paga. Estão contra você agora.

DIOMEDES: Gente que nunca prestou. Pior do que isso: ladrões, canalhas, locupletadores. Mas a política é isso, Arminda. No mundo todo é assim. Às vezes a gente tem que apertar o nariz, e até engolir um sapo ou outro. Política, Arminda, é a arte de conviver com a merda.

ARMINDA: Então, porque não conversou com o PMDB? Eles te procuraram.

DIOMEDES: Isso não. Merda, se for pra sujar a mão eu sujo, mas comunista eu não engulo. Eu acredito em Deus, eu acredito na liberdade, eu acredito na democracia!

ARMINDA: Eu nunca soube muito bem o que é democracia...

DIOMEDES: Democracia é governo do povo, pelo povo e para o povo... Mas isso não quer dizer que meia dúzia de analfabetos vão ter capacidade de governar. Felizberta, se você fosse o Prefeito o que é que você fazia?

FELIZBERTA: Em primeiro lugar não seria o Prefeito e sim a Prefeita. Porque eu sou mulher.

DIOMEDES: Muito bem, se você fosse eleita Prefeita... O que fazia, Felizberta?

FELIZBERTA: Deixa eu ver... Dava casa pra todo mundo que não tem casa.

DIOMEDES: Muito bem. Está vendo, Arminda? Olha aí a democracia. Louvável isso, Felizberta. Mas me diga de onde você tirava dinheiro pra dar casa a quem não tem casa?

FELIZBERTA: Pedia pra quem tem dinheiro sobrando.

DIOMEDES: E você acha que alguém ia dar dinheiro pra você, assim sem mais nenhum troco?

FELIZBERTA: Se eu fosse a Prefeita, eu obrigava os ricos a darem o dinheiro.

DIOMEDES: Santíssimo Deus de minha alma. Cinco anos na minha casa e acabo de descobrir que Felizberta tem ideias comunistas. Quem te disse isso?

FELIZBERTA: O Padre. Na igreja de São Dimas, onde eu vou à missa e à reza. O Padre Palma disse que é assim que o Nosso Senhor Jesus Cristo queria que fosse.

DIOMEDES: Está vendo, Arminda?! Agora o comunismo vem da própria igreja. E o Vigário de São Dimas sempre foi chegado às ideias comunistas. Pra começar, construiu uma igreja para um santo ladrão. Ah, Padre Palma.

ARMINDA: Jesus perdoou o bom ladrão Dimas. Disse na cruz que estaria com ele no paraíso.

DIOMEDES: Até você, Arminda...

ARMINDA: Mas é verdade, está no Evangelho.

DIOMEDES: O Evangelho pode ser interpretado de muitas maneiras. Quer dizer então que a paróquia de São Dimas é um antro de comunistas. Felizberta, você sabe o que é o comunismo?

FELIZBERTA: Não, senhor. Nem nunca cuidei de saber, porque não me interessa o que for.

DIOMEDES: Pois já que você quer saber, eu te digo. Comunismo é a escravidão... Todos são escravos do governo. Morrem de frio sem ter o que comer e o governo bebe vodca até cair. Quem diz alguma coisa contra o governo é fuzilado na hora. O governo tira as crianças dos pais para educar na mentira. Além do mais, eles têm a bomba atômica pra acabar com o mundo. Queimam as igrejas e os santos... Entendeu?

FELIZBERTA: Credo. Me benzo!

ARMINDA: Quer manjar branco?

DIOMEDES: Perdi o apetite... Vou pra varanda esperar o Bené. Ele vem me contar as novidades... Bené é meu último cabo eleitoral fiel. Se eu for eleito, ele vai ser o chefe do meu gabinete.

ARMINDA: Mas o Bené mal sabe ler e escrever...

DIOMEDES: Mas fez a faculdade e se formou advogado. E depois, eu prefiro um analfabeto do meu lado que um letrado no campo adversário.

Diomedes vai para a varanda. Se esconde de Arminda, que tira a mesa com Felizberta, e vai fazendo um cigarro de palha com fumo e palha que ele tira de um esconderijo numa samambaia. Assobia. Arminda e Felizberta conversam.

FELIZBERTA: A senhora acha mesmo que o Padre Palma é comunista?

ARMINDA: Imagine, Felizberta, isso é loucura do Diomedes. Fala assim porque não gosta do Padre Palma. E depois, está nervoso com a política e vê inimigo até nas sombras. Sempre foi assim. Agora está pior. Ele devia era parar com a política e viver tranquilo.

FELIZBERTA: É o que vai acontecer. Meu namorado disse que Doutor Diomedes não tem a menor chance...

ARMINDA: Também não é assim, Felizberta...

FELIZBERTA: Se Seu Diomedes não for eleito a senhora pode ir ao Rio de Janeiro, para visitar...

ARMINDA: (*CORTANDO*) Vamos ver, Felizberta... Vamos ver. O futuro a Deus pertence.

Arminda e Felizberta seguem na arrumação enquanto Bené sobe para a varanda. Traz uma pasta de papelão e vem alegre. Diomedes fuma e espalha a fumaça com a mão.

BENÉ: Fumando, hein?

DIOMEDES: Como é, Bené? Arrumou o que eu pedi?

BENÉ: Tudinho, Doutor Diomedes. Tudinho... Está tudo aqui na pasta. Foi o diabo pra conseguir.

DIOMEDES: Alguém ficou sabendo?

BENÉ: Ninguém, fiz como sempre um servicinho limpo.

DIOMEDES: Bom, muito bom. Você não vai ficar de mão vazia, Bené.
Porque eu vou ser o Prefeito, nem que seja pela última vez.

BENÉ: Última nada. Tem muita vez ainda, o senhor é feito de ferro, Doutor.

DIOMEDES: Como está o falatório?

BENÉ: Pra eles, na concepção lá deles, a eleição está no papo.

DIOMEDES: No papo mesmo. O forte deles é o papo. De preferência furado.

BENÉ: Muito furado.

DIOMEDES: Furadíssimo.

BENÉ: É isso aí.

DIOMEDES: É... Está tudo aqui?

BENÉ: Falta alguma coisa de “menas” importância. Eu trago depois.

*Diomedes abre a pasta e remexe um pouco. Sorri.
Arminda vem com bandeja de café para Bené.*

77

ARMINDA: Um cafezinho, Bené?

BENÉ: Obrigado, Dona Arminda.

DIOMEDES: (*FECHANDO A PASTA*) Sabe, Arminda?... Quanto mais eu conheço os safados dos meus companheiros de partido... Tanto mais eu dou valor e respeito ao Albertinho.

ARMINDA: Que Albertinho? O Albertinho Maranhão?

DIOMEDES: Albertinho Maranhão. O pai dele, o Lúdrico, foi meu opositor trinta anos ou mais. Morreu sem ganhar a parada. Por uma pessoa assim como o Albertinho, eu tenho que ter respeito. Filho de um velho opositor. Opositor meio leal, até. Eu até gosto do jeito do rapaz. O pai não tinha jeito para a política, mas ele tem. Sabe, Bené? Eu até me vejo nele, com a idade que eu tinha. Fala bem. Estuda. Estuda política. É muito jovem, está verde ainda, mas eu gosto dele. Arminda... Me bateu uma ideia. O que é que você acha, Arminda... Da gente convidar o Albertinho pra jantar aqui em casa... Ele mais a mulher dele... Que é até sua prima. A Zilda é prima da Arminda, você sabia, Bené?

BENÉ: Não, senhor.

ARMINDA: É sim. Primas de segundo grau.

DIOMEDES: Parente é parente! Pra que essa história de graus? Olha, eu já vi que a Arminda está gostando da ideia. Já decidi... Bené, você passa na casa do Albertinho e diga que eu estou fazendo um convite para que ele e a mulher venham jantar aqui hoje. Se ele estranhar, você diz que não pode adiantar nada, mas pelo meu jeito, você desconfia que eu queira apoiar a candidatura dele. Diz pra trazer a esposa, que é prima de minha mulher. Diz também que eu tenho umas coisas pra mostrar pra ele... Mostrar, não... Contar. Contar pra ele.

ARMINDA: Que coisas?

DIOMEDES: Tenho nada, eu quero é ouvir. Vai lá então, Bené.

BENÉ: E se o homem não quiser vir?

DIOMEDES: Daí você diz que eu juntei muito lixo da gente da Aliança Liberal e quero contar pra alguém, pra não ficar com o lixo só pra mim. Daí, ele vem correndo.

BENÉ: Ah, se vem. Vem mesmo.

DIOMEDES: Passa no jornaleiro e diz pra aquele burro sem asa mandar os jornais imediatamente, senão eu vou lá.

BENÉ: Tá certo, Doutor. Vou indo, Dona Arminda.

ARMINDA: Assim que você tenha a resposta do Albertinho me avise, vamos ter que preparar muita coisa.

DIOMEDES: Vai trabalhar, Bené. Olha aqui, Arminda, você...

ARMINDA: O que tem nessa pasta?

DIOMEDES: Que pasta?

ARMINDA: Essa que está debaixo do seu braço.

DIOMEDES: Olha aí que coisa. Eu com uma pasta embaixo do braço e nem me lembrava mais. É a velhice. Às vezes eu acho que esse povo tem mesmo razão de me botar de fora dessa política. Estou ficando coroco. Arminda, como é mesmo aquela receita de pato que a Felizberta faz e que é de lamber os beiços?

ARMINDA: Ao molho pardo.

DIOMEDES: Manda catar um patão bem gordo e diz pra ela preparar no capricho.

ARMINDA: O que tem na pasta?

DIOMEDES: Que pasta? Olha eu de novo, com a pasta embaixo do braço e corocando. É a vechiaia, com dizia o Manini, maestro da banda. E por onde anda o Manini? Preciso encomendar uma música pra minha campanha... Arminda, nesta pasta tem papelada. Papelada à toa. Manda a Felizberta preparar o patão no capricho. Vamos dar um jantar que o Albertinho e esposa jamais esquecerão, por toda a vida e mais dez anos.

Toca o telefone.

DIOMEDES: Arminda... Atende daquele jeitinho. Quero saber quem é...

ARMINDA: *(AO TELEFONE)* Alô... Como vai, Doutor Matias...

DIOMEDES: Atendo...

ARMINDA: Está sim... Sua mulher está melhor? Estimo as melhoras. Eu, qualquer dia, vou fazer uma visita. O Diomedes vai atender...

DIOMEDES: O que há, Matias... Claro que eu vou. Ainda sou o presidente do partido, até vocês escolherem outro. Sei... Sei. Se vocês pensam que eu vou entregar a rapadura, estão muito enganados. Eu fico até o último dia... O quê? Seria mais fácil... Se eu tirasse o corpo seria mais fácil. Pois pra mim em política, Matias, não tem o fácil nem o difícil. Tem o que tem que ser feito e está acabado... Sei... Sei não. Não entro nessa aliança nem morto. Se eu perder para a oposição, perco de pé. Pois é, Matias, com meu nome limpo... Não, Matias, eu não estou dizendo que seu nome é sujo. Mesmo porque você não tem tanto nome assim... Quem foi que disse que eu estou doente? Eu tenho saúde pra enterrar vocês todos e mais a oposição... Sei... Sei. Reunião da Aliança? Podem reunir o quanto quiserem. Já sei que vão meter o pau em mim. Não vou perder o sono por causa disso. Não vou não... Uma comissão para vir aqui?! Eu tiro a flobé da parede e tacho fogo. Eu sou o mesmo, Matias. Não mudo, nem com terremoto. E vou dizer mais: se eu perder, passo para a oposição... Sei... Pois passo mesmo, e aí a gente vai contar os grãos de milho um por um, pra conferir o milharal completo. Velho sim. Morto nem pensar... Eu sei... Eu sei... Passe bem, Matias, e dê lembranças a sua mulher. Eu sei... Sei... Eu sei que nós sempre fomos amigos. Continuamos amigos, mas em política não andamos mais juntos. Memória? Memória eu tenho. Lembro de um caipirão de calça listrada que era escrivão do cartório e eu nomeei diretor do Serviço de Águas e Esgotos. Ah... Você também lembra. Eu lembro, tu lembrás, e o eleitorado lembra. Os tempos mudaram, é? Pois o meu relógio continua marcando as mesmas horas e tocando a mesma música. Passe bem, Matias.
(DESLIGA)

ARMINDA: O que adianta brigar? Piora tudo ainda mais. Você sempre teve habilidade para fugir de brigas e agora ficou brigão.

DIOMEDES: Não tem outra saída, Arminda. Eles me espremeram no canto. Estou acuado que nem paca pela cachorrada... Cachorrada!

ARMINDA: Eu, por mim, ia para a fazenda e nós podíamos levar aquilo pra frente.

DIOMEDES: Não sou fazendeiro. Fazendeiro foi meu pai. Meu avô foi fazendeiro e o avô do meu avô, mas eu sou político. Não sei fazer outra coisa.

ARMINDA: Diomedes... Olhe para mim...

DIOMEDES: Estou olhando e achando que você está muito bem hoje... Aliás, sempre.

ARMINDA: Diomedes... Porque você convidou o Albertinho e a mulher dele para esse jantar? Eu não entendi. Você não quer nem falar com o pessoal da Aliança Liberal... O Albertinho não é o candidato deles?

DIOMEDES: Eu gosto daquele menino. Do pai eu não gostava. O Lúdrico Maranhão foi sempre candidato contra mim. Nunca conseguiu nada... Mas o menino é outra coisa. É vinho de outra pipa. Vi ele crescer... A mãe dele era uma boa mulher...

ARMINDA: Isso era... Maria do Carmo sempre foi muito minha amiga. Ainda sinto a falta dela. Quando eramos mocinhas tínhamos uma cisma... Nós duas gostávamos de você...

DIOMEDES: É...

ARMINDA: Quando eu lembro aquele tempo, eu às vezes penso que você gostava mais de Maria do Carmo do que de mim...

DIOMEDES: Bobagem... Da grossa.

ARMINDA: Uma vez, no baile da nossa formatura do Normal... Você dançou com ela primeiro. Um foxtrote...

DIOMEDES: O pai dela me pediu... Acho que ela pediu pro pai dela me pedir. Eu precisava do apoio dele. Depois, dancei a valsa com você.

ARMINDA: Precisava do apoio político do meu pai, não é?

DIOMEDES: Uni o útil ao agradável... É crime?

ARMINDA: Se foi, já prescreveu... Tantos anos.

DIOMEDES: Comemos uma tonelada de feijão juntos... Eu te amo.

ARMINDA: A única coisa... A única tristeza...

DIOMEDES: Não vem com o rosário, Arminda... Eu sei quando você começa... Por favor, hoje não.

ARMINDA: Como é que eu posso esquecer meu filho... Antoninho está vivo na minha memória.

DIOMEDES: Escolheu o caminho dele... Contra mim, contra tudo. O que é que ele ganhou como comunista? Um tiro na boca!

ARMINDA: (*CHORA*) Meu único filho... Ele acreditava nas ideias... Pra muitos, foi um herói.

DIOMEDES: Pra mim, foi um inocente útil. Arminda, chega! Eu não quero mais falar sobre isso. Passou... Não adianta chorar sobre o leite derramado. Se ele tivesse seguido outro caminho, eu estaria passando o poder para ele agora. Eu também sinto falta de um filho. Se eu tivesse um herdeiro, com a minha cabeça... Eu passava o poder para ele agora, no ato.

ARMINDA: Você só pensa no poder. O que é o poder?

DIOMEDES: É o respeito da comunidade. É fazer e desfazer. Mais do que tudo, é uma coisa que corre nas minhas veias, junto com o sangue. Não sei viver sem isso tudo. Pra ter o poder eu sou capaz de tudo, Arminda... De tudo mesmo...

ARMINDA: Você fala assim, mas eu sei que não é bem a verdade...

DIOMEDES: Você me conhece bem lá no fundo, não é, Arminda? Pelo chapéu que eu visto, você já sabe o que eu vou fazer na rua. Conhece mesmo... Mas eu te digo e dou a minha palavra de honra. Tem coisas que eu guardo lá dentro de mim... Bem lá no fundo de mim, que você nem por sombra sabe... Nem pode adivinhar.

ARMINDA: Todas as pessoas têm seus segredos. Você pensa que eu não tenho, também, os meus segredos? Pois eu tenho, e tenho muitos.

DIOMEDES: Me conte um...

ARMINDA: Só se você me contar um segredo seu...

DIOMEDES: Deixa eu ver... Esse não... Esse não... Esse sim... Bom. Aquela vez que eu fui pro Rio de Janeiro com os nossos deputados... Eu... Eu fui num cabaré.

ARMINDA: Eu já sabia...

DIOMEDES: Sabia nada...

ARMINDA: A Lucélia me contou. O Arnaldo disse pra ela.

DIOMEDES: Canalha e traidor... Nunca mais vou a cabarés com ele... Agora o seu. Me conta um segredo seu...

ARMINDA: O dinheiro que eu te pedi dizendo que era para ajudar a Casa dos Órfãos... Eu gastei de outro jeito.

DIOMEDES: No que foi?

ARMINDA: Eu mandei trazer os restos de Antoninho para o nosso cemitério. Está lá num túmulo sem nome.

DIOMEDES: Arminda é... É mentira sua? Diga que é mentira.

ARMINDA: É verdade...

DIOMEDES: Quem mais sabe disso?

ARMINDA: Ninguém...

DIOMEDES: Graças a Deus... Como você conseguiu, sem que ninguém ficasse sabendo?

ARMINDA: O Padre Palma...

DIOMEDES: Claro, o comunista ajudou você. Então, alguém sabe. E é o pior alguém que podia ter entrado nesta história. Será que você não pensou que uma coisa dessas iria me prejudicar politicamente? Principalmente, quando a canalhada da oposição está querendo ver a minha caveira? Vamos tratar de tirar tudo isso daqui.

ARMINDA: Pra onde meu filho for, eu vou também!

DIOMEDES: Você é teimosa como seu pai!

ARMINDA: Tenho todo o orgulho de ser parecida com meu pai.

Entra o Doutor Samir alegre com sua malinha de médico.

SAMIR: Desculpe entrar sem bater. Mas aqui é como se fosse minha casa.

ARMINDA: E é mesmo Samir... Quando você era menino não saía daqui...

SAMIR: Eu ia passando e resolvi dar uma espiada no meu cliente predileto. Mas me diga, Dona Arminda, como vai o nosso Diomedes?

DIOMEDES: Estou melhor do que nunca. Que eu saiba, não mandei chamar médico.

SAMIR: Mas quem disse que estou aqui como médico? Eu vim como amigo da família. É proibido um amigo visitar o senhor? Num sábado?

DIOMEDES: E a maletinha?

SAMIR: Olha aí, Dona Arminda, ele implicou com a minha maletinha. Eu não sei andar sem ela. Se eu saio sem ela, fica me faltando alguma coisa. E depois, sempre tem alguém querendo tirar a pressão...

DIOMEDES: Eu não quero saber de minha pressão...

SAMIR: Pois então, não tire... Eu não vim aqui tirar pressão de ninguém. Eu vim tomar um gole daquela pinguinha boa da fazenda. Se não der trabalho.

ARMINDA: Que nada, Samir, vou buscar...

SAMIR: Sabe, a turminha da Aliança Liberal está reunida no bar do Amílcar. Gente mais boba... Quiseram apostar comigo que a sua pressão está mais alta do que a do Arnaldo... Eu apostei que não.

DIOMEDES: É claro que não está...

SAMIR: Deixa eu medir, só pra jogar na cara deles...

DIOMEDES: Samir, você pensa que eu sou menino? Vem com uma patacoada destas só pra tirar a minha pressão? Não quero... Prefiro não saber.

SAMIR: Combinado, eu tiro e não conto nada ao senhor.

DIOMEDES: Não me encha o saco, Samir. Você sabe que eu sou feito de ferro, como sempre diz o Bené. Fui criado nos bons tempos.

SAMIR: Olha aqui, Doutor Diomedes. Eu sou seu médico, ou não sou?

DIOMEDES: É... Às vezes a gente precisa...

SAMIR: Pois eu vou tirar a sua pressão, porque eu quero saber como está a sua pressão, e não me encha o saco o senhor!

DIOMEDES: Estudou, se formou mas acaba sempre falando como caixeiro da loja de turco. Caixeiro da lojinha do pai. Turco de merda!

SAMIR: *(ABRE A MALETA E TIRA APARELHO)* Dá o braço pro turco de merda...

DIOMEDES: Você me cansa... Saúde eu tenho. Vou te enterrar, comedor de quibe.

SAMIR: Espero que sim... Fecha a mão... Abre... Pronto, pode xingar à vontade, sua pressão está boa.

DIOMEDES: Sabe... Eu vou precisar de pressão hoje.

SAMIR: Vai discutir com a Aliança Liberal?

DIOMEDES: Não... Vou conversar com Albertinho Maranhão.

SAMIR: Uma alma se salvou. O Doutor Diomedes vai dialogar com a oposição.

DIOMEDES: Não mistura não... Eu vou conversar com o Albertinho Maranhão.

SAMIR: O turco de merda pode perguntar sobre o que vão conversar?

DIOMEDES: Gosto daquele garoto... O pai dele era um bosta, mas a mãe era uma criatura maravilhosa. Faço isso... Pela memória dela. Sabe... Ela foi até minha namorada.

SAMIR: Opa!

DIOMEDES: Antes de eu me casar com a Arminda. Era a melhor amiga da Arminda. Eu vou dar uns conselhos a este menino. Ele está cercado de incompetentes por todos os lados.

SAMIR: E o senhor vai dar conselhos a seu adversário?

DIOMEDES: Alguns... Não todos.

SAMIR: O pulo do gato, o senhor não ensina...

DIOMEDES: Pois eu vou te ensinar a jogada do pulo do gato. Sabe qual é o pulo do gato?

SAMIR: Deve ser um salto mortal sem rede.

DIOMEDES: Nada... O pulo do gato... É agachar... Quando pensam que o gato vai pular, o gato agacha.

SAMIR: Minha pinguinha chegou!

ARMINDA: Olha, eu embrulhei um litro para você levar. Essa é pra beber agora.

SAMIR: Dona Arminda a senhora é uma santa... *(BEBE)* Ooooohhh, cachacinha gostosa. Sabe, Dona Arminda? Eu, se fosse a senhora, engarrafava e vendia. Ia ser um sucesso.

ARMINDA: Se a gente for morar na fazenda, como eu quero, eu vou fazer isso mesmo.

SAMIR: E tem até um nome bom pra chamar a cachaça... Mel da toca...

DIOMEDES: Que diacho é isso?

SAMIR: Em homenagem ao nome desta casa... Aqui é a Toca da Raposa, e a cachaça é o mel da toca...

DIOMEDES: Só que ninguém vai morar em fazenda alguma. Eu estou na campanha. E depois o nome desta casa vai mudar... Vai ser a Toca da Raposa muito velha que já não pode se esconder da cachorrada, nem enfrentar canalha nenhum. Mas, eu estou encalacrado, porém ainda não bati com o rabo na cerca. Mas é que a raposa se alimenta de votos...

SAMIR: Lá em casa o senhor tem dois. O meu voto e o de minha mulher.

DIOMEDES: Obrigado Samir, você é um amigo de verdade. Não é como esses... Fecha os ouvidos, Arminda.

Arminda tampa os ouvidos.

DIOMEDES: Esses filhos de uma puta que comeram da minha mão e logo se bandearam como um bando de porcos... Pode abrir os ouvidos, Arminda.

SAMIR: Eu devo muito ao senhor, Doutor. Eu me formei graças àquela bolsa de estudos que a Prefeitura me deu. Não vou esquecer isso nunca.

DIOMEDES: Não foi nada de mais... Você merecia... Assim é que um país cresce. Seu avô chegou aqui com uma mala nas costas. Mascate. Homem honesto, trabalhador. Seu pai trabalhou a vida toda com sua mãe naquele balcão de lojinha. Você tinha que ir pra frente. Se formou médico e é bom médico. Não é como o Silvério, que está gagá. Este é outro que entrou para a Aliança Liberal, gagá do meu lado e foi ser gagá do lado errado. Fui quarenta anos Prefeito desta cidade. E, quando não estive na Prefeitura, sempre tive um Prefeito do meu jeito, eleito com meus votos. Olha, eu devo ter feito muita coisa errada, mas fiz muita coisa boa. Eu conheço cada cantinho desta terra. Chamo cada cidadão pelo nome... Agora eu não presto mais... Eu, segundo o jornal do Aquiles... Aliás, uma bosta de jornal... Não sou democrata... Democrata é ele, que escreve de encomenda e por preço de tabela. Até eu já paguei aquele corno.

SAMIR: Mas o Diário está com o senhor.

DIOMEDES: E quem lê o Diário? Só gente velha pra saber quem vai morrendo. O Eugênio Cerqueira já morreu e como ninguém avisou, ele não sabe ainda. E continua, mesmo morto, imprimindo o Diário. Safado.

ARMINDA: Não fale mal de seu amigo... Ele não merece.
Te apoia com o jornal em tudo.

SAMIR: Eu também acho. Ele está do seu lado.

DIOMEDES: Quem já está do meu lado eu não preciso agradar. Quero agradar os contra. Ah, meu Deus, o que é que eu vou fazer?

SAMIR: Mas a sua casa ainda tem a fama. Todos ainda a chamam de A Toca da Raposa.

DIOMEDES: A raposa agoniza, mas está viva. Os lobos é que estão tomando conta de tudo. Mordem tudo o que encontram pela frente. A raposa é sutil, o lobo apenas um mordedor. É verdade, esta é A Toca da Raposa. Aqui, eu virei o tabuleiro da política mais de mil vezes. Eles pensam que sabem de tudo, mas não sabem de nada. A política é uma arte. Samir, eu estou velho, não tenho muito tempo de vida. Eu digo que sou de ferro, mas escondo que sou enferrujado. Eu preciso ganhar esta parada. Eu te juro que eu vou ganhar este mandato. Todos me abandonaram, mas voltarão de rabo baixo. Você vai ver.

SAMIR: Claro que vai ganhar, Doutor.

DIOMEDES: Você fala para me agradar. Mas, quem me agrada sou eu mesmo. Você não conhece a raposa? Os lobos andam de chusma, a raposa anda sozinha. Arminda, me dá uma pinga.

ARMINDA: Não senhor!

SAMIR: Pode fazer subir a pressão...

ARMINDA: Te faço um chá...

DIOMEDES: Mas eu quero uma cachaça. Preciso preparar o apetite para o patão ao molho pardo que vamos comer com Albertinho Maranhão, o novo gênio da política. A raposa nova aprende coma raposa velha. Ele virá.

Campainha.

SAMIR: Vai ver, é o Albertinho...

ARMINDA: Não deve ser...

DIOMEDES: É o Bené, com certeza.

Entra Bené excitado.

BENÉ: Bom dia, Doutor Samir...

DIOMEDES: Vem ou não vem?

BENÉ: Eu tive que bater lá na casa dele...

DIOMEDES: Encurta, Bené... Encurta, Bené.

BENÉ: Bom, eu falei com ele...

DIOMEDES: Ele aceitou o jantar?

BENÉ: Não aceitou, nem deixou de aceitar.

DIOMEDES: Encurta, Bené. Encurta, Bené.

BENÉ: Vai consultar os correligionários. Disse que liga para cá, para avisar se vem ou não vem...

DIOMEDES: Está certo. Ele vai consultar a canalhada. Daí, eles vão dizer que eu tenho uns bons votos e que isso pode interessar. Daí, o Matias vai falar exatamente assim: "Vai sem nada pra dar e leva uma cestinha pra trazer." É a frase de que ele gosta mais. Sabe de quem é esta frase? Minha. Nem ideias próprias o Matias tem. Mas ele vem. Arminda, a raposa nova vem visitar a Toca da Raposa velha. Isto, meu caro Samir, é história. Arminda, tira o serviço de prata que o jantar é de gala. Quero toalha de linho e vinho do bom. Bené, vai me comprar queijo fresco pra servir com goiabada. Não se esqueça de umas coisas que você tem que me trazer.

BENÉ: Não me esqueci não. Eu vou trazer. Doutor Samir, outro dia eu vi seu carro na porta da casa do Albertinho Maranhão. Ele andou doente?

SAMIR: Doutor Benedito dos Santos. O senhor, como advogado deve conhecer o casamento em comunhão de bens. Portanto o carro é meu e de minha mulher. Minha mulher é amiga da Zilda, mulher do Albertinho, desde criança. Isso quer dizer que pode visitar a amiga, quantas vezes quiser, no carro que é dela. Mais algum esclarecimento?

DIOMEDES: Explicou bem demais pra estar falando a verdade. Mas eu estou feliz demais hoje. Não parece a vocês? Pois estou. Cadê aquela caixa de charutos que o Arnaldo me deu no aniversário passado? Você escondeu, Arminda? Arminda, vá desesconder. Eu quero licor, quero guardanapo com monograma. Quero flores pela casa. Hoje a raposa quer tudo do bom e do melhor. Hoje é tudo ou nada. Mas eu vejo um bom futuro. Como o futuro nasce do passado. Teremos o passado e o futuro feito pirão, tudo misturado.

Toca o telefone. Todos atentos.

DIOMEDES: É o Albertinho dizendo que aceita o jantar. Atende Arminda, vamos ver se não é como eu disse.

ARMINDA: Alô... Oh, como vai Albertinho? Sua mulher está bem? Estimo... Ele está sim... Eu chamo. (*ARMINDA COM O TELEFONE NA MÃO*) Diomedes, é Albertinho Maranhão...

*Diomedes vem para o telefone, lento e sinistro.
Depois arma um imenso sorriso.*

DIOMEDES: Albertinho meu filho... Recebeu meu convite? Sei... Sei. Pois é, eu quero esclarecer alguns assuntos com você... Isso porque, ao que parece, você já está eleito. Não ria não, eu andei especulando por aí. Bonita campanha, a minha nem decolou. O meu próprio partido não me quer. Você vem... Ótimo... Traga sua mulher... É... Jantar íntimo. Estamos esperando pelas sete e meia, oito. Certo... Um abraço, filho. (*DESLIGA*) Feito. Eles vêm. As raposas vão se encontrar.

88

Blackout

CENA 4

Luz acende. Diomedes dormindo na cadeira preguiçosa. Arminda vem e abotoa paletó do pijama. Toca a campainha. Arminda faz sinal para Felizberta. Ela vai atender a porta. Entra logo o Bené com mais uma pasta de papelão nas mãos. Arminda faz um psiu e leva ele ao lado para falar e não acordar o Diomedes.

BENÉ: Vim trazer uma papelada pro Doutor Diomedes.

ARMINDA: Pode deixar aí, que eu entrego. Ele está dormindo.
Disse que queria estar bem descansado para o jantar.

BENÉ: (*EMBARAÇADO*) Eu... Eu acho melhor eu esperar aqui, então. Eu espero ele acordar. Porque, isso aqui, é trato que ele me passou muito pessoalmente, Dona Arminda. Ele pode até não gostar de saber que eu cheguei aqui, larguei aí e fui embora sem dar conta dos comêquifoi.

ARMINDA: Ele não fica bravo, não, Bené. Pode aproveitar seu sábado. Eu entrego para ele, logo quando ele acordar. E se tiver algum recado, você me passa que eu dou a ele.

BENÉ: D. Arminda, a senhora me conhece. A senhora sabe que eu gosto de fazer as coisas tudo ali no certinho para o Doutor Diomedes. E a senhora que conhece ele sabe que ele gosta de tudo ali certinho. Sabe como é... Eu prefiro esperar. Se a senhora quiser, eu espero lá fora pra não atrapalhar.

ARMINDA: Que nada, o senhor é de casa. Fique aqui mesmo... Mas que segredo é este que o Diomedes está escondendo tanto?

BENÉ: Não é segredo, não, Dona Arminda. São assuntos de negócios. Coisa de banco.

ARMINDA: Coisa de banco no sábado?

BENÉ: É pra segunda... Quando o banco abrir.

ARMINDA: E o que é que dizem das eleições por aí. De verdade, Bené. O que dizem de verdade.

BENÉ: Muita gente está a favor do Doutor Diomedes. A senhora sabe que ele tem muita força política.

ARMINDA: E o Albertinho?

BENÉ: Está muito bem apoiado. A Aliança virou o jogo. Gente que nunca se deu bem está de braço dado agora. São os tempos, Dona Arminda. A senhora sabe que eu sou fiel ao Doutor Diomedes. Ele foi como um pai para mim. Vou ficar com ele até o fim.

ARMINDA: Pelo seu jeito de falar, está perto do fim.

BENÉ: Imagina, Dona Arminda, o fim nem chegará. Vamos vencer.

ARMINDA: E o que é que você acha deste jantar resolvido às pressas?

BENÉ: Não foi às pressas, não. Faz tempo que o doutor está de olho no Albertinho Maranhão.

ARMINDA: Olho pra quê?

BENÉ: Talvez pra pedir alguns cargos, se o Albertinho for eleito. Composição política. Essas coisas.

ARMINDA: Quer ler o jornal?

BENÉ: Já li tudo... Não muda. É a mesma cantilena todos os dias... Nova república... Sei lá o que é nova república. A velha eu sei. A nova deve ser um segredo da Aliança Liberal. Que não é nem aliança e nem liberal... Como diz o Doutor Diomedes. Gente que nunca teve força na política está tendo agora. Até gente nova... Muito mocinho filho de papai rico. Gente com diploma... Diploma, eu também tenho. Se quisesse, tinha dois... Isso não é político... Político tem que ser vivido... Tem que ser raposa, como o Doutor Diomedes. Eu me lembro em 64, quando os comunistas puseram as cabeças pra fora... Pra eles, o governo estava no papo. O Doutor Diomedes foi a três reuniões deles. Lá na toca deles. Elogiou o Jango, falou bem de tudo. Mas, na hora do agá botou a PM na rua e garantiu a ordem. Fomos juntos prender os mais nervosos. Isso é um político. A senhora lembra quando quiseram incriminar o Doutor Diomedes por causa do Antoninho?

ARMINDA: Se eu lembro? Sim, eu lembro muito bem, Bené.

BENÉ: Daí, ele fez um discurso falando capítulo da Bíblia. Disse que o pai não era o filho...

ARMINDA: E o filho não era o pai...

BENÉ: Isso aí... A senhora lembra mesmo. Derrubou toda a oposição e foi eleito. Um homem como esse não acabou para a política, Dona Arminda. Nada pode contra ele, nada. E se for pela força, tem gente que dá a vida por ele, como eu. A senhora pode estar certa, se um dia ele precisar da minha vida... Eu dou a vida por ele, de bom grado.

ARMINDA: Eu sei... Eu sei que você é um homem fiel, Bené. Eu sei... Eu sei bem...

BENÉ: E tem outros. A gente se reúne...

ARMINDA: Reúne mesmo... Olha, eu vou te pedir um favor. Ajuda a Felizberta a pegar um pato no galinheiro?

BENÉ: Pegar o pato... Pegar pato é minha especialidade... Vamos lá...

Saem os dois e ouvimos qualquer conversa sobre pegar pato. Diomedes dormita.

CENA 5

A luz muda um pouco. Vem Arminda jovem, de camisola, com nenê nos braços dando mamadeira.

ARMINDA: Em que é que você pensa tanto, Diomedes. Você fica o tempo todo pensando e mordendo os dentes. Porque é que você não me fala? Eu gostaria de dividir com você sua aflição... Você não quer me contar?

DIOMEDES: Eu estou muito velho, Arminda... Alguma coisa aconteceu. Você está moça e eu fiquei muito velho. Olha só minhas mãos...

ARMINDA: Eu não vejo nada demais... Quer segurar um pouco seu filho?

DIOMEDES: Ele não gosta de mim...

ARMINDA: Imagine se um nenê não gosta do pai... É claro que ele gosta... Não gosta, Antoninho?...

DIOMEDES: Antonio... Nome do seu pai... Eu queria que ele se chamasse Diomedes, como eu... Mas...

ARMINDA: Mas você precisava do apoio do meu pai, para ser Prefeito pela primeira vez. Daí, mandou batizar como Antonio... Eu gosto do nome. Meu pai também gostou muito.

Diomedes: *(RI)* E eu fui eleito... Vocês me ajudaram...
Você me ama, Arminda?

ARMINDA: Eu te amo... Eu te amo muito. Eu te amo e amo Antoninho... Meus dois amores.

DIOMEDES: Mas... Você gosta mais dele ou de mim?

ARMINDA: Gosto diferente. Você é o meu amado. Meu amado, amor de paixão. Antoninho é meu... Meu, meu, meu. Vindo de dentro de mim. *(APONTA O VENTRE)* Ele já viveu aqui, Diomedes. Aqui dentro de mim. Num quarto desta casa que sou eu. E daqui, ele saiu para a vida...

DIOMEDES: Mas eu fiz qualquer coisa, não fiz?

ARMINDA: Claro que fez... O filho é nosso. Meu e teu.

DIOMEDES: Que absurdo, Arminda... Um velho como eu, com esse filho novo...

ARMINDA: Você não é velho... É só a máscara...

DIOMEDES: Que máscara?

ARMINDA: Essa máscara de político que você usa... Ela deixa você velho. Sabe, às vezes eu sonho em te ver sem ela. Como será que é você? ... Eu nunca te vi sem ela... Você se esconde como um bicho... Assim como um desses bichos que se escondem no mato. A gente só sabe que você passou por ali, mas não te vê nunca... A gente só consegue ver as marcas dos seus passos. A sua pista.

DIOMEDES: Eu sou um bicho?... Que bicho que eu sou?

ARMINDA: Uma raposa.

DIOMEDES: Uma raposa... Uma raposa ou um lobo?

ARMINDA: Um lobo com pele de raposa... Às vezes, uma pele de lobo. Mas, outras, uma pele de cordeiro.

DIOMEDES: Eu tenho muitas peles... Mas a verdadeira é só a pele da raposa. Uma raposa é esperta. Atravessa o rio e não molha o rabo. Já o lobo vive com fome. Quanto mais come, mais fica com fome. E o cordeiro... O cordeiro não pode abrir a boca, porque podem ver seus dentes afiados de raposa.

ARMINDA: A raposa come pouco... Dorme com um olho só. Faz que não existe... Quando existe, faz que é muito boa... Mas no fundo... Eu não sei quem é você. Você é uma coisa para o povo... Outra coisa para mim... Você é dois, Diomedes. E eu amo vocês dois.

DIOMEDES: Então, não deixa esse menino morrer na rua... Ele vai acabar atrapalhando minha eleição, minha carreira. Sabe, eu às vezes, penso que ele é um politiquinho bem pequenininho... Que o diabo fez nascer em você para ser criado aqui em casa. Educado e treinado, pelos meus inimigos, para me derrotar. É pequenino, tem um sorriso de anjinho, mas é malvado. Pronto para me machucar, quando eu mais precisar de voto.

ARMINDA: Não fale assim, meu filho é somente comunista. Um comunista puro e inocente. Esta rosa de sangue no seu peito prova isso. É como se fosse um milagre de Nossa Senhora. Uma rosa de sangue nascida no peito... Uma rosa vermelha.

DIOMEDES: Não é meu filho! Não é meu filho! Não é meu filho. É um filho da puta!!!

ARMINDA: Não fale assim, Diomedes. Alguém pode ouvir. Seus eleitores. Eles não podem saber que você me chama de puta. Mas você sabe que eu não sou puta. Eu sou a sua mulher e a mãe de Antoninho. Você me faz sofrer por não aceitar o seu cadáver.

DIOMEDES: Se ele morreu, porque é que você continua amamentando. Os mortos não se alimentam de leite. Mortos se alimentam de dores. De sofrimentos, de angústias.

ARMINDA: Você nem chorou quando ele morreu... Nem uma lágrima. Foi ao palanque e fez um discurso... Disse assim: “Que distância existe entre pai e filho? Curta, dizem todos. Mas, por mais curta que seja a distância que os separa, o pai não será o filho e o filho não será o pai. Abraão não era Isaac e Isaac não era Abraão. E quando Deus pediu seu filho a Abraão, ele se preparou para matá-lo... Daí o anjo segurou sua mão. Meu filho foi sacrificado e nenhum anjo segurou a mão do destino. Estava em pecado e Deus o castigou. E àqueles que me incriminam, por meu filho ter se tornado um comunista, eu digo... O pai não é o filho.”

DIOMEDES: E o filho não é o pai!

Aplausos. Vivas a Diomedes etc. Banda toca a Marselhesa.

93

CENA 6

A luz muda. Entram Arminda e Bené. Pisam devagar pra não acordar Diomedes. Mas ele desperta com um susto, olha dos lados sem que os dois o vejam e depois se recobra do susto e fecha um olho e abre o outro. Arminda e Bené voltam.

BENÉ: A senhora vai ver é na hora da onça beber água.

DIOMEDES: A onça está doente, Bené... Arminda, eu me senti mal agora. Liga pro Samir. Ele tirou a pressão e estava boa, mas eu não me sinto bem.

BENÉ: Quer que eu vá buscar o Doutor Samir?

DIOMEDES: Não Bené, quero saber se você trouxe tudo o que devia trazer?

BENÉ: Está aqui. *(BATE NA PASTA)*

ARMINDA: *(AO TELEFONE)* Samir, olha o Diomedes...

DIOMEDES: Deixa que eu falo... *(AO TELEFONE)* Samir, eu tive uma dor no peito... Uma pontada, depois uma pressão... Eu vi, a pressão estava boa, mas eu estou com medo... Medo... Pois é, é a única palavra que veio agora. Olha, eu sei que não é nada grave, mas hoje eu não posso ter nadinha no coração. Eu queria te convidar pra vir jantar com a gente... É, o Albertinho vem... Você já sabe... Pois venha. Assim, se eu tiver alguma coisa, você está por perto com a maletinha. Vem? Então, eu já estou melhor. A dorzinha já foi. Venha às sete e meia. Está certo, se eu sentir alguma coisa eu chamo. Tomar o quê? Ah, aquele remedinho. Está certo, eu vou tomar. Espero você... Eu vou ficar calmo... *(DESLIGA)* Pra vocês testemunharem que até as raposas ficam doentes do coração.

BENÉ: Doutor Diomedes é de ferro. Vai enterrar a nós todos, e fica aí com essa conversa de raposa doente. A senhora não acha, Dona Arminda?

ARMINDA: Eu sei que vou morrer primeiro.

DIOMEDES: Que é isso, Arminda, você é muito mais nova do que eu. Ainda está na frescura da mocidade...

ARMINDA: Sou só dez anos mais nova do que você. Mas mulher envelhece mais depressa. Parece que o sofrimento faz mais mal a elas que aos homens...

DIOMEDES: As mulheres envelhecem mais porque não sabem esquecer o passado. Para mim, você está envelhecendo por causa das lembranças... Bené, vá pedir a Felizberta um chá para mim...

BENÉ: Já vou indo...

DIOMEDES: Eu não gostei de você ter trazido o seu menino aqui para o cemitério. Comunista não encontra a paz no campo santo. Eles são camaradas do diabo, Arminda... O demônio...

Vem Bené e Felizberta.

FELIZBERTA: Chá do quê o senhor quer?

DIOMEDES: Eu estava falando do demônio, é bom você ouvir, e você também, Bené. O demônio aparece de três jeitos diferentes para enganar a gente. Nós, que somos cristãos e lutamos contra as coisas malignas, temos que saber dessas coisas. Preste atenção nisto, Bené, porque pode te ajudar no futuro, quando eu não estiver mais aqui.

Felizberta vai saindo de mansinho

DIOMEDES: Onde vai, Felizberta?

FELIZBERTA: Fazer chá...

DIOMEDES: Já não quero mais chá... Quero falar do diabo, para vocês tomarem cuidado com ele. Você também precisa ouvir essas coisas, Felizberta, porque anda indo onde não deve, ouvindo conversa de gente mal intencionada. Não adianta fingir que o diabo não existe, Dona Felizberta, porque ele existe.

FELIZBERTA: Pra mim não existe, porque Santo Antônio e Nossa Senhora são muito mais fortes que o diabo. Por isso ele não existe.

DIOMEDES: Pois eu vou lhe falar das três formas que o diabo toma. A primeira forma que o diabo toma é a de comunista. Ele vem de mansinho, dizendo que tudo vai ser de todos, que a propriedade é um roubo, que tudo vai ser de todos e que não vai existir a pobreza. E tome polca. Joga os ricos contra os pobres e os pobres contra os ricos e faz o inferno. A segunda forma pela qual o diabo se apresenta é a de mulher-dama. Com todo o respeito a você, Felizberta, e a minha mulher Arminda, o diabo se apresenta muitas vezes em forma de puta. Daí, envolve os homens, vicia os homens no seu corpo e faz o inferno. A terceira forma que o diabo usa para se apresentar, inclusive na política, é a forma de...

Campainha toca.

DIOMEDES: Quem será nesta hora, quando eu ia justamente falar no diabo.

Felizberta atende a porta e volta com o Padre Palma.

FELIZBERTA: É o Padre Palma.

Entra o Padre Palma de blue jeans e camisa hering. Tênis.

ARMINDA: Até que enfim, um dia, o senhor veio nos visitar.

PALMA: Deus esteja nesta casa... D. Arminda.

DIOMEDES: Ele chegou na hora. Padre, eu estava aqui justamente com boca amarrada em conversas de demônio. Estava dizendo aqui ao povo, que o demônio se apresenta de três formas. Se apresenta como comunista, como prostituta e se apresenta como sacerdote.

ARMINDA: Diomedes, pelo amor de Deus!

DIOMEDES: Não se assuste, Arminda. O Padre Palma sabe que eu não estou falando de todos os sacerdotes. Eu só estou falando naqueles que usam a batina e a palavra de Deus para encobrir intenções marxistas-leninistas. Que escondem pretensões revolucionárias. Que agitam as ideias no campo e na cidade. Principalmente no campo. Pode ficar descansada, Arminda. O Padre Palma sabe que eu estou me referindo àqueles padres que agem como puta, tomando o dinheiro dos fazendeiros e caindo na farra com a peãozada. O Padre Palma não é nada disso. Depois, nem batina ele usa pra esconder quem ele é. É o que é.

PALMA: Doutor Diomedes, o senhor sabe por que eu estou aqui?

DIOMEDES: Acho que é pra falar com minha mulher, Arminda. Eu nunca pedi os seus serviços e não frequento a sua paróquia, porque não vou em igreja dedicada a santo ladrão. Vou à missa na Igreja da Matriz. Vou lá porque o Padre Valério sempre foi do meu partido e é um homem que pensa como eu. Portanto, o senhor só pode estar aqui para falar com minha mulher. Pois, pelo que eu soube, o senhor e ela tem alguns projetos em comum. Aliás, esta é uma sociedade que muito me desagrada.

PALMA: Eu vim falar com o senhor, Doutor Diomedes.

DIOMEDES: Pode ser na frente de todos ou é assunto pudico?

PALMA: Eu preferia falar com o senhor em três pessoas.

DIOMEDES: Então vamos ficar eu, o senhor e Arminda. A Felizberta vai fazer chá pra nós todos, e o Bené vai fazer o que deve. E vamos nós aos segredos da Santa Madre Igreja.

PALMA: O senhor não me entendeu, Doutor Diomedes. Eu disse uma conversa entre três pessoas. Eu, o senhor e Deus.

DIOMEDES: Mas que pretensão... Mas vamos conversar, eu e Deus com um aprendiz do diabo.

ARMINDA: Diomedes, eu peço... Eu acho melhor eu ficar.

BENÉ: Eu estou na varanda, Doutor. Se precisar de alguma coisa, me chame.

DIOMEDES: Felizberta, traga chá para o vigário aqui.

PALMA: Eu não quero chá...

DIOMEDES: Pois então vá passar café fresco, Felizberta.

PALMA: Eu não quero café, obrigado.

DIOMEDES: Pois então não traga nada e vá pra cozinha, Felizberta.

Todos saem. Os dois ficam olhando um para o outro um tempo grande.

PALMA: Violaram o cemitério...

DIOMEDES: (*EXAGERANDO*) Mas, o que é que o senhor está me dizendo?

PALMA: O senhor sabe exatamente o que eu estou dizendo. Violaram os restos mortais daquele rapaz que o senhor bem conhece.

DIOMEDES: Não sei do que o senhor está falando.

PALMA: Na noite passada, alguém cavou a sepultura anônima de um jovem que morreu no Rio de Janeiro e foi trazido para cá pela mãe. Levaram a urna funerária.

DIOMEDES: E o que é que o senhor quer que eu faça?

PALMA: O que é que o senhor acha que deve fazer?

DIOMEDES: O senhor é mineiro? Mineiro é que a gente pergunta e ele responde com outra pergunta... Padre Palma. Como o senhor bem deve saber o Prefeito é o Doutor Matias. Eu sou apenas um pobre candidato abandonado pelo próprio partido. Se eu estivesse na Prefeitura, ia tomar responsabilidade sobre o que o senhor diz que aconteceu no cemitério. Mas eu aconselho ao senhor procurar o Serviço Funerário da Prefeitura ou a Delegacia de Polícia.

PALMA: Onde estão os restos de seu filho, Doutor Diomedes?

DIOMEDES: Filho? Eu não tenho filho algum. Ou melhor, eu tive, sim, um filho. Mas ele não concordava comigo. E eu também não concordava com ele. Ainda muito rapazinho, ele foi embora daqui. Foi para o Rio de Janeiro. Lá se juntou com os comunistas e acabou levando uma bala numa baderna.

PALMA: Doutor Diomedes. Eu sei que o senhor não gosta de mim e eu também não gosto do senhor. Porque, um pai que faz isso para um filho não merece ao menos o respeito de qualquer pessoa. Mas eu vou falar a sua língua. Eu sei que o senhor precisa de votos, porque está lutando para se eleger Prefeito. Eu tenho influência em uma grande parte do eleitorado. Eu represento muitos votos. Votos de pessoas humildes e trabalhadoras. Os que não têm terra e os que não têm casa. Portanto, se o senhor tiver uma remota vontade de ganhar esses votos, o senhor vai dizer quem violou o túmulo de seu filho.

DIOMEDES: Quer dizer que, na verdade, o senhor veio aqui oferecer uns votos pra mim? E eu estou precisando de votos. Portanto, se eu tivesse a mínima ideia do que o senhor está falando, eu dava jeito, só para não perder esses votos. Mas não jogue seus votos fora. Eu acho que sei quem foi que fez isso. Eu vou falar. Mas não agora. Hoje o dia é longo. Um dia muito especial. Sabe Padre, eu brigo muito com você, mas no fundo ... No fundo, quero os seus votos. Mas hoje é um dia muito especial da minha vida. E eu quero que venha jantar conosco. Quem sabe neste jantar mesmo eu direi quem violou o cemitério.

ARMINDA: *(QUE ESTAVA ESCONDIDA OUVINDO AS ÚLTIMAS PALAVRAS)* Venha mesmo, Padre.

PALMA: Se é para saber o que quero, eu venho.

Entra Bené com um monte enorme de flores.

BENÉ: Presente do João das flores. É para enfeitar o seu jantar, Dona Arminda.

DIOMEDES: Olha aí, o Partido está funcionando.

PALMA: Eu vou indo... Até a noite, Dona Arminda.

ARMINDA: Eu vou com o senhor até a porta.

Saem Arminda e o Padre. Diomedes e Bené.

DIOMEDES: O Padre está querendo me dar os votos dele... Aceito, Bené?

BENÉ: Voto não tem cara, nem cor, nem cheiro...

DIOMEDES: De quem é esta frase inteligentíssima?

BENÉ: Do senhor mesmo...

DIOMEDES: Eu sei...

Vem Arminda de volta, triste.

ARMINDA: Porque você está convidando tanta gente para este jantar?

DIOMEDES: Solidão política... Arminda, nossa vida sempre foi cheia de gente em casa. Nunca perdi uma eleição. Você sabe que eu elegi prefeitos, deputados, senadores. Até dei mão forte pra decidir governo do Estado. Ajudei a colocar ministros, chefes de serviços, diretores. Eu fiz política a minha vida inteira. E agora estou sofrendo de solidão política.

BENÉ: O senhor fez muito pela cidade, Doutor. Como fez.
O senhor... É o maior político do Brasil.

DIOMEDES: Calma, Bené. Eu fui bom, mas não sou mais. Todos me abandonaram.

ARMINDA: Não diga assim Diomedes. Você sabe que eu estou ao seu lado, apesar de tudo.

DIOMEDES: Apesar de tudo... O que será que o Padre inventou de mim?

ARMINDA: Depois falamos sobre isso.

DIOMEDES: Bené, a vida política é como a vida dos artistas. Quando o artista está no auge do sucesso, todos querem falar com ele, pedir autógrafa, fotografias. Lutam até pra pegar uma cueca dele pra guardar de souvenir. Com o político e o artista, quando acontece o buraco, eles caem no buraco. Arminda e Bené, a gente cai no buraco e não tem um corno que venha te dar a mão pra você sair dali. Arminda, eu estou no buraco. Caí no poço.

BENÉ: Pois é no buraco da toca que a raposa se faz mais esperta.

DIOMEDES: Que raposa que nada. A raposa morreu. O que ficou no lugar dela é um burro velho de coração amargurado. Um burro que sonhava ser Prefeito desta cidade de onde nunca quis sair pra ser deputado ou senador. Porque o burro pretendia morrer sendo o Prefeito desta cidade. Por isso eu quero reunir todos neste jantar. Porque vai estar presente a velha e a nova geração. Esta terra está precisando de sangue novo. O Albertinho é o sangue novo.

BENÉ: Mas o Albertinho é da oposição.

DIOMEDES: E daí... Eu tenho a certeza... Feche os ouvidos, Arminda... Que aqueles filhos duma puta do meu partido não vão me apoiar como candidato. Posso ouvir eles dizendo lá na sede do partido: o Diomedes não vale mais um peido. Aquele velho é pé de milho que já deu grão, e o porco já comeu o sabugo, e o pé já foi queimado. Eles não me querem mais, Bené. O jornal não fala mais de mim. A rádio só fala quando eu mando rezar uma missa por alguém que morre. Esta sala já viveu empanturrada de puxa-saco. “Coronel Diomedes, eu e minha família sempre votamos no senhor; meu filho está precisando de um emprego na Prefeitura.” “Doutor Diomedes, eu estou começando na política e quero uns conselhos seus.” Esta mesma sala onde nós estamos já se chamou “A Toca da Raposa”. Hoje é mais a toca do tatu... Fecha os ouvidos, Arminda... Se eu não me cuido, eles me tacam o dedo no cu... Pode abrir os ouvidos, Arminda. Eu não acredito mais neste partido sem-vergonha. Tem muitos lá bandeando pra esquerda. Outros têm a mão muito grande. Não sou santo. Roubar sim. Pelo povo e para o povo. Roubar pra poder distribuir melhor a riqueza é uma coisa. Agora, roubar pra ficar rico e se locupletar, manter conta na Suíça, é roubo desonesto. Pois é, eu inventei este termo político: “roubo desonesto”. Porque só faz bem a meia dúzia. Está cheio deste tipo de ladrão no meu partido. Pra esses cus de bunda, Diomedes é um perigo. Pra que eles vão querer um velho na Prefeitura. Um velho que sabe de tudo. Quem é que quer comer sapo na mesa de Diomedes? Ninguém, porque o Prefeito Diomedes vai pensar no povo, tomar as providências pra melhorar a vida da população. Porque foi o povo que sempre manteve ele como político nesta terra... Fecha os ouvidos, Arminda... Isso, Bené... Desde os tempos em que ele tinha o pau duro, até a estes tempos de pau mole. Mas o pau pode ter descambado, mas o saco está roxo. Eles podem me tirar, mas não podem me proibir de jogar a última cartada. Porque... Pode abrir os ouvidos, Arminda... Em jogo de maluco, perdido é truco.

Blackout. No escuro o relógio bate seis horas e toca a Marselhesa.

CENA 7

Quando a luz acende, Diomedes está todo vestido para o jantar, sem o paletó, que está nas costas da cadeira. Dormiu com o jornal no colo. A luz se altera e vem Arminda jovem, vestida de negro com chapéu e véu. Traz um buquê de rosas vermelhas.

ARMINDA: Me diz o que ele te fez, Diomedes. Me diz, pelo amor de Deus. Para eu continuar vivendo. Meu filho morreu e você, meu marido, nem quer seu corpo no cemitério. Meu coração dói.

DIOMEDES: Comunistas são cidadãos do mundo. Pra eles, qualquer buraco na terra serve pra sepultura.

DIOMEDES: Sabe do que eu estou desconfiando? De que tudo isto é só um sonho. Eu velho e você moça, não pode ser. Eu vou acordar e nada aconteceu. Sou candidato e vou ser eleito... Não, Antoninho é candidato e vai ser eleito com meu apoio. Meu filho vai ser eleito com meu apoio. Ele nunca foi comunista. Era só sonho. O nosso filho vai ser eleito. Me abraça, Arminda.

ARMINDA: Foi tudo um mau sonho. Meu filho não morreu na rua, como um cão, com uma rosa vermelha no peito.

DIOMEDES: Pois hoje, vamos dar uma festa.

ARMINDA: E eu vou convidar todas as moças casadoiras da cidade. Uma, ele vai escolher.

DIOMEDES: Contanto que ele não escolha a mais bonita.

ARMINDA: E quem é a mais bonita?

DIOMEDES: É você, Arminda.

ARMINDA: Mas eu sou mãe dele.

DIOMEDES: Muitos amam a mãe, como mulher... Muitas mulheres amam o filho, como homem.

ARMINDA: Diomedes. Você tem ciúmes do Antoninho? Só porque ele está vivo, e você pensou que ele estivesse morto? Você não percebe, Diomedes, que Antoninho não pode ter morrido nunca. Ele está vivo em mim... Eu sou a mãe dele. Ele morreu dentro de você, mas está vivo dentro de mim... Eu o sinto como um feto de luz pulsando no ventre o tempo todo. Tenho memórias vivas de suas palavras e de seu carinho. Que bala canalha poderia matar alguém tão protegido, aqui dentro de mim. Ciúmes... Você tem ciúmes?

DIOMEDES: Pobre Arminda. Se apaixonou por seu filho e arrumou um marido velho, que já não tem vida para gastar. Pobre Arminda, pobre mãe. Você não sabe nada de política. Política é a arte de não morrer. Eu, sim, não morrerei nunca. Vou ficar na placa da estação, na ponte sobre o rio, na escola, na faculdade. Vou ficar até no cemitério, mas vivo. Eu não preciso de seu ventre para me esconder nele. Eu vivo fora dele, mesmo que morra.

ARMINDA: Se você não der meu filho de volta, eu me mato...

DIOMEDES: Arminda... Não faça isso Arminda... Eu preciso do seu voto. Eu preciso do seu voto!!!

*A luz volta ao normal. Diomedes acorda assustado.
Arminda e Felizberta estão colocando a mesa.
Arminda vem no grito "preciso de seu voto".*

ARMINDA: Quer fazer política até cochilando...

DIOMEDES: Você vai votar em mim, não vai, Arminda?

ARMINDA: Depende.

DIOMEDES: Não vem com esse pedido, que eu já até adivinhei.

ARMINDA: São seis lugares, Felizberta.

FELIZBERTA: Mas eu só contei cinco.

ARMINDA: Pois conte de novo.

FELIZBERTA: A senhora aqui. O Doutor Diomedes aqui. O Padre Palma aqui, perto da senhora... Já são três. Aqui, o Seu Albertinho. Aqui, a Dona Zilda. São cinco.

ARMINDA: O Doutor Samir.

FELIZBERTA: Mas o Doutor Diomedes já sarou. Tirando esses pesadelos que ele tem, já sarou. Mas então está certo.

DIOMEDES: Já sarei mesmo.

FELIZBERTA: Mas eu não entendo isso do senhor convidar inimigo para jantar.

DIOMEDES: Veja só, Felizberta. Eu convidei para jantar e você está com um patão nas panelas. Eu convidei o candidato da oposição e filho do meu maior inimigo político. O filho do Lúdrico Maranhão que, por três vezes, disputou comigo a Prefeitura deste lugar. E o que foi que aconteceu, Arminda?

ARMINDA: Você ganhou.

DIOMEDES: (*GARGALHADA*) Ganhei mesmo. Ele com toda aquela empáfia dele. Homem metido a ler muito, tinha lido tudo o que podia. Só não leu aquilo que ele mais devia ter lido. A lista dos eleitores da cidade. E essa eu sabia de cor. Mas Felizberta, você que é uma boa mulher do povo, me fez uma pergunta que amanhã todo mundo vai fazer aí na cidade. O que é que deu no Diomedes? Que ele está chamando o inimigo em casa pra conversar. Acho que até você, Arminda, que me conhece vestido e sem roupa...

103

ARMINDA: Seja mais educado, Diomedes.

DIOMEDES: Digamos, me conhece acordado e dormindo, aposto que até você está se fazendo essa pergunta. Mas eu vou tirar as vossas dúvidas. Política, Dona Felizberta e Dona Arminda... Prestem bem atenção... Política é a arte de conviver com o adversário. A arte de derrotar o adversário é a guerra. Entenderam?

ARMINDA: Eu acho que quem convive com os adversários devia conviver também com seus próprios mortos.

DIOMEDES: Ah, língua de Padre. O Padre deve ter contado tudo a você, para estragar o meu jantar.

ARMINDA: Violaram o túmulo de Antoninho. Só pode ter sido a seu mando. Fazer isso com seu filho.

DIOMEDES: Ele não era meu filho. Ele era comunista.

Felizberta chora.

DIOMEDES: Vá chorar lá dentro, Felizberta. Você também, Arminda.

ARMINDA: Eu não vou chorar. Eu já chorei tudo o que podia. Eu só quero saber pra onde você mandou levar a urna com os restos do meu filho.

DIOMEDES: Eu ainda tenho chance, Arminda. Esta história do túmulo, pode ser voltada contra mim. E eu só quero coisa a meu favor.

ARMINDA: E você diz que a política é a arte de conviver com o adversário. Você não convive nem com a ideia de seu filho morto. Velha raposa, desdentada, desalmada. Às vezes eu não sei por que sigo te amando.

DIOMEDES: Arminda, eu sou tudo isso que você falou. E mais até. Mas você é metade de mim. Você é o meu lado bom. Você é a única pessoa que sabe quem eu sou. Eu gosto tanto de você. Como mulher, como mãe. Eu gosto até que você goste do seu filho. E talvez, do meu jeito difícil, eu até goste dele. Só que eu não posso dizer. Entendeu Arminda? Eu não posso dizer uma coisa dessas. Eu não posso sentir uma coisa assim. Eu não posso deixar o eleitor pensar em momento algum que eu tenho ligação com o comunismo, ateu, frio e russo. Eu sou um anticomunista profissional, Arminda. Eu não sou amador. Não me desespere, pelo amor de Deus, Arminda... Com o perdão da palavra, eu estou com o cu na mão. Eu nunca estive numa situação dessa na minha vida toda. Arminda, eu estou velho, é a minha última chance de participar da política. Porque se não der certo, é o ostracismo. E eu não posso viver sem isso. Você me entende, Arminda. Eu não posso viver sem isso. É a mesma coisa que tirar a cachaça do pinguço, o cigarro do viciado, a mulher do homem apaixonado, o jogo do jogador, o cavalo do peão, a arma do assassino. A política é a minha vida, Arminda. Você sabe que eu sempre estive no poder. E isso me custou muita coisa. Você sabe que nós não somos ricos. O que nós temos veio da minha família e da sua. É isso mesmo, Felizberta, o que nós temos é herança de família. Arminda sabe que eu nunca peguei dinheiro para mim. Eu fiz muita vista grossa. Pra ajudar o partido. Pra garantir a campanha. Troquei muito favor. Mas no meu bolso você sabe que não entrou nada, só saiu. Vendi mais que a metade da fazenda de meu pai pra sustentar campanha. Eu paguei por esta vida... E agora estão querendo me passar pra trás. Será que esses filhos da puta não sabem que, se eu abrir a minha cadernetinha preta, eu descarrego um trem de merda na vida deles?

ARMINDA: Acho que sobra para você também. Você foi o chefe deles por todos estes anos.

DIOMEDES: Sábia Arminda. Paciente Arminda. Mater Dolorosa. Mulher preocupada. Quem eu ia encontrar na vida melhor do que você? Deus me perdoe, mas nem a própria Virgem Maria, se tivesse descido dos céus... Arminda, tudo o que eu fiz na vida foi por você e para você.

ARMINDA: Mentira, foi para você mesmo. Se quiser fazer uma vez na vida alguma coisa por mim, mande trazer os restos de meu filho de volta para o cemitério.

DIOMEDES: Vou pensar...

ARMINDA: Verdade?

DIOMEDES: (*ABRAÇANDO ARMINDA*) Verdade...

ARMINDA: Você não pode ser assim tão mau com seu filho morto.

DIOMEDES: Eu sou mau, eu sou bom, eu sou o melhor, eu sou o pior. Felizberta, o que dizem de mim por aí?

FELIZBERTA: Só falam bem do senhor.

DIOMEDES: Se fosse pra ouvir mentira, eu chamava o Bené, que tem muito mais prática e mente melhor do que você. Você pensa que me agrada, mentindo? Pois então eu exijo que me desagrade. O que é que esse povo está falando de mim? Eu preciso que alguém me diga a verdade. Tem sempre um anel de mentira em volta de qualquer político. Gente burra, que não deixa as más verdades chegarem perto dele. Mas a raposa quer saber de onde vem o tiro. Me diga, Felizberta, a verdade. Eu preciso de um pouco de verdade.

FELIZBERTA: A verdade?

DIOMEDES: A verdade.

FELIZBERTA: Toda a verdade?

DIOMEDES: A merda toda.

FELIZBERTA: Bom... Uns acham que o senhor passou da idade.

DIOMEDES: Grande novidade. Se fosse parar por causa disso, imagine o Ulysses Guimarães, que é mais velho do que eu? Essa é fraca. O que mais dizem?

FELIZBERTA: Que agora o povo quer liberdade.

DIOMEDES: Ah, quer dizer que agora eu sou contra a liberdade? Isso é conversa da esquerda. Escuta aqui, Felizberta. Por acaso, você está indo nas ótimas reuniões do PT?

FELIZBERTA: Fui uma vez só, com meu namorado. Ele é PT.

DIOMEDES: Dentro da minha casa. Uhn... Então, a esquerda não gosta de mim. Nesta eleição eles todos juntos vão ter quanto por cento dos votos? Você sabe, Felizberta? Não sabe... Se der quinze por cento, já é motivo para eles fazerem uma festa. Se somar tudo, os vermelhos, os alaranjados, os cor de rosa e principalmente os melancias, que são verdeamarelos por fora mas vermelhos por dentro, dá menos que quinze por cento. Mas deixa estar. Deixa estar. Felizberta, você merece um aumento, por estas informações que tem me dado. Por que não me avisou antes que frequentava o mocó dos canhotinhos? E o que mais falam de mim? Desembucha tudo de uma vez!

FELIZBERTA: Que o senhor não deixou enterrar o corpo do seu filho no cemitério da cidade.

DIOMEDES: E eles dizem por quê?

FELIZBERTA: Eu não ouvi nada.

DIOMEDES: Vamos lá, Felizberta, abre o livro.

FELIZBERTA: Eu não ouvi nada, não, senhor.

DIOMEDES: Felizberta, eu pedi para ser desagradado. Eu quero ficar infeliz. Me deixa infeliz.

FELIZBERTA: Dizem que o senhor acha que ele não era seu filho.

DIOMEDES: Essa é nova! Será que passou pela cabeça de alguém que Arminda pode ter me traído? Isso é loucura mansa, que pode passar a furiosa. Quem foi que disse.

FELIZBERTA: Muita gente. Disseram assim: “O Doutor Diomedes, não pode ser o pai daquele menino. Um pai perdoaria o filho, por pior que o filho pudesse ter sido. Principalmente depois de morto.”

DIOMEDES: E o que mais?...

FELIZBERTA: O senhor quer coisa pior que tudo isso que eu já disse?

Tocam a campanha. É Bené.

BENÉ: (*DANDO A PASTA GORDA*) Olha aí, Doutor, está aí tudo o que faltava. O repórter da rádio não vai poder vir para fazer uma entrevista.

DIOMEDES: Você não dá uma dentro, hein, Bené...

BENÉ: Vem o dono da rádio. O Faustino Alencar em pessoa.

DIOMEDES: Eta nós. Esse, é da oposição mais ferrenha. Hoje, vamos ter muito samba aqui. Isso vai bem com o pato.

BENÉ: Eu vou trazer o Doutor Faustino depois da sobremesa.

DIOMEDES: Bené, eu até queria que você fosse convidado para este jantar, mas você sabe que nós temos que trabalhar juntos. Você vai ter mais coisa pra fazer. Eu devo muito a você, Bené.

BENÉ: Eu é que devo ao senhor. Eu era office boy da Prefeitura. Hoje sou advogado da estrada de ferro. O senhor pagou tudo pra mim. Tudo o que fizer pelo senhor, é pouco, Doutor. O senhor sabe que eu não tive pai, nem mãe. Eu sei onde eu nasci e onde as freiras foram me buscar. Eu nasci na zona, Doutor. E o senhor me tirou de lá para ser um homem.

DIOMEDES: Jesus Cristo nasceu numa estrebaria. Lincoln, o grande Abrahão Lincoln, nasceu na cabana de um lenhador. Onde a gente nasce não importa, Bené. Onde a gente vai depois de morto é que são elas. Entre a morte e a vida se estabelece a vida do dia a dia. É aí que o homem mostra o que é. Não podemos pedir desculpas dos erros que não praticamos. Assim como não se pode pedir vantagens sobre coisas que não ousamos. Tudo tem seu preço justo.

BENÉ: Eu sei, o senhor me fez ver.

DIOMEDES: Você fez tudo o que eu pedi, não foi, Bené? E agora, eu vou te pedir uma coisa que você vai estranhar. Mas não discuta. É assim mesmo que tem que ser. Você vai duvidar, mas vai me fazer este favor. Antes de você ir buscar a besta do Faustino da rádio, eu quero que você... (*TOCA O TELEFONE*)

O Diomedes e Bené seguem falando baixo, enquanto Arminda vem atender. Ela já está vestida com a roupa do jantar. Sobriamente elegante, em cinza e branco.

ARMINDA: Alô... Sou eu... Ah, Zildinha. Quanto prazer em falar com você. Como vai indo? Nós estamos esperando, sim. A hora que vocês quiserem. Venham cedo, pra nós conversarmos.

Bené e Diomedes cochicham.

BENÉ: Mas, Doutor Diomedes. Depois de tudo o que eu consegui fazer?

DIOMEDES: Confie em mim. É a coisa certa a ser feita.

ARMINDA: Zildinha, vai ser um prazer muito grande ter você aqui em casa conosco. Você veio uma vez aqui com sua mãe... Era um bebê... Mas eu não esqueci de você. Bom, vem o Doutor Samir, porque o Diomedes não está muito bem. O Padre Palma que eu sei, é muito amigo de vocês. Não é roupa de festa não. Venha como quiser. Ah, eu sei disso... Sei... Pois é mesmo. Vai ser um prato cheio para os jornais e a rádio. Mas nós somos primas e eu fui muito amiga de sua falecida sogra, a Maria do Carmo. Era amiga de Diomedes também. Os avós eram compadres. Que escrevam o que quiserem, nós não temos nada a ver com isso, Zildinha. Política é com os homens, nós temos outras coisas para falarmos. Eu espero... Um beijo.

108

Vem Felizberta com últimos preparos para a mesa.

FELIZBERTA: Bom, para meu gosto está uma mesa mais que bem arrumada.

ARMINDA: Agora, vamos colocar todas as flores, por toda a sala. Aquelas que o Bené trouxe.

Diomedes na varanda se despedindo de Bené, que sai.

DIOMEDES: Arminda!

ARMINDA: O que foi?

DIOMEDES: Quem te telefonou?

ARMINDA: Zilda.

DIOMEDES: O que ela queria?

ARMINDA: Perguntar qual era a roupa que devia vestir.

DIOMEDES: Você acha que eu posso fumar um charutinho?

ARMINDA: Não, não acho.

DIOMEDES: Nem no dia mais importante da minha vida?

ARMINDA: Nem neste dia.

DIOMEDES: Se eu sou a raposa, você, Arminda, é a onça.
Vou mudar o cognome desta nossa casa, para
a toca da onça. Em sua homenagem.

*Blackout. O relógio bate as oito
badaladas e toca a Marselhesa.*

CENAS

A luz se acende. Samir vira um copinho de cachaça.

109

DIOMEDES: Oh, turquinho pra beber cachaça! Posso tomar uma, Arminda?

ARMINDA: Seu médico está aí, pergunta para ele.

DIOMEDES: Posso?

SAMIR: O senhor pergunta do jeito errado. A pergunta certa é: devo?

DIOMEDES: Pois eu acho que devo. Samir, hoje é um grande dia na minha vida. Hoje eu começo meu diálogo com a oposição. Você entende o que isso significa na carreira de um político que tem mais de cinquenta anos de ação. Cinquenta anos sem nunca ter pisado fora da risca. Sem nunca ter mijado fora do caco. Sem nunca ter posto um pé na linha do inimigo. Devo eu beber, uma cachaça deste tamaninho? Pois eu digo que sim. Devo beber sim, porque hoje eu quero falar bobagens e dizer coisas que eu nunca disse, que estavam paradas na minha garganta. Atenção: farei dois brindes antes que o adversário chegue aqui. Me dê um copinho, Felizberta!

FELIZBERTA: Posso, Dona Arminda?

ARMINDA: Fazer o quê...

Diomedes pega o copinho. Samir o serve. Primeiro pouco, mas pela insistência de Diomedes com o copinho esperando, acaba de encher.

DIOMEDES: Eu quero brindar: à minha mulher Arminda. Essa mulher que, nestes quase sessenta anos de vida comigo, tem se mostrado a melhor mulher que eu podia ter em toda a minha vida. Eu sei que eu nunca estive à altura desta decência, desta pureza imaculada. Eu sei. Pode existir melhor mulher que do que a Arminda! Mas no céu, só no céu. Eu te brindo, minha amada, e peço desculpas por tantos maus momentos que a fiz passar. E por tantos ainda que te farei passar. Por que estou velho, mas não morto. Desculpe, Arminda, do que se passou e do que ainda vai se passar. Um brinde, meu amor.

Samir bate palmas. Diomedes dá um beijo em Arminda e bebe seu copinho com devoção. Samir abraça Arminda e beija sua mão. Felizberta bebe a cachaça e abraça Arminda.

110

DIOMEDES: E agora o segundo brinde. Eu quero brindar uma coisa que a Arminda quer há muito tempo. O fim da minha carreira política! Arminda sempre quis que nós fôssemos morar na nossa fazendinha. Aquela que eu batizei com o nome de Elba, porque Elba foi o exílio de Napoleão. Eu decidi... Me dá mais um copinho... *(BEBE)* Depois do jantar desta noite, depois de eu ter acertado meu destino final na política, nós vamos descansar em Elba, até o fim de nossos dias. Um brinde a Elba, o último refúgio deste Napoleão caipira.

SAMIR: Boas palavras. *(BATE PALMAS)* Boas palavras.

ARMINDA: Eu nem acredito. Será que foi o copinho de cachaça?

DIOMEDES: Um homem velho como eu, assim senatorial, tem que saber a hora de parar. Hoje eu pensei muito. Dormi, sonhei até com a minha vida. Eu quero dar milho pras galinhas. Quero perder tempo olhando formiga carregando as coisinhas pro cupim. Quero criar abelhas e tirar mel. Quero comer torresmo todos os dias. Eu vou comprar um alambique maior, e fazer cachaça para vender. Vou comprar um espremedor de cana, pra fazer garapa, que eu gosto demais. Vou tomar só garapa, viu, Arminda? E vou plantar, colher, secar e fazer meu próprio fumo. Mas só para os amigos, porque como todos já sabem, eu larguei de fumar.

SAMIR: Eu acabo de perder um cliente.

FELIZBERTA: O Padre Palma está aí.

DIOMEDES: Samir, você disse que vai perder um cliente e o Padre aí acha que pode ganhar um. Ele está sempre pronto para uma extrema-unção.

ARMINDA: Bate na boca, Diomedes.

DIOMEDES: (*BATE*) Está batido.

PALMA: Cheguei tarde?

ARMINDA: Não, nossos convidados ainda não chegaram todos.

ARMINDA: Quer tomar uma pinga, Padre?

PALMA: Aceito.

DIOMEDES: A igreja está modificada mesmo, não é? Quem vê o Padre Palma, de calça americana e camisa esportiva, de keds, tomando cachaça, é capaz até de pensar que é um playboy da cidade. E podem pensar que até na zona ele vai.

ARMINDA: A bebida já subiu, Diomedes...

DIOMEDES: Me disseram isso, mas eu não acreditei. Padre na zona é demais pra qualquer conta.

PALMA: Pois devia ter acreditado. Eu não só fui lá, como tenho ido e irei lá, pelo menos duas vezes por semana. Aliás, tenho me encontrado com Doutor Samir lá.

DIOMEDES: Arminda, é melhor você entrar e levar a Felizberta, porque a conversa não está pra mulher hoje aqui.

SAMIR: Doutor Diomedes, o Padre Palma e eu estamos fazendo um trabalho de educação e saúde na zona do meretrício. O senhor deve saber que aquilo está em extinção!... Por causa da Aids.

DIOMEDES: Eu sempre pensei que Aids era coisa de perobo.

SAMIR: Não, está atingindo a todos.

PALMA: É uma tristeza.

DIOMEDES: Doença do pecado. Será que o senhor não vê nisso um recado de Deus? Um sinal? Não vê, Padre? Essa sodomia e gomorra de hoje em dia tem que acabar. Nunca ouvi tanto menino falando fino e tanta menina falando grosso. Já não se sabe mais quem é homem e quem é mulher. No meu tempo de juventude, perobo era uma raridade. Homem com trejeitos femininos não existia.

Hoje em dia tem perobo em quantidade suficiente até pra eleger um candidato perobo. Mas eu não conheço candidato perobo nenhum. Só se for muito dissimulado. Mas Padre, olhando o senhor assim todo moderno, eu fico pensando que a igreja está mudando tanto... Que qualquer dia o santo papa vai aparecer de short tomando banho de mar. Ou então apresentando os filhos e os netos para a sociedade mundial. Eu sou é do tempo do latim... Memento homo, que pulvis est et pulvis reverteribus.

PALMA: Lembra-te, homem, que és pó e ao pó retornarás. O senhor já pensou nisso, Doutor Diomedes?

DIOMEDES: Não só pensei, como agi isso. Eu vou me retirar da política, Padre. Hoje eu quero confraternizar com a oposição. Não vou ser eleito mesmo. Meu partido me abandonou. Todos estão passando para o lado do Albertinho Maranhão. Eu sou uma antiguidade. Ele é uma novidade. O melhor que eu posso fazer é dar uns conselhos para ele, já que vai ser eleito mesmo. O Padre Palma ao que parece também está com o Albertinho.

PALMA: Eu acho que ele tem boas ideias.

DIOMEDES: Digamos melhor: ele tem ideias parecidas com as suas, não é, Padre? Me diga uma coisa, com que mão o senhor come?

PALMA: Com a direita.

DIOMEDES: E enquanto o senhor come com a direita, o que faz a esquerda.

PALMA: Não sei o que o senhor está querendo dizer com isso.

DIOMEDES: Acho que hoje em dia, dentro de um Padre tem sempre um comunistazinho, como um capetinha, sempre disposto a dar umas ideias. Mas acho, esse capetinha está a solta por aí. Eu também já fui tentado por esse capetinha. Andei pensando. Já fui liberal, já fui republicano. Já fui galinha verde, até meio facistão. E hoje, eu quero ser democrático... Para mim a democracia se define da seguinte forma. No Brasil a democracia vai até o dia da eleição do político. Até o dia da eleição, o povo é o princípio e o fim de todas as coisas. Mas, no dia da posse dos eleitos, a democracia começa a cair de cima para baixo, e os eleitos fazem exatamente o que querem para salvar a lavoura deles. E quem está em cima manda, e quem tem juízo e está embaixo obedece. Como sempre foi e será. Abra bem os ouvidos, Padre Palma... A única solução para o Brasil e o mundo é sem dúvida o socialismo. O socialismo honesto, ao qual eu pretendo aderir. Bom, isso não que dizer que vocês podem mandar arvorar uma bandeira vermelha na porta de minha casa. Mas é o meu glasnote aqui. Agora somos três: o Reagan, o Gorbachev e o Diomedes.

PALMA: Até as pedras mudam.

DIOMEDES: Não me ofendo por me chamar de pedra. Quando, na margem do lago de Genesaré, Jesus escolheu seus primeiros discípulos, Simão e André, os dois irmãos pescadores, o Cristo olhou nos olhos de Simão e disse: “Tu serás pedra.” E Simão assustou-se e disse: “Mas rabino, como poderei me chamar pedra? Nenhum homem antes de mim se chamou pedra. Pedra não é nome de gente.” Preste atenção, Felizberta, a esta passagem do Evangelho, e traga uma cachaça para mim. O que Simão disse ao Cristo era verdade. Ninguém até aquela data tinha se chamado pedra. *(BEBE)* Mas Jesus disse ao pescador: “Tu és pedra, e sobre esta pedra construirei minha igreja.” Isso faz dois mil anos, e o Padre Palma só está aqui porque Simão virou a pedra fundamental da igreja e foi o primeiro papa. Portanto, não me ofendo que me chame de pedra. Mas eu nunca fui pedra como Simão. Eu fui apenas um pedregulho do poder. E sobre este humilde pedregulho que sou eu, muita gente se fez. Este pedregulho já calçou muita gente. Só que agora cansei de rolar. Vou parar. Vou encontrar meu lugar, criar limo. Vou pra fazenda Elba que nem Napoleão, acabou-se a Toca da Raposa. Hoje é o último dia. Liquidação geral. Aproveitem a raposa está agonizando.

PALMA: Então o senhor vai ser socialista e democrático, Doutor Diomedes?

DIOMEDES: Pensei muito... Acho que o mundo precisa de mais igualdade. Os ricos estão muito ricos e os pobres, miseráveis. Não é o mesmo que pensa o Albertinho Maranhão?

PALMA: Ele é um democrata.

DIOMEDES: Democrata, que foi presidente da União Nacional dos Estudantes? Durante o governo militar? É um pouco mais que democrata, não é, Padre?

PALMA: Não conheço nada acima da democracia, Doutor.

DIOMEDES: Deus não está acima?

PALMA: O senhor tem razão... Deus está acima da democracia.

DIOMEDES: E ainda bem que é Deus. Já imaginou se fosse o diabo?

Campainha da porta toca. Correria de Arminda e Felizberta.

DIOMEDES: Deve ser o Albertinho... Pois é, Padre, uma raposa está morrendo e outra vem aí nascendo: Alberto Maranhão.

*Da porta vem Albertinho e Zilda com Arminda.
Zilda traz flores brancas e rosas vermelhas.*

ZILDA: Eu trouxe as flores, mas a senhora já tem tantas.

ARMINDA: Mas as suas são as mais lindas, meu bem.
Vou colocar aqui no melhor local.

ALBERTINHO: Mestre Diomedes.

DIOMEDES: Não sou mestre de ninguém. Sou um velho doente, só isso. Conhece o Doutor Samir? Ele está aqui para uma emergência. Ele acha que eu posso morrer a qualquer momento. Opinião dele, não é?

ALBERTINHO: Eu conheço o Doutor Samir de nome e conheço o trabalho dele. Eu o acho uma pessoa preciosa para esta cidade. Eu preciso de gente assim junto comigo para aprender o que fazer como político. Preciso do senhor também, Doutor Diomedes, porque o senhor é o mestre e eu o discípulo. Eu tenho muito o que aprender com o senhor, embora estejamos em lados absolutamente contrários nestas eleições.

114

DIOMEDES: O senhor quer saber o que penso sobre os dois lados das ideias? Com toda a honestidade? Conhece Felizberta? Ela trabalha aqui com a gente há oito anos... Felizberta, diga ao Albertinho... Posso chamá-lo assim?

ALBERTINHO: É claro.

DIOMEDES: Pois diga aqui ao nosso Albertinho, o que eu acho que é política. Diga a ele.

FELIZBERTA: O senhor sempre diz que política é a arte de conviver com o adversário.

DIOMEDES: Está aí na boca neutra de Felizberta.

ALBERTINHO: Acho que, nesse ponto, nós concordamos. Pelo menos em teoria.

ARMINDA: E vamos sentando à mesa, senão a comida passa do ponto.

DIOMEDES: E o patão não pode passar do ponto.
Gosta de pato, Albertinho?

ALBERTINHO: Gosto muito.

DIOMEDES: Eu sabia...

ALBERTINHO: Sabia como?

DIOMEDES: Segredos políticos. Mas este jantar tem um grande significado para mim. Eu vou pendurar a chuteira. Vou pra Elba, a minha fazenda. Política para mim, nem pelo rádio, nem pelo jornal. Vou criar galinhas, patos e perus, vou criar abelha, vou criar formiga. Vou tirar leite de vaca. Vou caçar passarinho, brincar com cachorro, andar a cavalo. Adeus política, quem vier fará... Albertinho, senta aqui, para a gente conversar melhor. Mas esse jantar está tão importante, Padre, que está parecendo a Santa Ceia... A Última Ceia.

Blackout. No escuro, vozerio do jantar.

CENA 9

Luz acende. Albertinho conta uma história.

115

ALBERTINHO: Daí, meu pai olhou pra mim e disse: “Beto, uma coisa você vai me prometer. Um dia você vai ser candidato à Prefeitura, para derrotar o Diomedes. Eu tentei três vezes e não consegui. Você promete que faz isso por mim?” E eu prometi solenemente.

DIOMEDES: E seu pai, depois deste pedido?

ALBERTINHO: Morreu...

DIOMEDES: Morreu?

ALBERTINHO: Pois é, morreu. Foi seu último pedido.

DIOMEDES: Arminda, dê mais um licorzinho para o Betinho... E outro para mim... Você se importa se eu o chamar de Betinho?

ALBERTINHO: O senhor pode me chamar do jeito que quiser. Eu até registrei Albertinho, Beto, Betinho. Pode ter voto nestes nomes.

DIOMEDES: Betinho... *(BEBE)*

ARMINDA: Diomedes... Chega... Vai falar bobagem.

DIOMEDES: Não vou, não... Betinho, eu quero dizer aqui na frente de testemunhas, que eu acho que você tem muito talento para política.

ALBERTINHO: Muito obrigado, Doutor Diomedes. Eu também acho a mesma coisa do senhor.

DIOMEDES: Isso não foi pra rasgar sedas não. Eu estou falando sério. Não é porque bebi três copinhos de bebida...

ARMINDA: Nove...

DIOMEDES: Nove? Bom, hoje é um dia de festa... Eu sempre andei de olho em você. Achei que, um dia, você podia passar para o meu lado. O seu falecido pai, apesar de pessoa muito responsável, como político era medíocre.

ALBERTINHO: É, eu acho que meu pai só tinha boas qualidades. Um político assim não podia ter tido sucesso naqueles tempos. Era preciso ser um pouco mais malandro.

DIOMEDES: *(RI)* Ele está me chamando de malandro... Mas ele, pelo jeito que jogou este argumento, é malandro também... Betinho, você não puxou o talento político do seu pai. Isso mesmo, porque ele não tinha talento algum. Nunca tive medo do Doutor Lúdrico. Mas, com você, a coisa é bem diferente. Uma raposa sente o cheiro de outra bem de longe. E eu senti isso de você, desde que você era um garotinho. Eu logo vi em você, quem é que você podia chegar a ser.

ALBERTINHO: E o que é que eu posso chegar a ser?

DIOMEDES: Muito mais do que eu fui. Você pensa que eu estou brincando quando digo que acompanhei a sua vida? Eu vou te mostrar. Samir, me pega na gaveta do aparador uma pasta amarela...

*Samir pega e passa até chegar em Diomedes,
que a coloca em cima das pernas.*

DIOMEDES: *(TIRA UM RECORTE DE JORNAL DA PASTA)* Olha: “Presidente da UNE declara: mesmo nas sombras continuamos organizando a resistência.” Olha aí sua carinha, aqui no jornal. *(PASSA PARA ELE)*

ALBERTINHO: Onde conseguiu isso? No SNI?

DIOMEDES: Saiu no jornal e eu recortei. Tem mais essa, e essa daqui. Tudo notícia sobre você.

ALBERTINHO: O que é isso, uma tentativa de ameaça? O terror acabou, Doutor Diomedes. E depois, todos sabem de meu passado político.

DIOMEDES: Mas ninguém sabe como eu sei. Olha, eu não gostava do teu pai, não. Sua mãe era diferente. Maria do Carmo era bem diferente. Não é mesmo, Arminda?

ARMINDA: É verdade. Diomedes se dava muito bem com sua mãe. Antes de se casar comigo foi até namorado dela.

DIOMEDES: E você foi namorada do Lúdrico, o pai do Albertinho... Mas os dois já morreram e vamos respeitar as memórias. Mas eu sempre gostei muito de sua mãe e dizia a ela: “Esse menino vai longe...” Raposa cheira raposa. *(TIRA UMA MEDALHA)* Olha aqui, olha o que está escrito na medalha. *(PASSA PRA ELE)*

ALBERTINHO: *(LÊ)* “Alberto Maranhão, honra ao mérito.” Esta medalha, deixa eu ver...

DIOMEDES: Você ganhou na escola. Na quarta série do ginásio, quando passou em primeiro lugar. Sua mãe ficou tão orgulhosa... Eu guardei para você.

ALBERTINHO: Eu não entendo por que guardou uma coisa destas.

DIOMEDES: Eu acho que, se bem me lembro, eu pedi para sua mãe me dar. Eu estava sentindo falta de meu filho, que tinha morrido.

ARMINDA: Você nunca me disse que sentiu falta de Antoninho.

DIOMEDES: Mas senti. Amarrei o coração, mas senti. Desviei o sentimento para você, Betinho. Foi isso... Eu quero que saiba que chamei você para jantar, aqui na presença do Padre Palma, que eu sei que pensa igual a você, e na presença do Doutor Samir, que pode te ajudar muito... Na presença da Arminda, minha mulher, essa santa... Na presença de sua mulher, essa linda criança... Eu chamei todos aqui, porque a raposa está morrendo. Está abandonando a toca. E eu preciso legar o herdado... Achei que você, meu filho, é meu herdeiro político.

ALBERTINHO: Olha, eu não sei o que é que o senhor está aprontando. Não sou raposa, mas sinto o cheiro das armadilhas. O que é que o senhor quer de mim, na verdade? Por que tanto elogio? O senhor sempre foi das velhas oligarquias. Um homem de um passado autoritário. Sempre conviveu com a pior política. E agora quer passar isso para mim? Eu não sou lata de lixo, Coronel Diomedes. Porque é assim que todos os chamavam no passado. O senhor é o herdeiro das piores tradições políticas do país. Eu sou um político com uma nova ideia. Não é fácil o senhor me passar a sua herança, porque essa herança é uma herança de coisas péssimas.

ZILDA: Betinho, por favor, sem brigas. Eu acho que o Doutor Diomedes está querendo apenas ajudar você.

ALBERTINHO: Ajudar, por quê? Por que sentiu que eu podia tomar o lugar do filho dele? O filho dele foi um herói da resistência estudantil. A senhora deve se orgulhar dele, Dona Arminda. É uma memória cultuada pelos estudantes daquele tempo. Seu filho foi muito melhor do que eu. Eu sei que o senhor ainda tem um eleitorado. Com o seu apoio eu seria eleito mais facilmente. Isso mesmo, porque, se o senhor renunciar à sua candidatura, o seu partido fica do meu lado. Mas eu não quero seus votos, não. Eu quero os meus votos. Eu não quero ofender o senhor, Doutor Diomedes, mas o senhor disse que a política é a arte de conviver com o adversário. Eu acho que é verdade. Mas eu penso que a política também é não conviver com certo tipo de adversários que só nos trazem lembranças de um passado de sangue, de tortura. Eu sou um garoto ainda, mas já fiz muita política.

ARMINDA: Quer mais um licor, Zilda?

ZILDA: Eu acho melhor a gente ir conversar ao lado. Sabe, Dona Arminda, eu acho que os homens não se entendem com facilidade, mas nós mulheres podemos nos entender. Eu sempre admirei a senhora como primeira-dama desta cidade. A sua simplicidade, a sua simpatia para com todos. Principalmente com os pobres. Nós somos primas e quem sai aos seus não degenera. Quero ser igual à senhora. Se o Betinho for eleito Prefeito, eu quero ser uma primeira-dama pelo menos no caminho do que a senhora sempre foi. A senhora me ajuda?

Arminda levanta-se emocionada e abraça Zilda.

ARMINDA: Claro que eu ajudo, minha filha. Claro que eu ajudo você. Eu estarei ao seu lado quando você precisar de mim. Porque a política para nós, mulheres, traz poucas alegrias e muitos sofrimentos. Mas nós somos mulheres e servimos ao homem, que serve a Deus. Não é assim que aprendemos desde o catecismo? Você vai ser uma verdadeira primeira-dama. Uma como antes não existiu por aqui. A mais linda e a mais inteligente.

DIOMEDES: Não mais do que você foi. Não mais do que você, Arminda. Nem tanto quanto você. Até nisso o Albertinho tem sorte. Tem uma mulher inteligente, bonita e de boa raça. O que o senhor acha dela, Padre Palma? O senhor que não vê a mulher com os olhos do pecado.

PALMA: Eu acho que Dona Zilda é uma das pessoas mais caridosas que eu conheço. Uma cristã que optou pelos pobres. Como Dona Arminda, exatamente como Dona Arminda. Se fossem mãe e filha, não seriam mais parecidas.

DIOMEDES: E você Samir, o que acha de nossa Zilda?

SAMIR: Minha mulher é amiga dela. Estamos sempre juntos. Aliás, minha mulher, por causa dela, vai dar seu voto ao Doutor Alberto. Me desculpe, Doutor Diomedes, mas é a verdade.

DIOMEDES: Eu não digo que é verdade? Eu não digo que Deus faz as coisas na medida? Todos estão com ele, e ela com ele. Você não vê, Arminda, são como nós na juventude. Quando eu comecei, eu era como ele, queria mudar tudo. Você lembra, tão igual? A história está se repetindo na nossa frente. *(PÕE A MÃO NO CORAÇÃO)* Eu não estou me sentindo bem, e estou me sentindo ótimo. Zilda, menina, você disse coisas certas. Quem sai aos seus não degenera. Você, Betinho, tem nojo dos meus votos, porque eu fiz a política das mãos sujas. É verdade, eu fiz mesmo. Mas também é verdade que, com isso, eu construí o hospital municipal e quem estava morrendo no meio da rua foi morrer num leito, mais confortável e mais devagar. Eu instalei uma faculdade, e Doutor Samir é um médico formado nela, e é útil até para o senhor. Eu saneei a região. Trouxe indústria para dar emprego. Usei meu prestígio político pra trazer bancos e construir um aeroporto. Eu dei minha vida por esta cidade e você vem me jogar na cara essas miúças. Sabe lá você o que se passa dentro de mim? Não sabe e nem pode saber. Me critica porque eu servi aos governos errados. E quais são os certos? Eu molhei a mão no caldo porco da corrupção. Nem tanto... Nem tanto. E você, garoto, que diz ser marxista, devia acreditar no que ele disse de fundamental sobre o capitalismo. A corrupção é inerente a este sistema. O que é que você quer que eu faça? Que mande implodir todas as obras que eu fiz? Você tem ideia sobre meus sonhos? Sobre o que gosto e não gosto? Não, não tem, mas eu tenho de você, meu garoto. Você, raposa nova, que ainda molha o rabo nas poças de água. Você precisava saber muito mais. Mas eu gosto que você seja assim, teimoso e desconfiado. Eu já fui teimoso e desconfiado, na sua idade. Você quer saber, lá bem no fundo, porque eu quero te dar meus votos?... Pois bem, eu vou te dizer.
(APANHA NA PASTA UMA FOTO)

ALBERTINHO: Sou eu, no time de futebol da escola.

DIOMEDES: *(PASSA OUTRA)* Tem mais.

ALBERTINHO: Eu e minha mãe, eu devo ter uns quatro ou cinco anos...

DIOMEDES: Quatro anos e três meses.

ALBERTINHO: Por que tudo isso? Eu não estou entendendo.

DIOMEDES: Então, entenda de uma vez. *(JOGA DOIS SAPATINHOS DE LÃ NA MESA NA FRENTE DE ALBERTINHO)* Entenda!

ALBERTINHO: O que é isto?

ZILDA: Sapatinhos de bebê.

ALBERTINHO: De quem são?

DIOMEDES: Seus, é claro! Eu o segui como quem segue um filho. Depois que meu filho morreu, eu segui você à distância.

Albertinho enfia os dedos e pega um papel dentro do sapatinho. Lê.

DIOMEDES: O que foi que você encontrou aí? Passe para cá, isso não é seu!... Me de isso já!...

120

ALBERTINHO: *(ABRE, LÊ; FICA ESTARRECIDO, IMOBILIZADO)* Não acredito.

DIOMEDES: *(TOMA OS SAPATINHOS E O PAPEL DA MÃO DELE)* Você acha que seu talento político veio de onde, de quem? Daquela besta medíocre que foi o seu pai? Não, é claro que não. O velho Lúdrico não tinha talento algum. Hoje é o dia do fim dos segredos. Arminda, me perdoa. Arminda, me perdoa.

ZILDA: *(PEGA DA MÃO DE DIOMEDES, O PAPEL DO SAPATINHO, LÊ)*
“Eu e o nosso querido filho, Maria do Carmo.”

ARMINDA: Pelo amor de Deus. Me diga que não é o que eu estou pensando! Não é! Não é! Não pode ser!

DIOMEDES: Desculpe, Arminda. Mas é mesmo a verdade. Eu não podia morrer com isto amarrado no coração. Betinho, foi de mim que você herdou este talento político. Você está entendendo?... Eu sou seu pai.

ARMINDA: Eu não aguento mais, eu não posso respirar... *(DESMALIA)*

PALMA: Me ajudem a levar para o quarto dela... Rápido.

Albertinho está parado. Olhos no infinito. Não se move.

SAMIR: Não venham no quarto, por favor.

DIOMEDES: Pobre Arminda. Pobre mulher. Mas eu tinha que falar, antes de morrer... Você tem ódio de mim?

ALBERTINHO: De minha mãe.

DIOMEDES: Nós nos amávamos muito. Foi por isso que eu segui a sua carreira de político. Não tenha ódio de sua mãe, nós éramos jovens. Só dois jovens apaixonados. Depois resolvemos nunca mais estarmos juntos, mas você ficou como um elo entre nós. Quando meu filho morreu, eu fiquei ainda mais ligado em você. Era o meu filho vivo. E agora o destino aprontou esta tragédia ou comédia, sei lá.

ALBERTINHO: Eu sabia que mamãe tinha tido um namorado muito a sério, mas nunca pensei que fosse o senhor. Agora eu acho que sei porque papai e ela brigavam tanto, sem me deixar ouvir as brigas. Que ironia do destino. Eu sou filho do meu adversário de urna.

DIOMEDES: Eu não sou mais adversário, eu vou retirar minha candidatura e apoiar você, filho. Posso te dar um abraço?

ALBERTINHO: Claro...

121

Os dois se abraçam chorando. Vem Felizberta.

DIOMEDES: Como ela está, Felizberta?

FELIZBERTA: Está respirando melhor. Mas está chorando como uma criança. É de dar pena.

DIOMEDES: Coitada da Arminda. Eu não ia dizer nada, se não fosse o bilhetinho no sapatinho de bebê. Mas foi melhor assim. Eu sinto como se tivessem tirado uma pedra do meu coração. Não sei se seremos ao menos amigos. Mas eu quero ensinar a você tudo o que eu aprendi de política.

ALBERTINHO: Eu sempre o admirei muito. Não penso igual e nem pensarei, mas entendo a sua posição política. Eu não sei o que fazer. Não sei mesmo.

Diomedes abraça forte Alberto e os dois ficam abraçados um tempo. Entram Bené e Alencar da rádio com equipamento de transmissão por telefone.

ALENCAR: Olha aí, a oposição e a situação se abraçando e chorando. Se isso não é notícia, nada mais é.

Bené bate uma foto e segue batendo outras.

DIOMEDES: Alencar, eu quero te dar uma notícia em primeira mão. Eu estou retirando a minha candidatura em nome de Albertinho Maranhão. Estou só apoiando Albertinho. Não quero cargo nem nada.

Alencar vai instalar o grampo no telefone para irradiar com microfone.

ALENCAR: Eu não vou nem mandar gravar. Eu vou passar isso pelo ar.

Vem Padre Palma de dentro.

122

PALMA: Ela está melhor. Mas está desesperada. Muito triste.

DIOMEDES: Eu também estou triste, mas estou no dia mais feliz da minha vida. Eu precisava contar isso para Albertinho e para Arminda. O mundo é muito triste. Só o amor traz alegria para este mundo. Só o amor, Padre. Mas penso que o senhor não possa entender de que tipo de amor estou falando.

Alencar ajeita tudo para a transmissão.

ALENCAR: Alô Machadinho, me bota no ar que eu tenho uma edição extraordinária. Me bota no ar agora... Já, estou na Toca da Raposa. E eu vou pensar em patrocinador agora? Me bota no ar... Vá se foder com seu patrocinador. Me bota no ar, senão te ponho na rua. Diomedes e Albertinho, venham até aqui porque o fio não chega até aí. Alô. Me põe no ar, desgraçado. Ouvintes da Rádio Cultura Metropolitana, quem vos fala é Faustino Alencar, para uma notícia de última hora, um verdadeiro furo da Rádio Cultura, que vai interessar a todos os cidadãos de Santo Antão. Eu estou transmitindo diretamente da Toca da Raposa, a casa que já ficou famosa aqui na cidade, onde reside o nosso amigo, Diomedes da Cunha. Que vai falar a vocês.

DIOMEDES: Ao povo desta terra que eu respeitei sempre, durante anos de carreira política, eu quero dizer que eu ia fazer um esforço muito grande para governar esta cidade, e sem dúvida seria meu último mandato. Estou para deixar a política. Mas agora acho que o candidato da oposição, Senhor Alberto Maranhão, é realmente a melhor solução para a cidade. Por isso eu faço agora a minha despedida e meu testamento político, deixando tudo a este moço, que eu quero como um filho. Como um verdadeiro filho.

ALBERTINHO: *(TOMANDO MICROFONE DAS MÃOS DE DIOMEDES)*

Senhores e senhoras, aqui quem fala é Alberto Maranhão e eu... Me desculpem, estou muito emocionado com tudo que está acontecendo...

Bené com o Padre Palma. Com papel.

BENÉ: Está aqui o registro da urna do menino Antoninho. Está num túmulo. E tem uma placa: “Para Antoninho, homenagem de seus pais Diomedes e Arminda.”

PALMA: Que mudança. Isso foi, sem dúvida, um ato divino.

ALBERTINHO: Eu preciso falar, mas não consigo. Eu sei que tenho o apoio do meu partido para tomar decisões, mas a decisão que eu quero tomar é muito grave. Mas acho que é a grande solução para o governo da cidade. Não é o Doutor Diomedes quem vai retirar a sua candidatura. Ele fez muito por esta cidade. Eu acho que falta a ele a visão dos novos tempos, mas isso um vice jovem como eu pode completar. O que eu proponho: a união das chapas e um candidato único. Doutor Diomedes e eu, Alberto Maranhão, como vice. O senhor aceita, Doutor Diomedes?

DIOMEDES: Não, não posso aceitar. O seu partido talvez não queira a minha presença.

ALENCAR: Bem, eu acho que seria uma composição que agrada gregos e troianos.

DIOMEDES: Se eles quiserem, eu aceito governar a cidade com este rapaz que eu adoro. Assim, talvez a experiência deste velho possa ajudar a completar a competência deste menino de ouro da política de Santo Antão.

Vem Zilda.

ZILDA: Dona Arminda está melhor.

ALBERTINHO: Doutor Diomedes vai ser candidato a Prefeito e eu serei o vice. Ninguém vai ganhar de nós. É o passado e futuro reunido no presente.

DIOMEDES: (*FALANDO À RÁDIO*) Eu já estava preparado para parar. Mas não posso. Tenho a última chance de corrigir alguns erros de minha vida. Quero avisar que o corpo de meu filho Antoninho repousa agora numa campa de nosso cemitério. Amanhã teremos uma cerimônia fúnebre com a presença dos amigos dele e da família. Ganhei de volta dois filhos num só momento. O meu filho morto pela cruel repressão dos anos negros, e Albertinho Maranhão a quem sempre quis como um verdadeiro filho. Tenho um filho morto na alma e outro vivo ao meu lado, e juntos governaremos esta cidade, sem dúvida.

BENÉ: (*COM UMA MÁQUINA FOTOGRÁFICA*) Um abraço. Um abraço.

*Blackout. Relógio bate as dez da noite. Marselhesa.
Diomedes dormita na sala. No rádio repetição da entrevista.*

124

CENA 10

Luz. Entra Arminda jovem, vestida muito elegantemente. Cobre os olhos dele com as mãos.

DIOMEDES: É a moça mais linda de Santo Antão.

ARMINDA: Diga o nome, eu quero ouvir o nome.

DIOMEDES: Começa com “A”.

ARMINDA: (*RI*) Acertou, mas e o nome inteiro?

DIOMEDES: Termina com “A”.

ARMINDA: Está esquentando.

DIOMEDES: Arminda.

ARMINDA: Acertou, meu amor... Você vai mesmo falar com papai?

DIOMEDES: Amanhã, sem falta.

ARMINDA: Meu pai disse que você nunca será político. Ele disse que você faz tudo trocado. Que fala quando é pra calar e cala quando é pra falar.

DIOMEDES: Seu pai não conhece a nova política, a política das raposas. Que falam quando calam e calam quando falam.

ARMINDA: Em que você está pensando agora, meu amor?

DIOMEDES: Não sabe?

ARMINDA: Sei e aposto um beijo.

DIOMEDES: Está aceita a aposta.

ARMINDA: Você está pensando em Maria do Carmo.

DIOMEDES: Por que ia pensar nela?

ARMINDA: Porque você gosta dela e ela de você. Ela mesma me disse.

DIOMEDES: Mas eu só gosto de você. Isso ela não disse?

ARMINDA: Se fosse verdade, você não tinha tido um filho comigo que morreu na rua como um cão danado... E um filho com ela, que é seu companheiro político agora.

DIOMEDES: Amor, isso é como é.

ARMINDA: Eu vou sumir da sua vida. (*CHORA*) Eu nunca mais vou aparecer nos seus sonhos. Você me matou dentro de você e dentro de mim...

DIOMEDES: Pensando bem, não daria certo. Eu tão velho e você tão jovem.

ARMINDA: Diomedes, não me siga nem na morte. Nem na morte.

DIOMEDES: Mas eu mandei enterrar Antoninho num túmulo com o nosso nome com o dele. Eu assumi o meu filho morto.

ARMINDA: Por que quer um filho morto mesmo antes dele nascer?...

DIOMEDES: Porque a gente pode aproveitar um filho morto nas emoções e mesmo na política. Eu trouxe os restos de volta, e isso eu aproveito, porque faço uma média com a esquerda.

ARMINDA: Quero morrer e ser enterrada junto com meu filho no mesmo túmulo.

DIOMEDES: Não morra, Arminda, não vale a pena.

ARMINDA: Eu nunca mais voltarei aos seus sonhos...

DIOMEDES: Não vá, não vá. Arminda, pelo amor de Deus, não vá!!!

Luz muda. Desaparece Arminda jovem.

CENA II

*Vem Arminda andando devagar até
Diomedes, que acorda assustado.*

DIOMEDES: Meu amor, o Doutor Samir disse que...

ARMINDA: Tantos anos. Uma vida... Você nunca me falou.

DIOMEDES: Amanhã, vamos fazer a cerimônia de
Antoninho. Você gostou da ideia?

ARMINDA: Serviu para eu não morrer de tristeza. Tantos
anos, na mentira. Por que você não falou?

DIOMEDES: Claro que eu não falei e nem podia falar...

ARMINDA: Viver na mentira o tempo todo.

DIOMEDES: Mentira que nada, Arminda. Mentira que nada, eu moro
na Toca da Raposa, portanto, eu sou a raposa que mora
na toca. Eu vou te dizer por que eu nunca te contei que o
Albertinho era meu filho. Foi porque não é verdade.

ARMINDA: Não adianta mentir mais. Os retratos,
os recortes o sapatinho de lã.

DIOMEDES: Trabalho do Bené. Aliás, ele merece ser Secretário
da Justiça por este trabalho. Não será esquecido.
Caprichou, buscar até o sapatinho dele.

ARMINDA: Não acredito em você. E o bilhete?

DIOMEDES: Sei lá... Devia ter sido dado ao Lúdrico. Você não reparou que não tem o nome de ninguém? (*GARGALHA*) Imagina se o filho do Lúdrico ia me passar a perna na minha última oportunidade de ser Prefeito desta cidade. Nunca. Ele veio na Toca da Raposa e a história virou. Agora, está na minha chapa. Os bundudos da Aliança Liberal e os canalhas do meu partido estão me festejando agora. E ele nem desconfiou da ironia culinária. (*RI*)

ARMINDA: Que ironia culinária?

DIOMEDES: O patão... Um patão, para outro patão.

ARMINDA: Então, você mentiu tudo isso?

DIOMEDES: Arminda, eu estou velho. Vai ser meu último governo. Esse borbotas não ia me levar no bico. Eu levei ele no bico. E depois, a primeira-dama aqui é só você, meu amor.

ARMINDA: Mas você não avisou, eu podia ter morrido do susto. O Doutor Samir disse que eu poderia ter morrido.

DIOMEDES: Foi um risco que a gente teve que passar. Mas eu convidei o Samir por causa disso.

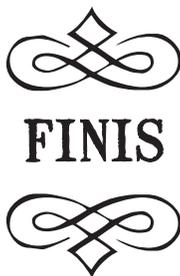
ARMINDA: E você diz que me ama?

DIOMEDES: Eu te amo, Arminda. Eu te amo mais que a qualquer outra mulher que eu possa ter tido na vida. Além de você, só tem uma coisa que eu amo ainda mais, a vida toda.

ARMINDA: É Deus? É Deus?

DIOMEDES: Não... É esta merda do poder.

Os personagens ficam estáticos, a luz muda e o relógio da sala toca a Marselhesa.





**A ÓPERA DE
TRINASSAU**

PRÓLOGO NO PALCO

ATOR Nº1: Este prólogo no palco, é para mostrar o quê?

DIRETOR: Esta roupa. Esta roupa foi feita para vocês três...

ATOR Nº2: E nós vamos caber todos nessa roupa aí?

DIRETOR: É, devem caber... Experimentem.

ATOR Nº3: Vamos ter que aprender a andar juntos, senão arrebenta a roupa.

DIRETOR: É isso, os três personagens têm que aprender a andar juntos, porque eles são um só. Eles são Nassau.

ATOR Nº1: Cada um de nós é um Nassau?

DIRETOR: Não. Cada um de vocês representa um papel que o Nassau fez na vida dele. Você representa o comandante militar – o general –, porque Nassau foi um eficiente Comandante militar. Você representa um administrador, um economista, porque esse foi o cargo que Nassau teve na Companhia das Índias para gerir o Brasil.

ATOR Nº1: E eu, finalmente...

DIRETOR: Você, finalmente, representa o ideal artístico de Nassau. Ele era, poderíamos dizer, um artista, gostava da arte, protegia os artistas.

ATOR Nº3: Pronto, estamos dentro da roupa.

ATOR Nº1: Mas eu não tenho mãos!

DIRETOR: É, você é o artista, e o artista é sempre prejudicado nas coisas práticas.

ATOR Nº2: Quer dizer que a ideia é um Nassau com três cabeças?

DIRETOR: Um Trinassau, pois a peça se chama...

TODOS: “A ópera de Trinassau”.

DIRETOR: Agora vamos começar a peça. Podem tirar a roupa para fazer os outros personagens. Todos em seus lugares. Montem o barco!

RANAS/CORO: *(CANTAM A MÃE PÁTRIA)*

RANAS: Nossa mãe pátria
É redonda e chata
De ouro e de prata

CORO: Lá lá lá lá lá lá lá
Nossa bandeira
É uma sujeira
É uma trapeira

CORO: Lá lá lá iá iá iá lá lá Lá lá lá lá lá

CORO: Lá lá

RANA.º1: Uma moeda pra você, outra pra você e
outra para mim. Não tem mais nada.

RANA.º2: Devemos atacar navios em vez de tabernas.
Navios têm arcas de joias e dinheiro.

RANA.º3: Então vamos guardar moedas e comprar um navio,
este barco está ficando pequeno para nós.

PIRATAS: Nossa mãe pátria
É redonda e chata
De ouro de prata

CORO: Lá lá lá
Lá lá lá lá iá lá iá lá
Nossa bandeira
É uma caveira
Feia e matadeira

CORO: Lá lá lá
Lá lá lá lá lá lá lá lá
Lá lá iá lá lá

CORO: Lá lá

PIRATA.º1: Esta arca é pra você, esta arca é pra você e estas
duas arcas são para mim, que sou o capitão.

PIRATA.º2: Abordar galeras e caravelas é um bom negócio,
mas acho que podemos aumentar nossos negócios.

PIRATA.º3: Os bons assaltos estão em terra. Precisamos mudar de tática.

CORSÁRIOS: Nossa mãe pátria
É redonda e chata
De ouro de prata

CORO: Lá lá lá
 Lá lá lá lá lá lá lá lá
 Nossas bandeiras
 São muito maneiras
 Breves passageiras

CORO: Lá lá lá
 Lá lá lá lá lá lá lá lá
 Lá lá lá lá lá

CORSÁRIO Nº 1: Aquela ilha é sua. Veja o que faz dela. Somos sócios de um grande país, mas temos que passar a perna neles.

CORSÁRIO Nº 2: Temos muito plantado lá, vou negociar a venda dos produtos da terra.

CORSÁRIO Nº 1: Lá está a zona da baía deste pequeno país. Deve dar bons lucros.

CORSÁRIO Nº 3: Muito bom, lá temos um bom movimento no porto, posso ganhar muito. Mas... Diga-me, capitão, por que não quis terra alguma nesta divisão?

CORSÁRIO Nº 1: Porque eu preferi ficar sócio da nação mais forte do mundo. Eu tomo as terras e luto por eles e eles me garantem sociedade nos lucros de todos seus negócios.

REPRESENTANTES DO CONSELHO: (*CANTAM NOSSA MÃE PÁTRIA*)

Nossa mãe pátria
 É redonda e chata
 De ouro de prata

CORO: Lá lá lá lá lá lá lá lá
 lá lá lá lá
 Nossa bandeira
 É da companhia
 De noite de dia
 Lá lá lá

CORO: Lá lá

1º EPISÓDIO

CHAIRMAN: Está aberta a sessão da reunião de decisões da Companhia das Índias Ocidentais.

SECRETÁRIO: Em nossa pauta consta em primeiro lugar a questão Brasil. Está aí fora o conde Maurício de Nassau Siegen, que é candidato ao posto de grande gerente dos nossos negócios no Brasil. Ele deverá ser questionado e o Conselho decidirá se ele está apto a exercer a função.

CHEFE DO CONSELHO: Pode mandar entrar o conde.

SECRETÁRIO: Pode entrar o conde Maurício de Nassau, o conselho o espera.

CHEFE DO CONSELHO: Sente-se, por favor, conde de Nassau.

ECONOMISTA: Como economista da Companhia queria perguntar ao conde de Nassau se acha que nossa empresa tem possibilidades de sucesso no Brasil?

NASSAU: Bem, eu nunca estive lá, mas ontem convidei à minha casa, muitos que lá estiveram: marinheiros, comerciantes, artistas. E pelo que ouvi acho que será um bom negócio para a Companhia.

SECRETÁRIO: O senhor disse que ouviu os marinheiros, o que é bom, porque vai ter que navegar até lá. Comerciantes, o que é bom, porque terá que saber de tudo que se pode negociar e produzir no Brasil. Mas o que é que os artistas têm a ver com isso?

NASSAU: Eles ficaram maravilhados com o lugar. A natureza é bela e os inspirou a muitas obras de arte.

SECRETÁRIO: E... Por quanto foram vendidas?

NASSAU: Na verdade, a preço vil, acho que fui eu quem pagou mais pelas obras.

CHEFE DO CONSELHO: Conde de Nassau, seu renome como comandante militar é sua grande recomendação. Sua habilidade política também o recomenda. Quanto às suas paixões pelas artes, creio que não possam atrapalhar seu trabalho e sua tarefa. O Conselho vai votar. Bola branca e bola preta.

(CANTAM A CANÇÃO DA ESCOLHA)

Nassau, Nassau, Nassau.
Será que é bom?
Será que é mau?

CHAIRMAN: Três bolas brancas, uma bola preta. Está decidido, o conde de Nassau é o novo gerente da Companhia para o Brasil.

TODOS: Aleluia, aleluia, aleluia!

(CANTAM O CANTO DO HABEMUS)

Habemus manager
ín terra brasílis
habemus capo
ín Pindorama
habemus, habemus, habemus.

134

TODOS: Amém

2º EPISÓDIO DESPEDIDA

Adeus, Adeus, Nassau,
Tchau, tchau, tchau, tchau...
E não se esqueça de trazer o capital.

CHAIRMAN: Parem este buque! Voltem as amarras! Nassau, você esqueceu alguma coisa aqui. Está partindo somente com a sua cabeça de artista, de boêmio, de anarquista. Espera aí e leva o principal.

(CANTAM A CANÇÃO DA DESPEDIDA)

Nassau, Nassau, Nassau.
Por ordem da Companhia
Leve mais uma cabeça
Cuide dela e não esqueça
Ela é o principal.

Nassau, Nassau, Nassau.
Queria zarpar furtivo
Um poeta fugitivo
Sem levar o principal.

Nassau, Nassau, Nassau
Aonde vai o artista
Vai também o general.

Tchau, tchau, trinassau, tchau, tchau
Tchau tchau, trinassau, tchau, tchau
E não se esqueça de trazer o capital.

CHAIRMAN: Parem este buque! Voltem as amarras! Nassau, você esqueceu alguma coisa aqui. Você está partindo somente com sua cabeça de general. Espera aí e leva o fundamental.

Nassau, Nassau, Nassau.
Por ordem da Companhia
Leve mais uma cabeça
Cuide dela e não esqueça
Ela é fundamental.

Nassau, Nassau, Nassau.
Queria zarpar discreto
Porém muito incompleto
Sem levar o principal.

Nassau, Nassau, Nassau.
Aonde vai o artista
Aonde vai o general
Vai também o economista
Completo o trinassau.

Tchau, tchau, trinassau, tchau, tchau
Tchau tchau, trinassau, tchau, tchau
E não se esqueça de trazer o capital.

CHAIRMAN: Agora sim, trinassau, vai no rumo dos perigos, vai em busca de coisas tais como: grana, ouro, dinheiro, ações ao portador, debentures, sprays, blue chips, overnight, overday, over lucro, lucro, lucro!

CHAIRMAN: Agora sim, trinassau, és um homem da Companhia das Índias Ocidentais. Vai ao rumo da terra quente para matar os inimigos com sua cabeça de general.

CHAIRMAN: Vai ao rumo da terra quente para matar os inimigos com sua cabeça de gerente.

CHAIRMAN: Vai ao rumo da terra dos sonhos com
sua cabeça de boêmio, de artista.

Três cabeças, três sentenças
Três maneiras de olhar
Três roteiros, três destinos
Três caminhos de além-mar.

CHAIRMAN: Agora sim, pode navegar. Soltem as
amarras. Boa viagem, trinassau!

CAPITÃO: Vamos para Pindorama em busca de ouro e fama. À vi-a-gem!

CORO/GENERAL: (*CANTAM A CANÇÃO DA VIAGEM*)

CORO: Ao mar, ao mar, ao mar...

GENERAL: Quando eu chegar

CORO: Quando ele chegar

GENERAL: Nessa nova terra

Eu vou fazer a guerra

CORO: Ele vai fazer a guerra

GERENTE: Quando eu chegar

CORO: Quando ele chegar

GERENTE: Nesse mercado
Vou vender por atacado

CORO: Vai vender por atacado

ARTISTA: Quando eu chegar

CORO: Quando ele chegar

ARTISTA: Nessa terra linda do Brasil

CORO: linda do Brasil

ARTISTA: Vou viver em meio à natureza

CORO: à natureza

ARTISTA: Vou viver em busca da beleza

CORO: da beleza

ARTISTA: Debaixo do céu de anil.

CORO: Debaixo do céu de anil.

3º EPISÓDIO

A LINHA DO EQUADOR

CAPITÃO: Conde de Nassau, estamos neste momento passando pela linha do Equador.

NASSAU: Muito bem. Todos prontos para a grande mudança. Pois é isso mesmo que vai acontecer. Atenção! Vamos passar a linha do Equador...

TODOS: 5...4...3...2...1...

(CANTAM A CANÇÃO A LINHA DO EQUADOR)

Agora sim

A vida está pra mim
Agora sim
Estou longe de casa
Agora sim
Estou criando asa
Pra voar, pra voar, pra voar...
Passando o Equador
Você pode ser
O ladrão que sempre quis
Passando o Equador
Você pode ser feliz
Aqui deste lado da terra
Você pode ser
Sujo, indecente.
Louco e contente.
Você pode lamber.
Chupar, comer.
Que lá em casa
Ninguém vai saber.
Além do Equador.
É tempo de carnaval
Além do Equador
Adeus toda moral
Além do Equador
Vou me mostrar como sou
E todo mundo sabe
Que a gente nunca prestou,

4º EPISÓDIO

A CHEGADA EM PINDORAMA

POVO: Aí vem Nassau.

TODOS: Será que é bom, será que é mau. Será que é bom, será que é mau.

(CANTAM A CANÇÃO BEM-VINDO, OH, NASSAU!)

TODOS: Olha só o que enalhou na praia...

Veja só o que a maré nos trouxe
Mais um gringo cor de queijo,
Cor da lua e do luar
Mais um gringo língua louca
Que atrapalha a sua boca
Quando ele quer falar
Olha só o que enalhou na praia
Veja só o que a maré nos trouxe
Ele veio como todos
Conquistar a Pindorama
Para a sua, para a sua...
Para a sua companhia
Quando ele perder o rumo
E tomar toda cachaça
Quando ele puxar fumo
E ficar cheio de fumaça
Quando ele amorenar
E perder a sua raça
A gente pega, a gente malha,
A gente mata, a gente esfola,
A gente bota no rabo dele
A gente mija na perna dele
A gente põe daqui pra fora...
Bem-vindo, oh, Nassau!
Às terras de Pindorama
A gente te adora
A gente te ama...

POVO: Nassau! Nassau! Nassau!

GENERAL: Eu os reuni aqui nesta praça da Cidade de Olinda, onde
montei meu mocó político, para fundar uma assembleia.

POVO: Nassau! Nassau! Nassau!

GERENTE: Uma Assembleia da qual todos farão parte.

TODOS: Nassau! Nassau!

ARTISTA: Porque aqui somos todos iguais diante da lei. Sejam de que raça for, de qual religião for, a lei será igual para todos porque todos são iguais perante a lei. Seja tal a cor que tiverem. Sejam pretos, brancos, amarelos ou bronze.

POVO: Nassau!

(CANTAM A CANÇÃO: A LEI)

A lei ora a lei
A lei é igual e natural..
A lei é igual pra todos nós
Pro nosso irmão,
Pros nossos amigos,
Pro nosso patrão,
Pros nossos inimigos.

Somos iguais
Assim naturais.

O mesmo nariz
A mesma bunda
Os mesmos olhos
A mesma corcunda.

A lei é igual para
Os iguais, naturais,
Mas a lei é de Nassau
E Nassau não é igual
Não é natural.

A lei é dele

CORO: Que Nassau nos deu

Foi ele quem nos deu

CORO: A lei

A lei vai valer

CORO: Ora a lei

Até ele não querer

CORO: Viva a lei.

MARIA: Veio com sua tropa fazer da nossa cidade um quintal da Europa, por necessidade do mercado mundial. A mão de obra barata, sem orgulho nacional. É o povo do quem dá mais, unido ao povo que tudo tira, Essa união sacana é a plantação de cana, ele devia dizer: sabem por que venho? Venho tratar do engenho, do engenho venho tratar.

POVOMÉ1: Mais um gringo para encher o saco dos negros, dos índios e dos portugueses, mais um gringo metropolitano.

POVOMÉ2: Mais um gerente da Companhia das Índias Ocidentais.

POVOMÉ3: Um dia vai chegar a hora, de botar os gringos pra fora, e quem vai fazer isso somos nós três:

POVOMÉ1: Henrique Dias!

POVOMÉ2: Felipe Camarão!

POVOMÉ3: André Vidal de Negreiros!

MARIA: Só irão quando encontrarem um lugar onde possam ganhar mais e gastar menos.

APRESENTADOR: E com vocês, chegado diretamente da Nederlândia, o príncipe Maurício de Nassau Siegen. O novo diretor da Companhia das Índias Ocidentais aqui em Pindorama.

(NASSAU CANTA A CANÇÃO DO AÇÚCAR)

Essa coisa alva doce e cristalina...

CORO: (Ah... ah... ah...)

Que vem das canas dos canaviais...

CORO: (Ah... ah... ah...)

Essa coisa rica essa fértil mina...

CORO: (Ah... ah... ah...)

Que anima o mundo e seus capitais...

CORO: (Ah... ah... ah...)

Vamos mandar, daqui para o mundo,
Para agradar as bocas de toda gente,
Vamos ganhar o mundo e o fundo,
Eu vou ser um grande gerente...
(ele vai ser um grande gerente)

Vou mandar plantar
(vai mandar plantar)
Vou mandar colher
(vai mandar colher)
Vou mandar moer
(vai mandar moer)
Vou mandar cristalizar
(vai cristalizar)
Vou empacotar
(vai empacotar)
Vou embarcar
(vai embarcar)
Vou transportar
(vai transportar)
Vou botar pra negociar
(vai negociar)
É assim que este produto brasileiro
Da terra ao mundo se transforma em dinheiro
É assim que a cana em suas folhas verdes
Se transforma no ouro amarelo
Ouro que se troca por prazer
Ouro que se troca pela glória
Ouro que fabrica a nova história
Ouro que se troca por poder
Entre a cana e o ouro
Está a mão de obra
Este grande tesouro
Que aqui tem demais e sobra

ARTISTA: Eu vim pra Pindorama

Com um sonho tropical
Trouxe pintores de fama
Escritores e coisa e tal
Venho em busca da arte
Venho em busca da vida
Venho em busca do novo
Quero levar este povo
Para o alto e para cima
Vou fundar uma cidade
Como eu penso como quero
Vou trazer felicidade
Para Pindorama...

5º EPISÓDIO CADA CABEÇA CADA SENTENÇA

ARTISTA: Será que vocês podem me deixar ver esta terra linda? Não têm mais o que fazer em suas vidas?

GENERAL: Eu tenho muito que fazer, mas são planos secretos. Não posso confessar a comerciantes ou artistas. Se me dão licença. Por favor, não me sigam.

GERENTE: Bom, artista... Acho que vou abandonar você por aí, tenho que tratar de negócios. Até logo mais. Não me siga.

ARTISTA: Estou livre destas duas pragas, sinistras. Primeiro meus pares. Venham, meus bons amigos.

(CANTAM A CANÇÃO DA TROUPE DE ARTISTAS)

ARTISTA: Atenção, Atenção, Atenção?

CORO: Atenção, Atenção, Atenção!

ARTISTA: Atenção, Atenção, Atenção!

CORO: Atenção, Atenção, Atenção!

TODOS: A-ten-ção! A-ten-ção! A-ten-ção!

ARTISTA: Eu quero apresentar a minha trupe de Artistas!

CORO: De artistas

ARTISTA: Que eu trouxe pra Pindorama.

CORO: Que ele trouxe pra Pindorama.

CORO: Ele quer apresentar, a sua trupe de Artistas!

ARTISTA: De artistas!

CORO: Que ele trouxe pra Pindorama.

ARTISTA: Que eu trouxe pra Pindorama.

Este é Post, o pintor!

CORO: Este é Post, o Pintor.

ARTISTA: O que é que você vai pintar?

CORO: O que é que você vai pintar?

POST: Eu vou sair por aí, fazer uma obra tropical.

Nada de neve, nada de branco, só o amarelo do sol.

CORO: Nada de neve, nada de branco, só o amarelo do sol.

POST: Nada de cinza, nada de sombra.

Só o verde-esmeralda da mata.

CORO: Só o verde-esmeralda da mata.

POST: Sou da terra da luz e a terra da luz é a Holanda. Mas a luz daqui é diferente: o verde e o amarelo tomam conta dos olhos da gente!

CORO: Van Dick, Rubens, Van Gogh, Rembrant.

POST: Estes são os meus pares.

ARTISTA: Vá à vida Post, vá à sua Arte!

Depois traga tudo pra eu ver.

CORO: Depois traga tudo pra gente ver.

ARTISTA: Este é meu músico: Halber

CORO: Halber.

ARTISTA: Aonde vais, Halber?

CORO: Aonde vais, Halber?

ARTISTA: Aonde vais levar os seus ouvidos, Halber?

CORO: Aonde vais levar os seus ouvidos, Halber?

HALBER: Língua de negro, língua de branco, língua de índio, língua de português!

CORO: Língua de negro, língua de branco, língua de índio, língua de português!

HALBER: Tambores de índios, guitarra de português e dos padres os cantochãos. Tudo isso misturado, remexido, desarrumado, deve dar algum samba.

CORO: Tudo isso misturado, remexido, desarrumado, deve dar algum samba!

ARTISTA: Bernard, meu cantor de gestas, vá com ele porque o samba é o mesmo.

BERNARD: Sim, conde, eu irei e voltarei cantando a bossa-nova do lugar.

CORO: Cantando a bossa-nova do lugar.

ARTISTA: E quanto a ti, Joyce, meu caro irlandês...

O que vais escrever sobre a terra?

JOYCE: Escreverei... Estou envolvido por gente estranha e tenho visões Célticas!

CORO: Célticas!

JOYCE: De incríveis entes que habitam estas matas!

CORO: Matas!

ARTISTA: E quanto a tu, Nijinski, meu bailarino, o que vais buscar?

NIJINSKI A primavera, é claro!

CORO: A primavera é claro!

NIJINSKI: Esta eterna primavera, que convive com o verão.

CORO: Esta eterna primavera que convive com o verão.

NIJINSKI: Dançarei com os índios para entrar no ritmo desta terra!

CORO FEMININO: Primavera, primavera... Verão, verão!

CORO MASCULINO: Ritmo desta terra!

ARTISTA: Primavera, primavera... Verão!

ARTISTA: E eu aonde irei... Vou pensar...

6º EPISÓDIO OS GENERAIS E SEUS CAVALOS

NASSAU: Bagnuolo, este nosso encontro devia ser em tempo de paz.

BAGNUOLO: Nassau, você sabe que para nós, generais, não existem tempos de paz. Existe o tempo entre uma guerra e outra.

NASSAU: Você quer tomar a baía de mim, mas eu não vou deixar.

BAGNUOLO: Eu tenho mais força do que você, e muitos brasileiros estão do meu lado.

NASSAU: Tenho muitos do meu lado também.

CAVALO NASSAU: E nós, hein? O que fazemos nessa guerra?

CAVALO BAGNUOLO: Nós carregamos os generais com muito cuidado.

CAVALO NASSAU: Com muito cuidado por quê? Eles nos tratam como cavalos.

CAVALO BAGNUOLO: Por isso mesmo! Tem que ter cuidado nas batalhas, porque o nosso corpo é maior que o deles, sempre sobra uma bala.

CAVALO NASSAU: É verdade, vi morrerem muitos cavalos!
Mas nunca vi um general morrer nas batalhas.

CAVALO BAGNUOLO: Eles não morrem, ficam longe do aceso da luta.
Essa é a nossa sorte, a sorte de sermos cavalos de generais.

CAVALO NASSAU: Eu já fui cavalo de soldado. Era uma vida dura. Três que me montaram morreram nas batalhas.
Ainda tenho a marca do sangue deles no meu lombo.

NASSAU: O povo pensa que os adversários na guerra não conversam. Pensam que somos inimigos.

BAGNUOLO: O povo não sabe nada, são um bando de ignorantes.
Não tem a mínima noção do que é uma guerra.

NASSAU: O que o povo diria se soubesse que somos amigos?

BAGNUOLO: Não entenderiam. Eles morrem na guerra em nosso nome.
Odeiam o inimigo. Não são profissionais da guerra; são amadores.

CAVALO NASSAU: O general aí te trata bem?

CAVALO BAGNUOLO: Ele acha que sim, mas eu acho que não. Mete-me em cada uma. Já me vi no meio de balas de canhão. Já passou por isso?

CAVALO NASSAU: Não, o meu general não gosta de se meter no meio das balas. (Bruuuuu!) Foi comandante de navio. Não sabe me cavalgar. Dói o meu lombo. Acho que pensa que sou um barco. Um dia dou um remo de presente a ele.

CAVALO BAGNUOLO: Como morre gente nessa guerra. Eu fico pasmo. E nem sei por que eles se matam. Você sabe?

CAVALO NASSAU: Sei não. Mas pelo que ouço é alguma coisa ligada a ouro. Eles gostam deste metal amarelo. Para mim não significa nada, amarelo bom que conheço é o milho, não acha?

CAVALO BAGNUOLO: Acho sim, milho é muito bom. Isso sim é que é ouro.
Não sei por que eles gostam tanto de uma coisa que não se come.

BAGNUOLO: Nassau, precisamos nos encontrar mais, bater aquele papo de velhos soldados que tanto bem faz a nossa alma.

NASSAU: Bagnuolo, meu amigo, precisamos tomar um vinho.

BAGNUOLO: E a sua companhia, como vai? Estão ganhando muito?

NASSAU: Razoavelmente. Na verdade, eu me interesso somente pela guerra, esta é a parte suja da companhia.

BAGNUOLO: É verdade, a gente fica sempre com o trabalho porco. Em nome do trono, da bandeira, do povo e da nação, em nome do governo. Já pensou em governar... Eu digo, politicamente?

NASSAU: Eu estava pensando muito nisso. Gostei do lugar. O povo é manso. Vou aprendendo a governar. Mas fui capitão de navio e ajo da mesma forma. Um país é um navio atracado pelos tempos.

BAGNUOLO: É isso mesmo, um navio que não navega. Mas que às vezes afunda.

CAVALO NASSAU: Eu já vi trocarem um pedacinho de ouro por um navio de milho. Que absurdo!

CAVALO BAGNUOLO: Que absurdo! Você já derrubou seu general no chão?

CAVALO NASSAU: Não, eu tenho pena dele. Mas um dia me bateu e eu dei uma mordida no joelho dele, nunca mais bateu. O teu general te bate?

CAVALO BAGNUOLO: Muito, mas eu já rodei com ele muitas vezes. Eu finjo que tropeço e jogo ele mais longe que posso. Fiz isso durante uma batalha pra ver se o matavam de uma vez.

NASSAU: Gostei do seu cavalo, parece ser um bom cavalo.

BAGNUOLO: Gostei também do seu cavalo. Vamos trocar?

NASSAU: Vamos sim...

CAVALO NASSAU: E agora heim? Ele vai me bater...

CAVALO BAGNUOLO: Joga ele no chão. Joga ele no chão.

NASSAU: Até a vista, Bagnuolo. Boa sorte na guerra.

BAGNUOLO: Até a vista, Nassau. Boa sorte na guerra.

CORO: *(CANTA A CANÇÃO DOS GENERAIS)*

Sou um bom pai, sou um bom filho.
 Um bom marido pra minha mulher
 Um bom soldado
 Um bom crente, um bom parente
 Um bom vassalo para o nosso rei.
 Faz-se a guerra
 É por profissão
 Não me culpem do sangue
 Derramado em vão

Faz-se a guerra
Do começo ao fim
Não pensem que eu gosto
De matar assim

CORO: *(CANTA A CANÇÃO DOS CAVALOS)*

Sou um bom cavalo
Boa montaria
Trabalho na guerra
Nesta porcaria
Vivo entre o fogo
Cruzado e fatal
Nem sei o motivo
Da guerra afinal
Vivo no risco
Um pobre animal
Carrego no lombo
Um general
O homem arremedo
Imito e simulo
E entro no credo
Pilatos num pulo
Nem lavo em mim
O meu sangue inocente
Não quero ser gente
O humano é um lixo
Prefiro ser bicho

GENERAIS: Generais e seus cavalos

CAVALOS: Cavalos e seus generais

Metidos na guerra
Metidos na morte
Deus queira tenhamos
Da vida a sorte
De sobrevivermos
Dos tempos fatais

CAVALOS: Nós os cavalos

GENERAIS: Nós os generais

Deus queira tenhamos
Da vida a sorte
De sobrevivermos
Dos tempos fatais...

7º EPISÓDIO

MARIA CALABAR

ASSESSOR: Conde Maurício, com sua licença. Está aí na porta alguém que quer lhe falar.

NASSAU: Não posso atender agora. Mande voltar amanhã.

ASSESSOR: É uma mulher... Bonita, como são as brasileiras.

NASSAU: Mande-a entrar... Mas antes, o que ela quer?

ASSESSOR: Não sei...

NASSAU: Então a mande entrar...

NASSAU: Quem és tu? O que queres de nós?

MARIA: Meu nome é Maria Calabar.

NASSAU: Calabar?... Conheço este nome. Não foi ele quem se colocou ao nosso lado quando da invasão da baía?

MARIA: Sim, e por causa disso tudo foi considerado traidor e morreu na miséria sem que os holandeses o ajudassem.

148

NASSAU: E o que você veio fazer aqui? Cobrar algum preço pela desgraça de seu pai?

MARIA: Não. Vim oferecer os meus serviços.

NASSAU: Mas que serviços são esses! É bonita e se for o que eu penso, bem que posso estar precisando de alguma coisa. Levanta essa saia, quero ver seu corpo.

MARIA: É assim que fazem na sua terra com as mulheres?

NASSAU: Não com todas, só com aquelas que prestam certos serviços.

MARIA: E como tratam as mulheres que prestam serviços políticos?

NASSAU: Na minha terra as mulheres não se metem em política.

MARIA: Sua terra deve ser um lugar muito atrasado.

NASSAU: Se continuar me agredindo assim, daqui a pouco me cai em cima com pauladas. Tenha respeito.

MARIA: Respeito quem me respeita.

NASSAU: Ora, diga logo para que veio, não tenho tempo para gastar com você. Tenho um novo país para construir.

MARIA: O país já existe. Se souber disso logo, não vai perder tempo inventando outro.

NASSAU: O país pensa que existe.

MARIA: E sua alteza não acredita no pensar?

NASSAU: É certo que eu acredito, mas sua nação está bem longe de ter um pensamento único, uma filosofia e até mesmo uma religião. Ainda não estão civilizados.

MARIA: O que é a civilização? A arte da guerra? O domínio sobre os mais fracos? A exploração da terra alheia sem paga justa? O que é pensamento único? O seu pensamento de príncipe se impondo sobre todos nós? O que é filosofia? O trato de entender as razões da vossa superioridade. O que é religião? Um deus portátil que acompanha vossas jornadas para garantir vitórias e lucros? É verdade, não somos civilizados. Acho que perdi meu tempo, vindo até sua presença. Com sua licença...

NASSAU: Não! Não vá ainda. Obedeça e fique, ou melhor... Peço que converse comigo mais um pouco. Você é muito selvagem, mas me parece que pensa. Tem ideias. Eu sou um homem de ideias, devo entender seu pensamento.

MARIA: Sou brasileira, descendo de portugueses negros e índios. Sou selvagem, mas aprendi a pensar com meu pai, que aprendeu com os padres, que aprenderam com os bispos, que aprenderam com os cardeais, que aprenderam com os papas, que aprenderam com Cristo. Alguma coisa deve ter chegado inteira desde o Cristo até minha cabeça. Uma noção sobre a injustiça, isso que meu pai falava: injustiça, a arte dos nobres.

NASSAU: Você me acha injusto!

MARIA: Todo poder é injusto.

NASSAU: Mas eu sou um artista, você não entenderia minha alma. Não gosto da injustiça.

MARIA: Então por que a pratica?

NASSAU: Porque a arte da política exige uma dose de injustiça. Porque os negócios da companhia precisam de uma base injusta para poder dar lucro. Porque sou comandante de guerra e a guerra justa é a maior injustiça que nós inventamos desde os tempos em que vivíamos em cavernas.

MARIA: Vossa graça é plural demais para o meu entendimento.
Sou uma pessoa simples e não entenderia tantas
contradições dentro de um só homem.

NASSAU: Sou contraditório. Dialético, como vai dizer Karl Marx,
quando o tipo de negócio que eu dirijo chegar a seu máximo e
todos os homens da terra estiverem ligados às companhias.

MARIA: Este Marx é o novo Cristo?

NASSAU: Será, de certa forma. Mas não morrerá na cruz.

MARIA: Quer me dizer alguma coisa a mais?

NASSAU: Quero, eu te amo Maria Calabar.

MARIA: Assim de estalo?

NASSAU: Assim de estalo. Fica comigo e me ajuda a
entender o Brasil e os brasileiros.

MARIA: E você quer que eu o ajude por amor?

NASSAU: Não, por amor eu quero teu corpo. Por política eu quero
suas ideias, sua cabeça. Acabei de entender o meu papel nesta
terra. Se a nação existe, se o país está pronto, não devo perder
tempo, vamos organizar já este novo estado. Fica comigo, Maria
Calabar. Na minha cama e na assessoria da minha gerência?

MARIA: Quanto a tua cama, não te amo. O amor em mim não é questão
de estalos. Quanto à assessoria... Quanto vai me pagar?

NASSAU: Assessor! Mande um e-mail para o Conselho da
Companhia das Índias, dizendo-lhes que mandem
para o Brasil todos os desocupados da Holanda.

NASSAU/TODOS: *(CANTAM A CANÇÃO MANDA PRA CÁ)*

NASSAU: Manda pra cá, manda pra cá, manda pra cá,

TODOS: Manda pra cá, manda pra cá, manda pra cá,

MULHERES: Todos canalhas, ladrões, vagabundos.

Todos os porcos, os sujos, imundos.

TODOS: Manda-para-cá

HOMENS: Que aqui tudo é tão bom, tão belo, tão limpo...

Que eles vão se arrumar,

TODOS: Manda pra cá, manda pra cá, manda pra cá,

TODOS: Manda pra cá

MULHERES: Os pobres sem casa, sem terra e sem nome.

Os desesperados, com dor e com fome.

TODOS: Manda pra cá

HOMENS: Que aqui tudo é tão bom, tão belo, tão rico...

Que eles vão se arrumar.

TODOS: Manda pra cá, manda pra cá, manda pra cá,

TODOS: Manda pra cá

MULHERES: Os tortos, os cegos, os fracos e os loucos,

Os burros, os turras, os tontos e os moucos.

TODOS: Manda pra cá

HOMENS: Que aqui tudo é tão bom, tão belo, e tão claro,

Que eles vão se arrumar.

TODOS: Manda pra cá, manda pra cá, manda pra cá,

TODOS: Manda pra cá

MULHERES: Todos, sem pátria, sem lar, sem bandeira,

Todos, perdidos, sem eira e nem beira,

TODOS: Manda pra cá

HOMENS: Que aqui tudo é tão bom, tão belo, e sem dono,

Que eles vão se arrumar.

TODOS: Manda pra cá, manda pra cá, manda pra cá,

TODOS: Manda pra cá

MULHERES: Os tristes, coitados, sem riso e sem graça,

Os abandonados, sem cor e sem raça.

TODOS: Manda pra cá

HOMENS: Que aqui tudo é tão bom, tão belo, e tão novo,

Que eles vão se arrumar.

TODOS: Manda pra cá, manda pra cá, manda pra cá,

TODOS: Manda pra cá

HOMENS: Que aqui tudo é tão bom, tão belo, tão nosso,

Que eles vão se arrumar...

TODOS: Manda pra cá

TODOS: Aqui a vida pode ser diferente!

TODOS: Manda pra cá, manda pra cá, manda pra cá.

8º EPISÓDIO O ENVIADO DA COMPANHIA

NASSAU: Bem-vindo a Pindorama, enviado da Companhia. Sei que deve trazer alguma notícia secreta, porque tens a face dos que guardam segredo, ou seja, um rosto que a gente nunca mais lembrará.

ENVIADO: O Conselho da Companhia aplaude muito a sua decisão de dar armas para os negros revoltados, comandados por Zumbi dos Palmares.

NASSAU: Agradeço, mas a liberdade é algo muito caro para mim. A luta de Zumbi terá sempre o nosso apoio. Afinal, a Nederlândia não apoia a escravidão.

ENVIADO: Não, não apoia. E queremos que isso seja varrido do mundo. Mas é que...

NASSAU: Mas é quê?

ENVIADO: Mas é que a Companhia acha que sem braços escravos nossa fabricação de açúcar, plantio, colheita não vai dar mais lucro.

NASSAU: E daí? Você me traz alguma ordem secreta?

ENVIADO: Sim. Vamos fechar os olhos ao tráfico de escravos para Pindorama.

NASSAU: E se eu não quiser fechar os olhos?

ENVIADO: A Companhia vai pedir o seu posto para outro.

NASSAU: Mas depois de tudo o que eu fiz... Eu fiz uma cidade. Estou fazendo um novo país.

ENVIADO: Se quiser continuar a ajudar seu herói negro, Zumbi, terá que fechar os dois olhos ao tráfico de escravos para Pindorama.

NASSAU: Deus! Eu estou entre a cruz e a caldeirinha!

(CANTA A CANÇÃO ENTRE A CRUZ E A CALDEIRINHA)

Dando pó negro, dando canhão,
Nassau dá ajuda à negra nação,
A nação de Zumbi, Zumbi dos Palmares,
Dos negros fugidos da escravidão.

Uma no cravo, outra na ferradura,
Assim é Nassau, na sua aventura,

E os navios trazendo mais negros
Escravizados pra Pindorama
Nassau os recebe aqui no Brasil
Pois precisa da força braçal

Uma no cravo, outra na ferradura,
Assim é Nassau, na sua aventura,

Escravos do bem, escravos do mal,
Entre os dois, o grande Nassau
Nassau pró-liberdade,
Nassau pró-escravidão.

Nassau dos sonhos da arte
Nassau da Companhia
Em duas metades se parte
Uma quente, outra fria!

E a história o que vai julgar
Nosso príncipe tão dividido
E Nassau por quem quer passar
Por homem santo, ou bandido?

Ai, ai, ai, Nassau
Ai que triste ladainha
O Nassau agora está
Entre a cruz e a caldeirinha.

ENVIADO: O que manda dizer ao Conselho da Companhia?

NASSAU: (LÍNGUA INCOMPREENSÍVEL)

ENVIADO: Não entendo o que você diz! Em que língua está falando?

NASSAU: A língua do medo.

NASSAU: Eu... Vou continuar aqui. Faço o bem pelo mal, o mal pelo bem.

ENVIADO: Levarei estas boas palavras ao Conselho da
Companhia. Adeus, Nassau, seja feliz.

NASSAU: O mal pelo bem, o bem pelo mal. Mas a história me julgará com outra medida. O errado pelo certo e o certo pelo errado. Ai que triste ladainha, que terrível é ficar entre a cruz e a caldeirinha.

9º EPISÓDIO O BOI VOADOR

APRESENTADOR: Venham todos para a praça, a mágica vai começar, o príncipe Nassau, no peito na raça, vai fazer um boi voar.

POVOM^o1: Se ele fizer, o que prometeu, vai convencer, você e eu, que ele pode, mudar o país, e a gente toda, vai ser feliz.

POVOM^o2: Quem tem o poder de fazer um boi voar, também pode ter a força de tudo mudar; se Nassau fizer o boi voar uma nova nação ele vai fundar.

POVOM^o3: Uma nação cheia de amor, a nação do boi voador, uma nação sem medo ou dor, a nação do boi voador, uma nação de grande valor, a grande nação do boi voador.

154

APRESENTADOR: Venham todos para a praça, o milagre vai começar, o príncipe Nassau vai fazer um boi voar.

POVOM^o1: O boi é pesado,

Mais pesado que o ar.

POVOM^o2: É impossível

Fazer um boi voar.

POVOM^o3: Mas Nassau diz que faz

E Nassau é mais Nassau

POVO: Nassau é um bruxo

De luxo

Um mago, virago,

Um feiticeiro

Arteiro

Um profeta, um santo

Um deus!

GENERAL: Artista, olha só o que você arrumou pra nós todos. Cadê seu boi voador?

ARTISTA: Ele já vem por aí, minha equipe vai trazer a maravilha.

GERENTE: Quanto você está pagando por esta brincadeira? E tudo por sua conta, a Companhia vai saber direitinho.

ARTISTA: Gastei do meu dinheiro, a Companhia não tem nada a ver com isso.

APRESENTADOR: Brasileiros e brasileiras, povo da cidade Maurícia. O príncipe Maurício de Nassau Siegen vai levar a efeito uma demonstração de seu poder e habilidade. Ele vai fazer um boi voar aqui nesta praça na frente de todos, em um minuto.

ARTISTA: Eu vou fazer um boi voar.

APRESENTADOR: Ele virá de cima da ponta da igreja e descera aqui aos meus pés. Atenção... Toquem os tambores... Que venha o boi.

APRESENTADOR: Palmas para o boi voador.

UM DO POVO: O boi não voou, estava amarrado na corda!

MULHER DO POVO: Ele quis nos enganar... o príncipe quis nos enganar!

POVO: Nassau, Nassau, Nassau
Que cara de pau
Que cara de pau
Que cara de pau Nassau,
Nassau, Nassau,
Como você mente
Enganando a gente
Que coisa indecente
Que coisa imprudente
Inconsequente
Nassau, Nassau, Nassau,
Que cara de pau
Que cara de pau
Que cara de pau

POVO.º1: O boi é pesado,
Mais pesado do que o ar

POVO.º2: Foi impossível
Fazer o boi voar

POVO.º3: Nassau disse que fazia
Mas Nassau nem é Nassau

POVO: Nassau é um bruxo fajuto

Um mago

Um feiticeiro falido

Um falso profeta

Um santo do pau oco

Um deus de pés de barro

Fora Nassau! Fora Nassau! Fora Nassau!

GENERAL E GERENTE: Calma povo,

Calma povo,

Povo calma,

Povo calma,

Ele não é Nassau

Nassau somos nós

E nós não queremos

Fazer um boi voar

Nós só queremos lucrar

E o lucro é muito bom

Dá trabalho a todo mundo

O lucro é salvador

Melhor que um boi voador

Vamos plantar

Vamos colher

Vamos esquecer

Vamos esquecer o boi voador

Olha aqui oh, artista

De hoje em diante

Quem manda aqui somos nós

Oh, povo, oh, povo, oh, povo.

De Pindorama

Agora é hora de guerra

E de plantar

Nunca mais este aqui

Vai querer fazer

Um boi voar

Um boi voar

Um boi voar.

10º EPISÓDIO NEGÓCIOS SEM ÓCIO

GERENTE: Estamos aqui reunidos para falarmos sobre os negócios da Companhia nestas terras de Pindorama. Quais são os seus problemas e as suas soluções?

PLANTADOR: Eu sou plantador de cana, meu problema é preço.

GERENTE: O meu também.

DONO DO ENGENHO: O meu também.

TRANSPORTADOR: O meu também.

GERENTE: Vamos acertar as contas de maneira justa. Estabeleço a bolsa do açúcar aqui no Recife. Quanto mais produto, mais baixo o preço.

PLANTADOR: Vou tocar fogo no canavial.

GERENTE: Calma, a gente negocia. O mercado é quem deve dar as regras do jogo.

DONO: Pois é, deixa o mercado falar.

MERCADO: Alguém me chamou?

GERENTE: Sim, nós precisamos saber como você, mercado, vai regular os preços.

MERCADO: Eu só imponho uma lei. A lei da oferta e da procura. Quem precisa comprar, compra; quem precisa vender, vende. Quanto aos preços, penso que tudo deve começar com o preço de custo. Quanto custa plantar cana, quanto custa colher cana, quanto custa moer, fazer a garapa e depois cristalizar o açúcar? Somem tudo isso e acrescentem o lucro. Mas cuidado, porque se você acrescentar muito, outro vem e vende mais barato.

TODOS: Plantar cana, colher cana, moer cana, fazer garapa, cristalizar, acrescentar: ôôô lucro!

CHAIRMAN: Nosso gerente não está fazendo o trabalho certo. Nassau trocou os pés pelas mãos. Ele não entendeu a sua missão. Quando o mandamos para Pindorama, foi com o intuito de fazermos lá uma fábrica de açúcar e uma grande plantação. A mão de obra é barata e o produto tem grande solicitação no mercado. Esse era o plano da Companhia. Usarmos a terra do Brasil para nossa empreitada. Mas Nassau resolveu se interessar pela nação, pelo povo e por ele mesmo. Acho que teve ideias de ser o imperador daquelas plagas. Que belo imperador de súditos E ignorantes, descalços, sujos, ladrões na sua maior parte. Escória do mundo, malta de índios, negros e portugueses bandidos expatriados. Povo sem deus e de muitos deuses.

ECONOMISTA: Mas neste momento da história, devemos mudar nossa plantação para o Caribe. Lá as coisas são mais fáceis, não haverá guerra de disputa.

ECONOMISTA: Guerra rouba uma parte do nosso lucro.

SECRETÁRIO: Guerra também dá lucro.

ECONOMISTA: Guerra rouba uma parte do nosso lucro.

SECRETÁRIO: Guerra também dá lucro.

ECONOMISTA: Guerra rouba uma parte do nosso lucro.

CHAIRMAN: Guerra rouba parte do nosso lucro e também dá lucro.

ECONOMISTA: As armas estão cada vez mais caras. Já temos para onde ir e continuarmos nosso negócio. Quanto a Nassau, penso que não tem mais lugar na Companhia. Na verdade nunca foi um homem da Companhia das Índias Ocidentais. Foi o que sempre foi, um nobre cheio de melindres com artes e artistas. E nós sabemos que artes e artistas não dão lucro algum. A arte não tem valor. Valor tem o açúcar.

CHAIRMAN: No entanto eu devo dizer que todo homem que tem um sonho deve ser respeitado. Contanto que seu sonho não atrapalhe a nossa realidade. Artistas existem e devem continuar existindo. Alguém deve se ocupar do que não tem valor algum. Daremos a Nassau uma quantia suficiente para ele passar o resto da vida entre os artistas e as artes. Afinal, apesar de tudo, ele deu continuidade aos nossos negócios.

SECRETÁRIO: O que devo fazer com esta ata da reunião?

CHAIRMAN: Destrua-a. Escreva uma carta a Nassau, com cuidado para não ofender o príncipe. Diga a ele que o estamos esperando aqui na sede. Seu trabalho que foi muito bem-feito, acabou.

SECRETÁRIO: Bom... Esta carta vai levar três meses para chegar lá. Posso mandar um e-mail?

CHAIRMAN: Problemas urgentes podem ser resolvidos com tecnologia futura. Mande aí para nassau@ciadasindias.com.nd

SECRETÁRIO: Guerra também dá lucro.

12º EPISÓDIO AS DESPEDIDAS DE NASSAU

GENERAL: Nós temos que embarcar logo mais e você, artista, ainda nem arrumou as malas. Não vai levar nada com você?

ARTISTA: Mais do que vocês pensam... Se é que pensam.

GERENTE: Eu penso... Vivo disso.

(CANTA A CANÇÃO COMO É BREVE A VIDA HUMANA)

CORO: Como é breve
A vida humana

GERENTE: Como o tempo
Tempos fugit

CORO: Como o tempo
Tempos fugit
Como fica nossa história
Quando vai para a memória?

GERENTE: Como é belo
O sonho humano
Como é belo
Assim sonhar

CORO: Coma fica nosso sonhar
No momento de despertar

GERENTE: Como é triste
Uma partida
Uma ida
Sem voltar

CORO: Como fica o que deixamos
Como fica o que amamos
Como fica o que levamos

TODOS: Dentro do coração.

NASSAU: Vou partir, Maria. Vou partir.

MARIA: Não tem mais nada a fazer aqui em Pindorama.

NASSAU: Acha que sentirão minha falta? O povo, eu digo?

MARIA: Alguns sentirão, mas a maioria vai esperar o novo gerente para ver se ele pode melhorar a vida deles.

NASSAU: Mas você acha que o novo gerente vai querer levar esta terra para frente?

MARIA: Só existe uma coisa que levará o Brasil para frente... A história.

NASSAU: E homens como eu, que fazem a história, não farão falta?

MARIA: Homens como você, que pensam que fazem a história, sempre existirão. Assim como existirá sempre o povo daqui, que é quem realmente fará a história. A história se faz com líderes, mas se o povo não acreditar neles, nada se fará. Um líder como sua altura é apenas a ponta da montanha, que é feita por todo o povo. Não existem líderes sem liderados. Porque a vontade do líder é a vontade do povo, e, se não for assim, ele só pensa que é líder, mas é apenas um chefe.

NASSAU: E você, Maria, sentirá minha falta?

MARIA: Sentirei, eu sou aquela parte do povo que entendeu seu sonho.

NASSAU: Eu te amei muito e ainda te amo... Creio que vou te amar sempre.

MARIA: Eu também, e cada vez que passar pelas pontes da sua cidade, eu me lembrarei de você. Nunca deixarei que destruam suas memórias feitas em pedra. As defenderei do tempo e dos homens.

NASSAU: Penso que você foi o maior amor da minha vida. E até pensei em pedir a você que vá comigo para a Europa.

MARIA: Não posso, estou amarrada nesta terra. Tenho muito que fazer. Por mais que te ame, eu amo mais o Brasil.

NASSAU: Meu doce sonho de amor.

MARIA: Antes de dizer adeus,
Antes de ver as velas
Do buquê enfunadas
Antes que suma
Na linha do horizonte

CORO: Antes que suma
Na linha do horizonte

MARIA: Preciso te dar
Umhas lembranças

Leva meu doce príncipe
Frutas do meu país

CORO: Leva meu doce príncipe
Frutas do meu país

MARIA: Leva, oh, meu artista
Uma ave dos nossos ares
Leva meu bom guerreiro
Uma lança, um arco e a flecha
Leva, meu doce amado
Um pouco de terra
Um pouco de água do rio
Um pouco de água do mar

CORO: Um pouco de água do mar

NASSAU: Levo minha Maria
As frutas do seu país
Levo mulher que eu amo
Uma ave dos vossos ares
Levo boa guerreira
Uma lança um arco e a flecha.

OS DOIS: Um pouco de terra
Um pouco da água do rio

TODOS: Um pouco da água do mar.

NASSAU: Deixa eu te olhar pela última vez, para guardar
sua imagem em minha memória.

MARIA: Deixa eu te olhar pela última vez, para guardar
sua imagem em minha memória.

NASSAU: É com tristeza que deixo esta terra e antevejo o seu futuro grandioso. Eles, os que ficaram, dirão, futuramente o quanto devem a esse período do governo. Hoje, neste instante da partida, vejo, comparando com o Recife que vi quando cheguei, o quanto esta cidade é linda, debruçada no grande rio. No momento, me sinto profundamente triste, mas, satisfeito pelo que vi e participei. Desta terra levo muitas memórias, e dela, fixo aspectos extraordinários, de suas paisagens e da gente, os pintores, Srs. Post, Zacharias Wagner e o notável Albert Eckhout um dia irão falar muito disso tudo.

13º EPISÓDIO AS FALAS DO POVO

POVONº1: Por mim ele ficava.

POVONº2: Mas a Companhia é a Companhia.

POVONº3: Eles só pensam em dinheiro. Nassau era um artista.

POVONº4: Ele deixou muita coisa em recife, muita coisa feita por ele. Se ficasse mais, tem mais coisas que faria.

POVONº5: É um como todos os europeus, acham que somos a escória. Não nos respeitam.

POVONº6: Dei o nome de Maurício ao meu filho, em homenagem ao príncipe.

POVONº7: Quem será que vem no lugar do Nassau?

POVONº8: Eu planto cana e vendo cana. Tudo que me der lucro é bom.

POVONº9: Eu tenho um engenho e sei que é duro negociar com essa cambada.

FELIPE CAMARÃO: O que é esta roupa deixada aqui no cais?

HENRIQUE DIAS: Cabem três aí dentro.

FELIPE CAMARÃO: Então vamos entrar. Sai Nassau e entram Felipe Camarão, Henrique Dias e André Vidal de Negreiros. Vamos ver o que podemos fazer para tocar esses gringos daqui para fora de uma vez por todas.

MARIA: Não adianta nada... Eles irão quando chegar a hora. Vão embora quando tiverem mudado as plantações e os engenhos para o Caribe.

EPÍLOGO

(*CANTA O SAMBA ENREDO DO NASSAU*)

Maurício de Nassau

Um alemão holandês
Navegou para o Brasil
E veja só o que ele fez
Fez: pontes, castelos, cidades,
Fez até um boi voar
Fez o monumento das saudades
Nesta terra linda de além-mar

Comandante poeta e gerente

Que veio da velha Europa
Explorar o canavial
Mas caiu com toda tropa
No nosso grande carnaval

Canta Pindorama

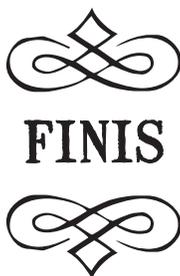
O encanto da natureza
Canta Pindorama
A glória do sol
A beleza do mar

Canta Pindorama

Este céu cor de anil
Esta gente morena
E a beleza do nosso Brasil

Adeus, adeus Nassau,

Tchau, tchau, tchau, tchau
Adeus, adeus, Nassau,
E não se esqueça de levar o general.





DAVI E GOLIAS

UM EXERCÍCIO
PARA TRÊS ATORES

DAVI E GOLIAS
UM EXERCÍCIO PARA TRÊS ATORES

PERSONAGENS

DAVI
GOLIAS
MÉDICO

Davi está ao telefone com o dedo na lista, procurando um número. Golias lê o jornal.

DAVI: Alô... Eu queria falar com o Dr. Álvaro Macedo Berne... É um amigo que ele não conhece... Eu explico a ele, minha senhora... Como é mesmo o seu nome, minha senhora? Ah... Berenice. *(NOTA)* Bonito nome... Eu tive uma tia com este nome. A senhora pode, por favor, Dona Berenice, chamar aí o seu marido?... Está certo, eu espero. *(PARA GOLIAS)* Está no banho...

GOLIAS: Marat foi assassinado na banheira por Charlotte Corday... Este é um ponto importante...

DAVI: Pois então tome nota... Ah... Alô, como vai você, Álvaro, meu velho... Aqui é Davi... Acho que você não se lembra de mim... Não? Nem vai lembrar... Nós nunca nos encontramos. Se eu sou amigo de um amigo? Não, eu não sou amigo de um amigo... Eu sou um amigo que você está conhecendo agora. Sabe Álvaro, eu fiquei sabendo de você pela lista telefônica... É, a lista de assinantes. Então, eu achei que podia falar a você sobre uma coisa muito importante para nós dois... Muito importante. Importante para você e sua família... Sabe que é que é... Você já tem seguro de vida? Não... Ah, não pretende morrer agora. Bom, nem eu... Todos nós sempre pensamos que nascemos para semente... O seguro que eu vendo cobre tudo... Acidentes, crimes... Coisas assim como assassinato por envenenamento... Não quer... Está bem... Eu não vou insistir... Mas se tiver uma ideia melhor sobre o seguro eu quero que me telefone... É 3366636336 Davi... Sou eu... O senhor foi muito educado, muitos costumam me xingar... Obrigado. Anotou meu telefone? Muito bem... Até logo... Passar bem. *(DESLIGA)* Anotou, Golias?

GOLIAS: Claro que eu anotei... Álvaro Macedo Berne... Estava no banho...

DAVI: Então, telefone logo... A mulher dele se chama Berenice. Parece ser, pela voz, muito receptiva aos problemas que possam surgir na vida da família.

GOLIAS: Trata-se de uma perfeita família burguesa...

DAVI: Mais que perfeita... Vamos, não perca tempo... Telefone.

GOLIAS: Eu estou lendo o jornal... Você não percebe que eu estou lendo o jornal? Gostaria de ler o meu jornal em paz.

DAVI: Estamos trabalhando... Deixe para ler seu jornal depois. Primeiro o trabalho, depois a diversão.

GOLIAS: Você repete sempre a mesma coisa. Você me cansa com suas verdades e seus pensamentos. Será que eu não posso ler o meu jornal em paz?

DAVI: Mas você não quer ter o trabalho de discar o telefone...

GOLIAS: Disque, vamos...

DAVI: Se você não fosse o meu único amigo... (*DISCA*)

GOLIAS: De onde falam... É você, Berenice? Quem é que está falando? Tente... De onde... Tente adivinhar... Não... Não também.. Escuta aqui, Berenice... Eu estou telefonando para avisar você sobre um grande perigo. Pois é... Um grande e terrível perigo. Seu marido vai sofrer um acidente... Como é que eu sei? Bem, eu não posso entrar em detalhes, mas se eu fosse você exigia dele um seguro de vida imediatamente. Você não pode ficar desamparada de um momento para outro. Pense nas crianças... Quantos filhos você tem? Quatro? (*PARA DAVI*) Uma perfeita família burguesa... Que tipo de acidente? Eu creio que vários tipos de acidentes podem acontecer com seu marido. Escolha o que mais interessar... Mas pense bem nisso, peça a ele que faça um seguro de vida que é para você... Não insista, eu não posso dizer meu nome. Até outra vez, Berenice... Pobre Berenice. (*DESLIGA*)

DAVI: A ficha está pronta... Logo mais telefonamos outra vez ao Sr. Álvaro Macedo Berne... E aí, vamos contar a história de Marat e de como o grande revolucionário francês foi morto na banheira...

GOLIAS: Os verdadeiros revolucionários nunca deviam tomar banho de banheira... Só de chuveiro... Agora leia a sua parte do jornal que eu leio minha parte do jornal. Já trabalhamos o suficiente por hoje.

DAVI: Piadas e horóscopo. Grande besteira, isso de horóscopo. Como se fosse possível alguém ler o passado, o presente e o futuro nos astros... E tem gente que ainda acredita nessas bobagens.

GOLIAS: Lê aí o que diz o meu signo...

DAVI: Eu não sei qual é o seu signo... Aliás, eu nem sei se você tem signo.

GOLIAS: Todos temos signo... Basta ter uma data de nascimento para se ter um signo.

DAVI: É... É a coisa mais barata que podemos adquirir... Um signo... Mas, qual é o seu signo?

GOLIAS: Áries... Primeiro decanato.

DAVI: Áries, o carneiro... Carneiro ou bode?

GOLIAS: Carneiro... Bode é Capricórnio...

DAVI: Áries, está aqui... Diz que hoje, você não deve fazer viagens longas.

GOLIAS: Ora, viagem longa é uma viagem que dura
mais que dois ou três dias?...

DAVI: Qual é a viagem mais longa que você poderia fazer? Acho que seria
ir daqui na padaria da esquina buscar cerveja, pão e queijo.

GOLIAS: Não é isso, seu burro... Viagem longa é uma viagem
a outro continente, uma volta ao mundo...

DAVI: Já entendo... E já sei qual é a viagem mais longa do mundo... Se
é mesmo verdade que a Terra é redonda... *(PEGA UMA COISA
REDONDA PARA DEMONSTRAR)* A viagem mais longa que se
poderia fazer... Seria... Sair daqui e chegar aqui... Mas que
coisa incrível, Golias. Eu acabei de descobrir que a viagem
mais longa que a gente pode fazer é muito curta... Veja bem...
Se eu saio andando em frente, sempre em frente... Passo
terras e mares... Eu acabo chegando aqui. *(MOSTRA UM PONTO
LOGO ATRÁS DE SI MESMO)* Quer dizer... Que a viagem mais
longa do mundo é um passo atrás de onde eu estou agora...

170

GOLIAS: Você quase descobriu a verdade... É um pouco mais que isso.
A viagem mais longa que você pode fazer... É ficar aí parado.

DAVI: Que assombro... Isso sim é uma coisa que pode dar medo...
E aqui parado, onde você acha que eu chego?

GOLIAS: Na morte... Ou na puta que o pariu...

DAVI: Quando eu começar a ofender a sua mãe, você não vai
gostar. Eu já disse a você que se existe um filho da...

GOLIAS: Eu te faço engolir o jornal... Vamos,
continue a ler o meu horóscopo.

DAVI: Você é um tipo muito pouco humano... É por isso
que eu tenho medo de você, Golias.

GOLIAS: Leeeiiiiaaa o meu horóscopo, eu estou mandando...

DAVI: Aqui diz que você vai receber notícias de uma
pessoa que você não vê há muito tempo.

GOLIAS: Notícias boas ou más?

DAVI: Simplesmente notícias...

GOLIAS: Isso não existe... As notícias são boas ou más... Sempre foi assim...

DAVI: A culpa não é minha, não fui quem escreveu este horóscopo neste jornal... Aqui diz simplesmente notícias...

GOLIAS: Não diz mais nada...

DAVI: Diz... Cuidado com as dores de cabeça que um amigo pode causar.

GOLIAS: Hummmmmm...

DAVI: Parece que você está fazendo aí por trás do jornal um ar de ironia. Por acaso você está pensando que o amigo que vai trazer dores de cabeça sou eu?

GOLIAS: Você tem complexo de culpa. Eu estava pensando nos navios que somem no Mar do Caribe sem deixar rastro.

DAVI: Você é um mentiroso, Golias. Isso é o que você faz melhor: mentir. Portanto, eu me sinto à vontade para chamar você de mentiroso. Golias, você é um grande mentiroso...

GOLIAS: Se eu sou um grande mentiroso, você foi o meu professor. Ou você pensa que eu nasci mentindo? Foi você, com esta firma de vender seguros, quem me obrigou a mentir para as famílias mais que perfeitas... Foi sim... Foi você quem me mandou dizer aí à Berenice que o marido vai sofrer um acidente... Só para vender seguro de vida. Meu Deus, quem é que está seguro nesta vida. Isso sim é que é mentira.

DAVI: Mentir nos negócios não é mentir... É uma tática mercadológica...

GOLIAS: Os mergulhadores encontraram vestígios de uma cidade submersa. Você acredita que a Atlântida realmente existiu? Você acredita nisso, Davi?

DAVI: (*LENDO*) Escorpião... Deixa ver o que diz aqui do meu signo.

GOLIAS: Você é Escorpião, é?

DAVI: Sou. E o que é que tem de mais alguém ser do signo de Escorpião?

GOLIAS: Nada não... Eu estava apenas pensando no signo de Escorpião. E Escorpião é um signo e tanto. Leia aí o que diz o seu signo, Davi.

DAVI: Diz que o dia vai ser maravilhoso para mim...
Negócios rendosos à vista.

GOLIAS: Se o horóscopo der certo, você vai vender um seguro para o marido de Dona Berenice...

DAVI: No amor, uma surpresa...

GOLIAS: É sem dúvida um horóscopo promissor...

DAVI: Por que é que você usa essas palavras bobas?

GOLIAS: Que palavras bobas?

DAVI: Palavras idiotas como “promissor”, por exemplo. Você deveria cuidar de falar mais simplesmente. Sabe o que você é, Golias? Você é um pernóstico, um afetado.

GOLIAS: Você entendeu o que eu quis dizer quando eu disse promissor, não entendeu? Isso é o mais importante, deixe de analisar tudo o que eu digo. Você é um chato, Davi.

DAVI: E o que é que você tem contra os chatos? Eu já quis desfazer nossa sociedade há muito tempo. Eu já quis mudar daqui uma porção de vezes, mas você não deixa. Você quer que eu fique aqui e leia quando você leia e coma quando você coma e...

GOLIAS: Um bilhão de dólares... Vão gastar um bilhão de dólares na brincadeira.

DAVI: Em qual brincadeira? Pelo jeito que você fala, parece que eu tenho obrigação de adivinhar as besteiras que você pensa...

GOLIAS: Um bilhão de dólares para pesquisar o fundo do Mar do Caribe em busca de vestígios da Atlântida. Um bilhão de dólares é dinheiro para ninguém botar defeito. O que você faria com um bilhão de dólares, Davi?

DAVI: Compraria uma chácara, à margem de um riacho limpo... Um lugar que tivesse umas árvores e alguns bichos para criar.

GOLIAS: Então, este é o seu grande sonho?

DAVI: O que é o meu grande sonho?

GOLIAS: Um lugar no campo, a volta à natureza...

DAVI: Não, o meu grande sonho é morar sozinho... Seja numa chácara, seja no andar de cima deste prédio... Em qualquer lugar, longe de você.

GOLIAS: Mas por que não realiza seu sonho de uma vez por todas? Eu nunca proibi você de dar o fora daqui. Você pode me vender a sua parte e a sua metade deste apartamento, e pronto.

DAVI: Quanto é que você acha que vale a minha metade deste apartamento?

GOLIAS: Mais ou menos quanto vale a minha metade.

DAVI: E quanto vale a sua metade?

GOLIAS: Minha metade... Minha metade não vale nada.

DAVI: Então, por que é que você não vende a sua metade por este “nada”?

GOLIAS: A minha metade não está à venda. Quer me vender a sua metade?

DAVI: Faça uma oferta, eu estudo e respondo.

GOLIAS: Um bilhão de dólares... Um dólar ao mês...

DAVI: E daqui a um bilhão de meses, eu teria meu dinheiro. Você é desonesto, Golias. Isso é o que você é. Um desonesto.

GOLIAS: Mas, quem inventou esse meio sacana de vender seguro de vida para as famílias mais que perfeitas da média burguesia não fui eu... Foi você quem engendrou este plano sinistro de me fazer ser este profeta de avisos tenebrosos. Você não presta, Davi. Você é um chato.

DAVI: E se não fosse isso, de que é que você ia viver? Você não sabe fazer nada. Você não sabe ligar o telefone... Está na hora de ligar mais uma vez para o nosso cliente... Álvaro Macedo... *(DISCA)* Alô... Álvaro, Alvinho há quanto tempo... Puxa, eu estava com uma bruta saudade de você. Quem é que está falando? É o Davi... Não se lembra de mim?... O Davi, do seguro de vida... Pois é... Como é, você já decidiu alguma coisa? Qual é o preço?... Bem, temos seguros de todo preço. Mas a sua vida é muito preciosa para fazer um seguro baratinho... Digamos... Um bilhão de dólares para a sua família, em caso de morte... Você iria pagar uns mil dólares por ano... Não é mesmo um negócio da China? Muito caro? Que nada, meu amigo. Você precisa tranquilizar a sua mulher e seus quatro filhos... Como é que eu sei que eles não estão tranquilos? Quem é que pode estar tranquilo numa época como esta. É, os bons tempos se foram para nunca mais voltar... Acredito. Sei, sei... Eu tenho outros preços, mas aconselho este seguro de um bilhão de dólares... Por que é que o preço é em dólares? Ora, Seu Álvaro, porque trata-se de um seguro... Pois é, tem que ser seguro... Mas eu posso fazer em escudos ou francos, também... Pois então pense bem e depois me telefone. Até logo mais, lembranças a Dona Berenice, um beijo nas crianças... *(DESLIGA)* Golias...

GOLIAS: Me deixa ler sossegado. Eu só vou telefonar daqui a pouco, quando eu terminar de ler o meu jornal.

DAVI: Golias... Se eu fosse me casar, você sairia do apartamento, não sairia? Afinal, não ia ser nada divertido morarmos em três aqui neste apartamento. É muito pequeno, é quase um cubículo.

GOLIAS: Acho que não seria nada confortável. Até faço um negócio com você. O primeiro que casar fica com o apartamento e o outro cai fora. Tá combinado?

DAVI: Vamos fazer isso tudo bem escrito num contrato...

GOLIAS: Não precisamos de papéis. Somos amigos, não somos?

DAVI: Está bem, então vamos fazer um contrato à antiga. Um fio de barba.

GOLIAS: Isso é frescura.. Toque aqui. *(DÁ A MÃO)*

DAVI: Sem truques.

GOLIAS: Sem truques... Nada nesta manga, nada nesta outra manga...

DAVI: Eu não li tudo o que o horóscopo dizia do meu signo, mas agora eu vou ler para você, Golias... *(PEGA O JORNAL)*

GOLIAS: Leia o que diz aí de Escorpião, Davi...
Estou morrendo de curiosidade.

DAVI: Aqui diz que o meu dia vai ser maravilhoso... Negócios rendosos à vista. No amor, uma surpresa...

GOLIAS: Você já tinha lido isso...

DAVI: Mas tem algo mais... No amor, uma surpresa... Você estará com a mulher de seus sonhos, com o seu grande amor e vocês se casarão e serão felizes para sempre.

GOLIAS: Duvido que isso esteja escrito aí...

DAVI: Pois então leia você mesmo...

GOLIAS: É mesmo... Que coisa incrível...

DAVI: O que eu tenho que fazer é ligar para o amor da minha vida e pronto...

GOLIAS: Felicidades, Davi...

DAVI: *(DISCANDO)* De onde falam... A senhora já tem seguro de vida... Ah, desculpe... Eu estou emocionado e confuso... Emocionado e confuso... Eu gostaria de falar com a Ana Maria... Urgente!!!!... Diz que é o Davi... Ele me adora... Alô, como vai, meu amor. Há quanto tempo... Eu sumi? Pois é, eu sumi como somem os navios no Mar do Caribe... Misteriosamente... Que navios? Você não sabe que têm sumido navios no Mar do Caribe. Pois é, estão fazendo uma pesquisa de um bilhão de dólares para procurar vestígios da Atlântida no fundo do Mar do Caribe. Atlântida?

Você não sabe? É o continente perdido no fundo do mar... Pois é, Aninha, eu pensei muito em você e resolvi... Pois é, eu resolvi pedir você em casamento... Não, eu não estou brincando, não... Juro... Juro pela minha mãe... Juro por tudo o que quiser que eu jure... Como vai quem? Ah, o Golias... Está aqui... Está lendo os jornais. Ele concordou em se mudar para nós podermos morar aqui neste apartamento... Pois é... Vamos ficar só nós dois aqui. O Golias? É sim, é uma pessoa maravilhosa... Meu melhor amigo... Mais que amigo, é meu irmão... Como é que fica a nossa sociedade? Bem eu posso ensinar você a fazer o trabalho dele... É fácil. Qualquer idiota seria capaz... Sei, sei, sei...

GOLIAS: Sei, sei, sei...

DAVI: Se você quer pensar no meu pedido, por que não vem para cá? Assim nós podemos pensar juntos. Eu posso ajudar você a se decidir. Está bem, eu te espero... Vem logo, meu amor, minha vida... Sou louco por você... Um beijo, Aninha, meu amor.
(*DESLIGA*) Pronto, está feito. Ela vem para cá... Ela tem um problema para resolver, mas problemas, quem é que não os tem?

GOLIAS: Quer dizer que você vai casar com ela e vai fazer sociedade com ela no negócio sujo de seguros de vida para as famílias mais que perfeitas da burguesia média?

175

DAVI: Você não iria querer continuar trabalhando comigo, não é, Golias?... E depois, eu acho que você tem outras vocações...

GOLIAS: Acha é? O que você acha que eu devia fazer na vida?

DAVI: Com toda sinceridade, eu acho que você devia ser assassino profissional... Você tem um ar de assassino no rosto que é o seu melhor aspecto...

GOLIAS: (*VAI AO ESPELHO*) Onde está essa tal cara de assassino que eu nunca consigo ver?

DAVI: Quando você olha no espelho o olhar frio e calculista de assassino some. O seu superego esconde do seu ego a cara de assassino... Oh, Aninha, que felicidade... Eu sabia que a felicidade um dia...

GOLIAS: Grande garota. Você teve sorte, Davi. Muita sorte mesmo.

DAVI: Você lembra dela, não lembra?

GOLIAS: Vagamente...

DAVI: Ela é uma delícia... Terna... Uma mulher para fazer qualquer homem feliz.

GOLIAS: Disso eu tenho a mais absoluta certeza.

DAVI: Do que é que você tem certeza?

GOLIAS: Que a Aninha pode fazer qualquer homem feliz...

DAVI: Não gostei do jeito como você disse isso.

GOLIAS: Não gostou por quê? Eu disse simplesmente que acho que a Aninha pode fazer você feliz.

DAVI: Você não disse bem assim. Você disse, com alguma ironia, que ela poderia fazer “qualquer homem feliz”... Você tinha alguma coisa a mais no pensamento, não tinha?

GOLIAS: Sei lá o que você quer dizer com isso.
Você tem o cérebro doentio, Davi.

DAVI: Eu acho que já sei bem o que você estava querendo insinuar. Seu porco. Seu porco imundo... Você pensou, aí nessa sua mente suja, que ela poderia fazer você feliz também... Vamos, confesse, seu crápula, que você pensou essa sujeira!

GOLIAS: Você é um tímido, passando a agressivo...
Nada mais e nada menos.

176

DAVI: Agora. Agora você ficou com aquela cara de assassino que eu digo sempre. Ah, se eu tivesse minha máquina fotográfica agora, eu fotografava essa sua cara torpe de assassino frio e calculista... Você precisava ver como é tenebrosa a sua cara de assassino.

GOLIAS: (*VAI PARA O ESPELHO*) Mas pombas, por que é que eu nunca consigo ver esta cara que você fala?

DAVI: Claro que você não pode ver... Cada vez que você chega perto do espelho a cara muda. Some. Você tem um péssimo caráter consciente e inconsciente.

GOLIAS: Ora, vá latir na rua...

DAVI: Você é um tarado sexual...

GOLIAS: Espera aí, você está me ofendendo agora. Eu nunca dei motivos para você me chamar de tarado sexual. Só porque eu disse que a Aninha faria qualquer homem feliz, isso não quer dizer que eu seja um tarado sexual...

DAVI: Eu conheço você... Eu sei bem do que você é capaz... Às vezes, eu sinto vontade de pedir a você para dormirmos em camas separadas... Você é perigoso, Golias.... Mas eu sei cuidar de mim...

GOLIAS: Mas o que é que você está dizendo aí, seu puto? Você está insinuando que eu seria capaz de tentar alguma coisa com você? Você está sofrendo da bola mesmo...

DAVI: Eu tenho algumas provas que você não sabe.

GOLIAS: Que provas?

DAVI: Você é que pensa que não deu motivos para esta minha desconfiança. Eu tenho observado você muito nestes oito anos de convivência.

GOLIAS: Então, prove que eu sou um tarado sexual.

DAVI: Pois é o que eu vou fazer de uma vez por todas. (*LEVANTA UMA ALMOFADA DE UMA POLTRONA E TIRA UMA REVISTA DE MULHER PELADA*) Aqui está. Está vendo bem? De quem é esta revista de mulher pelada? Vamos, responda. De quem é esta revista de mulher pelada?

GOLIAS: Era minha, até você me roubar. Além de tudo, você é ladrão. Que belo caráter você tem. Mas eu te perdoo.

DAVI: Quem é você para me perdoar? Eu encontrei esta revista de mulher pelada muito bem escondida entre as suas camisas. Por favor, se não for incômodo, responda, meu caro Golias... Qual a utilidade desta revista de mulher pelada? Não vai me dizer que você olha esta pornografia com olhos de artista.

GOLIAS: Não... Se é que você quer mesmo saber, eu comprei esta revista, porque... Bem, porque tem aí uma garota que foi minha namorada... É uma história triste que eu não tenho obrigações de contar a você.

DAVI: Mentiras, mentiras, mentiras.

GOLIAS: Está bem, Davi. Ouça a história. Dê a revista para cá. (*FOLHEIA E ESCOLHE UMA MULHER*) Está vendo esta moça?

DAVI: Esta com essa bela bunda de fora? Estou sim. Vai me dizer que é sua irmã caçula? Vai me dizer que ela posou assim nua para pagar a operação do seu velho pai aposentado? Não me venha com histórias bobas.

GOLIAS: Não... Não é minha irmã caçula. É apenas a garota que eu conheci quando tinha grossas tranças de cabelos castanhos. Uma garota que eu conheci numa pequena cidade do interior. Ela foi minha primeira namorada. Eu nem sei como continuar... (*CHORA*)

DAVI: Você está chorando, Golias? Você está chorando ou está fingindo?

GOLIAS: Eu te avisei que era uma história triste.

DAVI: Você está fingindo. Tire a mão do rosto que eu quero ver se é choro seco ou se tem lágrimas...

GOLIAS: (*TIRA A MÃO DO ROSTO, ESTÁ EM LÁGRIMAS*)
Lágrimas... O que importam as lágrimas?

DAVI: São lágrimas, mesmo...

GOLIAS: Que tristeza...

DAVI: Desculpe, eu não tive a intenção.

GOLIAS: Claro que você não teve a intenção. Você é mau, Davi.
Você é fraco e mau. Você é mau porque é fraco.

DAVI: O amor me comove em qualquer circunstância.
Desculpe... Mais uma vez eu te peço.

GOLIAS: E você? Por que você foi remexer nas minhas camisas?
Por que é que você tirou a revista de lá e escondeu embaixo da almofada da poltrona? Se um de nós dois é um sujo... É você... Eu até aposto que você...

DAVI: Não continue a me acusar. Você sabe que eu não resisto a este tipo de pressão psicológica. Eu tenho sentimentos.

GOLIAS: Por que você roubou a revista? Vamos, confesse. Seu sujo... Você usou essa imagem para... para...

DAVI: Pare com isso... Eu não aguento mais... Está bem, é verdade. É um vício que eu tenho.

GOLIAS: Por que então você não sustenta seu vício comprando as suas revistas de mulher pelada?

DAVI: Eu não tenho coragem... Eu não tenho coragem de comprar uma revista nas bancas de jornais.

GOLIAS: Coragem? Mas no entanto, você tem coragem para... Então, você é capaz de gozar... Então, seu sujo, você é capaz de se inspirar com essas fotos?

DAVI: Eu sou, eu sou, eu sou. Errar é humano, porra!

GOLIAS: E ela? (*MOSTRA A MOÇA*) Aposto que você se inspirou nela também para as suas porcarias. Vamos, confesse de uma vez... Libidinoso!!!

DAVI: Não, ela não... Eu prefiro uma outra... Uma da página doze. Dá para cá que eu mostro para você...

GOLIAS: Você é um ser desumano, Davi. Mas eu te perdoo...

DAVI: Me dê essa revista que eu vou queimar estas mulheres de papel.

GOLIAS: Nunca. Elas ficarão aqui como evidência do seu crime sexual. Tarado.

DAVI: Você não acha que está na hora de telefonar para Dona Berenice, o Álvaro Macedo... Pode ser que eu possa vender este seguro ainda hoje.

GOLIAS: Não muda de assunto. Eu ainda estou chocado com a revelação destes teus hábitos solitários... Punheteiro.

DAVI: E você? Vai me dizer que nunca faz isso?

GOLIAS: Claro que não faço. Eu sou um adulto, Davi. Um homem adulto é o que eu sou. Quando eu tenho desejos, eu procuro mulheres de verdade. Você tem uma regressão doentia. A masturbação é um infantilismo imperdoável. Por causa de homens como você é que o mundo é o que é.

DAVI: Por causa de homens como eu e você... Eu sou um infantilóide e você é um adulto assassino.

GOLIAS: Mas eu nunca matei ninguém, porra!

DAVI: Mas você tem alma de assassino. Um assassino, para ser assassino, não precisa matar ninguém. Um assassino pode viver a vida toda sem matar alguém, mas nem por isso deixa de ser um assassino.

GOLIAS: Isto que você falou é uma teoria muito besta.

DAVI: A sua teoria de masturbação também é muito besta. Eu li na Seleções do Readers Digest um artigo assinado por uma sumidade em masturbação, que a masturbação não faz mal à saúde.

GOLIAS: Quanto tempo um homem aguenta? Quanto tempo será que um homem aguenta?

DAVI: Aguenta o quê? Aguenta ficar sem mulher?

GOLIAS: Não. Quanto tempo um homem aguenta ficar em baixo d'água com aquele cilindro de oxigênio?

DAVI: Uma meia hora...

GOLIAS: Em meia hora ninguém encontra vestígios da Atlântida.

DAVI: Pode ser que seja mais. Uns quarenta e cinco minutos.

GOLIAS: Pelo menos uma hora. Pelo menos uma hora para procurar vestígios da Atlântida no fundo do Mar do Caribe.

DAVI: Isso depende do tamanho do cilindro de oxigênio. Com um cilindro grande um homem pode mergulhar até o dia inteiro.

GOLIAS: Pode ser, mas eu não acho que pode ser um cilindro muito grande porque daí fica muito pesado... Depois, tem o frio. Eles têm uma roupa de borracha especial. Mas mesmo assim... No fundo do mar deve ser uns sete ou oito graus.

DAVI: Abaixo de zero?

GOLIAS: Acima de zero...

DAVI: O homem ainda não está preparado para estas descobertas... Depois, eu penso que a gente assim como nós somos está mais preparada para vender seguros de vida para famílias mais que perfeitas da média burguesia... Veja o que aconteceu com a Lua.

GOLIAS: A Lua é uma coisa completamente diferente dos vestígios da Atlântida.

DAVI: Pra mim é a mesma coisa.

GOLIAS: Estou com dor de cabeça.

DAVI: Conforme diz o seu horóscopo.

GOLIAS: Eu não acredito em horóscopo.

DAVI: Você é burro.

GOLIAS: Me dê uma prova... Uma só prova e eu acredito em tudo o que você disser depois sobre astrologia e adivinhações e o que mais você inventar de dizer.

DAVI: Está na hora de você telefonar para os nossos clientes. Eu preciso vender este seguro de vida. Eu agora preciso ganhar muita grana. Afinal, eu vou casar com a Aninha...

GOLIAS: Eu não vou telefonar para ninguém... Como você mesmo disse, qualquer idiota pode fazer um trabalho destes.

DAVI: Bom... Já que não vamos mais trabalhar hoje, eu vou me vestir para esperar minha noiva Aninha... Ela vem aí... Aninha... Golias.

GOLIAS: Não enche o saco.

DAVI: Posso pedir uma coisa a você?

GOLIAS: Eu não vou telefonar para cliente algum.

DAVI: Não é isso. Eu queria pedir a você, em nome de nossa velha amizade... Será que você podia esquecer da revista de mulher pelada e da masturbação. Acho que Aninha não ia gostar de saber de uma coisa destas.

GOLIAS: Vou pensar.

DAVI: Como, vai pensar? Você é meu amigo, ou não é?

GOLIAS: Sou... Mas tem uma coisa que você não sabe.

DAVI: O que é que eu não sei?

GOLIAS: Eu e a Aninha... Nós dois... Pois é, faz algum tempo... Que coisa.

DAVI: Fale de uma vez, este suspense me mata...

GOLIAS: Eu e ela... Nós dois, tivemos uma experiência sexual.

DAVI: Uma experiência sexual?

GOLIAS: Sim, uma experiência sexual que deu certo.

DAVI: Canalha... Eu estou me sentindo mal...

Davi cai por terra e Golias o atende ajoelhado no chão.

181

GOLIAS: Davi... Davi, meu amigo... Fale comigo... Meu Deus... Existe um médico na plateia?... Um médico na plateia! Eu creio que ele não resistiu ao choque... Por favor, um médico na plateia. Pode subir depressa... Caros amigos, eu creio que o pobre Davi não resistiu ao impacto desta cena. Na verdade, é a primeira vez que este assunto é abordado assim tão cruelmente neste tipo de teatro sério e realista. Eu peço que não saiam da plateia, porque a peça continua! The show must go on. Não é verdade? Não existem pequenos papéis, existem pequenos atores... O teatro é o espelho da vida. Nós queremos que você tenha essa vivência a mais da realidade incrível e fantástica da vida.

O médico já subiu.

MÉDICO: Eu sou médico...

GOLIAS: Sua especialidade, por favor?

MÉDICO: Psicanálise...

GOLIAS: Bem, na falta de outro... Atenda meu amigo, doutor...

DAVI: Eu morro... Eu morro...

MÉDICO: Calma...

DAVI: Calma para quê, doutor... Eu morro... Quero morrer desesperado...

MÉDICO: Relaxe, conte: um, dois, três... Eu vou fazer uma massagem...

GOLIAS: (*VAI AO TELEFONE*) Alô, é Dona Berenice?... Como vai a senhora?...

Eu sou aquele que avisou a senhora que o seu marido vai sofrer um acidente. A senhora não imagina como um acidente pode vir quando menos se espera. Um amigo meu está à morte só porque soube que a noiva dele teve uma experiência sexual... É isso que a senhora ouviu... Uma experiência sexual que deu certo com a noiva dele... Pois é, teve um choque... Está à morte... A senhora e seus quatro filhos... Vão precisar de alguma coisa para recomeçar a vida. Façam um seguro de vida... É dar o meu nome... Passar bem, minha senhora... Lembranças ao Álvaro e aos filhos todos... (*DESLIGA*) Como é, doutor?

MÉDICO: Ele já está melhor...

DAVI: Estar vivo não quer dizer estar melhor, doutor.

MÉDICO: Descanse um pouco aqui no sofá...

GOLIAS: Eu ajudo... Pobre Davi... Eu dei o telefonema, viu?

DAVI: O que me importam os telefonemas...

GOLIAS: Eu gostaria de aproveitar a sua presença aqui no palco, doutor, para uns esclarecimentos psicanalíticos sobre o caso que neste palco se apresenta. Eu peço desculpas mais uma vez ao público e gostaria de incluir na nossa apresentação de hoje da peça "Davi e Golias Em Papo Firme", este diálogo com o psicanalista em questão... Doutor... Pode falar...

MÉDICO: O senhor me desculpe mas um psicanalista não fala, um psicanalista ouve.

GOLIAS: Mas o senhor deve ter ouvido pelo menos uma parte de minha conversa com o meu bom amigo Davi, na primeira parte deste espetáculo... Quais são as suas apreciações sobre o caso?

MÉDICO: Na minha opinião... Não é uma palavra final, mas me parece um caso de ofuscamento de personalidade. O senhor oprime o seu amigo Davi até os limites do absurdo. É uma opressão doentia. O senhor, Seu Golias, deve ter uma mãe dominadora, possessiva e castradora. Então, por uma relação edipiana... O senhor absorve a parte mais opressora do caráter materno. Por outro lado, o infantilismo do Senhor Davi deve advir de uma relação bastante marcada com um pai austero e possessivo...

DAVI: (*VINDO AINDA FRACO*) Desculpe, Doutor... Posso fazer uma pergunta?

MÉDICO: Pois não...

DAVI: A sua mãe? De que tipo a sua mãe é?

MÉDICO: Do tipo normal.

GOLIAS: E o seu pai? De que tipo é seu pai?

MÉDICO: Do tipo normal, também.

DAVI: Portanto, o senhor não tem estes problemas que nós temos, não é verdade?

GOLIAS: Ou será que tem?

MÉDICO: Eu posso dizer que sou horrivelmente normal.

GOLIAS: Horrivelmente?

MÉDICO: Então, o senhor já está bom para outra, Senhor Davi?

DAVI: Estou melhor... A conversa distrai.

GOLIAS: Voltando a sua mãe, doutor, ela insistiu muito para que o senhor se formasse em medicina?

MÉDICO: As mães sempre querem um médico na família... Mas, evidentemente, os desejos de minha mãe não entraram na conta. Eu me formei médico para cumprir uma vocação.

GOLIAS: Doutor, o senhor acha possível... Ou melhor, o senhor acredita que possam encontrar vestígios da Atlântida no fundo do Mar do Caribe?

MÉDICO: Acho bem mais fácil eu encontrar vestígios de coerência no seu cérebro perturbado... Desculpe-me, por favor, eu não tinha o direito de me zangar. Peço também desculpas ao público presente. Eu não tenho o costume de frequentar palcos de teatro... E de mais a mais, eu sou um psicanalista e um psicanalista não fala, ouve.

DAVI: Não se culpe, doutor. O senhor tem toda razão. Não é possível encontrar vestígios da Atlântida no fundo do Mar do Caribe. Se não é possível... Não é possível e pronto. Mas doutor, eu preciso de sua ajuda... Golias, pode por favor se afastar um pouco para que eu possa falar com o doutor em particular?

GOLIAS: Eu vou ler o meu jornal. Fiquem à vontade.

MÉDICO: Pode falar, meu amigo...

DAVI: O senhor sentiu o meu problema... Estava gostando da peça, doutor?

MÉDICO: Relativamente. Me pareceu um tipo de teatro bastante antigo e superado. Tem um pouco de psicologia. Não, não é psicologia.. É um certo psicologismo que aparece dando um aspecto falso de profundidade. Cenário regular... Interpretações de desejar.

DAVI: O senhor está errado de profissão, doutor... O senhor deveria ser crítico teatral... Nunca ninguém meteu o pau nesta peça com tanta razão...

MÉDICO: Qual nada, eu não entendo de estética. Entendo de ética... E entendo de psicologia. Eu venho ao teatro porque o ser humano é o meu laboratório de reações... Estranho, não é?

DAVI: O que o senhor acha daquilo, doutor? Eu tenho tanta vergonha de contar “aquilo” todos os dias diante da plateia. Fale alguma coisa sobre aquilo, por favor.

MÉDICO: Aquilo o quê?

DAVI: Aquilo das mulheres de papel, e dos meus hábitos sexuais pervertidos.

MÉDICO: Meu amigo... Eu, quando entrei na sala de espetáculos, passei antes pela bilheteria e paguei o meu ingresso. Se não tivesse pago o meu ingresso, não iria apreciar tanto esta peça. Quando a gente paga, a gente aproveita tudo. Quando não paga, não dá valor algum. O que é de graça não nos excita. Por isso mesmo eu quero deixar aqui o meu cartão. Se o senhor estiver interessado nos seus próprios problemas me procure. Não vá se esquecer de pagar a consulta antes com a enfermeira. Sem consultas pagas não existem chances de cura.

DAVI: Mas doutor, eu preciso saber de meus problemas. Afinal, eu vou me casar com a Aninha... Bem, não sei se ainda vou me casar com a Aninha porque ela teve uma relação sexual que deu certo com o Golias... Eu estou confuso, eu preciso de um médico...

MÉDICO: Pague a consulta...

DAVI: *(TIRA A CARTEIRA DO BOLSO E ABRE, DANDO TODO O SEU POUCO CONTEÚDO AO MÉDICO)* É o que eu tenho... É tudo o que eu tenho...

MÉDICO: *(GUARDA O DINHEIRO DEPOIS DE CONTAR)* Já serve para alguma coisa... Vamos lá, conte-me tudo...

DAVI: Eu me masturbo, doutor. Com esta idade, pois é. Eu me inspiro em fotos de mulheres peladas de revista de sacanagem. Eu tenho culpa, eu sei que tenho... Mas veja a minha vida, doutor. Fiquei órfão muito cedo. Fui criado por uma tia muito religiosa. Ela me batia com o chinelo... Um dia, eu atirei meio tijolo nela.

MÉDICO: Acertou?

DAVI: Acertei no meio da testa...

MÉDICO: Meio tijolo?

DAVI: Meio tijolo daqueles antigos...

MÉDICO: Puta que o pariu!!! Matou?!

DAVI: Não fiquei para ver, doutor. Fui embora, corri pelas ruas. Tomei trens, ônibus, caminhei pelas calçadas... Daí por diante, doutor, sozinho no mundo, eu tive que viver às minhas custas... Pois é, doutor, eu comi o pão que o diabo teve preguiça de acabar de amassar.

MÉDICO: Por hoje é só... Numa próxima consulta a gente continua.

DAVI: Puxa vida, doutor... O meu dinheiro só deu para isso aí?... Tem dó, doutor, eu falei e falei e o senhor se limitou a um “puta que o pariu” quando eu disse que tinha acertado uma tiçoada na minha tia... E a cura, doutor?

MÉDICO: A cura é gradativa. Tenha paciência e apareça no meu consultório. Fale com a minha enfermeira e pague a consulta. Se estiver desesperado, ligue para a minha casa... Se eu não estiver, fale com a minha mulher... Tome o cartão.

DAVI: E como é o nome de sua mulher, doutor?

MÉDICO: Ana Maria.

DAVI: Não é possível... Que coincidência! Como é ela?

MÉDICO: Ora, é uma mulher bonita...

DAVI: Muito bonita?

MÉDICO: Acho que sim...

GOLIAS: (*RETIRANDO O JORNAL DA CARA*) Tem pernas longas e cabelos macios?

MÉDICO: Desculpe, mas eu não vim aqui para falar da minha mulher...

GOLIAS: O que é isso, doutor?... O senhor deve encarar isso de uma maneira horrivelmente normal... Ela é loura...

MÉDICO: É loura, e daí?

GOLIAS: A nossa Ana Maria é loura...

MÉDICO: Bem, eu vou indo...

DAVI: Como é o sobrenome da sua mulher, doutor?

MÉDICO: Brick... Ana Maria Brick... Be/erre/i/ce/ka

GOLIAS: Se não me engano...

DAVI: Que tenebrosa coincidência... Não pode ser. Não pode ser.

MÉDICO: O que que não pode ser?

DAVI: A minha Ana Maria.. Ou melhor, a nossa Ana Maria se chama Ana Maria Brick.

MÉDICO: O senhor está brincando...

GOLIAS: Brincando o caralho... Ou é coincidência ou esta merda está ficando quente...

MÉDICO: Eu exijo respeito pela minha esposa!

DAVI: Eu exijo respeito pela minha noiva!

GOLIAS: Eu não exijo nada, mas temo pelo futuro...

DAVI: Minha noiva, minha pobre noiva. O que faremos se ela for a mesma Ana Maria para todos... Aninha, oh, Aninha...

MÉDICO: Eu a chamo de Naná.

GOLIAS: Eu a chamava de AnaMeuBem...

DAVI: Como eu sou desgraçado. Senhor: protegei-me e amparai-me. Sinto que minha últimas forças se esvaem...

GOLIAS: Não se impressione, doutor. Davi é assim mesmo. Não pode deixar de aproveitar uma chance de mostrar que é um exibicionista barato.

DAVI: Golias, como você é cruel.

MÉDICO: Vocês estão mesmo pensando que a minha Naná é a mesma Aninha e a sua AnaMeuBem? Ela é loura ou morena?

DAVI E GOLIAS: Loura!

MÉDICO: Isso não quer dizer nada... Existem milhares e milhares de louras...

DAVI: Mas nem todas se chamam Ana Maria Brick...

GOLIAS: Nem todas são gostosas como ela...

MÉDICO: Mesmo na dúvida, eu exijo o máximo de respeito...

GOLIAS: Desculpe, doutor, mas a AnaMeuBem que eu conheço é uma parada. Se a sua mulher é um bagulho, pode ficar sossegado que não pode ser a mesma Ana que eu conheço.

DAVI: Mas se por acaso se trata da mesma que eu conheço, e que está vindo para cá porque vai se tornar minha esposa... Apesar de tudo, eu me casarei com ela e ficarei vivendo com ela aqui sem a sua companhia, abominável Golias. Eu o proíbo de dizer que a Aninha é gostosa...

GOLIAS: Mas é verdade! Ela é gostosa mesmo...

DAVI: Seu porco...

187

GOLIAS: Eu me masturbo inspirando em revista de mulher pelada? Porco é você! Desculpe doutor, a gente não tem certeza de que se trata da mesma Ana Maria, mas me diga aí para esclarecer mais um pouco. A sua Ana Maria... Me perdoe tratar assim sua esposa — se for sua esposa — mas ela trepa bem?

MÉDICO: Canalha... Monstro sexual.

DAVI: Isso mesmo, doutor, o Golias não passa disso. Golias é o tipo de gente odiosa que costuma sair retratado nas últimas páginas dos jornais vespertinos. Veja que ele tem um olhar gelado de assassino convicto...

GOLIAS: Mas eu nunca matei ninguém, puta merda!

DAVI: Veja, doutor, é gente como o Golias que torna este mundo cada vez mais desagradável. Mesmo que a nossa Aninha seja a mesma, nós a amamos sinceramente. Golias apenas a deseja como objeto de sua lascívia.

GOLIAS: Se eu não posso falar palavras mais rebuscadas, você também não pode... Para seu governo, lascívia pode ser o seu cu!

DAVI: Repita isso... Vamos, repita isso que eu vou fazer
você engolir tudo o que já me disse.

MÉDICO: Um momento... Nós não somos animais...
Vamos falar como gente civilizada.

GOLIAS: Vocês dois são dois sexomaníacos...

MÉDICO: Se alguém aqui pode dizer quem de nós é sexomaníaco
ou não... esse alguém sou eu, que sou psicanalista.

GOLIAS: Você é um bruta de um enganador, isso é o que você
é... Você não parece um médico sério... Você me parece
um daqueles que querem ganhar dinheiro no mole.

MÉDICO: Dinheiro no mole ganha você...

GOLIAS: É, eu posso ganhar dinheiro falando besteira em cima
do palco... Mas em compensação, eu não fico receitando
melhoral para moribundo, nem cevando artrite de
velhinhas para comprar carro, casa, lancha e o caralho.

DAVI: Cala a boca, Golias, você está ofendendo o pobre homem...

MÉDICO: Pobre homem por quê?

GOLIAS: Deixa de ser burro, Davi...

DAVI: Eu quebro a sua cara, Golias...

GOLIAS: Esse inseto só briga comigo quando tem
gente perto para separar a briga.

DAVI: Inseto pode ser a sua mãe...

GOLIAS: Espera aí, agora você está me ofendendo de
verdade. Minha mãe não é nenhuma Ana Maria,
para andar aí na boca de qualquer um...

MÉDICO: Agora quem quebra a sua cara sou eu... Você
pensa que a minha mulher é o quê?

GOLIAS: Ah, então você já descobriu que é a sua mulher mesmo,
é? Está aí, que coisa. A mulher é dele, foi minha amante,
está ficando noiva do Davi e ele está defendendo ela. Está
defendendo o quê? Você está defendendo os galhos de
seus cornos! Isso mesmo... Os galhos dos seus cornos.

MÉDICO: Meu Deus, eu sempre soube... No fundo, eu sabia. Ela saía todos os dias. Dizia que ia à casa da mãe dela... Dizia que não podia se afastar da mãe de repente... Os anos se passaram e ela continuava a sumir o dia inteiro... Eu no trabalho, que vergonha...

GOLIAS: Chora, chora que faz bem...

MÉDICO: Não posso me conter... (*CHORA*)

DAVI: Olha, Golias, é a imagem da desgraça e do abandono... O que será que ele pode esperar da vida depois de um golpe como este?... Doutor... Doutor... O senhor... Tem seguro de vida?... Eu estou perguntando se o senhor tem seguro de vida... Eu sou vendedor de seguro de vida... Tenho até um especial para suicidas...

GOLIAS: Está aí uma boa oportunidade dele adquirir um seguro de vida... Põe em nome da mulher...

DAVI: O senhor tem filhos?

MÉDICO: Dois, um casal...

GOLIAS: Põe no nome dos filhos... E se mata... E se mata...

MÉDICO: Eu não aguento mais.

DAVI: Coitado...

MÉDICO: Que vergonha, meu Deus, que grande vergonha. Tinha que ser assim, na frente de todos... Eu não vou aguentar, eu quero morrer...

GOLIAS: Olha, eu acho que morrer é uma solução, mas se o senhor não se importa, é melhor voltar de onde veio... Para a plateia. Não é porque o senhor descobriu que a sua mulher o corneia que pode se perpetuar neste palco... S'il vous plait.

DAVI: Golias, tenha um pouco de respeito pela grande dor que este homem está sentindo.

GOLIAS: É um fraco, nada mais que um fraco...

MÉDICO: Me ajudem, por favor, eu quero descer...

GOLIAS: Descer ainda mais? Será possível?!

DAVI: Por favor, fique na plateia até a peça terminar. Nós poderemos falar. Eu quero que me prometa que vai ficar. Prometa, vamos.

MÉDICO: Eu prometo...

DAVI: Então, coragem meu amigo... Logo estaremos fora daqui e iremos discutir o assunto. Nada é tão negro quanto parece...

GOLIAS: Está tudo bem... Vocês são recentes amigos de infância que se encontraram. Eu aceito essa súbita amizade, mas quer por favor dar logo o fora deste palco?... A peça tem que continuar.

Médico desce e toma o seu lugar na plateia. Coloca óculos escuros.

DAVI: Estamos sós...

GOLIAS: Completamente sós... Nós e a plateia.

DAVI: Estamos teatralmente sós... Devemos esquecer o incidente e continuar a peça. (*RESPIRA FUNDO*) E Aninha que não chega.

GOLIAS: Sabe lá onde ela vai passar antes de chegar aqui.

DAVI: O que é que você quer dizer com isso, Golias?

GOLIAS: Estou sugerindo que ela pode ter algum programa, Davi.

DAVI: Que tipo de programa você está querendo sugerir?

GOLIAS: Sei lá. Talvez ela tenho ido procurar vestígios da Atlântida no fundo do Mar do Caribe.

DAVI: O que é que eu, ela ou você, temos a ver com vestígios da Atlântida no fundo do Mar do Caribe.

GOLIAS: Nada.

DAVI: Pois é isso mesmo, nada. Esta peça é uma grande merda...

GOLIAS: Você não é obrigado a ficar em cena...

DAVI: Sou sim. Um ator é obrigado a permanecer em cena e repetir idiotices como estas... O verdadeiro teatro é bem diferente.

GOLIAS: Pois não, mestre. Pode então explicar o que é o verdadeiro teatro para este seu discípulo ávido de verdades verdadeiras.

DAVI: O verdadeiro teatro está tão perto de nós... Mais perto do que você pensa. Sua besta pretensiosa... Muito mais perto do que qualquer um de nós pensa.

GOLIAS: Não pare aí, vamos... Diga, mestre magnífico das artes cênicas... Onde está este teatro verdadeiro assim tão próximo?

DAVI: Aqui à sua frente, seu idiota... Não vê uma porção de gente sentada nas cadeiras, olhando para nós? Eles... Eles são verdadeiro teatro.

GOLIAS: Oh, que espantosa descoberta... Fale mais, fale mais, fale mais...

DAVI: Ali embaixo, uma coleção de dramas por descobrir... Autênticas tragédias e comédias... Que mundo de coisas novas à nossa frente e você teima em falar sobre vestígios da Atlântida no Mar do Caribe.

GOLIAS: No fundo do Mar do Caribe. Você esqueceu o detalhe abissal.

DAVI: Cretino. Você não dá valor às grandes descobertas.. Mas é preciso falar sobre este momento. Eu me sinto... Amigos da plateia, como um verdadeiro Cristóvão Colombo ao descobrir a América. Eu acabei de descobrir a verdadeira cornucópia das emoções. O manancial exuberante de dramas, tragédias e mais comédias. Sei que vocês... Eu sei que vocês no dia a dia de suas vidas passam por experiências muito mais notáveis do que as desta peça inútil que levamos sobre este tablado estéril...

GOLIAS: Demagogo...

DAVI: Demagogo pode ser a sua mãe...

GOLIAS: A mãe não, Davi, a mãe não...

DAVI: Vamos, me agrida, me bata, me chuta... Vamos, pelo menos por um minuto, vamos tentar provar que em cima deste palco podemos fingir alguma coisa ao menos. Ao menos parecida com a grande e verdadeira emoção que estas pessoas sentem minuto a minuto...

GOLIAS: Deixa de ser burro... Eles não sentem nada. Eles vêm ao teatro em busca de emoções. A vida deles é papo-furado constante.

DAVI: Se isso fosse verdade, Golias... O que é que esta nossa peça pode acrescentar ao papo-furado constante deles? Como é que pode, se esta merda de peça é um papo furado maior... Vamos, responde!

GOLIAS: Você pensa que eu não percebi que você está tentando jogar a plateia contra mim? Eu estou vendo a sua jogadinha. Mas não seja tão ingênuo. Eles nunca seriam contra mim. Eu estou dizendo a verdade com sinceridade... Eles vieram aqui em busca de um pouco de verdade para animar a mentira constante que existe por aí...

DAVI: Que média é esta, Golias? Que existe por aí, é o escambau! Você disse muito clara e diretamente, ainda há pouco, que a vida deles é um constante papo-furado. Seja homem pelo menos uma vez na vida e sustente suas opiniões...

GOLIAS: Quem sustenta as próprias opiniões é um idiota completo e o escambau. As nossas opiniões só valem alguma coisa quando passam a ser sustentadas pelos outros.

DAVI: Então, pergunte a eles se eles sustentam alguma coisa das suas opiniões. Vamos, pergunte, eles estão aí, bem na sua frente.

GOLIAS: Eu não quero ser mais indelicado do que já fui... E pronto.

DAVI: Senhores e senhoras, acabaram de presenciar um perfeito crápula voltando sobre suas próprias passadas. Continuo então de onde havia parado meu pensamento... Vocês, meus amigos, são os personagens mais ricos da vida. Vocês são aqueles que, realmente, vivem a vida. A sua vida é a grande arte que se revela no contato humano diário e comum. A grande arte que não é pressentida por causa do envolvimento do cotidiano... Permitam-me, senhoras e senhores, que com todo respeito e admiração, eu os assista um pouco em silêncio. Assista a vocês, meu amigos, compenetrado do grande valor da sua arte.

GOLIAS: Mas que grande sacana você é, Davi...

DAVI: Ele fala mas eu não o ouço. Ouço apenas a música que vem de vocês da plateia... Seres humanos desta plateia... Seres humanos deste planeta abandonado à sua própria sorte. Eu sinto o palpitar dos seus corações. Eu posso adivinhar seus dramas íntimos. Seus sofrimentos, suas angústias, suas alegrias, sua tristeza...

GOLIAS: Se você quiser ficar mais à vontade para armar a sua arena aí com o público, eu posso deixar o palco... Assim, você fica sozinho e pode deitar e rolar à vontade...

DAVI: Nem te ouço... Ímpio... Coração cruel de ator... Desça, Golias... Hoje reina o pequeno Davi neste grande palco.

GOLIAS: Não se queixe depois...

Golias desce e senta-se na plateia. Discute por causa de lugar.

DAVI: Enfim só. Só e solitário e mais que sozinho. O último varão sobre este palco. Minha primeira providência... Ah, ah, ah... Vamos arrumar este pequeno apartamento para receber Aninha, o meu grande amor... Aninha. Aninha, você agora é só minha, expulsei o grande besta do Golias e o apartamento é só meu. Muito do meu. Como me sinto livre sem a presença daquele impostor.

Tantos anos me enchendo o saco com aquela conversa besta do vestígio da Atlântida no fundo do Mar do Caribe... Em vez de trabalhar e me ajudar a vender seguros de vida... Quem podia viver naquela companhia? Mas agora Golias foi embora para o reino distante da plateia e eu sou o único dono deste palco. Meu cenário! Agora posso fazer o que eu quiser. Posso tirar os sapatos sem que Golias diga que meu pé tem cheiros desagradáveis. Posso fritar ovos na manteiga e encher tudo isto aqui de fumaça. Posso tacar fogo em tudo e tocar lira... Posso esperar Aninha chegar e viver feliz com ela neste apartamento só meu. Ah, como é doce esta minha solidão... Vamos ler um pouco de jornal... Agora eu leio do jeito que eu quero e joga todas as páginas no chão... Deixe ver algo interessante... Expedição vai procurar vestígios da Atlântida no fundo do Mar do Caribe... Interessante isso. Será que a Atlântida um dia existiu? Como é que se pode saber? Só mesmo indo ao Mar do Caribe... Pois é, chegando lá colocar um cilindro de oxigênio às costas e mergulhar. Um bilhão de dólares por mergulho. Isso é dinheiro demais. Não é mesmo, Golias... Ah, me esqueci que Golias partiu para outra dimensão... Agora está aí, no meio de vocês... A cara dele entre as suas caras. E vocês, quem são? O que querem de mim? Vocês são maus. Maus como o Golias... Talvez até piores. São maus e desinteressantes... Não entendem o mundo do palco. Não têm a mínima sensibilidade para perceber o que eu vivo aqui neste momento. Suas vidas ocas. Do que é que vocês são feitos? De farinha de batata?... Aninha, e você que não chega!.. Nós vamos ser felizes. Você vai abandonar o idiota de seu marido e o idiota-mor do seu amante e vai viver comigo, vendendo suavemente seguros de vida pelo telefone. Nunca mais irá para a cama com este psicanalista maluco... Nem terá experiências sexuais que dão certo com o monstro do Golias. Agora o palco é meu... Só meu, Golias... Aposto como você está invejando a solidão deste meu império... Este meu império da Atlântida... Eu sou o único rei deste palco... E agora este apartamento é só meu... O que é que vocês estão olhando? Vocês aí sentados lado a lado e uns atrás dos outros? Vamos, emocionem-se com a minha arte... Meu Deus, como é bom estar aqui sem o Golias para atrapalhar. Só agora eu percebo como esta peça teatral é divina e maravilhosa... Posso cantar. (*CANTA LA CUCARACHA ETC.*) Posso simplesmente sorrir... Posso gozar. (*GOZA*) Posso chorar. (*CHORA*) Posso até sentir saudades da Aninha... Posso até lembrar dos bons momentos que eu e o Golias passamos neste apartamento. Posso até ter saudades. Sinto-me poderoso como um Deus... Sinto-me capaz de tudo. Sinto uma ternura que me invade a alma,

como uma letra de bolero... (AO MÉDICO) E você? Está melhor, meu amigo? Por que não sobe aqui no palco para falarmos de Aninha... Talvez eu possa resolver sua vida... Eu sou onipotente... Venha, suba aqui. Você é muito mais agradável do que o tenebroso do Golias que se foi para a plateia para nunca mais voltar.

MÉDICO: (SOBE) Sabe, eu pensei muito, lá na plateia... Eu concluí que devo continuar vivendo. Suas palavras de conforto tocaram a fundo meus sentimentos. Você me salvou, Davi... Com sua arte, você me salvou... Deixe que eu beije suas mãos...

DAVI: Bravo!!! Palmas para mim! Nunca o teatro foi tão útil e utilitário. Nasce aqui uma nova forma de entendimento entre os homens e as nações. Eu sou o Alfa e o Ômega. Eu sou a ONU, eu sou o Sol deste universo. Mas fale, caro amigo. Fale mais, porque o meu poder já o transformou em um personagem, num habitante do mundo maravilhoso deste palco... Deste apartamento que eu dividia com o Golias, mas que agora é meu e só meu. Vamos, fale de Aninha, eu suavemente ordeno que fale.

MÉDICO: Será que a minha Ana Maria é a sua Aninha?
Eu pensei muito e consegui uma dúvida...

DAVI: Muito bem, se você conseguiu uma dúvida, alimente-a bem. Vamos engordar sua dúvida... Vamos fazê-la tomar o tamanho do mundo... Como é a sua Ana Maria? Vamos, conte-me tudo.

MÉDICO: Ela é loura e doce...

DAVI: Até aí empatamos... A minha Aninha é loura e doce...

MÉDICO: Lá se vai minha dúvida...

DAVI: Nada disso... Vamos é pôr lenha nessa fogueira... Vejamos...
A minha Ana Maria gosta de sanduíche de picles. E a sua Ana Maria, ela também gosta de sanduíche de picles?

MÉDICO: Não, ela odeia sanduíche de picles... É uma esperança, não é?

DAVI: Claro que é. Se a minha Aninha gosta de sanduíche de picles e a sua Aninha, ou melhor, a sua Ana Maria não gosta, existe cinquenta por cento de possibilidades de não estarmos falando da mesma pessoa...

MÉDICO: Por que cinquenta por cento? Por que não logo cem por cento?

DAVI: Porque ela pode estar mentindo para um de nós, entendeu?

MÉDICO: Não muito... Mas estou mais esperançoso...

DAVI: Vamos lá engordar suas esperanças... Onde está aquela revista de mulher pelada? (*PROCURA E ACHA*) A minha Aninha é bem assim... E a sua Ana Maria?

MÉDICO: Não, eu acho que não... A minha Ana Maria tem os seios um pouco mais pontudos.

DAVI: Mais uma esperança... Veja, meu amigo, que belas esperanças podem nos dar uns seios mais ou menos pontudinhos... E a bunda?

MÉDICO: Acho que esta aqui também... É menos protuberante...

DAVI: Mais uma tonelada de esperanças numa bunda menos protuberante... (*RI*)

Golias sobe ao palco com disfarce improvisado.

GOLIAS: Com licença?

DAVI: Pois não, o que é que quer?

GOLIAS: Eu vim trazer uma notícia terrível para o Senhor Davi Binder...

DAVI: Sou eu mesmo, pode falar...

MÉDICO: Quer que eu volte para a plateia?

DAVI: Não, não, pode ficar aqui mesmo que logo continuaremos nossa conversa. Mas o senhor, o que é que faz aí parado como um poste. Diga logo, qual é a notícia terrível?

GOLIAS: Aquele seu amigo, o Golias...

DAVI: Me desculpe, senhor, mas o Golias não era, não é e não será nunca meu amigo em tempo ou espaço algum deste universo... Mas pode continuar...

GOLIAS: Acontece que ele mandou este bilhete para o senhor... Foi em condições terríveis... Gostaria que lesse o bilhete.

DAVI: Vamos ver o que aquele canalha do Golias manda dizer em seu bilhete. Aposto que está arrependido e quer pedir para voltar a morar aqui no apartamento... No meu apartamento... Mas isso nunca. (*LÊ ALTO*) Meu amigo... Que grande cínico é o Golias. Veja só, doutor... “Meu amigo”... “Meu amigo Davi”... Escrevo este bilhete para que sirva como um documento... Lego todos os meus bens a você... Minha parte no apartamento...

Uééé, meus livros, meus chinelos pompom, meu cachimbo inglês, minha revista de mulher pelada. Veja só que lista enorme de coisas ele me lega... Que golpe será este que o Golias pode estar querendo dar?

GOLIAS: Talvez se o senhor prestasse atenção no que diz aí no fim do bilhete.

DAVI: Então, você abriu o bilhete para ler, seu intrometido?

GOLIAS: Não senhor... Foi o próprio Senhor Golias que leu para mim... Era um grande homem... Poucas vezes a História poderá guardar figuras como a dele.

DAVI: Eu não estou entendendo o que o senhor está falando... Deixe ver aqui o final do bilhete... Deixo tudo para você que é o meu natural herdeiro... Últimas palavras que escrevo, meu bom amigo, antes de dar um fim à minha inútil vida. Golias... Gooliiiiiaaaassss. Ele, ele...

GOLIAS: Ele está morto, Senhor Davi Binder...

DAVI: Como foi?

GOLIAS: Foi rápido...

MÉDICO: Será que podemos ainda fazer alguma coisa?

GOLIAS: Esperanças, senhor? Como? Ele simplesmente se atirou no rio com uma grande pedra amarrada no pescoço...

DAVI: (*CORRE PARA O TELEFONE*) Alô... Por favor, eu quero falar com o Corpo de Bombeiros... Um homem se atirou ao rio aqui... Ah, já sabem... Sei... Foi encontrado... (*CHORA*) Sim, eu entendo.

MÉDICO: O que é a vida... Basta alguém se descuidar... Mas o importante é seguir em frente.

DAVI: Pobre Golias... Eu me arrependo de não ter conseguido que ele ficasse aqui comigo... Me deixou tudo o que tinha... Grande alma... Deus o receberá com coros de anjos e harpas como merecem aqueles que em vida foram amáveis, bondosos... Sem pecado... Sem mancha ou mácula... Amigo... Mais que amigo era um irmão... Nós éramos uma família unida... Por que, meu Deus, eu o deixei ir daqui deste maldito apartamento... Eu sairei daqui para não mais voltar... Este lugar há de me lembrar para sempre... O sorridente e grandioso Golias... Vamos, doutor... Eu não aguentaria ficar mais aqui...

MÉDICO: E a Aninha? Eu queria dizer a sua Aninha... Não ia esperá-la?

DAVI: Como é que eu posso pensar em amor diante do sofrimento que me invade... Esta grande perda merece um luto... Merece as minhas lágrimas...

Descem para a plateia.

GOLIAS: (*TIRANDO O IMPROVISADO DISFARCE*) Um forte é um forte... Um forte homem, assim inteligente... Viram o que é o teatro?... Viram com que facilidade ele me tomou por outro... Viveu tantos anos comigo e não conseguiu me reconhecer com esta porcaria de disfarce que eu improvisei. São falsidades e mentiras que todos têm que aceitar quando sobem aqui em cima... E dizer que vocês vêm em busca de alguma coisa a mais que nós possamos dar a vocês... Eu não tenho palavras para dizer o que penso disto tudo... Mas, enfim, consegui o que eu queria... Este apartamento é meu e somente meu... O idiota misturou o teatro com a vida e foi chorar uma fábula que eu criei para enganá-lo.

GOLIAS: Vamos ler os jornais... Em paz... Vamos esperar Aninha chegar e vamos partir para mais uma experiência sexual que dará certo, sem dúvida alguma... Será possível com um bilhão de dólares encontrar vestígios da Atlântida no fundo do Mar do Caribe? Existem técnicas muito modernas para o mergulho oceânico... E vocês sabem o que é que vai mudar nas nossas vidas quando encontrarem vestígios da Atlântida no fundo do Mar do Caribe? Nada... Estas pesquisas são profundamente inúteis. É uma forma de atirar um bilhão de dólares ao mar... É como este papo furado desta peça de teatro sem nexos... Mas mesmo assim vocês vieram aqui em busca de verdades... Eu não sou um fazedor de média como o Davi... Eu digo umas verdades, se é que vocês têm capacidade de entender alguma verdade...

GOLIAS: Primeira verdade: Estou sozinho no meu apartamento, que consegui com a minha capacidade de confundir um idiota universal como o Davi... Segunda verdade: Mesmo que existam vestígios da Atlântida no fundo do Mar do Caribe, não vale a pena procurar coisa alguma... Terceira verdade: Aninha é minha... Quarta verdade: O bilhete que eu escrevi ao Davi é falso... Assinei outro nome. Ele nem percebeu... Aí estão as verdades... E aí daquele que ousar dizer aí nessa plateia que minhas verdades não valem nada.. Porque aí, eu perguntarei das vossas verdades e o que dirão?

GOLIAS: Não importa o que dirão.. Não me importa mais nada e não preciso me importar com nada... Eu sou eu e vocês são vocês. E eu tenho o meu lugar aqui em cima do palco e vocês têm o de vocês. O teatro foi assim sempre... Vocês é que não notaram. Sem querer parecer erudito ou coisa parecida, gostaria de afirmar que o célebre e famoso e histórico teatro grego, que serve de base a tudo que se faz hoje em dia e se fará no futuro, era um engodo igual... O teatro grego serviu apenas para fazer medo à plateia... Era um teatro que mostrava que quem se voltasse contra os deuses entrava pelo cano... Vide Prometeu, que quis dar aos homens o fogo e terminou com o fígado em pandarecos... Amarrado em um rochedo, torcendo para ir para o Hades sem conseguir... Fábricas de medo, foi o teatro grego. Ameaças a quem ousasse pensar de modo diferente...

GOLIAS: E Shakespeare, então... Aquela tara de fazer poesias para a boca dos reis e príncipes... Quando nós estamos cansados de saber que os únicos reis verdadeiramente profundos são os de copas, paus, ouros e espadas... Infeliz Molière que gozava do burguês... Gastou tempo precioso da vida brincando com ignorantes e obtusos burgueses. E eu pergunto agora... Como é, Seu Molière? Como é que fica. Aqueles sujeitos e senhoras tão cômicos são os donos de tudo... Molière, o bufão das cortes... Os atores gregos com seus coturnos para fingir gigantes e escorrer espanto em plateias apavoradas... Shakespeare fazendo os homens do poder vomitar seu ego e id e demais arquétipos e Molière brincando com fogo... E o teatro moderno, então? Pois é, o teatro psicológico... A presença do drama comum... Espelho da vida cotidiana... Cadê o psicanalista... Vem cá, meu bem... Vem falar disso comigo, agora que o palco é meu... Vem, senão vou te buscar na marra...

O médico sobe ao palco.

MÉDICO: Que é isso? O senhor está me ameaçando aqui na frente de todos... Com quem o senhor pensa que está falando?

GOLIAS: Deixa disso... Eu sei que você não é bravo assim... Eu quero saber sua opinião sobre o teatro psicológico.

MÉDICO: Eu não sou crítico teatral, sou um homem da ciência...

GOLIAS: Entendo, o senhor é de exatas e não de humanas, não é isso?

MÉDICO: Eu não subi aqui para ouvir os seus insultos... Ainda há pouco nós éramos até amigos...

GOLIAS: Então, me responda. É possível, com um bilhão de dólares, mergulhar profundamente e encontrar vestígios da Atlântida no fundo do Mar do Caribe?

MÉDICO: É uma questão irrelevante...

GOLIAS: Então me diga. Quem tem mais razão, quem está mais cheio de razão: Freud ou Jung?

MÉDICO: Não fale sobre o que não entende.

GOLIAS: Mas eu quero entender, é por isso que eu estou perguntando... Vamos lá, me fale sobre Ana, Aninha, Naná...

MÉDICO: Você é um gozador...

GOLIAS: Como é que você adivinhou?

MÉDICO: Eu conheço as pessoas bem lá dentro...

GOLIAS: Fenomenal... Sabe o que eu penso da sua síndrome, doutor? É uma invenção. Vocês inventam o que podem para poderem criar um número cada vez maior de débeis mentais...

MÉDICO: Mais respeito com a minha profissão...

GOLIAS: Respeite a sua profissão que eu respeito... Deixe de criar síndromes e outras besteiras só porque está num palco...

MÉDICO: Não me parece a coisa mais importante do mundo... Até um idiota como você é capaz de subir num palco e dizer besteiras vazias e frases ocas para enganar o público...

GOLIAS: Não use as minhas próprias ideias contra mim... Eu já disse isso antes. É claro que é muito mais fácil para mim criar loucuras do que para você... Eu vou dizer agora aqui, bem na frente de todo mundo, algo que vai deixar seu tacanho cérebro perplexo...

MÉDICO: Você é mais doente do que eu pensava...

GOLIAS: Muito mais, nem tenha dúvidas. Escute aqui... Isso de loucura... Isso de neurose e paranoia e mais todas as doenças que você pensa que conhece, só passaram a existir por causa do teatro, seu burro. Será que você não percebe que a humanidade fez as mais terríveis loucuras sem perceber que eram loucuras? Foi num dia ou numa noite ainda, um homem e um grupo de homens resolveu apartar uma loucura e mostrá-la num palco... Pois é, foi nesse dia que nasceram juntos o teatro e a loucura. Depois desse dia os loucos foram identificados na multidão... Foi o teatro quem separou os loucos dos não loucos...

Será que o senhor doutor nunca percebeu que nos palcos desde sempre os atores têm feito loucuras e mais loucuras, das mais belas e diversas? Não é uma loucura sublime a paranoia de Antígona querendo sepultar o irmão? Não é uma loucura que ela lute contra Creonte, o representante do poder? Quem, senão uma louca, ousaria jogar tudo contra o impossível? Não é muito louco o ciúme de Otelo, a dúvida de Hamlet, a obsessão de Lady Macbeth pelo trono?... Não é louca varrida Nora, de Ibsen, querendo largar a casa os filhos e o marido em busca de uma liberdade impossível. Claro que tudo é loucura. E a comédia, então? E a farsa e o raio que o parta? Não venha me falar de loucura aos mestres da doidice...

MÉDICO: Você tinha que estar internado... É louco e furioso...

GOLIAS: Claro... Claro que sou... Não existe sintoma maior de insanidade do que tentar viver outras vidas em cima do palco. Se uma vida só... Essa vida aí da plateia... Já é difícil de entender... Pois é, e a gente cata outras vidas para viver... Um encargo que só os completamente loucos aceitariam... E o mais engraçado é que a humanidade, desde que o teatro existe — e o teatro nasceu com ela — pois é, a humanidade tem chorado e rido e pensado, e mais que... Sei lá... Batem palmas, não batem? Encontram algo completamente novo? O que é um ser normal?

MÉDICO: Um ser normal é aquele que vive conscientemente sua vida em sociedade com os outros seres normais, construindo coisas... Esta é a vida...

GOLIAS: Eu sei o que o senhor quer dizer, doutor. Normais são aqueles que não estranham ter que conviver com coisas que não construíram... Eu cheguei e o mundo estava pronto... Então, vamos ser normais vivendo nele e cada um procurando se amoldar melhor aos entulhos de pedra, aço e plástico acumulado pelos séculos... Viva com isso tudo e divirta-se... Me diga uma coisa, doutor. O senhor acha realmente possível isso?

MÉDICO: Possível o quê? Viver normalmente?

GOLIAS: Não... Gastar um bilhão de dólares para procurar vestígios da Atlântida no fundo do Mar do Caribe?

MÉDICO: Estranhos desaparecimentos de navios têm acontecido por lá.

GOLIAS: Quanto tempo o senhor acha que um homem...
Um homem normal, é claro, pode...

MÉDICO: Depende da quantidade de oxigênio que eles levam naquela ampola de aço. Aquela ampola de aço que eles levam nas costas, quando mergulham...

GOLIAS: Deve ser uma incrível solidão... O fundo do mar...

MÉDICO: Dizem que a vida teve origem no mar...

GOLIAS: Talvez por isso a solidão seja mais facilmente explicável, talvez a solidão seja o retorno ao início da vida... Quando um ser era tão distante do outro ser... Quando um ser só tocava em outro ser, pelo acidente do movimento aquático...

MÉDICO: Talvez seja... É um caminho...

GOLIAS: *(PARA A PLATEIA)* Viram como é fácil trazer alguém para a nossa realidade? Ele chegou aqui cheio de ideias e agora já trocou todas elas por um aforismo improvisado, disfarçado de poesia barata... Não tenham dúvida alguma... Minha conversa com ele foi tão frágil quanto o disfarce que enganou o Davi... Com tão pouco... Conseguimos tanto.

MÉDICO: Mas o que é que eu estou fazendo aqui, meu Deus?

GOLIAS: Brillhante... Genial... A esta altura dos acontecimentos, o senhor doutor resolveu tomar consciência...

MÉDICO: Antes tarde do que nunca...

GOLIAS: Agora quer aprender uma lição maior? Eu vou dar uma aulinha para você, meu caro amigo... Desça já para a plateia... Vamos, desça logo para a plateia...

MÉDICO: Mas... E Ana... Naná, Aninha... Não vamos falar sobre ela? Ela pode chegar a qualquer momento...

GOLIAS: Desça para a plateia, antes que eu jogue você à força lá para baixo...

MÉDICO: É um louco furioso... É um perigo social. Devia haver uma lei contra essa gente.

GOLIAS: Deeeessssçççaaaa, seu imbecil!!!!

Médico desce.

GOLIAS: E agora, seu parvo... Repita o que disse aqui em cima: “O que é que eu estou fazendo aqui, meu Deus?” E depois, vá para casa repetindo pelo caminho: “O que é que eu estou fazendo aqui, meu Deus?...” E deite e durma. Depois, ao acordar, esfregue os olhos para apagar qualquer resto de sonho que possa ter ficado preso entre a pálpebra e a retina e repita bem alto, como se estivesse rezando: “O que é que eu estou fazendo aqui, meu Deus?!!!” Depois, escove os dentes, ponha seu terno, tome o seu café bem quente e repita: “O que é que eu estou fazendo aqui, meu Deus?” Vá trabalhar e quando o primeiro cliente chegar para contar suas loucuras... grite para ele... “O que é que eu estou fazendo aqui, meu Deus?!!!” E continue dizendo, gritando, uivando esta frase até tomar consciência de tudo... Quando você, seu infeliz, tiver chegado a uma conclusão, qualquer que ela seja... Agradeça a pequena verdade que descobriu neste teatro... E eu? Pombas, que fossa! E eu... E eu, Golias, que tenho este apartamento só para mim porque enganei o trouxa do Davi e ele foi embora para a plateia, para nunca mais voltar, e eu o que tenho a dizer... O que é que eu estou fazendo aqui, meu Deus? Eu estou na mais profunda solidão... Que sentimento estranho é este... Ana, Naná, Aninha, onde está você que não chega aqui depressa para a gente falar, beber, cantar, dançar e ter uma relação sexual que dará certo, sem dúvida alguma... Aninhaaaa... Chegue depressa, meu amor... Eu não aguento mais esta terrível solidão...

Davi vem da plateia com cabeleira de mulher.

DAVI: Alguém me chamou?

GOLIAS: Aninha... Ana, Naná... Então, você veio?

DAVI: Onde está o Davi?...

GOLIAS: Foi embora... Eu insisti para ele ficar, mas ele tinha um problema e foi embora...

DAVI: Mas ele me telefonou...

GOLIAS: Eu sei que ele telefonou... Acontece, Aninha, que Davi tinha um grave problema de ordem muito íntima... Eu morro de pena dele, mas me parece um problema insolúvel... Ele nunca poderia casar com você...

DAVI: É alguma coisa grave?

GOLIAS: Muito grave... Sabe, Aninha... Ele é apaixonado por mulheres de papel...

DAVI: Não entendo...

GOLIAS: *(PEGA A REVISTA E MOSTRA)* Veja só...

DAVI: Um revista de mulheres peladas?!

GOLIAS: Pois é... O Davi só fica excitado com elas... Eu sei que você deve estar sofrendo muito com isso tudo, mas é melhor que saiba tudo de uma vez, para não ter mais esperanças. Davi se foi para nunca mais voltar... Quer beber alguma coisa?...

DAVI: Eu preciso beber alguma coisa bem forte... Pobre Davi...

GOLIAS: *(PREPARANDO AS BEBIDAS)* Ele foi embora e deixou o apartamento comigo. Eu agora sou o único dono deste apartamento... O que é que você acha deste meu lugarzinho, Ana?

DAVI: Simpático...

GOLIAS: O que é que você está lendo aí no jornal?

DAVI: Estão procurando vestígios da Atlântida no fundo do Mar do Caribe. Você já tinha lido sobre isso?

GOLIAS: Não, me conte como é...

DAVI: Vão gastar um bilhão de dólares para procurar vestígios da Atlântida no fundo do Mar do Caribe. Será que é possível?

GOLIAS: Eles vão com aqueles tubos de oxigênio nas costas. Mergulham e procuram.

DAVI: Será que é possível?

GOLIAS: Será que é possível? Aqui está o seu drinque...

DAVI: À saúde de Davi... Ele era bom... Bom, amável e delicado...

GOLIAS: Sim, à saúde de Davi, meu melhor amigo que se foi para nunca mais voltar.

DAVI: E nós, o que faremos?...

GOLIAS: Tem tanta coisa que a gente podia fazer...

DAVI: Sabe o que eu sou agora? Eu sou uma noiva abandonada...

GOLIAS: Que é isso, Aninha? E eu, estou aqui para quê?

DAVI: Você está me fazendo uma proposta?

GOLIAS: Claro que estou... Lembra, Aninha, da nossa experiência sexual que deu certo?...

DAVI: Lembro do quê?

GOLIAS: Daquela experiência sexual que nós tivemos que deu certo...

DAVI: Sabe, Golias, eu me lembro sim.. Mas eu tenho que confessar uma coisa...

GOLIAS: Confesse, vamos, confesse...

DAVI: Não deu certo... Eu fingi que deu certo para não diminuir você...

GOLIAS: Não é possível... Você está brincando comigo?

DAVI: Não... É a mais pura verdade... Foi uma coisa fria e angustiada, uma coisa trágica mesmo... Me desculpe, mas... Eu precisava dizer isso para você...

GOLIAS: Talvez tenha sido só naquela noite... Eu tinha bebido muito... Talvez se a gente tentasse agora novamente...

DAVI: Não, meu amigo... Eu não quero tentar novamente. Eu sempre fui apaixonada pelo Davi...

GOLIAS: E eu que sempre te amei... Você sabe que eu sou bom de cama.

DAVI: Dormindo...

GOLIAS: O quê?

DAVI: Eu disse que você é mestre na cama... Dormindo...

GOLIAS: Você está me ofendendo... Você está me humilhando... Você...

DAVI: Eu estou dizendo a verdade apenas...

GOLIAS: O que é que eu estou fazendo aqui, meu Deus?

DAVI: Bem, eu vou sair e procurar o doce e delicado Davi pelas ruas da cidade. Eu tenho de encontrá-lo...

GOLIAS: Tente uma vez comigo, Aninha. Eu te peço... Uma vez só... Só uma vezinha.

DAVI: Não adianta. Eu não sinto nada por você... Não se ajoelhe diante de mim, você fica ridículo...

GOLIAS: Eu não posso ficar aqui sozinho nesta bruta solidão... Por favor, Ana.

DAVI: Não... Eu já disse. Adeus, Golias... Vou procurar Davi.

GOLIAS: Se você sair daqui, eu... Eu me mato...

DAVI: Não acredito... Você diz isso da boca para fora...

GOLIAS: Onde está o meu revólver?...

DAVI: Na gaveta da cômoda...

GOLIAS: *(VAI ATÉ LÁ E PEGA O REVÓLVER)* Eu já disse, Aninha, eu me mato.

DAVI: Talvez, assim eu ficasse gostando mais de você...

GOLIAS: Assim como?

DAVI: Se você se matasse por mim...

GOLIAS: Pois é o que eu vou fazer se você não
quiser ir para a cama comigo...

DAVI: Pois então, mate-se...

GOLIAS: Assim, sem deixar um bilhete nem nada?...

DAVI: Assim, sem deixar bilhete nem nada.

GOLIAS: É por sua culpa... O que é que estou fazendo aqui,
meu Deus? É tempo de partir. Não conseguirei
viver mais um segundo sem o teu amor.

DAVI: Atira logo de uma vez...

GOLIAS: Por teu amor, Aninha. *(ATIRA E MORRE)*

DAVI: *(TIRANDO A CABELEIRA)* Tão senhor de si mesmo... Tão forte e
autoritário. Quem é ele agora? Um monte de merda... Por favor,
doutor... Eu preciso de sua ajuda. Quer subir ao palco, por favor?

PSICANALISTA: *(SOBE)* O que está acontecendo aqui?

DAVI: O meu amigo Golias deu um fim à sua existência atribulada...

PSICANALISTA: Temos que fazer alguma coisa...

DAVI: Nada mais resta a fazer...

PSICANALISTA: Que loucura... O que é que eu
estou fazendo aqui, meu Deus?

DAVI: Cubra o rosto dele com o jornal... Não posso olhar seu rosto.

PSICANALISTA: *(COBRE)* Veja aqui, esta notícia... Estão procurando
vestígios da Atlântida no fundo do Mar do Caribe...

DAVI: Pois é, vão gastar um bilhão de dólares para ir ao fundo
Mar do Caribe ver se encontram vestígios da Atlântida.
O senhor acha que isso é possível, doutor?

PSICANALISTA: Se eles levarem aqueles tubos de
oxigênio nas costas é possível...

DAVI: Quanto tempo será que um homem aguenta?

PSICANALISTA: Depende do tamanho do tubo...

DAVI: Não é isso, sua besta. Eu quero saber quanto tempo um homem
aguenta controlar a respiração e fingir de morto...

PSICANALISTA: Por que está dizendo isso?

DAVI: Que belo médico o senhor é! Não aprendeu nada na
faculdade? Escute o coração do Golias...

PSICANALISTA: *(TIRA O ESTETOSCÓPIO DO BOLSO E
ESCUA)* Está batendo... Ele está vivo.

GOLIAS: Vivo e muito vivo... Vai dando o fora daqui, seu
imbecil. Você já ficou tempo demais neste palco.

PSICANALISTA: Vocês são uma bela dupla de palhaços...

DAVI: Sem dúvida alguma, e você o que é que é?

PSICANALISTA: Vocês vivem num mundo alienado...
Completamente alienado...

GOLIAS: Pois ponha-se para fora do nosso mundo alienado...

DAVI: Vamos jogá-lo na plateia, Golias...

PSICANALISTA: Não, eu desço sozinho... Nunca mais... Mas
o que é que eu estou fazendo aqui, meu Deus?

GOLIAS: Está aprendendo hein, seu burro sem rabo...
Você viu, Davi, ele está aprendendo...

DAVI: Esta é a função do teatro... Aliás, uma das funções do teatro.

GOLIAS: Você estava muito bem no papel de Aninha...

DAVI: Obrigado... Você estava muito bem no papel de mensageiro...

GOLIAS: E Aninha que não chega...

DAVI: É mesmo... Está demorando a chegar...

GOLIAS: Talvez ela tenha desistido de casar com você...

DAVI: Quer saber mesmo o que eu penso de verdade sobre você, Golias?

GOLIAS: Você repete sempre as mesmas coisas. Você me cansa com suas verdades e seus pensamentos. Será que eu não posso ler o meu jornal sossegadamente, como qualquer ser humano que trabalha o dia inteiro e quer saber como vai o mundo em que vive?

DAVI: Você é um perfeito idiota, Golias. Eu quero falar sobre você e você quer saber do mundo. Que interessa o mundo se o mundo não chega até aqui. Você já tem idade para saber que o mundo termina ali adiante, além da esquina da padaria. Bem mais precisamente, o mundo termina onde pisca aquele anúncio colorido daquela merda de bebida.

GOLIAS: Desapareceu mais um navio no Mar do Caribe... Estranhos desaparecimentos de navios tem acontecido por lá... Isso é uma coisa que atemoriza qualquer um. Você não sente medo?

DAVI: O medo nasce com o homem.

GOLIAS: E morre com o homem, também? Ou não, Davi?

DAVI: Claro que o medo morre com o homem.

GOLIAS: Se o medo nasce e morre com o homem, eu quero crer que você acredita que o medo passe a vida inteira com o homem...

DAVI: É óbvio e ululante que sim... Mas não adianta gastar seu medo com os navios que desaparecem no Mar do Caribe. Existem muitos outros motivos para você ter medo...

GOLIAS: Meu Deus, o que é que nós estamos fazendo aqui?

DAVI: Meu Deus, o que é que nós estamos fazendo aqui?

E vão, sucessivamente, repetindo estas falas, enquanto as luzes se apagam para o final.



ENIGMA

ENIGMA

PERSONAGENS

MARIA CLARA

MÃE

PAI

HUMBERTO

LÚCIA

CENA 1

MARIA CLARA: Na noite de 17 de novembro de 1989 eu fui a uma festa na casa de uma amiga. Se eu não tivesse ido lá, não teria sabido de nada e, portanto, não precisaria estar passando o que estou. Eu fui uma criança amada e querida por papai e mamãe. Na adolescência, eu tive vários namorados e, na verdade, os fiz sofrer a todos. Não sofri por nenhum. Isso tudo quer dizer que, até a noite de 17 de novembro de 1989, eu era uma mulher normal e feliz. É claro que, uma coisa ou outra, eu tinha sofrido na vida. Apesar de amada pelos meus pais, eles não se amavam entre si. Brigavam o tempo todo, e meu pai, às vezes, sumia de casa. Aparecia trazido pelos amigos do bar, geralmente em estado lamentável. Minha mãe não bebia, mas descontava o que meu pai fazia, falando. Minha mãe falava desde que amanhecia até que o dia terminava. Na minha casa tínhamos rádio e TV só como móveis. Minha mãe não permitia que a gente visse ou ouvisse nada, senão sua contínua e insistente lamúria de protestos.

212

CENA 2

Plano luz.

MÃE: Viver com um homem bêbado, como seu pai. Durante vinte longos e dolorosos anos. Eu poderia ter me casado com tantos outros. Com Jeremias, o vendedor de automóveis, que tinha uma casa na praia. Com Duarte, o boêmio cantor das madrugadas, que usava cachecol branco e fumava cachimbo. Ou então, com meu vizinho Nardinho, que era delicado e carinhoso e, por não casar comigo, virou de sexo e agora imita Carmem Miranda em Miami. E dizem que imita muito bem. Tudo que ele fazia era muito bem feito. Mas não, eu tinha que me apaixonar pelo pior homem do mundo. A única coisa boa do nosso casamento foi você, Maria Clara, minha filha. Nunca se case com um bêbado. É melhor se casar com um assassino do que com um bêbado. Um bêbado não é um homem, um bêbado é um... Ora, um bêbado é um bêbado. Seu pai, quando começa a beber, bebe de tudo. Uísque, pinga, rum, gim... Bebe perfumes, álcool puro e, de repente, ele bebe o salário do mês, a poupança, a casa, a TV, as joias... Bebe todo o amor que um dia a gente pode ter por ele, e bebe... Bebe até...

CENA 3

MARIA CLARA: Na noite de 17 de novembro, eu fui a uma festa na casa de uma amiga. Melhor teria sido se eu não tivesse ido. Mas não adianta mais ficar reclamando. Eu fui, e pronto. Bem que minha mãe me avisou. Em festas de bêbados, quem vai lá... Acaba conhecendo algum. E foi justamente o que me aconteceu. Eu tinha acabado de pegar um drinque quando Humberto... Ele se chama Humberto... Veio a mim com dois drinques nas mãos. Naquele momento, eu ainda não sabia que estava colocando o pé no primeiro degrau da escada que levaria ao mais profundo horror a minha pacata vidinha.

HUMBERTO: Joga fora, já, essa porcaria que te deram pra beber, garota!

MARIA CLARA: Jogar fora, por quê?

HUMBERTO: Porque eu fiz o melhor coquetel do mundo e você vai experimentar. Se não for a melhor bebida que você já bebeu em toda a sua vida, você pode me jogar na cara. *(DÁ-LHE O COPO)* Dá isso aqui, que é pra jogar fora. *(JOGA FORA)*

MARIA CLARA: *(OLHANDO E CHEIRANDO)* O que é que tem aqui?

HUMBERTO: O nome do drinque é “Enigma”. Tem que beber pra saber.

MARIA CLARA: Gim me faz mal... Cachaça, nem falar.

HUMBERTO: Não tem nenhum dos dois. Vamos, experimente.

MARIA CLARA: Eu conheço você de algum lugar?

HUMBERTO: Claro que sim, nós nos conhecemos na festa da casa da Dora, no dia 17 de novembro de 1989.

MARIA CLARA: É hoje...

HUMBERTO: Então, nos conhecemos agora. Quer momento melhor? Um dia, quando nós formos velhinhos, velhinhos, a gente vai se lembrar deste momento. Eu te digo... Como é mesmo seu nome?

MARIA CLARA: Maria Clara.

HUMBERTO: Meu nome é Humberto. Vamos, agora tome o drinque e me dê sua opinião. Pra mim é importantíssimo. Quando a gente gosta de uma pessoa, a opinião tem um valor muito especial.

MARIA CLARA: Mas nós acabamos de nos ver pela primeira vez. Que conversa é essa?

HUMBERTO: Você pode ter me conhecido agora,
mas eu te conheço há séculos.

MARIA CLARA: Não é possível, eu não me lembro de ter
visto você em algum lugar antes daqui.

HUMBERTO: Você não lembra porque faz muito tempo... Mas eu
posso te jurar que já fomos íntimos em outra encarnação.

MARIA CLARA: Essa não, você está falando sério?

HUMBERTO: Vai tomar o drinque?

MARIA CLARA: *(DÁ UMA BICADINHA)* É bom... Do que é?

HUMBERTO: Uma suave mistura de conhaque com vodca e
uns traços de licor de ameixa e pingos de vinho tinto.
Uma mistura inocente, mas divina. Bebe tudo.

MARIA CLARA: É forte?

HUMBERTO: É suave como o som de um sino de uma capela,
perdida numa cidade abandonada onde só o vento mora.

MARIA CLARA: Você é poeta?

HUMBERTO: Você é uma musa?

MARIA CLARA: *(BEBE TUDO)* Me dá outro.

HUMBERTO: É pra já...

MARIA CLARA: Eu já estou ouvindo os sinos de uma
cidade abandonada, tocado pelo vento.

CENA 4

MÃE: *(DANDO BOLSA DE GELO)* O que é que você sente, filha?

MARIA CLARA: Sinos... Sinos dentro da cabeça. Eu nunca
tive uma enxaqueca desse jeito. Minha cabeça parece
uma bomba que vai estourar. Me dói o estômago.
Estou tonta. Que gosto horrível na boca.

MÃE: Como é o nome?

MARIA CLARA: “Enigma”... É qualquer coisa com conhaque, vodca, vinho tinto...

MÃE: Eu estou falando do rapaz que te trouxe em casa...

MARIA CLARA: Humberto...

MÃE: Ele bebe?

MARIA CLARA: O que é que a senhora acha?

MÃE: Mais do que seu pai?

MARIA CLARA: Isso é impossível... Deve estar no segundo lugar.

MÃE: Destino cruel. Você tinha que encontrar um bêbado e se apaixonar por ele. Assim é a mãe, assim é a filha.

MARIA CLARA: Mas, quem foi que disse que estou apaixonada por ele? Me dá café preto com sal.

MÃE: O melhor é uma dose de vodca com suco de tomate. Tudo temperado com limão, pimenta do reino e sal. Seu pai usa. Ele sabe.

MARIA CLARA: Eu nem sei o que aconteceu comigo. Como eu cheguei em casa?

MÃE: Um chofer de táxi. Você estava no colo dele.

MARIA CLARA: Nem pra carregar no colo, mandou o chofer.

MÃE: Seu pai acordou e fez um escândalo. Mas depois, disse que estava muito orgulhoso, por ver que você tinha saído mais a ele do que a mim. Filha de peixe peixinho é. Te abraçou, beijou e bebeu um litro de vodca, e desmaiou. (*CHORA*) O que será de mim, entre dois bêbados. Eu que pensava que minha filha ia seguir outro caminho. Tendo o exemplo aqui em casa. Eu sou mesmo uma infeliz. Sacrifico a minha vida pela minha filha, vivendo com um bêbado, e depois eu vejo que minha filha vai pelo mesmo caminho.

CENA 5

Plano de Narrador.

MARIA CLARA: O que aconteceu na noite de 17 de novembro de 1989 na minha vida, numa sexta-feira trágica, foi encontrar Humberto. Ele me deu bebida e eu nem sei se nós tivemos alguma coisa ou não. Na minha cabeça batia o Big Ben, e não o sino de uma cidade abandonada, numa tarde de outono. Fiquei com o gosto do “Enigma” por mais de um mês na boca. Daquele dia em diante, minha mãe passou a fazer dois horários especiais de sua lamúria contra a bebida. Só pra mim. Meu pai se aproximou de mim com conselhos.

CENA 6

216

PAI: O erro foi misturar vinho com conhaque e vodca. Isso não é coisa que se beba. A lei do bom bebedor é simples. Eu te conto isso porque você é minha filha, e filha minha não vai beber errado por aí. Pode até comprometer a minha reputação de bom bebedor. Tome nota, Clarinha: a gente não mistura destilados com fermentados. Destilados são: vodca, gim, rum, cachaça, uísque, conhaque, e por aí vai. Fermentados são: vinhos, cervejas, chopp, e vai por aí. Quando eu conheci sua mãe, eu não bebia, sabia? Pois é, eu uma vez ou outra tomava um copo de cerveja, numa festa. Mas tanto a sua mãe me encheu o saco que eu, pra aguentar a vitrola descontrolada dela, comecei a bebericar vodca. Primeiro era um copinho, do tamanho de um dedal, por noite. Depois, dois copinhos, depois três copinhos, depois quatro copinhos, depois um copo médio seis vezes ao dia, e depois garrafas e garrafas, pra aguentar a sua mãe! E sabe por quê? Porque eu te amava muito, e não queria me separar da vitrola por causa de você, Clarinha. Me tornei um bêbado pra ninguém botar defeito.

CENA 7

MARIA CLARA: A noite de 17 de novembro de 1989 foi, então, o início de um novo período da minha vida. Naquela noite, eu havia encontrado Humberto e tomado um porre inaugural, que também eu tinha jurado, pra mim mesma, que seria o primeiro e último da minha vida. E não pretendia encontrar Humberto novamente. Segui minha vida como sempre. Eu trabalho numa loja de modas e gosto do que faço. Apresento desfiles e vendo roupa bonita, pra gente rica. Isso faz com que eu conheça gente bem interessante, mas só mulheres. Homens que vão lá já estão na coleira. Vão acompanhando suas noivas, namoradas, esposas e, principalmente, amantes. Não há chance de se conhecer alguém interessante para um caso de amor, onde eu trabalho. Eu digo isso porque, se não fosse a noite de 17 de novembro de 1989 e o que me aconteceu naquela data, o encontro que eu tive na loja, quinze dias depois, não teria nada a ver com nada. Eu estava mostrando alguns vestidos para uma cliente, quando senti alguém bater levemente nas minhas costas.

217

CENA 8

HUMBERTO: Desvendou o “Enigma”? Mundo pequeno.

MARIA CLARA: Você?

HUMBERTO: Quero apresentar minha esposa... Lucinha, esta é uma amiga que eu conheci na festa da Dora, no dia 17 de novembro de 1989, uma sexta-feira.

LÚCIA: Muito prazer. Eu estou adorando as coisas desta loja. Quem desenha tudo isso?

MARIA CLARA: Alguma coisa vem de fora e outras eu mesma crio.

HUMBERTO: Ela é um talento...

LÚCIA: Como é o seu nome...

HUMBERTO: Ana Maria...

MARIA CLARA: Maria Clara...

HUMBERTO: Não era Ana Maria?

LÚCIA: Ela está dizendo que não. Ele tem uma memória horrível. Esquece até o endereço da própria casa. Às vezes, vai dormir em lugares que nunca viu.

MARIA CLARA: Se bem me lembro, nos conhecemos rapidamente na festa de Dora.

HUMBERTO: Eu te dei um drinque que eu inventei, “Enigma”.

LÚCIA: Ele vive inventando bebidas. O que é estranho para quem nunca botou uma gota de álcool na boca.

MARIA CLARA: Você não bebe?

HUMBERTO: Nem nada. Mas adoro fazer drinques para os outros.

LÚCIA: Eu adorei aquele vestido bege... Manda desfilar pra mim.

CENA 9

218

MARIA CLARA: 17 de novembro de 1989. Havia encontrado, numa festa, um homem, chamado Humberto, que me deixou no maior porre da minha vida, e nem bebia. “Enigma”, esse era o nome certo da mistura. Se ele não bebia, o que foi que aconteceu entre nós dois, naquela noite? Será que ele e eu?... Bom, a gente não pode fazer uma coisa destas, sem lembrar depois. Existem vestígios...

CENA 10

MÃE: Deus seja louvado, ele não é um bêbado! Mas é casado. O que você espera de um homem casado que dá bebida pra uma moça solteira e não bebe? O que foi que ele te fez?

MARIA CLARA: Nada, eu acho que nada.

PAI: Um sujeito que oferece bebida e não bebe não é confiável. Bêbados são, de modo geral, pessoas carinhosas e boas. Nunca vi um bêbado que não fosse dono de um coração de ouro. Os bêbados são bêbados porque são sensíveis.

O mundo é perverso e o bêbado bebe para aguentar a perversidade do mundo. Os grandes artistas bebem. Os grandes industriais bebem. Os grandes amantes bebem... Beber denota sensibilidade. Eu desconfio muito deste sujeito que serve, mas não bebe. E depois, o nome da bebida, "Enigma"... Aí tem coisa.

MÃE: Aí tem coisa.

CENA 11

MARIA CLARA: Ali tinha coisa. Desde que eu tinha conhecido Humberto na noite de 17 de novembro de 1989, na festa da Dora, e tinha encontrado com ele quinze dias depois, na loja... O tempo foi passando, e a vida seguia como sempre. Eu sem ninguém, esperando meu príncipe encantado que, pelo jeito, andava em terras muito longínquas. É claro que eu nem pensava mais no Humberto. Para mim, o que tinha começado no dia 17 de novembro de 1989 tinha sido apenas um acidente de percurso na minha pacata e sombria vida de mulher solteira e cautelosa. Mas, um dia, no fim do expediente da loja, as portas já fechadas, eu fazia alguns cálculos na máquina, quando ouvi ruídos na sala da frente. Fui até lá, e lá estava, com dois drinques na mão, Humberto. Humberto e seus enigmas.

219

CENA 12

Humberto com dois drinques.

HUMBERTO: Eu fiz, especialmente para você, e dei o nome de "Enigma 2"... Prove, Ana Maria.

MARIA CLARA: Meu nome é Maria Clara, e eu não bebo... Ou melhor, eu só bebo na companhia de pessoas amigas. Agora, por favor, quer sair? Eu estou fechando a loja.

HUMBERTO: Mas o que foi que eu te fiz?

MARIA CLARA: Nada. Você não me fez nada. Mas, por favor, eu preciso fechar a loja. Eu estou esperando meu namorado. Ele vai passar para sairmos juntos. Portanto... Eu agradeceria muito se o senhor sáísse com seus enigmas, e eu pudesse fechar a loja.

HUMBERTO: Não vai provar? Não vai nem provar o drinque que eu inventei pra você?

MARIA CLARA: Como vai sua esposa? Ela ficou satisfeita com o vestido?

HUMBERTO: Esposa? Que esposa?

MARIA CLARA: Dona Lúcia. Sua esposa...

HUMBERTO: Ah... Lúcia... Bem, ela não é minha esposa. Ela quer ser minha esposa, mas eu não gosto dela. Tem qualquer coisa no caráter de Lúcia que não vai bem comigo. Ela gosta de dinheiro e eu tenho dinheiro. E, no fim das contas, ela gosta de mim por causa de meu dinheiro. E eu diria que ela gosta mais do meu dinheiro do que de mim. E, terminando, eu acho que ela prefere meu dinheiro sem mim do que comigo. Lúcia é uma espécie de viúva rica por vocação. Se eu me casar com ela, ela me mata e fica com tudo que é meu. Enquanto eu não me casar com ela, tenho uma amante esforçada, que faz qualquer tipo de acrobacia para enfeitar o espetáculo. E como eu gosto de circo! Ela se dobra e desdobra. Mas não somos casados. Eu terminei com ela a propósito. E fiz isso porque, na noite de 17 de novembro de 1989, sexta-feira, na festa de uma amiga chamada Dora, eu encontrei você, Ana Maria...

MARIA CLARA: Maria Clara...

HUMBERTO: Maria Clara, é claro... E, desde que eu te vi e passamos aquela noite juntos, eu nunca mais te esqueci. Aquela noite mudou minha vida.

MARIA CLARA: Desculpe, mas o que aconteceu entre nós, naquela noite?

HUMBERTO: Você não lembra?

MARIA CLARA: Francamente, não.

HUMBERTO: Bom, eu só vim trazer o drinque “Enigma 2”, que eu fiz especialmente para você... Mas, como você está esperando seu namorado, eu vou indo. Deixo o drinque. Se quiser, beba. Se não quiser, não beba. Eu te amo, Ana Maria, desde o dia 17 de novembro de 1989. Estou apaixonado por você. E, quando você lembrar de tudo o que aconteceu entre nós, talvez saiba por que te amo tanto. Adeus.

Maria Clara fica só, senta numa cadeira, escapada, e bebe os dois drinques de um só gole, um depois do outro.

CENA 13

MÃE: Não, nunca me aconteceu de ter esquecido uma coisa destas. Se você vai para a cama com um homem, tem que se lembrar. Não há bebida que faça esquecer uma coisa destas. Às vezes, eu gostaria de esquecer, de tantas noites que seu pai veio pra cama completamente bêbado. Aquele bafo fedido de álcool... Não gosto nem de me lembrar. Faz doze anos que eu e seu pai não temos relações sexuais. Sabe lá o que é isso? Doze anos! E, muitas vezes, eu sinto cheiro de perfume de puta, quando ele chega bêbado. Vodca e perfume de puta é uma combinação que enlouquece. Um dia, eu faço uma loucura. Aliás, eu já fiz, mas não tenho coragem de contar, nem para você, minha filha. Nem para você. E você vem com um sujeito que leva bebidas e nem se lembra do seu nome. Você quer um conselho? Esqueça e vá em frente. Ninguém precisa de amor para viver. Se ficar com vontade, arrume alguém bem burro e distante, que não fique batendo na sua porta. Como o farmacêutico, por exemplo. Bom, eu nem sei porque falei do farmacêutico. Acho que estou com gripe, estou precisando de tomar uma injeção... Não lembrar seu nome é demais. Maria Clara, que nome mais lindo.

221

CENA 14

PAI: Você precisa casar e sair desta casa. Eu vou sentir muito, mas sua mãe é uma coisa chata de se aguentar. Ela nem ao menos bebe. Como é que a gente pode se enganar tanto. Quando eu me casei, Florinha era uma garota de sorriso aberto e coxas grossas. Eu era o maior Don Juan do bairro, tinha passado na cara todas as garotas da região. Empaquei em Flora. Deflorei Flora. E você nasceu deste amor louco que tive por ela, e que duvido que ela tenha tido por mim. Ela não era sincera. Mentia.

Hoje em dia, sei que me trai com o farmacêutico. Mas, em compensação, eu traio Dona Flora com a primeira puta que eu encontro no botequim. Se eu não estivesse bêbado, eu te contava do amor que eu tive por sua mãe, quando éramos jovens. Minha filha querida. Maria Clara, que nome mais lindo.

CENA 15

MARIA CLARA: O fato de eu não saber o que tinha acontecido entre mim e Humberto, na noite de 17 de novembro de 1989, começou a perturbar minha vida. Ali, vivendo entre papai e mamãe, que me amavam e se detestavam, eu sentia, a cada dia que passava, que teria que ir embora dali. Mas, eu não encontrava jeito de fazer novas amizades. E, depois do que Humberto tinha me dito, eu passei a sonhar com ele todas as noites. Era sempre na festa da Dora, eu e ele saindo, ele parando o carro e a gente entrando num motel. Uma cama redonda, uma TV passando um filme pornô e a gente se amando nus... Completamente nus. Um dia, quando contei isto a mamãe, ela me perguntou se eu já tinha estado em algum motel. Eu disse que não.

MÃE: E como é que você sabe que no motel tem cama redonda, TV, frigobar e rádio FM?

MARIA CLARA: Aqueles sonhos passaram a ser mais constantes, até que, fechava os olhos, e o mesmo sonho vinha. O sonho da noite de 17 de novembro de 1989, na casa de Dora. E tudo começa com Humberto chegando com os copos...

CENA 16

Luz. Efeito. Humberto e os copos. Música.

HUMBERTO: Joga fora, já, essa porcaria que te deram pra beber, garota!

MARIA CLARA: Jogar fora, por quê?

HUMBERTO: Porque eu fiz o melhor coquetel do mundo e você vai experimentar.

MARIA CLARA: (*BEBE*) Meu pai bebe demais, mas nunca esquece o que faz. Eu, Quando bebo, esqueço o que faço. E você?

HUMBERTO: Eu, não bebo. (*DÁ O OUTRO DRINQUE PARA ELA*) Mas adoro ver uma mulher beber, e depois, fazer amor com ela, e, depois, ela não se lembrar de nada.

MARIA CLARA: Você sabe meu nome?

HUMBERTO: Claro, Ana Maria...

MARIA CLARA: Meu nome é Maria Clara...

HUMBERTO: Eu te amo, Maria Clara.

MARIA CLARA: E agora, o que acontece neste sonho?

HUMBERTO: Bom, eu acho que você vai beber mais um par de drinques enigmáticos, e depois, vai ficar grogue.

MARIA CLARA: E daí, o que vai acontecer?

HUMBERTO: Nós vamos sair da festa.

MARIA CLARA: E agora, onde nós estamos?

HUMBERTO: Num motel...

MARIA CLARA: Já aconteceu alguma coisa? E quero saber, exatamente, o que aconteceu.

HUMBERTO: Então, tira a roupa.

MARIA CLARA: Toda?

HUMBERTO: Toda...

223

CENA 17

MÃE: Eu sempre pensei que você fosse se casar de véu e grinalda. Eu me casei assim. Foi todo mundo. Minha família e a família do seu pai. Minha prima Eunice cochichou: “Você devia fazer um vestido branco com umas pintinhas vermelhas, você não é virgem.” Você é virgem, minha filha?

MARIA CLARA: Mãe, não é a hora nem o lugar. Aliás, isto é um sonho e você acaba de invadir meu sonho, justamente na hora em que eu ia ficar sabendo o que aconteceu na noite de 17 de novembro de 1989... Dá um jeito e sai.

PAI: Grande motel! Eu já vi alguns, mas este aqui é de luxo. Deve custar uma nota. Mas não acho que seja lugar pra você, minha filha. Eu não sou moralista, mas se fosse você, eu ia pra casa e esquecia isto tudo.

MARIA CLARA: Papai, sai do meu sonho. Você e mamãe estão me atrapalhando. Eu só quero saber o que foi que aconteceu na noite de 17 de novembro de 1989. Só isso. Será que eu não posso ficar livre de vocês, pelo menos no meu sonho?

PAI: Uma vez, eu quis levar sua mãe no motel, pra ver se a gente ainda se estimulava com alguma coisa. Sabe o que foi que ela disse? Ela disse que motel era lugar de puta. Um amigo me disse que viu a velha saindo do motel La Barca com o farmacêutico. E agora, você neste sonho.

MARIA CLARA: Chega, eu quero acordar. O sonho já virou pesadelo. Eu quero acordar. Eu quero acordar.

224

CENA 18

HUMBERTO: Pois acorde... Você adormeceu. Estava sonhando alto... Falando... De seu pai e de sua mãe.

MARIA CLARA: Que dia é hoje?

HUMBERTO: É a noite de 17 de novembro de 1989.

MARIA CLARA: Isto é sonho?

HUMBERTO: Por quê? Está tão bom assim?

MARIA CLARA: Não, eu quero saber... É sonho, ou não?

HUMBERTO: Acho que não...

MARIA CLARA: Nós... Nós fizemos amor?

HUMBERTO: Ainda não... Você adormeceu...

MARIA CLARA: E a Lúcia?

HUMBERTO: Que Lúcia?

MARIA CLARA: Não brinca...

HUMBERTO: Não estou brincando, não sei que Lúcia é essa.

MARIA CLARA: Sua mulher.

HUMBERTO: Eu não tenho mulher... Sou solteiro.

MARIA CLARA: Bom, não é mulher, é apenas uma moça
que quer se casar com você e faz acrobacias.

HUMBERTO: Do que você está falando?

MARIA CLARA: Da Lúcia, que foi na loja com você.

HUMBERTO: Que loja?

MARIA CLARA: A loja de modas onde eu trabalho...

HUMBERTO: Eu nem sabia que você trabalhava com modas.

MARIA CLARA: Você está brincando comigo. Isto que está acontecendo
agora conosco, já aconteceu, não foi? Agora é apenas um sonho.

HUMBERTO: Você é muito estranha... Como é que já
pode ter acontecido, se estamos aqui.

MARIA CLARA: Você me deu a bebida e eu...

HUMBERTO: Dormiu...

MARIA CLARA: Você é um mau-caráter. Dá bebida para
mim e não bebe. Por que você não bebe?

HUMBERTO: Eu bebi demais. De onde você tirou essa,
de que eu ofereço bebida e não bebo?

MARIA CLARA: Está tudo muito estranho...

Batem à porta.

MARIA CLARA: O que é isso?

HUMBERTO: Não sei... (*ABRE A PORTA*)

Lúcia entra.

HUMBERTO: Quem é você?

MARIA CLARA: Lúcia...

LÚCIA: Canalha, você me deixa em casa esperando, e vem pro motel com essa vagabunda.

MARIA CLARA: Então, você é a mulher dele?

LÚCIA: Claro! Quem é que você pensou que eu era? Não se lembra de mim, na loja, sua vagabunda. Não sabia que eu era a mulher dele?

HUMBERTO: Eu te juro, eu nunca vi esta mulher antes. Por favor, saia!

MARIA CLARA: Não, quem vai sair sou eu. Eu vou me vestir e sair.

HUMBERTO: Você não tem que sair. Afinal, o sonho é seu...

MARIA CLARA: O quê?

HUMBERTO: Nada, eu não disse nada...

LÚCIA: Vamos embora, Humberto...

MARIA CLARA: Espera aí! Você disse que o sonho era meu... Então, isto é um sonho, não é? Me diz, pelo amor de Deus, é um sonho, não é?

LÚCIA: Você está querendo se fingir de doida, é, meu bem? Vamos embora, Humberto. Você sabe que precisa ir para sua casa. Você tem seus filhos, que estão lá te esperando

MARIA CLARA: Filhos? Você me disse que nem era casado.

HUMBERTO: Essa mulher é louca, eu nunca a vi antes, em toda a minha vida.

MARIA CLARA: Nunca viu?... Mas você foi com ela à loja. Ela está com o vestido que você comprou para ela. Como é que não a conhece?

HUMBERTO: Você está misturando tudo, Ana Maria...

MARIA CLARA: Maria Clara!... Eu sei que é sonho e que, daqui a pouco, eu vou acordar.

LÚCIA: Já que é sonho, já que você acha que é sonho, então, eu vou aproveitar o seu sonho para fazer alguma coisa que devo fazer há muito tempo. Eu precisava mesmo encontrar um sonho assim, de uma pessoa solitária e fria como você, Maria Clara, para poder fazer o que devo fazer... Humberto me humilha o tempo todo. É um maniaco. Dá bebida às mulheres e as faz dormir, com suas palavras poéticas de sinos que tocam com o vento...

MARIA CLARA: Em pequenas cidades, no outono...

HUMBERTO: Não é nada disso. Mas quem é essa mulher?

LÚCIA: Eu sou a mulher que invadiu o sonho de outra mulher, para te pegar de jeito, canalha. *(PEGA PUNHAL DA BOLSA)* E agora, já que eu estou no sonho dela, eu vou acabar com você. Vou ficar viúva e rica, e ninguém vai me descobrir, porque eu vou fazer isso tudo dentro do sonho dela.

MARIA CLARA: Não, não faça isso, pelo amor de Deus. É um sonho, apenas um sonho!

HUMBERTO: Não faça isso, mulher... Lúcia, por favor, vamos sair deste sonho. Não faça isso. Nãaaaooooo!

Lúcia o esfaqueia várias vezes. Maria Clara esconde o rosto.

CENA 19

MÃE: Você chegou nos braços de um chofer. Estava bêbada, como seu pai. Eu nem consegui que você me reconhecesse.

227

MARIA CLARA: Agora é sonho?

MÃE: Sonho?... Bem que a vida podia ser um sonho e a gente então, ao acordar, tivesse a chance de começar certo tudo, sem erros nem sujeira. Se eu fosse começar tudo de novo, não casava com seu pai. Procurava um homem mais cheio de audácia, que quisesse viver mais intensamente. Fui me casar com este bêbado, e a grande aventura da vida que ele me deu foi a chance de me encontrar com o farmacêutico no motel, de quinze em quinze dias. Fazer amor à moda antiga, mas, pelo menos conversar, durante alguns minutos, sobre a vida, sobre as emoções. É, bem podia mesmo ser um sonho e a gente acordar, de repente.

PAI: Ouvi tudo. Mas, acho que era mesmo pra eu ouvir. O farmacêutico. Nunca faltarão remédios aqui nesta casa. Pois é, minha filha, podia mesmo ser um sonho e todos nós podíamos acordar na adolescência. Eu procuraria uma mulher mais delicada e doce do que sua mãe. Você, então, não nasceria e não teria que passar por tudo que está passando. O assassinato. Você chegou com uma faca ensanguentada nas mãos... Foi ele quem você matou, não foi?

MARIA CLARA: Não, pai. Foi a Lúcia, a mulher dele.
Ela nos pegou num quarto de motel.

PAI: Que vergonha.

MÃE: Vergonha é ser bêbado.

MARIA CLARA: Veja, eu tenho sangue nas mãos...

PAI: Você o matou... Eu li nos jornais.

MÃE: Foi no rádio. Com doze facadas...

MARIA CLARA: Vocês estão me dizendo que...

PAI: A polícia está à sua procura.

MÃE: Eu vou te visitar todos os dias. Onde você estiver.

MARIA CLARA: Deus meu... Que dia é hoje?

MÃE: 16 de novembro de 1989...

PAI: Quinta feira...

MARIA CLARA: Então, é sonho... Então, nada ainda aconteceu...

228

CENA 20

Luz.

MARIA CLARA: (*ARRUMANDO-SE PARA SAIR*) Que hora são, mamãe?

MÃE: Oito horas da noite do dia 17 de novembro de 1989. Está bem assim? Data completa. Onde é esta festa que você vai?

MARIA CLARA: É na casa de Dora, uma cliente da loja...

PAI: Não vá beber...

MARIA CLARA: Por favor, eu sou adulta.

MÃE: Pra mim, nunca vai ser... Vai ser sempre Clarinha,
uma menina sonhadora e feliz.

PAI: E nós, o que vamos fazer, meu bem?

MÃE: Nós vamos ver televisão. Não chega muito tarde, Maria Clara.

MARIA CLARA: Não... Chego cedo.

CENA 21

Luz. Música. Clara. Humberto chega com dois copos.

HUMBERTO: Joga fora essa porcaria que te deram pra beber, garota.

MARIA CLARA: Jogar fora, por quê?

HUMBERTO: Porque eu fiz o melhor coquetel do mundo e você vai experimentar. Se não for a melhor bebida que você já bebeu em toda a sua vida, você pode me jogar na cara. Experimenta...

MARIA CLARA: *(OLHANDO E CHEIRANDO)* O que é que tem aqui?

HUMBERTO: O nome do drinque é “Enigma”.

MARIA CLARA: *(BEBE)* É bom, não bebe comigo?

HUMBERTO: Claro, eu fiz pra dois. Sabe, quando você entrou, eu disse. Aí está uma garota misteriosa e eu vou inventar um drinque chamado “Enigma”, só pra poder chegar perto dela e dizer que...

MARIA CLARA: Que é casado e tem uma mulher chamada Lúcia?

HUMBERTO: Não, nem sou casado, nem tenho mulher chamada Lúcia. Como é seu nome?

MARIA CLARA: Meu nome é Maria Clara. E o seu?

HUMBERTO: Humberto...

MARIA CLARA: Humberto... Isso é sonho?

HUMBERTO: Não sei, pergunte a sua mãe.

CENA 22

MARIA CLARA: Mamãe, é sonho?

MÃE: Claro que é... A gente vive envolvida com sonhos. Desperta de um e acorda dentro de outro. Eu só vim neste teu sonho para dizer que a minha vida é muito angustiada, minha filha.

MARIA CLARA: Eu quero acordar, mas, cada vez, caio em outro sonho...

MÃE: Sabe, se você encontrar um sonho bom, fica nele. Não sai mais. Eu devia ter feito isso, há muito tempo...

CENA 23

HUMBERTO: Vamos sair da festa...

MARIA CLARA: Só se você prometer não morrer assassinado num quarto de motel.

HUMBERTO: Eu prometo... Mas, tome mais um “Enigma”.



FINIS





**CONCERTO Nº 1
PARA SOLIDÃO
E ORCHESTRA**

CONCERTO Nº 1 PARA SOLIDÃO E ORCHESTRA

PERSONAGENS

MAESTRO
RODOLFO
ANA

CENA 1

MAESTRO: Por favor, vamos do começo, novamente. Senhores professores, eu quero Mozart, não Wagner. Eu quero música com altos e baixos. É uma passacaglia e isso quer dizer música ambulante. Portanto, vamos ambular, e ambular é caminhar. É uma caminhada noturna, onde os fantasmas da noite aparecem de maneira meiga e brilhante. Não quero medo nas sombras. O que se esconde nesta noite são pequenos sustos de contentamento. A cada passo da marcha, alguma coisa que se solta das formas da noite e se transforma em alegria, ternura... Vamos lá...

CENA 2

Ouve-se “Uma Pequena Serenata Noturna”, de Mozart.

236

RODOLFO: Diná, onde você se escondeu? Quer, por favor, vir aqui e tomar o seu leite? Eu gosto de ver que você toma o leite antes de que eu saia à noite. Uma gatinha mal alimentada pode virar este apartamento de cabeça pra baixo. Diná!

RODOLFO: Olha, tem bolachinha também. Aquela bolachinha doce que você tanto gosta. Leite com bolachinha doce. Miauuu... Quer me fazer o favor de pelo menos miar um pouco? Eu tenho quinze minutos pra sair daqui e chegar na escola. Sabe o que os alunos fazem quando um professor chega atrasado? Se você soubesse, vinha imediatamente comer sua bolachinha com leite, antes que eu perca a paciência. Bem, Ana me disse que eu não devia ter ficado com você. Um homem só, e tão ocupado como eu, não devia ter gatinha de estimação. Você torna minha vida atrapalhada, mais confusa ainda. Eu juro que, qualquer dia destes, eu dou você para a mulher do zelador. Aí, você vai ver bolachinha com leite por um binóculo.

RODOLFO: Olha, o leite com a bolacha estão aqui no chão e pronto. Se você quiser comer, coma, se não quiser, que se dane, eu preciso trabalhar. Minha vida não é um paraíso e eu não vou cuidar de gatos que se escondem e não vêm comer. Dane-se... Dane-se, Diná. (SAI)

MAESTRO: Não, não... Imaginem uma caminhada, mas sozinhos. É uma noite calma de verão. Está calor. Senhora harpista, está interessada no que o maestro fala ou na conversa que tem aí com o contrabaixo. Dona Ana, eu estou falando com a senhora! A senhora sabe, Dona Ana, que este concertinho não foi feito para esse seu móvel instrumental? Sim, porque a harpa é um móvel, como o piano. Só servem para desequilibrar o espaço da orquestra. Já que incluí seu móvel no arranjo, Senhora Ana, eu peço que, pelo menos, ouça o que o maestro fala. Porque o maestro, Dona Ana, não é um idiota fazendo ginástica na frente da orquestra. Obrigado, Senhora Ana. Eu agradeço a sua colaboração. E peço que entenda que eu quero obter emoções com a música, não sustos. Vamos então, fortemente delicados...

CENA 3

237

Música. Sob chuva, Rodolfo e Ana, com apenas um guarda-chuva. Correm, param e riem.

ANA: Eu pisei numa poça, olha só meu sapato.

RODOLFO: Quer que eu torça?

ANA: Para com esse guarda-chuva, eu quero caber aqui embaixo, também. Como foi que você adivinhou que ia chover? Eu nunca pensei. Achei ridículo você vir me buscar para ir ao cinema com este guarda-chuva. Este bendito guarda-chuva.

RODOLFO: Eu tenho um instinto meteorológico.

ANA: Que nada, você ouviu no rádio que ia chover.

RODOLFO: Quer ouvir um segredo?

ANA: Eu estou nele?

RODOLFO: Está em todos os meus segredos, mas neste, não. Quer ouvir?

ANA: Fala...

RODOLFO: Eu tenho artrite nos pés. Quando me doem...
Chuva! Daí, eu pego este guarda-chuva.

ANA: Então, você tem um pé que avisa quando vai chover? Eu
tenho um pé que não avisa nada e, por isso mesmo,
está encharcado. Quer trocar de pé comigo?

RODOLFO: Sabe, a gente não pode continuar se encontrando
assim, embaixo de guarda-chuvas suspeitos.

ANA: O que é que você sugere?

RODOLFO: Eu estava pensando que na minha sala tem
um vazio. Dá pra colocar sua harpa.

ANA: É um pedido de casamento?

RODOLFO: Eu acho que é a primeira vez que um professor de
Matemática pede uma harpa em casamento!

ANA: A harpa aceita...

RODOLFO: Meu amor. (*BELLA ANA*)

ANA: Mas eu não posso. Eu vou viajar com a orquestra.

RODOLFO: Manda a harpa e fica comigo!

ANA: Está maluco, ela não viaja sem mim. Mas olha, eu fiquei
toda cheia de mim, por você ter me pedido.

RODOLFO: Eu te amo, Ana. Muito... Faz tempo que eu te amo.

ANA: Eu também te amo, mas tem a orquestra...

RODOLFO: Está certo, você fica com a orquestra e eu fico com meus
teoremas. E estamos os dois, lindos e maravilhosos.

ANA: Passou, a chuva passou. Olha o meu pé...

CENA 4

MAESTRO: Para! Cordas, eu quero ataque! Sabem o que é ataque? Ataque é assim, assim e assim. Ataque não é assim, assim e assim. Define e faz uma espiral. Define e faz uma espiral... Do começo.

CENA 5

RODOLFO: Não, senhor Luiz, a interseção de dois planos não é um terceiro plano. É uma reta. Veja aqui, tenho o plano um e depois o plano dois, que o corta. Na linha do corte está uma reta. E na interseção de dois planos só cabe uma reta. Uma única reta, dentre as infinitas retas que você possa imaginar. É como... É como uma pessoa. Esta reta é única... E ela vai guardar sempre a mesma relação com os planos.

RODOLFO: Se você rodar estes planos do jeito que você quiser, esta relação, da interseção e os dois planos, vai ser sempre a mesma. É uma espécie de coisa eterna. Se eu tenho um plano horizontal e um plano perpendicular... Aqui, a interseção... E tenho outro plano, também cortando este aqui... Bom, se os dois são perpendiculares, então, as retas de interseção serão?... Serão?... Isso!... Paralelas, nunca se encontrarão. Por mais que se prolonguem, nunca se encontrarão.

239

CENA 6

MAESTRO: A orquestra tem que acabar a música em conjunto. Não podemos terminar uns antes dos outros. Senhor Enio, sua flauta está com pressa de quê? De ir ao banheiro? Por favor...

MAESTRO: Tem um trombone sempre um pouco atrás. Se não me trai o ouvido, é o Senhor Marcolino. Por favor, corra mais um pouco, senão a orquestra atropela o senhor. O que vamos dizer ao público se o senhor se apresentar todo enfaixado com esse trombone amassado, hein? O que é que vamos dizer? Que o maestro era um déspota não muito esclarecido e quis vestir o trombone na cabeça de um músico que estava sempre atrasado.

MAESTRO: Senhora Ana do olhar perdido. Penso que a senhora já tem idade suficiente para não delirar mais durante os ensaios. Ou será que está tendo um ataque de nostalgia da juventude? Vamos, Senhora Ana, a vida é aqui, e não lá fora. Quando se ensaia, se ensaia. Quando se delira, se delira... Do ponto em que paramos.

CENA 7

240

RODOLFO: *(AO TELEFONE)* Claro que eu estou te esperando. Pois é, você não me avisou que não vinha. Puxa vida, Ana, eu podia ter aproveitado a noite. Mas não, você nem pra ligar. Nem pra ligar. Ah, não tem telefone da coxia do teatro? Sei... E não teve um intervalo, esse ensaio?... Ah, o maestro... Sei, ele manda nas vidas de vocês todos. Está certo, eu pensei que a escravidão tinha acabado. Não senhora, no meu caso é diferente. Eu tenho horários... Pois é, horários... Quando eu termino as aulas... O quê? Claro que eu tenho que corrigir as provas em casa. Olha, naquela noite, se você tivesse me dado uma chance e esperado mais um pouco. Mas não... Ana, você não tem consideração comigo. É isso, você não tem consideração. Não... Eu não quero que você largue a Música, a harpa e a orquestra... Não... Quer saber de uma coisa, vá tocar sua harpa até rachar os dedos. Boa noite e passe bem, se você puder. *(DESLIGA)* Merda.

CENA 8

MAESTRO: *(AO TELEFONE)* Para quem? A senhorita Ana. Deve ser o Rodolfo, professor de Matemática. Como eu sei?... Eu sou o maestro. Pois é, o maestro. Não gosta de mim? Por quê?...

Sei, sei. O que o senhor entende por democracia eu entendo por bagunça... Pois é, bagunça. O senhor, quando dá suas aulas aí de vezes três e menos quatro, deixa os alunos fazerem bagunça? Pois então, aqui é a mesma coisa. A orquestra é uma escola, Professor Rodolfo, e o professor dos professores aqui, sou eu. Senhorita Ana! Seu noivo ao telefone...

ANA: Não é noivo, é quase noivo...

MAESTRO: Daqui a cinco minutos, todos no poço. Todos no poço.

ANA: Rodolfo? O quê... Não diga! Meu Deus, você conseguiu... Você vai dar aula na universidade... Claro que eu estou contente. Eu juro. Você vai e volta de avião... Ah, você vai mudar pro Rio? Sei... Sei... Vai procurar apartamento... Sei... Você vem me buscar? Bom, às nove, eu acho...

MAESTRO: Dez... Pelo menos dez...

ANA: Pelas dez horas... Ah, ouviu? Falei de você, mas não disse que era noivo. Você não é meu noivo. Ou é?

MAESTRO: Vamos lá. Todos pro poço...

ANA: Eu vou desligar... Vem me buscar e a gente fala. Eu estou alegre por você. Pois é... Você queria ir dar aula lá, não queria? Se não quisesse, não tinha se esforçado tanto para conseguir o emprego... Se eu sei?... Claro que eu sei. (*DESLIGA*) Imagina se eu não sei que tem orquestra sinfônica no Rio de Janeiro.

MAESTRO: Mozart... Amadeus, não se revire no túmulo. Eu te prometo, em nome de Apolo: haverá Música um dia nesta orquestra! Do começo.

241

CENA 9

Rodolfo voltando da aula. Pasta, casaco.

RODOLFO: Diná... (*OLHA O PIRES COM LEITE E BOLACHA*) Mas o que foi que houve com essa gata? Não comeu nada... Diná, você não pode ficar sem comer. Onde você se escondeu, gatinha? Eu tive uma noite braba. O ônibus estava cheio. Tinha uma mulher ao meu lado com uma criança pequena. Ela me chutava o tempo todo.

A mãe nem ligava. Eu acho que ela cria o bebê para ser jogador de futebol. Me sujou o casaco. Uma coisa gosmenta. Dináaaa... Minha filha, onde você foi? Meu Deus, a janela aberta... Não, fugiu outra vez. Isso não. Vai me encher a casa de gatinhos outra vez. E eu vou ter que sair por aí, distribuindo um por um. É aquele maldito gato preto. Diná, volta, minha filha... Papai chegou da aula. Eu mato esse gato preto vira-latas a pedrada. Filho da mãe. O que foi que ele viu na minha Diná? *(LIGA O RÁDIO; COMEÇA A FAZER UM SANDUÍCHE DE PÃO COM FRIOS)*

RÁDIO: Isaura, você é uma pessoa romântica, Isaura. Ah, você é! Então, eu vou tocar uma canção de amor pra você, Isaura. Você quer escolher alguma?

RODOLFO: “Chão de Estrelas”... Escolhe “Chão de Estrelas”, burra... É a maior canção de amor do mundo...

RÁDIO: “Vida de Bailarina”... Ah, gravação da Ângela Maria. Enquanto o Zezé procura o disco, me diz uma coisa, Isaura... Você tem namorado?

RODOLFO: Você tem namorado? Ele é veado? É um gato preto veado que me roubou a gatinha... Mas eu pego esse vagabundo. Um dia eu pego. Mato, tiro o couro e penduro na parede como troféu. Canta, Ângela, canta... A Diná gosta da Ângela, vai ver que ouve e volta... Canta alto, Ângela!

CENA 10

MAESTRO: Mais baixo! Será que eu falo russo? Se falasse, seria entendido. Meu professor de regência em Paris era russo e eu entendia tudo o que ele falava. Pianinho, pianinho... Olha o gesto da batuta. Este desenho assim, quer dizer que eu nem quero ouvir nada... É tão pianinho que nem mesmo um ventinho pode passar sem ser ouvido. São coisas sensíveis. Eu sou uma alma sensível. Qualquer coisa me fere o ouvido e meu ouvido fica grudado no meu coração e na minha cabeça. Olhem. Vejam, eu tenho dois ouvidos. Estão vendo? Tenho duas orelhas. Uma de cada lado da cabeça e estas orelhas levam os sons pra dentro do ouvido, que leva ao cérebro e ao meu maldito coração. E, quando eu ouço porcarias, meu coração nem bate. Minha cabeça estoura.

E meu saco também. Vocês me encham o saco! Agora, se me fazem o favor, vamos tentar de novo. E pianinho, quando eu fizer o gesto assim, de pianinho. E forte, quando eu fizer o gesto assim, de forte. Pois não, Ana... Alguma pergunta?

ANA: O senhor já olhou o relógio?

MAESTRO: Eu não faço música pelo relógio. Por quê?

ANA: O ensaio estava marcado para terminar às dez. Já são onze...

MAESTRO: E vão ser doze, e treze, e catorze, e quinze e não saímos daqui! Vamos acampar aqui, e eu durmo aqui, e vocês dormem aqui, mas Mozart vai dormir em paz quando ouvir sua obra!

CENA II

Rodolfo e Ana. Apartamento.

243

ANA: Tudo o que você tem cabe numa mala. Eu, quando viajo, levo duas e das grandes. Você tem pouca coisa.

RODOLFO: Eu sou aquele a quem Marx dedicou toda uma obra: o proletário. E o proletário é, antes de tudo, um duro. Mas, agora vai mudar. Eu vou ganhar bem mais. Eu, dentro de dois meses, eu saio desta pensão pra onde estou indo. Daí, eu vou alugar um apartamentinho de quarto e sala, adivinha onde?

ANA: Copacabana?

RODOLFO: Copacabana. De frente para o Oceano Atlântico. E assim, quando no verão me der calor, eu saio de casa e me jogo no mar.

ANA: Se bem me lembro, você não sabe nadar.

RODOLFO: Não é tão tarde que eu não aprenda. E, à noite, eu saio ali pela Cidade Maravilhosa...

ANA: Com uma carioca pendurada no braço?

RODOLFO: Talvez... Ou uma paulista. Bem que pode ser... Ana, olha esta sala. Era a minha casa... Eu acho que era a nossa casa. A gente se amou tanto aqui. Eu vou ter saudades daqui...

ANA: Apareça quando quiser...

RODOLFO: Eu vou entregar a chave. Quem será que vai morar aqui?

ANA: Deixa ver se eu me concentro e digo. Eu vejo uma mulher mais ou menos da minha idade, vestida assim com minhas roupas e se chamando Ana. Pois é... É Ana... Uma moça que toca harpa... Que coincidência, não? Toca harpa na Sinfônica e... Meu Deus, e tem o coração partido. Porque seu namorado foi morar no Rio de Janeiro...

RODOLFO: O que foi que você disse aí?

ANA: Nada, eu apenas tive a visão de quem vai morar aqui neste apartamento.

RODOLFO: Você não está brincando, não é?

ANA: Não, eu tive mesmo a visão. E sabe quando foi? Foi ontem, quando eu falei com Dona Sarita.

RODOLFO: A proprietária? Você vai ficar com meu apartamento?

ANA: Você não disse que era nosso? O aluguel é bom, eu já conheço...

RODOLFO: Se soubesse que você queria morar aqui, eu já tinha te trazido há muito tempo pra cá.

ANA: Mas eu não viria. Se eu viesse, a gente estaria casado. E agora eu teria que ir junto com você pro Rio. Eu não posso.

RODOLFO: Ana, por favor, pensa um pouco. Olha, eu te amo demais, a gente podia se encontrar dentro de seis meses no Rio. Daí casamos e vamos viver a nossa vida.

ANA: A “nossa” quer dizer a “sua” vida. Não, eu tenho a Música, você tem a Matemática e nós já somos casados com estas coisas importantíssimas. Cedo ou tarde eu iria me sentir roubada. Você vai com a sua Matemática e eu fico com minha Música.

RODOLFO: Mas eu te quero com a tua Música. Eu te adoro como artista. É só a gente acertar a vida. O Rio é o lugar mais musical do mundo.

ANA: Mas, infelizmente, eu tenho meu lugar aqui na orquestra. Eu custei muito para chegar no ponto onde cheguei. Eu também te amo. Juro, eu já estou sentindo falta de você. Eu já me acostumei com você. Não sei se terei outro amor.

RODOLFO: Mas, Ana, o Rio não é o fim do mundo. A gente vai continuar se vendo.

ANA: Quando você vier a São Paulo...

RODOLFO: E quando você for ao Rio...

ANA: Você vai cair nos braços de alguma carioca...

RODOLFO: Te amando como eu te amo... Nunca.

ANA: Ponho minha harpa aqui... E vou mandar colocar
aquele nosso retrato, juntos andando no Viaduto
do Chá, aqui na parede, perto do telefone.

RODOLFO: Eu volto... Eu volto pra te buscar.

ANA: Eu sei... Eu sei que sim... (*BELJAM-SE*)

CENA 12

MAESTRO: (*COLOCANDO O PALETÓ*) Amanhã, às duas. Por favor, sem
atrasos. Senhorita Ana, por favor, venha cá um instante.

ANA: Pronto, maestro.

MAESTRO: Por que está com essa cara feia desde estes últimos
dias? É porque eu digo que a harpa é um móvel?

ANA: Não...

MAESTRO: É brincadeira. Piada de músico. Eu acho que
tenho sido um pouco cruel com você.

ANA: Acha mesmo?

MAESTRO: Acho sim. Minha mulher não aguentaria
metade das turrices que faço a você.

ANA: O que ela faz?

MAESTRO: Não é professora de Matemática...

ANA: Seria o cúmulo da coincidência...

MAESTRO: É de História. Pois é, minha mulher é professora de
História. E eu sei que você conhece bem os professores.

ANA: Mais ou menos...

MAESTRO: Brigou com ele?

ANA: Eu acho que isso não é problema musical.

MAESTRO: Ana, eu penso em você como ser humano...
Eu me preocupo com você.

ANA: Não tinha reparado.

MAESTRO: Não tinha mesmo. Se tivesse, iria compreender que, há muito tempo, eu me preocupo com você. Por que foi que coloquei harpa em todos os arranjos da orquestra?

ANA: Eu pensei que gostasse do som.

MAESTRO: Eu gosto do som da harpa, mas eu gosto muito mais do som da sua voz. Ana, eu estou apaixonado por você. É isso. Já falei. Eu estava entupido e, agora, desentupiu tudo. Ana, eu te amo desde o dia em que te vi chegando para fazer o concurso. Quando eu te vi, eu falei: aí está a mulher da minha vida. Por favor, não diga nada... Um outro dia, me dê uma resposta.

ANA: Resposta?

MAESTRO: É, uma resposta... Boa noite.

ANA: Boa noite.

246

CENA 13

RODOLFO: (*ESQUENTANDO CAFÉ*) Diná... Eu ouvi seu miado no telhado. Se você não voltar, eu vou te buscar aí.

VIZINHO: Quer calar essa boca!

RODOLFO: Eu grito na janela porque a janela é minha. Do meu apartamento, que eu comprei com meu dinheiro. Vá à merda você! Diná! Está vendo o que você me faz passar com esses vizinhos. Isto aqui, de uns tempos pra cá, está virando uma favela. Eu sou um professor doutor, universitário, seu burro sem asa!

VIZINHO: Cala a boca, funcionário público de merda! Vá trabalhar, vagabundo.

RODOLFO: Vá você, seu filho da... Se eu não fosse bem educado, você sabe filho de quem que eu diria que você é! Sou funcionário público, sim. E tem mais, ensinei Matemática quarenta anos. Sabe o que são quarenta anos? Eu formei a nata, a elite dos matemáticos, dos físicos, dos químicos...

VIZINHO: Das bichas loucas.

RODOLFO: Bicha louca é você, incompetente. Brigador de janela. Se eu te pego, eu te amasso. Eu posso estar aposentado, mas ainda sei dar um bom murro nas fuças de um idiota.

VIZINHO: Vá tomar no seu cu!

RODOLFO: Vira o rabo e toma tu! Gostou? Quer resposta? Pois tem resposta! E quer saber de uma coisa?... Foda-se!

VIZINHO: Sua mãe...

RODOLFO: A sua. Diná... Eu estou te vendo. Sai desse telhado e volta pra casa. Volta, Diná... Por favor. Olha, eu te dou bolachinha, eu te dou leitinho.

VIZINHO: Dá o cuzinho também, velho do caralho!

RODOLFO: Cala essa boca... Sujo! Ainda bem que Ana não está aqui. Imagina só se ela ouvisse o que esse sujeito diz. Virou favela... Virou favela. Mas eu me mudo. Eu me mudo. Deixo este canto sujo da cidade. Vou morar no campo.

247

CENA 14

MAESTRO: Essa foto... Por que você deixa ela na parede?

ANA: Porque eu gosto. Foi um bom tempo da minha vida.

MAESTRO: Você ainda lembra dele?

ANA: Claro, como é que posso esquecer. Foi meu namorado. Você está com ciúmes?

MAESTRO: Eu, ciúmes? Que nada... Bom, eu tenho que ir, a Alexandra me enche o saco quando eu passo da meia-noite. Me dá um beijo. (*BEIJAM-SE*) Está frio.

ANA: É mesmo? Deve ser porque você me ama tanto, que até está pra deixar sua mulher há cinco anos e não deixa.

MAESTRO: Ana, não começa... Eu já te disse. É por causa dos meninos.

ANA: Se fossem meninas, você deixava? Ora, vá passear...

MAESTRO: Amanhã no ensaio a gente fala... Você acha que os músicos... Bem, eles desconfiam de alguma coisa entre nós?

ANA: Imagine... Ninguém desconfia. Sabe qual é o meu apelido entre eles? Batutinha. Sabe por quê? Porque eles acham que eu estou sempre na sua mão.

MAESTRO: (*RI*) É engraçado... Batutinha... É amável. É um apelido amável. Eles te amam, como eu. Toda a orquestra te ama. E o maestro te ama mais que a orquestra toda, junta. Eu não vejo a hora da gente começar a viagem de apresentações pelo país. Vou me livrar da Alexandra por dois meses.

ANA: Por que não se livra de uma vez?

MAESTRO: Então, joga o retrato dele fora.

ANA: Não, isso não...

MAESTRO: Está vendo. São dois pesos e duas medidas. Seu amor por mim não vale uma semífusa.

ANA: Boa noite, maestro.

MAESTRO: Até amanhã, Ana. Eu te amo.

ANA: Também te amo.

O maestro sai.

CENA 15

Ana liga o rádio.

RÁDIO: Quando alguém vai embora e só nos deixa a saudade, como encontrar o caminho da felicidade? Pois é, minhas ouvintes, a felicidade está agora nas suas mãos. Compre um lote de terreno no Parque Júlio Villar, ali pertinho da Estação do Metrô. Nunca foi tão fácil viver feliz. E se você tiver o terreno, ele faz a casa. E vocês estarão juntos e felizes outra vez.

Ana desliga o rádio e pega o telefone.

RODOLFO: *(AO TELEFONE)* Alô... Rodolfo... Ana? Não é possível, eu estava pensando em você. Eu juro, estava mesmo. E sabe por quê? Eu arrumei uma vaguinha de livre-docente aí na USP, eu juro que é verdade... Eu vou de volta pra São Paulo. Eu ia te ligar. E sua vida, como vai? Sei...

ANA: Vou viajar com a orquestra, dois meses... Por todo o Brasil. Eu pensei que ia te encontrar no Rio. Mas a gente vai se encontrar por aqui mesmo. Eu vou voltar e você vai se mudar. Onde pretende morar?

RODOLFO: Com você... Se você quiser.

ANA: Você não perde o costume.

RODOLFO: Nada mudou pra mim.

ANA: Talvez tenha mudado pra mim...

RODOLFO: *(LARGA TELEFONE E VAI PARA ELA)* Você encontrou... Alguém?

ANA: *(LARGA TELEFONE)* Encontrei...

RODOLFO: Olha lá a minha foto com você. Ele não fica com ciúmes?

ANA: Fica... Fica com muito ciúme...

RODOLFO: É alguém que eu conheça?

ANA: Mais ou menos...

RODOLFO: É ou não é?

ANA: De certa forma...

RODOLFO: É músico?

ANA: É...

RODOLFO: Tinha que ser. Ali todo dia juntos. Eu conheço?

ANA: É o maestro...

RODOLFO: Eu não acredito... Eu juro que eu não acredito. Aquele mussolini de meia tigela. Aquele miniditador? Eu não acredito. Me conta outra porque essa eu não vou acreditar!

ANA: Pois é verdade...

RODOLFO: Ele largou a mulher?

ANA: Por que é que eu tenho que responder tudo?

RODOLFO: Não largou, eu já vi tudo. Você se tornou amante do maestro. Que beleza, Ana. Eu tinha tanta esperança.

ANA: Eu não tinha contrato com você. Não era obrigada a esperar a sua volta. Nós sempre fomos apenas namorados.

RODOLFO: Bem, eu já revi o meu velho apartamento. Quando você se mudar, me avise. Eu gostaria de comprar este aqui. Tenho memórias muito fortes.

ANA: Eu também...

RODOLFO: Então, porra! Por que é que a gente não se ama como antes? Por que é que eu não te abraço e te beijo? Por que é que você não vai pra cama comigo? E depois a gente telefona pra esse bosta desse mussolini e você avisa ele que seu amor de verdade está de volta e que você vai é ficar comigo.

ANA: *(ABRAÇA-SE A ELE)* Meu amor. Eu senti tanta falta sua. Eu sinto agora.

RODOLFO: Vem, vamos fazer amor... Vem...

ANA: Mas, e o Fausto?

RODOLFO: Que me importa o maestro?... Eu voltei, meu amor...

ANA: Então, jura que você não me abandona nunca.

RODOLFO: Eu não vou te largar mais nem um minuto na porra desta vida. Nem mais um minuto. *(BEIJAM-SE)*

CENA 16

MAESTRO: Por favor, eu estou com dor de cabeça, hoje. Eu peço que não me atrapalhem o ensaio. Vamos lá, “Uma Pequena Serenata Noturna”... Senhora Ana, como pode ver, não temos mais parte de harpa. Eu achei que não ficava bem no som da orquestra. Portanto, se quiser sair agora, pode sair.

ANA: Obrigada. Boa noite, gente...

MAESTRO: Da capo al signo...

Música.

CENA 17

RODOLFO: (*NA JANELA*) Maldito gato preto! Me levou a gatinha mais docinha, mais suave que eu já vi em toda a minha vida. Diná... Volta, meu amor. Papai está aqui com a comidinha pra você. Se Ana souber que você sumiu, ela me mata. Ela me mata. Eu me lembro quando ela trouxe você... Não, não foi você, foi sua tataravó... Diná, foi Ana quem te deu nome. Por causa da gata de “Alice no País das Maravilhas”. Quanta bobagem. Eu vou deixar a janela aberta, assim você volta, se quiser...

RODOLFO: (*ATENDE AO TELEFONE*) Alô... Sou eu... Quem é?... Ah, da Universidade? Sei... Os alunos formados na classe de 1945... Eu sei, foi o ano do fim da Segunda Guerra. Vão se reunir. Mas, eu pensei que estivessem todos mortos. Ah, somos em oito... Um jantar... Eu vou, sim... Claro que eu vou. Se minha esposa vai? Eu acho que não, ela morreu há dez anos. Pois é, eu não tenho bem quem levar, mas eu estarei lá, sem falta. Obrigada. Como é seu nome, minha jovem? Não diga... Ana... Minha esposa se chamava Ana. Eu convidei você a sentar ao meu lado. No sábado, eu estarei lá... Sem falta. (*DESLIGA, VAI À JANELA*)

CENA 18

MAESTRO: Senhora Ana, se a senhora não quer mais fazer parte da orquestra, o que eu posso fazer é aceitar sua demissão.

ANA: Obrigada, obrigada a todos. Foi o melhor tempo da minha vida. Se alguém souber de alunos. Eu estou lá em casa dando aulas. Adeus.

MAESTRO: Vamos, o que ensaiamos...

Ataca “Valsa do Adeus”. Ana beija o rosto do maestro.

CENA 19

252

*Vestido de gala, Rodolfo olha foto na parede.
Vai sair, quando ouve miado na janela.*

RODOLFO: Diná, você voltou, gatinha... Então, vem, toma seu leitinho com bolachinha doce. Papai vai jantar fora com uma moça chamada Ana, mas eu volto logo que puder. Vou fechar a janela. Maldito gato preto! Aposto que você vai ter gatinhos. Muito bem, desta vez não vou dar nenhum pra ninguém. Vamos criar a ninhada toda. Deixo o rádio ligado, assim você ouve suas músicas. *(SAI)*

RÁDIO: Alô, é sim. É seu “Companheiro da Noite”. Me diz uma coisa, Mafalda... O que é que você acha da solidão... A Mafalda está dizendo que a solidão é a coisa mais triste do mundo, mas ninguém fica solitário ouvindo o seu “Companheiro da Noite”. E pra você que está sozinha, gatinha, uma canção de lembrar amor perdido. É dor de cotovelo no seu “Companheiro da Noite”.

MAESTRO: Agora, para terminar... Sem machucar Mozart, por favor... “Eine Kleine Nacht Musik”.

Música.



FINIS





**CONHEÇA
SEUS ÍDOLOS**

CONHEÇA SEUS ÍDOLOS

PERSONAGENS

MELANI

PAI

MÃE

MARCELO

RUI

ARRUDA

MÁRIO

ZILDA

HAROLDO

LÍDIA

MENINO (MARCELO JR.)

REPÓRTER Nº 1

REPÓRTER Nº 2 (ALMIR)

FOTÓGRAFO

WALTER

CENA 1

REPÓRTER Nº1: Melani Vieira, a nova revelação da novela das seis na Rede News. Me diz uma coisa, Melani, como é que você começou a sua carreira de atriz?

MELANI: Bom, eu fiz muita peça no colégio. Sabe, festa de fim de ano. Eu fazia todo ano algum papel. Depois, eu mudei para São Paulo...

REPÓRTER Nº1: E de que lugar você é?

MELANI: Eu sou de uma cidadezinha do interior. Uruti. Sabe, é uma cidade tão pequena que se você não brecar um quilômetro antes, acaba passando dela. Daí, eu vim para São Paulo, para tentar a sorte.

REPÓRTER Nº1: E seu pai e sua mãe deixaram numa boa?

MELANI: Eles não queriam, mas eu teimei. Daí, eles acharam que era a minha vida que interessava mais. Mamãe chorou e meu pai também. O dia da partida foi uma tristeza, lá na minha casa.

258

CENA 2

PAI: Aqui, você não fica mais. Isto aqui não é casa de tolerância pra você morar.

MÃE: Marlene, minha filha, você tem certeza que está grávida, mesmo?

PAI: Tem certeza de que está grávida, mas para saber de quem, vai ter que sortear. Essa vagabunda deu pra metade dos homens desta cidade.

MÃE: Não fale assim, Silvério. É sua filha.

MELANI: Não foi metade, não. Mas faltou pouco. E, se eu pudesse, começava a dar pra outra metade. Eu te odeio, Doutor Silvério. A senhora tem certeza mesmo que esse merda é meu pai? Será que a senhora não tinha um amante simpático? Vai ver, sou filha dele. Por favor, mamãe, me diz que tinha. Não me deixa sem uma esperança. Eu quero ir pro inferno, mas não quero ser filha deste merda.

PAI: *(BATE-LHE NA CARA)* Vai arrumar a sua mala e dá o fora. Esquece que morou aqui, esquece.

MARCELO: (*ENTRANDO*) Marlene, o que foi? Por que ela está chorando?

MÃE: É melhor você não se meter. Seu pai está nervoso.

MELANI: (*CHORANDO*) Ele me bateu, Marcelo.

MARCELO: Para com isso, pai!

PAI: Você sabia que sua irmã está grávida, e nem sabe de quem é? Pois é isso. Se você fosse um rapaz mais decente, tinha impedido isso.

MARCELO: Impedido como? Eu não sou dono da vida de ninguém. Porra...

PAI: Olha a sua boca suja. Olha a sua boca suja.

CENA 3

REPÓRTER Nº 1: E quem foi que te deu a primeira chance, Melani?

MELANI: Bom, pra dizer a verdade, eu estava trabalhando como modelo e vim fazer uma ponta num programa. Era um desfile de modas. O Arruda me viu e disse que eu ia ser uma estrela.

REPÓRTER Nº 1: O grande diretor, Marcos Arruda?

MELANI: Pois foi... E daí, eu fiz um teste... Passei.

CENA 4

MELANI: (*NA LOJA*) Por que o senhor não leva mais destas camisas? Está de bom preço. O senhor não gosta de levar vantagem em tudo?

RUI: Eu? Eu, às vezes, e você?... De onde você tirou esse seu sotaque americano?

MELANI: Uruti. É de lá que eu vim...

RUI: Estava na cara que era do interior. Quantos anos você tem?

MELANI: Adivinha?

RUI: Dezoito?

MELANI: Dezesete...

RUI: Dezessete é sujeira, senão eu te convidava pra sair.

MELANI: E quem diz que eu ia aceitar?

RUI: Não ia?

MELANI: Não...

RUI: Nem por uma noite só?

MELANI: Eu não sou o que você pensa.

RUI: Eu não pensei nada. Pra mim, você é apenas uma moça bonita.
Um pouco caipira, mas bonita. E acho que virgem... Ou não?

MELANI: Ou não?

RUI: Se você tomasse um banho de loja, podia trabalhar como modelo, eu tenho uma amiga que tem uma agência.

MELANI: Eu? Modelo. Imagine só. Não sei desfilar.

RUI: Minha amiga tem uma escola.

MELANI: É mesmo?

RUI: É mesmo... Mas, como você não quer nem pensar em sair comigo...

MELANI: E onde é que nós vamos? Como é seu nome?

RUI: Rui, e o seu?

MELANI: Melani...

CENA 5

REPÓRTER^{№1}: Como modelo, você fez sucesso?

MELANI: Bom, não é pra me gabar, mas eu comecei fazendo desfiles com uma semana de escola e cheguei a top model em um ano.

REPÓRTER^{№1}: Carreira bem rápida, a sua. Muita gente ajudou você?

MELANI: Muito, um amigo meu, o Rui, foi que me levou para ser modelo. Um amigo que eu quero muito. Embora a gente não se veja há tempos, eu o quero muito.

CENA 6

Melani e Arruda na cama. Rui chega.

RUI: Se vocês quiserem pedir alguma coisa pra comer, o motel aqui pode servir.

MELANI: Rui, você disse...

RUI: Eu ia viajar, mas houve uma mudança. E sabe por quê? Porque eu passei na Globo e encontrei o Arruda. Isso aqui é pra você procurar ele. O bilhete estava lá. Mas eu vejo que você já encontrou o Arruda antes.

ARRUDA: Porra, Rui... Você está fazendo um escândalo à toa. Até parece que você está vivendo na década de quarenta. Numa boa. A gente estava numa boa. E quer saber, ela gosta de você. Não deu muito certo nossa transa.

MELANI: Meu amor... Eu não queria que você ficasse triste comigo.

RUI: Não. Não vai chorar agora, Melani. São lágrimas de crocodilo. Você sabe por que a gente diz “lágrimas de crocodilo”? É porque o crocodilo, quando abocanha a sua presa, pressiona as glândulas lacrimais e chora. O filho da puta estraçalha a presa e chora. Você é um crocodilo, falsa como um crocodilo. Eu te tirei da merda.

ARRUDA: Bom, eu vou dar o fora. Eu acho que vocês precisam bater um papo a sós. Rui, eu continuo seu amigo. Não tenho nada por que ser contra você. A gente se encontra pela noite. Mas, eu te peço uma coisa, perdoa a menina. Eu cantei pesado, prometi papel em novela. Ela quer vencer. Dá uma chance pra ela.

RUI: Arruda, você sabe bem qual era a profissão da tua mãe?

ARRUDA: Pera aí, Rui... Me respeita, senão a gente se estranha.

MELANI: Vai embora... Vão embora, os dois. Este apartamento é meu.

RUI: Então, vou levar minhas coisas. Vê se te vira pra pagar o aluguel.

ARRUDA: Não chora nega... Aparece lá na Globo, eu vou ver se te arrumo alguma coisa.

MELANI: Pra fora, os dois... Pelo amor de Deus.

CENA 7

REPÓRTER Nº1: Mas a sua primeira chance não foi o Arruda quem deu?

MELANI: Não, ele só disse que eu era bonitinha.
Minha primeira chance foi um teste.

CENA 8

MÁRIO: Ensaiai você? Mas me dá uma razão pra mim fazer isso, Melani? Eu larguei de trabalhar como ator há dois anos. E depois, o que é que ganho com isso. Te ensino, e daí?

MELANI: Você fica sendo meu agente.

MÁRIO: Ah, que coisa grandiosa. Eu, Mário Fidelina, agente de Melani das quantas. Mas, você não se olha? Você não se vê, garota? Você é um zero, sabia? Pois é, um zeroíssimo. Chega que já te fiz o cabelo e a maquiagem na faixa, pra esse famoso teste.

MELANI: Se eu fosse um garotinho, você me ensinava, não é, nega?

MÁRIO: Mas não é. Garotinho tem pintinho e você é uma rachada. Eu de rachada não gosto nem do cheiro. Procura alguém que queira te comer, meu bem.

MELANI: Como você é filho da puta, Mário. Você é a bicha mais sacana e filha da puta que eu conheci no Rio de Janeiro. Desde que eu me mudei, ainda não tinha conhecido um cara nojentão como você. Eu não te mando tomar no cu, porque é o que você quer, meu bem. Morra de Aids, filho da mãe. Seque e morra.

MÁRIO: Puxa, você quando fica com raiva, vira fera. Mas eu não vou morrer de Aids, meu bem. Meu namorado é médico, ele é interno no Hospital Santa Marina. É uma pica linda e limpinha. E depois, a gente só transa com camisinha.

MELANI: Um dia arreventa dentro do seu cu. Veado.

MÁRIO: Olha, eu vou me vingar de você da maneira mais requintada. Vingança de bicha, nenê. Vingança de bicha. Eu vou te ensaiar e você vai passar no teste. Mas vai se foder quando estiver lá. Você não tem garra. Vamos lá, primeiro aprender a respirar e depois, falar.

CENA 9

REPÓRTER Nº 1: E você se preparou para o teste e ganhou o papel?

MELANI: Bom, pra dizer a verdade, um amigo me ajudou. O Mário Fidelina, o cabeleireiro.

REPÓRTER Nº 1: Morreu, ele, não?

MELANI: Morreu, eu sofri demais a morte dele.

REPÓRTER Nº 1: Foi Aids?

MELANI: Não ficou provado... Ele me ajudou muito. Mas eu fiquei ao lado dele na morte.

263

CENA 10

Mário deitado na cama. Melani sentada ao lado dele.

MÁRIO: Não passo de hoje. Tenho certeza. Você telefonou pro Adilson?

MELANI: Telefonei, ele disse que não podia passar aqui, porque... Tinha uma operação.

MÁRIO: Você tem uma boca maldita, Melani. Disse que eu ia morrer de Aids e não deu outra.

MELANI: E você disse que eu não ia subir na carreira e eu subi.

MÁRIO: Dando pra meio mundo...

MELANI: Nada disso... Eu só dei uma vez, não deu certo.
Agora, só vou pra cama com quem eu quero.

MÁRIO: Por coincidência, só com atores de nome, diretores e homens ricos.

MELANI: Podes crer.

MÁRIO: Eu te ajudei, serpentina... Eu te ajudei.

MELANI: Eu te fiz me ajudar. Mas você queria que eu quebrasse a cara.

MÁRIO: Estou me sentindo pior ainda. Acho que vou morrer. Eu não quero, eu não quero...

MELANI: Então, você ia se vingar de mim? Pois agora, Mario, quando você chegar no inferno — porque todo veado filho da puta vai pro inferno — você dá a bunda pro Diabo e pede pra ele te ajudar. Pode morrer, querida. Sua praga não pegou em mim. Porque praga de urubu cai no mesmo cu.

MÁRIO: Chama o médico...

MELANI: Por falar em médico, o seu doutor de cacho já arrumou outra bicha pra trepar. E sabe quem é?

MÁRIO: Quem é?

MELANI: Adivinha...

MÁRIO: Pelo amor...

MELANI: Não vou falar, não. Você vai morrer com esta curiosidade...

MÁRIO: Um dia... você... vai... se foder... sua pu... (*MORRE*)

MELANI: Uma bicha malvada a menos...

CENA 11

REPÓRTER Nº1: Ele era um grande amigo de todos. Mas como é o seu papel nesta nova novela das seis?

MELANI: Eu faço uma mulher má. E isso é difícil pra mim, porque eu não tenho as qualidades pra ser má. O autor, o Amaro Sobral, disse que fez para mim o papel, porque queria uma vilã com alma de anjo.

REPÓRTER№1: E rosto de anjo. Melani, você leva muita cantada?

MELANI: O normal, mas agora estou sempre com meu noivo.

REPÓRTER№1: Esse seu noivo é um segredo, não é?

Você não aparece com ele em público.

MELANI: Ele não é artista e não gosta de aparecer.

É apenas a pessoa que eu amo.

CENA 12

ZILDA: Melani, se eu te encontrar com quem quer que seja, homem ou mulher, bicha ou lésbica... Eu te mato. Você ouviu? Eu te mato.

MELANI: Puxa, Zilda, se fosse pra aguentar isso, eu arrumava um homem pra trepar. Eu quero carinho gostoso. Por isso eu me apaixonei por você. Mas você quer dar uma de homem. Porra, Zilda, sai dessa. Eu quero carinho, meu amor. Eu quero muito carinho. (*BEIJAM-SE*)

265

CENA 13

REPÓRTER№1: Você pode nos contar alguma coisa sobre seu papel na nova novela das seis? Como é o título?

MELANI: O título, por enquanto, é “As Mãos e as Garras”, mas pode mudar. Eu faço as garras, é claro. É minha maior chance. Eu vou dar o melhor de mim.

REPÓRTER№1: E assim, vocês ficaram conhecendo um pouco mais de Melani Vieira. E não percam, na semana que vem, nosso “Conheça os seus ídolos”.

Música.

CENA 14

MELANI: Deixe que eu pegue em tuas mãos, Haroldo. Eu sei que você ficou cego, mas sinta as minhas mãos. O que você sente, meu amor?

HAROLDO: Posso ler as linhas. Sabe, um cego pode ler em Braille as linhas das mãos de alguém que ele ama.

MELANI: Pois, então, leia... Leia, meu amor.

HAROLDO: Fui eu... Quem... Matou... Maria Isabela.

MELANI: Você está louco. Largue minha mão. Eu não poderia ter sido. Não poderia. Porque naquela noite eu estava com Conrado. No iate dele. E ele pode testemunhar o que digo.

HAROLDO: Então, você me ama, mesmo cego? Você é falsa, Doralice. Falsa como uma joia falsa, que a gente pensa que é verdadeira. Mas, quando a gente chega perto, é apenas bugiganga... Puta merda!... É bugiganga ou bugiganga?...

MELANI: Pô, parar a gravação por causa disso?

HAROLDO: O que é, meu bem? Quer que vá pro ar de qualquer jeito? Quando você errar, você deixa passar, mas eu não.

VOZ DO DIRETOR: É bugiganga, bugiganga.

HAROLDO: OK, vamos lá... Dá pra ficar na marca, Melani?

MELANI: Claro, Jorge. Eu estou aqui para trabalhar.

HAROLDO: Olha, quando você diz “Largue minha mão”, está uma bosta, sem força nenhuma.

MELANI: É porque você não sabe nem pegar na mão de uma mulher. Por que não ensaia com um homem? Daí, você vê como é a emoção. Stanislavsky.

HAROLDO: Você está me chamando de bicha?

MELANI: Eu não... Você que está falando...

HAROLDO: É, mas se eu fosse, essa novela ia dar muita matéria pra revista do tipo: veado e greluda enganam a audiência.

MELANI: É, se eu fosse isso, seria mesmo um prato cheio.

HAROLDO: Vamos lá, garota. Vamos tentar de novo.

CENA 15

REPÓRTER№2: Melani, me conta uma coisa aqui no pé do microfone, que ninguém nos ouça. Como é que você se dá com o Jorge Albino, fora da novela. Alguém me disse, misturando um veneninho, que vocês se maltratam à toa.

MELANI: Almir, é uma grande mentira. É veneno, mesmo. Eu adoro o Jorge e o Jorge me adora. Tem gente que até pensa que a gente está de caso. Mas, quem foi que te falou?

REPÓRTER№2: Não posso revelar minhas fontes. E, por falar nisso, que número você calça?

MELANI: Trinta e sete, por quê?

REPÓRTER№2: Então, você usa um sapatinho. Se calçasse de quarenta e um pra cima seria um sapatão. Ou não?

MELANI: Nem por brincadeira, meu bem. Nem por brincadeira. Nem amigas mulheres eu tenho. Eu tinha uma amiga mais chegada, mas a gente não deu certo na amizade.

REPÓRTER№2: Está falando da Zilda Falkberg?

MELANI: Pois é... Éramos muito amigas. Até morávamos juntas, cada qual na sua cama, meu bem. Mas eu acho que me enganei com ela. Bom, mas isso vai virar fofoca e eu detesto fofoca. Fofoca é coisa pra quem não tem talento e quer aparecer.

REPÓRTER№2: E você não precisa mesmo disso. Talento não falta.

267

CENA 16

MELANI: Haroldo, eu procurei você por todos os bares. Eu tinha que te encontrar. Eu preciso muito te dizer uma coisa.

HAROLD0: Pois diga, feche a porta e tome uma bebida. Está na mesa.

MELANI: Eu tenho uma coisa para te dizer. Sabe, você tem razão. Os cegos, às vezes, veem mais que as pessoas normais. É uma espécie de sexto sentido. Você tem razão. Você sempre teve razão. Maria Isabela me atrapalhava a vida. Eu me sentia diminuída na presença dela. Todos gostavam mais dela do que de mim. Você também.

HAROLDO: Então, você resolveu acabar com a competição...

MELANI: *(TIRANDO REVÓLVER DA BOLSA)* Sim, foi isso mesmo...
Eu a matei e só você estava presente. Mas, infelizmente,
ninguém acreditou num cego que tinha visto no escuro. E
agora... Você também não está vendo o que eu vou fazer.

HAROLDO: *(TIRA REVÓLVER DO BOLSO E ATIRA ANTES; DEPOIS, AO TELEFONE)*
Alô... É o delegado Freitas Norato? É Haroldo Campestre... Sim,
o cego... Eu acabo de matar, em legítima defesa, Melani...

MELANI: Puta que o pariu... Vai errar desta vez. Logo
quando eu fiz a melhor cena da minha vida.

HAROLDO: Estava uma merda. Foi por isso que eu errei.
Fiquei desconcentrado. Você está fazendo um
dramalhão de 1900. Porra, nunca vai aprender?

MELANI: Arruda, eu não faço outra cena. Este idiota
que repita sozinho. Faz um insert.

VOZ DO DIRETOR: Desse jeito, vocês vão acabar
casando. Eu sei como começa...

HAROLDO: Só se meu QI despencar uns cem pontos.

MELANI: Daí, fica muito abaixo de zero, amor...

CENA 17

REPÓRTER Nº1: Melani Vieira e Haroldo Campestre. Eu entrevistei
os dois em começo de carreira e agora, estamos aqui,
nesta bela casa de campo que vocês estão vendo. E eu
sou o primeiro repórter a entrevistar o mais novo casal
de astros da TV. Como é, vocês não se odiavam?

HAROLDO: Eu não podia ver a ponta do nariz da Melani,
que ficava com coceira no céu da boca.

MELANI: Pois eu, não podia chegar perto do
Haroldo, que me dava urticária.

REPÓRTER Nº1: E como foi essa longa jornada do ódio para o amor?

MELANI: Eu falo, ou você fala?

HAROLDO: Você fala...

MELANI: Um dia, nós nos encontramos numa festa e brigamos, pra variar. Daí, eu joguei um copo de uísque na cara do Haroldo.

HAROLDO: Com o copo e tudo! Se não me abaixo...

MELANI: Daí, ele tentou me jogar a poncheira inteira... Eu segurei a mão dele e virou em cima de nós. Subimos para nos secar...

HAROLDO: Sai do banheiro e ali estava Melani, só de lingerie... Eu estava...

REPÓRTER^{Nº}1: Só de lingerie, também?

HAROLDO: Não... De cuecas... Olhamos um pro outro e começamos a fazer uma guerra de travesseiros. Daí, rimos, deitamos e acordamos noivos.

MELANI: E, um mês depois, estamos casados.

HAROLDO: E, logo, logo, vem mais alguém pra família...

REPÓRTER^{Nº}1: Mas, quanta notícia. Vocês estão vendo? Eles brigavam porque se amavam. E assim, terminou bem, com casamento, a novela íntima de Melani Vieira e Haroldo Campestre. Vocês pensam em trabalhar juntos?

MELANI: Vamos fazer teatro. A peça é do Amaro Sobral. Se chama “Lua de Mel com Pimenta”. Uma comédia de chorar de rir.

HAROLDO: Ou de rir de chorar.

REPÓRTER^{Nº}1: E, assim, eu termino mais um “Conheça seus ídolos” com este casal maravilhoso. Até a semana. Bye bye.

269

CENA 18

MARCELO: *(AO TELEFONE)* Eu consegui seu telefone com o seu empresário. Pois foi. Sabe o que é? Tinha que falar com você com calma. Papai está doente. Mamãe também não anda bem. Claro que eles se lembram de você. Não. Não é nada, não... Ou melhor, é sim, mas eu tenho que te falar com calma. A gente não te procurou dez anos... Eu sei, mas você também não nos procurou. Claro que eu tive saudades. Eu me casei... Pois é, me formei em contabilidade e me casei com a Selma... A filha do Doutor Inácio. Somos felizes. Temos sim, um filho. Ele se chama Marcelo, como eu. É o Júnior, tem mais ou menos nove. É a minha cara.

MELANI: Eu era titia e não sabia... Eu senti a sua falta. Principalmente porque você me ajudou na gravidez. Foi triste eu ter que dar a criança, mas ele deve estar levando uma boa vida em Israel... Você nem me contou se foi menino ou menina... Eu estou casada... Todo mundo sabe? Ah, eu sou famosa... É, muito famosa. É para o mês que vem. Você está no Rio? Ah, está? Então, eu vou te encontrar... Pode ser. Pode ser. Às sete horas. Amanhã às sete. Eu não vou poder ficar muito. Tenho teatro. Eu vou te convidar. Só não quero que você encontre meu marido. Eu disse que vocês tinham morrido, todos. Está bem, Marcelo. Amanhã, às sete.

CENA 19

HAROLDO: Martinha...

MELANI: Por que me chamou por Martinha? Quem foi que disse que ela estaria aqui?

HAROLDO: Bom, ninguém. Mas também ninguém disse que você estaria aqui.

MELANI: Você deve ser...

HAROLDO: O marido dela...

MELANI: Meu Deus, o marido dela...

HAROLDO: Por que está olhando com essa cara de quem viu e não comeu?

MELANI: Comeu e não gostou...

HAROLDO: Comeu, não. Aqui, por enquanto, ninguém comeu ninguém.

MELANI: E nem vai comer.

HAROLDO: Eu, por mim, não estou com fome.

MELANI: Deixe de se cínico. Foi você quem entrou no meu quarto ontem à noite.

HAROLDO: Eu? Eeeeeuuuuu, entrar no seu quarto? Por que ia fazer uma coisa dessas?

MELANI: Porque eu vi que, quando nos encontramos no lobby do hotel, você me devorou com os olhos.

HAROLDO: Viu demais, eu nem notei você com aquele horrível vestido amarelo de flores vermelhas e aqueles óculos escuros.

MELANI: Não notou, é?

HAROLDO: Não... O que está acontecendo?

MELANI: Eu... Eu acho que eu... *(DESMAlA)*

HAROLDO: Cortina... Cortina... Chamem um médico... Depressa.

CENA 20

REPÓRTER^{№1}: E aqui estamos, ao lado de Melani Vieira, no hospital. Ela acaba de perder um filho, mas a moral está ótima. Fale alguma coisa para seu público, Melani...

MELANI: Foi uma fatalidade. Eu não poderia ter o filho... E, agora, eu sei que não poderei mais ser mãe. É muito triste, porque o Haroldo queria muito um filho, mas eu estou pensando em adotar alguém. Uma criança que una mais o nosso casamento.

REPÓRTER^{№1}: Você prefere menino ou menina?

MELANI: Não sei ainda... Os dois são duas aventuras maravilhosas.

REPÓRTER^{№1}: Assim, com esta mensagem de esperança, vai mais um “Conheça seus ídolos”... Bye bye.

271

CENA 21

IRMÃO: *(AO TELEFONE)* Eu não telefonei porque li nos jornais a respeito do aborto.

MELANI: Pois é. Aquele filho foi o único que eu pude ter.

IRMÃO: Posso te falar?

MELANI: Vamos nos encontrar no Joly's. Hoje, às sete. Desta vez, eu vou.

CENA 22

MÃE: É claro que você deve falar, deve mesmo. Eu sei que foi muito triste para ela, mas você tem que falar um dia, fale agora.

PAI: Mande falar de uma vez. Ela merece que se fale tudo. Ela gosta de ouvir verdades. Pergunte se se esqueceu de sua terra e de seus pais. Pra mim, esse marido dela nem sabe que a gente existe. Grande atriz, deve mentir o dia inteiro para o marido.

MÃE: Diga tudo de uma vez. Sua mulher perguntou se você volta antes do fim da semana. Está preocupada. Ela quer saber de tudo...

CENA 23

MARCELO: Marlene... Ou melhor, Melani... *(ABRAÇA-A)*

MELANI: Meu irmão querido. *(BEIJA-O)*

272

Fotógrafo bate chapa e eles não veem.

MARCELO: Bom, eu tenho mesmo que te falar...

MELANI: Fale, mas eu acho que você vai me falar sobre morte...

MARCELO: Por que diz isso?

MELANI: Eu sinto...

MARCELO: Não. Não é sobre a morte. É sobre a vida. Sobre a minha vida e a sua vida. *(TIRA PAPEL DO BOLSO)* Lembra daquele documento que você assinou na maternidade, sobre seu filho?

MELANI: Eu me lembro... O que tem, era preciso para passar a criança para o nome de quem levou! Você vai me dizer hoje quem foi que levou a criança?

MARCELO: Eu vim para isso. Principalmente porque você perdeu o filho e não poderá mais ter filhos seus. Eu vou te dizer onde está seu filho, minha irmã.

MELANI: Deixa eu beber qualquer coisa... Fale devagar... É longe, me diz primeiro se é longe. Eu queria tanto poder ver essa criança... Nem que fosse uma vez só... Uma única vez. (CHORA)

MARCELO: Bom, eu acho que você vai poder ver seu filho... Ele vai fazer onze anos.

MELANI: Pelo amor de Deus, me fala!

CENA 24

HAROLDO: (AO TELEFONE) Alô... Oi, Lourival, como vai a revista? Eta revistinha porca, essa sua. Me livra dela, hein... O quê? Não vou escapar? Ah, eu vou, mas Melani não vai. Não estou te entendendo... Pra mim ler amanhã? Olha aqui, filho da puta, se você inventar qualquer coisa, eu... Alô!...

MELANI: (ALEGRE) Quem é?

HAROLDO: O Lourival, ameaçando a gente com fofocas.

MELANI: Aquela revistinha é tão nojentinha...

HAROLDO: Mas a gente nunca entrou nela. Não é, meu bem? Somos a boa classe média bem comportada. O público nos ama porque somos assim.

MELANI: E nós amamos o público.

HAROLDO: Você está alegrinha, o que foi?

MELANI: Nada... O que poderia ser?

HAROLDO: Ganhou algum papel novo que eu não sei?

MELANI: Não... Nada disso. Apenas me convidaram para visitar minha cidade.

HAROLDO: Mas, você me disse que todos seus parentes morreram.

MELANI: Pois é, mas eu tenho um irmão lá... Pena que você tem a filmagem do comercial, senão você ia amanhã. Eu vou cedinho e volto no dia seguinte.

HAROLDO: Legal...

CENA 25

MÃE: Minha filha, minha filhinha. *(ABRAÇA-A)*

MELANI: Mamãe, eu tive tanta saudade.

MÃE: Doze anos... Doze anos sem te ver. Só pela televisão.

MELANI: Cadê papai?

MÃE: Não quer te ver... Está no escritório. Ele está meio doente...

MELANI: Diga que se ele não vier me ver, eu vou lá abraçá-lo.

MÃE: Eu digo... Espere aí. Marcelo está vindo para cá...

Pai vem andando sério. Depois abre os braços.

MELANI: Não fala nada. Não fala nada.

PAI: *(CHORANDO)* Minha garotinha... A gente sempre vê você na TV. A cidade toda tem orgulho de você.

274

CENA 26

Marcelo entra com o filho e a mulher.

MELANI: Marcelo! Lídia! Esse é seu filho. Meu sobrinho... Venha cá, meu querido sobrinho... *(ABRAÇA-O E CHORA)*

MENINO: Por que ela chora?

MARCELO: De alegria, ela queria muito te conhecer.

LÍDIA: Ela quer convidar você pra passar uns dias com ela, no Rio.

MARCELO: Ela tem casa com piscina...

MENINO: Papai e mamãe também vão?

MELANI: Nada disso, você vai ficar sozinho com a titia..
Marcelinho segundo... Como ele se parece com
você, Marcelo... Com papai... Comigo...

LÍDIA: Pelo jeito, só não parece comigo e com sua mãe.

MELANI: Parece sim, Lídia, parece. Então, vamos passear de
avião com a titia e ir na praia no Rio de Janeiro?

MENINO: Eu te vejo na novela... Você é mais bonita, assim perto.

MELANI: Você acha mesmo? Vocês estão vendo?... Ele me acha
mais bonita assim pertinho. Bem pertinho. Como é
que eu fui ficar longe do meu sobrinho tanto tempo?!
Mas agora, a gente vai ficar todas as férias juntos.

CENA 27

275

HAROLDO: *(AO TELEFONE, COM REVISTA NAS MÃOS)* Olha, Lourival, você não
precisava colocar na capa. Não, eu não sabia que ela tinha outro.
Nem desconfiava. Foi um choque. O que é que eu vou fazer? Não,
não vou me matar, não... Apenas vou dar o fora daqui desta casa.
Não, não vou sair correndo atrás de outra. Eu só não quero ver
Melani nunca mais. Bem, são quase nove horas e ela não chegou.
Não posso fazer a peça sozinho. Vou cancelar o espetáculo.

MELANI: Cancelar o quê? Venha cá, Marcelinho... Olha só quem
eu trouxe pra passar uns tempos com a gente.

HAROLDO: Eu vou desligar, ela chegou. Está certo...

MELANI: Olha só, você não acha meu sobrinho parecido comigo?

CENA 28

HAROLDO: Eu sei que não dá pra decorar tudo numa noite, mas você é minha única esperança, Zilda.

ZILDA: Eu só faço isso porque é uma vingança contra Melani. Só faço isso porque é uma vingança. Aquela filha da puta vai se arrepender de me ter abandonado.

HAROLDO: Espera aí, Zilda. Vocês só moravam juntas. Eu nunca soube que Melani fosse lésbica. Você, eu sempre soube, mas ela, não.

ZILDA: E eu morava com ela por quê, meu bem? Nós nos apaixonamos. Eu e Melani. Éramos uma bola de carinho. Daí, alguém colocou minhoca na cabeça dela. Um dia, ela me mandou embora. Mas enquanto nos amamos, foi muito bom. Quando vocês se casaram, eu fiquei louca, maluca.

HAROLDO: Eu não posso acreditar. Melani me traiu com um cara que eu nem sei quem é. Viveu com você. O que mais falta para saber que eu dei o maior furo na vida. E dizer que a gente ia ter um filho. Pra mim, ela provocou o aborto, só pode ser.

276

ZILDA: Só pode. Você quer que eu estreie amanhã? Vamos ensaiar.

HAROLDO: As mãos e as garras... Como é difícil fazer carinho com as garras e atacar violentamente com as mãos.

ZILDA: Veja minhas mãos... Ou são garras?

HAROLDO: São mãos e garras, a cada momento. Depende do que a gente lida.

ZILDA: Hoje, devemos lidar com o amor.

CENA 29

MELANI: Marcelinho, nós vamos fazer uma surpresa para o Haroldo. Vamos ficar na sala, esperando ele chegar.

MENINO: Ele é seu marido?

MELANI: É... É seu tio, agora... Pronto, ele vem vindo...

MENINO: Esconde atrás da cortina. Eu mando você sair.

CENA 30

HAROLDO: Você está aí?... Sua puta.

ARRUDA: Haroldo, você bebeu?

MELANI: Sua puta... Então, você era lésbica e vivia com a Zilda... Você me traiu, sua puta... Mas eu vou te dar uma coisa... Um coisa só, no meio da testa.

HAROLDO: Larga esse revólver, Haroldo... Não...
Pelo amor de Deus, eu trouxe...

Haroldo atira. Garoto cai atrás da cortina.

MELANI: Mãeeeeee... Paiiiiiii... (*ATIRA-SE SOBRE O CORPO DO MENINO*)

Haroldo foge.

MELANI: Fala comigo, Marcelo... Fala comigo, meu filho... Fala comigo...

ARRUDA: Corta... Porra, Leucy, você deu um banho... Você deu um banho... Porra, Leucy, é o melhor especial que eu já fiz!!!

MELANI: Nunca fiz uma mulher tão sofredora... Eu nunca vi uma atriz sofrer tanto.

HAROLDO: Eu te dou o nome de quatro ou cinco. Como é, Walter, me sai bem?

ARRUDA: Estava ótimo, vamos comemorar no Plata... Você paga.

MELANI: Eu não vou poder ir com vocês. Meu menor está com sarampo. Já viu? Sarampo! Que pode passar pros outros quatro...

ARRUDA: Um beijo em cada um... Vamos, Haroldo?

MELANI: Beijo na Vânia!

ARRUDA: Leucy, eu tenho dois títulos para este especial. “Conheça seus ídolos” e “As Mãos e as Garras”. Qual que você acha?

MELANI: Eu acho que hoje eu estou com fome e uma fome de parar de pensar.

WALTER: Só pensa em comer.

MELANI: Conheça seus ídolos, meu bem.

WALTER: Com mãos e garras!



FINIS





MERDA!

CENA 1

ATOR Nº1: Silêncio!... Respeito. Estamos entrando em território sagrado. Não sente que há uma tristeza misturada no ar? Uma densidade melancólica?

ATOR Nº2: O que é aqui?

ATOR Nº1: O cemitério dos atores.

ATOR Nº2: Oh... Todos eles foram enterrados aqui?

ATOR Nº1: Não, só os especialmente trágicos.

ATOR Nº2: Não existem lápides, nem estátuas...

ATOR Nº1: Pois é... Tudo é muito vazio.. Mas eu sei onde piso...
Você não. Está pisando o túmulo de Jargue Fevero.

ATOR Nº2: Desculpe, eu não sabia...

ATOR Nº1: Não tem importância, os atores que estão aqui foram pisados em vida. Este Fevero era um belo ator.

ATOR Nº2: Sucessos?

ATOR Nº1: Tantos sucessos... Parecia que Shakespeare tinha adivinhado sua vinda ao mundo. Então, escreveu tudo para ele.

ATOR Nº2: E... De que morreu?

ATOR Nº1: Aí, você me deixa numa situação difícil. Eu saberia explicar sem contar uma história, mas tenho que parar a ação de cena para poder explicar o que aconteceu a Jargue Fevero. Posso?

ATOR Nº2: Se eles não se importam... Eu estou curioso.
Pode ser que eles também possam estar.

ATOR Nº1: Bom.. Tudo começou com Triano, o diretor.

ATOR Nº2: Eu já ouvi falar... Também morreu?

ATOR Nº1: Morreu, mas está no cemitério dos diretores, que um dia posso mostrar a você. O que importa é falar sobre o tipo de teatro que pretendia Triano.

ATOR Nº2: De que tipo era?

ATOR Nº 1: Do tipo ansioso, como você... Você que não espera que eu conte a história e a deixe escorrer como um fio. Você que quer puxar da minha boca o fio da história. Ele era assim. Triano era assim. Ansioso. Sua maior qualidade era não dormir. Podia passar dias e noites trabalhando em uma montagem sem dormir. Café e mais café. E ficava lá na plateia enrolado como indigente, apenas um olho saindo de um embrulho confuso de mãos e pés. E gritos. Gritava tão agudamente que uma vez provocou a queda do gigantesco lustre do teatro. Feriu seis atores. Um catastrófico. Mas o principal não era isso.

ATOR Nº 2: Pensei que o lustre tivesse matado o ator que está aí. Pobre ator.

ATOR Nº 1: Se fosse assim, eu não teria parado a ação da peça para explicar. Era mais fácil ter dito. O lustre matou Fevero, mas não foi assim. Eu estava falando sobre?...

ATOR Nº 2: A ansiedade...

ATOR Nº 1: Pois é, a ansiedade de Triano. Na verdade, a ansiedade do diretor era apenas a ponta do iceberg.

ATOR Nº 2: E que era feito o iceberg?

ATOR Nº 1: De loucura... Triano era louco de pedra. Depressivo, paranoico. Como são os diretores em sua forma mais geral. Porém Triano era obsessivo como tudo que dizia respeito a idiotices?

ATOR Nº 2: Idiotices? Que tipo de idiotices?

ATOR Nº 1: Como, por exemplo, perguntas fora de hora. Ele odiava perguntas fora de hora. Aliás odiava também perguntas na hora certa. Odiava perguntas de modo geral. Só adorava respostas. E tinha todas elas.

ATOR Nº 2: Mas, se odiava perguntas, então ninguém se atrevia a perguntar. Pra que serviam todas as respostas que ele tinha?

ATOR Nº 1: Para dirigir teatro... Essa é a resposta. Gostou? Pois bem, nunca tinha trabalhado com Fevero... Um dia se encontraram. Era uma bela peça chamada "O Calor de Janeiro"...

ATOR Nº 2: Engraçado...

ATOR Nº 1: O que é que é engraçado?...

ATOR Nº 2: A peça se chamar "O Calor de Janeiro" e o ator Fevero... Parece fevereiro.

ATOR Nº1: E para ser uma piada completa, só faltava o Triano se chamar Márcio... E não era outro o seu nome... Márcio Triano da Fonte...

ATOR Nº2: Que incrível coincidência...

ATOR Nº1: Claro, isto é uma peça de teatro. Podemos coincidir no que quisermos. Nenhum obstáculo à vista. Você quer mais alguma coincidência?

ATOR Nº2: Não. Eu, na verdade, estou morrendo de curiosidade para saber de que modo este ator diante do qual estamos...

ATOR Nº1: Diante do seu túmulo... Sim... Triano... Márcio Triano... Começou a dirigir "O Calor de Janeiro" com Fevero... Era um homem que sufocava de calor... O calor aumentava só para ele... E Fevero, com toda sua arte, tentava suar... E...

ATOR Nº2: Suava...

ATOR Nº1: Não suava. E Triano gritava estridente e Fevero desesperava, mas não suava... Um dia, quando Fevero chegou para o ensaio, Triano tinha mandado colocar no meio do palco...

ATOR Nº2: Uma fogueira!

ATOR Nº1: Um saco de plástico... Mandou Fevero entrar dentro e ficar só com a cabeça de fora... Daí, ensaiou, ensaiou, até que...

ATOR Nº2: Suou...

ATOR Nº1: Não no rosto... O rosto continuou sem uma gota. Mas, por dentro do saco plástico, Fevero suou tanto que se diluiu... E quando parou de falar... Triano mandou abrir o saco de plástico e a cabeça rolou pelo palco, enquanto somente vapor exalava do saco plástico.

ATOR Nº2: Sumiu?

ATOR Nº1: Sumiu. Sua cabeça foi trazida para cá. Mas suor... Nunca.

ATOR Nº2: Eu acho que ele tinha muita dignidade.

ATOR Nº1: Não se tem muita ou pouca dignidade, meu caro. A gente tem ou não tem dignidade.

ATOR Nº2: E Triano, como ficou depois da morte de Fevero?

ATOR Nº1: Nada o moveu... Chamou um outro ator...

ATOR Nº2: Mas um dia morreu...

ATOR Nº1: Sim.. É o que consta...

ATOR Nº2: E de que foi?

ATOR Nº 1: A-ssa-ssi-na-do!

ATOR Nº 2: Claro, um ator revoltado...

ATOR Nº 1: Não, não... Sua mulher.

ATOR Nº 2: Minha mulher?

ATOR Nº 1: Não, a mulher dele, Triano... Ela quebrou a cabeça dele com uma mortadela...

ATOR Nº 2: Ele a maltratava?

ATOR Nº 1: Não que eu saiba... Parece que ela se encheu dele.

ATOR Nº 2: E assim sem mais resolveu matar?

ATOR Nº 1: Não. Teve um pequeno fato que destravou o assassinato. Sabe, Triano gostava de gritar com todos. Mas gostava mais de gritar com atrizes. E entre as atrizes gostava mais das mais jovens, e entre as mais jovens, das mais belas e dentre as mais belas, das mais gostosas. E foi assim que ele gritou tanto certa vez com uma jovem atriz que ela teve um orgasmo de dois minutos diante de todo o elenco.

ATOR Nº 2: A mulher soube?...

ATOR Nº 1: Ela era a mulher... Foi assim que Triano se casou... Como eu disse, apenas um pequeno fato.

ATOR Nº 2: Mas porque ela, que tinha orgasmos com seus gritos, acabou martelando a cabeça dele?

ATOR Nº 1: Ele foi ficando velho. Enrouqueceu... Não gritava mais como antes... Ela enlouqueceu e o matou... Está no Pinel, se masturba o dia inteiro com uma sirene de bombeiros.

ATOR Nº 2: Que tragédia...

ATOR Nº 1: É... Uma tragédia e tanto... Veja aquele outro túmulo... Ali onde tem formigas.

ATOR Nº 2: O que será que as formigas comem por aqui? Não vejo nada comestível.

ATOR Nº 1: É um cemitério de atores... Portanto, o que mais podiam elas comer?...

ATOR Nº 2: Atores e atrizes...

ATOR Nº 1: Pois é... Lulú Dal Bobó... O ator mais delicioso que a arte podia fornecer ao mundo. É este quem habita sob a terra nesse ponto aí com luz e formigas.

ATOR Nº 2: Eu me lembro deste nome... Minha mãe me disse qualquer coisa. Qualquer coisa como... "A Porta do Destino"...

ATOR Nº 1: Pois é... Você deve saber alguma coisa. A peça foi essa. "A Porta do Destino"... Sua mãe então conheceu Lulú Dal Bobó...

ATOR Nº 2: Sim, eu me lembro dela falar sobre ele... Mas a memória está um pouco embaçada...

ATOR Nº 1: Talvez uma limpadinha na memória... Era o ator que sua mãe mais gostava? Acertei?

ATOR Nº 2: Sim era... Eu me lembro, no quarto dela tinha um retrato dele. De chapéu, de gravata e com um cachimbo... Ele usava bigodes com as pontas reviradas e umas camisas daquelas com grampo para fechar o colarinho sob a gravata... E tinha uma dedicatória... "Para Lalá... de Lulú..." Minha mãe se chamava Laura... Então este está aqui... É aquele que minha mãe achava o ator dos atores. Ela o amava, sabe?

ATOR Nº 1: Não era só ela... Todos amavam Lulú Dal Bobó... Ele enlouquecia a plateia com seus dramas e melodramas. Não podia sair à rua. O público o atacava, rasgavam sua roupa... Levavam pedaços dela como lembranças... Troféus. Fazia da mais boba peça um sucesso.

ATOR Nº 2: "A Porta do Destino"... Eu lembro que minha mãe chorava...

ATOR Nº 1: Quando falava na "A Porta do Destino", não é... Pois devia ter chorado mesmo. Muita gente chorou. Foi o maior e último sucesso de Lulú Dal Bobó... Ficou seis anos em cartaz e sempre lotada a plateia... E adoravam... E o empresário Roquefort resolveu fazer uma espécie de concurso... Quem tivesse assistido à peça dez vezes ganhava um ingresso para um espetáculo especial onde só iam espectadores que já haviam visto mais de dez vezes a peça... Eram delirantes...

ATOR Nº 2: Eu imagino... Mamãe... Isto é, eu encontrei em casa alguns ingressos, agora me lembro, ela ia todos os dias...

ATOR Nº 1: Ia mesmo? Pois então ela deve ter entrado no espetáculo para quem já tivesse visto mais de cem vezes "A Porta do Destino"...

ATOR Nº 2: Foi isso... Agora me lembro... Foi isso mesmo...

ATOR Nº 1: Foi um dia de loucuras... A plateia escolhidíssima...
Tinham assistido a mais de uma centena de vezes cada
pedaço... O espetáculo foi amável e Lulú Dal Bobó era
aplaudido de cena em cena... No final... Um rompante
e invadiram a cena... Rasgaram sua roupa e... E...

ATOR Nº 2: O comeram...

ATOR Nº 1: Como sabe?

ATOR Nº 2: Minha mãe chegou em casa com um fio de
sangue escorrendo pela boca. Dizia: "Eu comi o
que queria... Aquilo era meu e só meu..."

ATOR Nº 1: Eu imagino... Que apetite... Enfim, todos
gostavam tanto dele... E agora está aí...

ATOR Nº 2: Pobre mamãe... Você me fez lembrar dela...
Creio que gostaria de vir até aqui um dia...

ATOR Nº 1: Ver se sobrou algum ossinho pra chupar? Não sobrou
nada... Uma unha ou outra... Foi um festival.

ATOR Nº 2: Lulú Dal Bobó, o ator delicioso...

ATOR Nº 1: Mas neste cemitério nada se compara a este túmulo aqui.

ATOR Nº 2: Esse aí?... Tem uma placa rasa... O que diz?

ATOR Nº 1: Leia você mesmo...

ATOR Nº 2: Aqui jazem Nico Bertrami e Luca Pastrami... Meu Deus...

ATOR Nº 1: Pra você ver... Queria conhecer os túmulos. Eu o
trouxe. Mas sabia que ia ser desagradável...

ATOR Nº 2: É mesmo... Me faz lembrar essa dupla...
Grandes comediantes... Nico e Luca.

ATOR Nº 1: Luca e Nico...

ATOR Nº 2: Por que não Nico e Luca?...

ATOR Nº 1: Ordem alfabética... E depois, sempre foi assim, não foi?

ATOR Nº 2: Foi... Luca e Nico... Que sucesso... Lembra
daquele quadro das bichas?

ATOR Nº 1: Lembro, era o forte da dupla...

ATOR Nº 2: (*JEITINHO*) Cavalheiro, sabe por acaso me
dizer onde fica o Jardim Zoológico?

ATORM^o1: (*JEITINHO*) Você gosta de bicho?

ATORM^o2: A-do-ro...

ATORM^o1: Eu acho que você é a mulher do bicho...

ATORM^o2: Quem é a mulher do bicho?

ATORM^o1: A mulher do bicho é a bicha...

ATORM^o2: Que legal... Mas eu vou pra ver outro bicho... O veado...

ATORM^o1: Fez a barba?

ATORM^o2: Claro, todas as manhãs...

ATORM^o1: Então, já viu o veado... No espelho né, bem...

ATORM^o2: Acho que vi dois... Um no espelho e outro
ao vivo e a cores... Aqui e agora...

ATORM^o1: Está querendo me agradecer...

ATORM^o2: Ah, que boquinha mais linda que você
faz... Posso te dar um beijo...

ATORM^o1: Não... Beijo seu pode dar Aids, nega...

ATORM^o2: Você não se arrisca...

ATORM^o1: Luca e Nico... Que grandes comediantes.

ATORM^o2: Morreram de Aids... Se amavam...

ATORM^o1: Pois é... Luca contraiu o vírus e Nico fez
questão de contrair também.

ATORM^o2: Um grande amor, com um final trágico...

ATORM^o1: Nem tanto... Você não acredita numa outra vida?

ATORM^o2: Depois da morte? Ser ou não ser... Eis a questão.

ATORM^o1: Claro que acredita... Você é tão místico. Tão
sensível... Tão inteligente, tão bonito...

ATORM^o2: Obrigado... Você também...

ATORM^o1: Não sei por que viemos passear aqui no cemitério
dos atores... Dá uma coisa chata no coração.

ATORM^o2: Em mim, não... É assim... A vida e a morte são assim...

ATORM^o1: Mas por que o cemitério dos atores tem
que ser no palco? É triste...

ATOR Nº 2: Porque eles, depois da morte, continuam animando o teatro... Quando alguém não encontra alguma coisa em cena. Quem foi que tirou?

ATOR Nº 1: Um ator?

ATOR Nº 2: Ou uma atriz... Um fantasma...

ATOR Nº 1: Quer dizer que os atores e atrizes continuam no palco... Atrapalham.

ATOR Nº 2: Não... Às vezes ajudam... Se bem evocados, dão sorte nas estreias... Mas é preciso saber chamá-los... A palavra certa.

ATOR Nº 1: Merda!

ATOR Nº 2: Merda pra você também.

Ator 1 e Ator 2 se abraçam e se beijam.

CENA 2

289

Diretor, Ator 3 e Atriz entram carregando uma mesa e cadeiras para uma leitura.

DIRETOR: Acende a luz...

ATRIZ: Onde é?

ATOR Nº 3: Na coxia... Na caixa... Empurra a chave.

ATRIZ: Aiiii... Puta choque...

A luz se acende.

DIRETOR: Agora, você é uma atriz elétrica.

Os atores 1 e 2 continuam ali, vendo tudo. Quando a luz se acende, vemos que sua cor é diferente da cor dos atores.

DIRETOR: Primeira leitura... Vamos lá... Dá um texto pra cada um.

Os textos são distribuídos.

DIRETOR: Vamos começar...

Ator#1 e Ator#2 jogam todos os textos para cima, como se fosse uma ventania. Os atores correm para pegar... Ator#1 e Ator#2 se divertem muito... Depois, ajudam a catar as páginas e a colocá-las nas mãos dos atores. Eles improvisam a volta ao ensaio.

DIRETOR: Não sei como venta de janela fechada... Vamos lá, gente. Esta peça tem que dar certo... Tem que dar certo... Vamos na garra e no peito.

ATOR#1 E ATOR#2: Merda procêis...

DIRETOR: Alguém disse merda?...

ATORES: Merda pra nós todos...

ATOR#1: Merda pra você, Luca.

ATOR#2: Merda pra você, Nico.

Ator#1 e Ator#2 se dão as mãos e saem para a sombra do fundo do palco, enquanto a leitura começa:

ATRIZ: Meu Deus, Johnny, que casa lúgubre... Aqui deve ter fantasma...

Ator#1 e Ator#2 gargalham.

CADA UM DE NÓS (AVIS RARA)



CENA 1

APRESENTADOR: Bem, nós hoje temos aqui com a gente alguém que nos pode mostrar o caminho de um teatro atual, verdadeiro e de sucesso. Nosso tradicional encontro teatral de hoje está em festa. Ele não queria vir, mas nós insistimos tanto que ele concedeu a graça. E aqui está. O papa da crítica teatral do Brasil... Demóstenes Rico...

Todos aplaudem.

CRÍTICO: Eu nem sei como começar... Eu pensei que vocês me odiassem, mas vejo que não. E assim mesmo é que tem que ser. Eu também não odeio vocês... Aqui, na reunião. Em cena, muitas vezes eu gostaria de poder arrancá-los de lá com um gancho. Mas o cachê foi bom, o convite amável e aqui estou eu para responder às suas perguntas. Como vocês sabem, sou um simples doutor em Teatro em seis universidades do mundo. Isso quer dizer que eu não entendo nada de teatro. Mas eu acho que este contato de hoje pode nos aproximar mais. Os atores, atrizes, cenógrafos, diretores e empresários deviam ouvir mais a crítica. Afinal, a gente passa a vida inteira estudando teatro. Eu li todas as tragédias gregas, todas as comédias... Shakespeare completo... Eu só não conheço o que não foi escrito. Eu assisti a trinta e cinco anos de espetáculos... Aqui e no mundo todo. Eu sou o teatro... Perguntem, por favor...

ATRIZ: Você é um ator frustrado?

CRÍTICO: Sou... Representei uma peça aos doze anos... Fracassei. Foi na escola, eu estava no ginásio. Fazia o papel de Puck, em “Sonhos de Uma Noite de Verão”. Comecei fazendo Shakespeare e terminei fazendo Shakespeare... Não tinha o menor talento. Tinha memória e decorei tudo... Sou um ator frustrado... Mas isso funcionou na minha formação como crítico. Fez com que eu pudesse conhecer um canastrão à primeira vista. E uma atriz atroz de imediato, meu bem.

ATOR: Você é um diretor frustrado?

CRÍTICO: Bem, eu dirigi duas peças... Uma aqui mesmo no Brasil e outra em Londres... Aqui no Brasil, pra quem não sabe, eu dirigi “Prometeu Acorrentado”, de Ésquilo... Faz tempo. Muitos de vocês não eram nascidos... Não posso dizer que tenha sido um fracasso, mas não foi um sucesso... Em Londres, eu dirigi Macbeth... Era um grupo amador, mas nos apresentamos no Old Vic, num festival...

ATRIZ: Ganhou?

CRÍTICO: Uma atriz.... Exatamente a que fazia Lady Macbeth foi indicada para um prêmio... Mas não ganhou... Mas foi uma experiência notável... Dirigir uma peça num idioma que não era o meu... Num país que não era o meu e... Bom... Mas não posso dizer que sou um diretor frustrado... Sou um diretor bissexto... Fica melhor assim...

ATOR: Por que é que você mete o pau em tudo o que eu faço?

CRÍTICO: Porque eu não gosto...

ATOR: Ah, é uma questão de gosto...

CRÍTICO: É claro... Um crítico tem que ter um formação de sensibilidade e razão... Tem que conhecer a carpintaria do teatro e o gesto externo... Você é um ator primário... Não tem sensibilidade. Eu o vi fazendo seu último trabalho e acho que fui até comedido na crítica.

ATOR: Você escreveu que... Eu para chegar a fazer gestos de macaco, teria de evoluir dez anos... Eu lembro...

CRÍTICO: É uma forma amável, uma ironia... Uma brincadeira. Se fosse para dizer profundamente o que eu achei de seu trabalho... Talvez você nunca mais voltasse ao palco...

ATOR: Então, eu acho que devo agradecer a sua boa disposição naquela noite.

CRÍTICO: Sem dúvida... Eu estava muito bem humorado... Minha mulher e eu estávamos de partida para a Europa...

ATRIZ: Sabe que depois que você me elogiou... Eu não consegui mais um trabalho decente em teatro?

CRÍTICO: É verdade? Estão perdendo tempo, você estava ótima na comedinha do Alaor... Eu achei mesmo uma revelação... Eu nunca ri tanto na minha vida.. Não sei por que o Alaor e você ficaram tão chateados...

ATRIZ: Não era uma comedinha... Era um drama sério...

CRÍTICO: Não brinca!?

ATRIZ: Como se você não soubesse. Você fez de propósito para derrubar a peça... O Almor não escreveu mais nada, o Valdomiro deixou de dirigir teatro e eu fui pra televisão fazer suporte de cast...

CRÍTICO: Detesto televisão...

AUTOR: Lembra de mim, Demóstenes?

CRÍTICO: Lembro, é claro... Você é o Claudio Mariano...

AUTOR: Eu sou um autor...

CRÍTICO: Na sua opinião... Na minha opinião... Porque, minha opinião, um autor tem que ter um mínimo de cultura geral, para dar à sua obra um pouco de conteúdo... E isso você não tem. Analfabetos não escrevem... Semianalfabetos garatujam... E alfabetizados primários fazem o que você faz...

AUTOR: Você acha mesmo que eu nunca li um livro?

CRÍTICO: Deve ter lido... Mas não deve ter entendido... Ler é uma coisa, entender é outra... E depois, para ler é preciso saber escolher o que ler. Não é comprando livros e amontoando desordenadamente nas prateleiras e lendo tudo como se fosse uma salada-russa. Há um método para tudo. Você escreveu algumas peças por instinto. É um “fauve”, um primitivo. O que mais quer saber?

AUTOR: Quem é que te garante que está com a verdade?

CRÍTICO: Eu penso que meu curriculum e um título de PhD em teatro. Mas, no fundo, eu penso que o que me garante é apenas o bom-senso. Não temos um teatro bom aqui no Brasil. Tudo é muito pobre. A cultura é jovem, as pessoas não são sérias. O processo teatral é ralo e sem muita base. O que vejo, na maior parte das vezes, é apenas um desfile de vocações, entre aspas. E muitos talentos jogados em cena sem serem burilados, nem justificados. É isso que me garante... Eu sou um intelectual de teatro. Eu sei que caminho o teatro deve tomar, mas eu vejo que vocês não podem fazer nada por isso.

ATRIZ: Você gosta de ser odiado, não é?

CRÍTICO: Não... Como todo e qualquer mortal, eu gosto de ser amado. Mas eu tenho a minha profissão. E vocês têm a de vocês. Acho que não nascemos um para o outro.

ATRIZ: Mas você gostaria de poder viver entre nós... De frequentar o mundo do palco e viver outras vidas... Fala a verdade...

CRÍTICO: Eu me satisfaço com o mundo da plateia. Essa é a minha realidade. Mas se vocês continuarem perguntando essas bobagens, não vão empregar bem o dinheiro que me pagaram para vir aqui. Por que, em vez de tratarem de assuntos superficiais, não perguntam sobre teatro? Parece que vocês só sabem falar de emoções e vaidades. Por que não perguntam sobre o que fazem na verdade? Estão vendo. É por isso que o nosso teatro não tem a menor chance. Vocês só querem saber se o crítico falou bem ou falou mal. Não se interessam sobre o que o crítico falou. Será que alguém aqui é tão infantil que pensa que eu meto o pau no trabalho das pessoas por íntima satisfação?

ATRIZ: Eu não penso... Eu tenho a mais absoluta convicção de que é assim mesmo.

CRÍTICO: Pois não é. Cada noite de estreia eu me visto e me preparo. No caminho que me leva ao teatro eu juro que rezo para encontrar um traço de arte e inteligência no que vou ver. A luz acende, a cena se move e é sempre a mesma coisa. Sempre.

ATOR: Em Nova Iorque tudo é bom?...

CRÍTICO: Não... Tem coisas boas e coisas horríveis. Mas lá existe um processo teatral sério. Quando alguém erra lá, é porque errou mesmo. Aqui, quando alguém acerta, é por acaso...

ATRIZ: Quer dizer, então, que na sua opinião, seria melhor a gente fechar os teatros e ir trabalhar em outra coisa...

CRÍTICO: Não... Isso não vai acontecer. Vocês vão teimar e vão montar os seus monstros teatrais pelos anos à nossa frente. É inevitável.

ATOR: Então, por que você não larga a crítica? Não vale nada mesmo...

CRÍTICO: Porque um dia haverá teatro entre nós. E alguém tem que dizer a vocês quem vocês são, o que são. Por isso não paro. E depois, é com isso que eu ganho a vida. Somos nisto muito parecidos... Ganhamos a vida por um trabalho que só será reconhecido em outros tempos, com novas gerações.

ATRIZ: E isso não vale nada?

CRÍTICO: Acho que sim... A civilização e a cultura são produtos de erros sistemáticos que levam a acertos....

ATOR: Mas por que é que só nós erramos e você não...

CRÍTICO: Eu nunca disse isso. Eu devo ter errado mil vezes...

ATOR: Mas você nunca reconheceu...

CRÍTICO: Seria fácil... É isso que vocês querem?... Que eu reconheça um erro e tudo o que eu disser será posto fora. Não, meus caros. Vocês têm seus truques no palco, eu tenho meus truques nas páginas do jornal. Cada um com seu trambique e vamos vivendo, porque a vida é assim.

ATRIZ: Você protege algumas pessoas...

CRÍTICO: Acho que sim...

ATRIZ: O que é que eles têm que nós não temos?

CRÍTICO: A minha amizade... Vocês também protegem algumas pessoas. Até trazem essas pessoas para seu meio e ensinam a profissão... Vocês também têm simpatia por uns e antipatia por outros. Só que eu protejo as pessoas que eu gosto, porque eu gosto delas por uma razão especial. Elas têm talento. Eu adoro as pessoas de talento.

ATOR: Você é facista?

CRÍTICO: Não propriamente... Mas confesso que fico emocionado com algumas velhas ideias de Mussolini...

ATRIZ: É anticomunista, não é?

CRÍTICO: Sou... Mas não sou torturador nem interrogador. Como vocês estão sendo comigo agora. Se não gostam de mim, por que me convidaram a vir aqui... Foi para tirar um sarro com a minha cara? Já tiraram... Pois então, já está na hora de eu ir embora. Já falei, vocês já ouviram. Eu tenho quatro livros escritos. Se quiserem mais informações, comprem os livros ou consultem na biblioteca pública. Boa noite...

Apresentador aplaude. O crítico levanta-se, dá um passo e cai no palco.

APRESENTADOR: Alguém pode telefonar e chamar a polícia... Como combinamos, envenenamos a água mineral... Mas não sabemos quem foi... Foi um de nós, mas cada um colocou uma gota de um vidrinho de veneno... Mas ninguém sabe se a gota mortal saiu do seu vidrinho... Como vão fazer? Prender a todos. Muito bem... Somos gente de bem... Primários. Teremos sursis... Habeas corpus... Perdão...

ATRIZ: Não sei por que, mas eu tenho a impressão que a gota mortal saiu do meu vidrinho... Mas nunca poderemos saber... Jogamos tudo no rio.

ATOR: Cada um de nós é culpado e inocente ao mesmo tempo...
A única coisa clara neste crime, é a vítima.

APRESENTADOR: Era um bom sujeito...

ATRIZ: Era mesmo... Terá um enterro de primeira...

ATOR: Com cavalos de penacho, como em “A Falecida”, do Nelson...

Sirene de polícia.

APRESENTADOR: Bem, vamos nos preparar para a polícia...
Quando perguntarem quem o matou...

ATRIZ: Diremos: “Um de nós, doutor delegado, só que a gente nunca vai poder saber quem foi...”

Black-out.

298

CENA 2

Quando acende a luz, Médico e delegado examinam o corpo.

DELEGADO: Como é, doutor, qual é a causa mortis?

MÉDICO: Ataque cardíaco...

APRESENTADOR: Ataque cardíaco?!... O senhor tem certeza?

MÉDICO: Absoluta... Sou legista há trinta e cinco anos... Um ataque cardíaco, com rompimento possivelmente de uma coronária.

DELEGADO: Bom... Eu acho que está tudo bem, então... Podem levar o corpo... Minhas condolências... Era amigo de vocês, não?

ATRIZ: Nosso melhor amigo... Que falta vai nos fazer. Que falta vai nos fazer.

ATOR: Ele era como um pai para mim... Quando escrevia sobre mim, era com carinho... Mesmo quando falava mal... Falava com ternura. Meu pai... Meu mestre. Ah, o mundo hoje não é igual ao de ontem...

APRESENTADOR: Meu melhor amigo. Tantas noites de papo falando sempre sobre nosso amado e querido teatro... Delegado... Não foi uma perda comum... Era um gênio...

O corpo já saiu. Médico e Delegado saem.

APRESENTADOR: *(AO TELEFONE)* Faria... Dá pra reservar o saguão do Municipal para um velório? Demóstenes morreu.. Veio fazer uma palestra e teve um ataque cardíaco... Por favor. Estamos consternados... Quer avisar a mulher dele?... O corpo foi para o IML... Pronto. *(DESLIGA)* Era ou não era... Eis a questão? Um médico não ia confundir envenenamento por arsênico em alta dose com ataque cardíaco...

ATOR: Sabe lá que médico é esse. Em todo caso, tiramos o cu da seringa. Acabamos com aquele safado e não temos encrenca com a polícia...

299

ATRIZ: *(RI)* É muita coincidência... Armamos o maior assassinato coletivo da história do teatro e o safado do Demóstenes morre de ataque cardíaco. Eu não acredito que o médico seja tão burro. Pra mim, tem alguma coisa errada. O que ele tomou de arsênico era para matar um cavalo...

ATOR: Um burro... No entanto...

ATRIZ: *(CHORA)* Vai ver que... Quando colocamos o líquido que sorteamos entre nós... Alguém não colocou e foi justamente a pessoa que estava com o veneno...

APRESENTADOR: Por que chora?...

ATRIZ: Porque eu queria que ele estivesse morto por nós... Deus nos pregou uma peça... Eu o odiava, ele acabou com minha carreira...

Vem Ator com planta murcha no vaso.

ATOR: Olha só o que eu descobri... Essa planta estava viçosa e viva quando chegamos aqui... Morreu junto com o Demóstenes... Acho que foi uma tragédia ecológica...

APRESENTADOR: Está certo... Fui eu... Fui eu quem jogou o líquido fora no vaso e coloquei água pura. Eu não sabia se tinha o veneno ou não, achei que a probabilidade era pequena de ser eu... Então, não quis matar... Agora, vocês fazem o que quiserem... Demóstenes era meu amigo de verdade... Eu estava com vocês, mas não queria ser o assassino...

ATRIZ: Foi você, então... Foi você...

APRESENTADOR: Fui... E se pudesse, eu o tornava vivo outra vez, para eu mesmo matá-lo... Ele acabou com a carreira de tantos artistas... Ah, se ele pudesse voltar.

*Luz violenta da porta. Branco de cadáver,
Demóstenes entra, mãos em garra.*

300

CRÍTICO: Por isso não... Aqui estou eu de volta... Canalhas. Então, vocês acham que só existe uma vida. Então vocês acham que podem impunemente matar alguém e não serem perseguidos pelo mal que fizeram... Eu morri de ataque cardíaco pelo acúmulo do ódio de vocês. Vocês me mataram com seu ódio... Vocês me odiaram tanto que me mataram... Mas eu não os deixarei nunca... Assombrarei vossas vidas como um fantasma de permanente angústia. Assassinos... Matam com o ódio...

Apresentador bate palmas. Acende a luz.

CRÍTICO: (*LIMPANDO O ROSTO*) Obrigado... Obrigado... Por favor, o restante do meu elenco...

Entram o Médico, o Delegado e os Maqueiros.

CRÍTICO: Palmas para eles também, seus bunda suja. Então, eu não tenho talento. Sou um dramaturgo medíocre, um ator de merda e um diretor fracassado. A mostra foi esta, e esta é a minha performance. Todos enganados. Vocês, bichos do palco, enganados por um crítico medíocre. Vamos beber em minha homenagem... Mas aquela champanhe que eu reservei, meu caro apresentador...

APRESENTADOR: (*SERVINDO DEMÓSTENES E A SI PRÓPRIO*) Um brinde ao seu talento...

CRÍTICO: Ao nosso talento... (*BEBE*)

APRESENTADOR: Desculpe não servir champanhe a vocês... Eu mesmo não vou tomar. Sabem por quê? Porque eu envenenei a champanhe. Eu combinei tudo com Demóstenes, menos este fim...

CRÍTICO: Seu canalha... (*AGARRA A GARGANTA*) Eu estou sufocando... Um médico...

MÉDICO: Eu devo atendê-lo, doutor?

ATRIZ: Claro que sim... Ele não disse que você é um médico...

MÉDICO: Eu sou ator de circo...

APRESENTADOR: Adeus, Demóstenes...

CRÍTICO: Adeus, filhos da pu...

APRESENTADOR: Críticos de todo o mundo...
Cautela, isto é uma advertência.





**O CADERNO
DE JÓ**

*Sala da empresa de limpeza PARAÍSO. O funcionário
Jó trabalha com caneta. Entra seu patrão Sued.*

SUED: Bom dia, Sr. Jó.

JÓ: Bom dia, Dr. Sued. Melhorou da dor no pé?

SUED: Sr. Jó, gota é um mal que não nos deixa. É o preço que pagamos pelo pecado da gula. Cada vez que eu como carne de vitela, recheada com bacon e amarrada com tripa de carneiro, eu tenho uma maldita dor no dedão do pé que me faz chorar. Mas eu adoro carne de vitela. O senhor gosta de vitela Sr. Jó? Onde está minha água mineral, o médico me receitou um copo de hora em hora.

Jó enche o copo enquanto fala.

JÓ: Bem, Dr. Para falar a verdade, o meu orçamento não suporta carne. É um produto caro demais para mim. O senhor bem sabe que eu ganho muito pouco.

SUED: E dê graças a Deus por ser assim. Porque se o senhor ganhasse mais ia se empanturrar de comidas bobas que fazem mal, como vitela, por exemplo. Ah, como eu gostaria de ter menos dinheiro e mais saúde, Sr. Jó. O senhor é um homem feliz. Pois mesmo que tenha a tentação da gula, não pode exercer, porque não tem dinheiro. Felizes os homens pobres, nunca terão o sofrimento da gota.

JÓ: Eu não tenho o sofrimento da gota mas tenho muitos outros.

SUED: Que o tempo, no seu passeio em busca do nada, o livrará um dia. Preciso daquelas petições sobre nossos negócios com a prefeitura. Apanhar lixo e combater a sujeira é um trabalho santo, Sr. Jó. A Empresa Paraíso de Limpeza Pública é como uma igreja, um templo, e eu sou o grande sacerdote, e o senhor, Sr. Jó, é o coroinha que me ajuda a dizer a missa todos os dias. E por falar em missa, quero que o senhor saiba que começaremos a distribuição da nova maravilha para a limpeza outdoor e indoor. Já vamos receber o produto Higiradical importado da China. Vamos expandir nossos negócios, Sr. Jó. Ainda esta semana devemos receber a visita do representante do Higiradical para o nosso país. Trata-se do Sr. Lin Chu Chuli. Eu espero que ele fale alguma língua cristã.

Senão não sei como nos entenderemos. Mas na verdade eu sei falar bem a língua internacional da grana. Faço uma oferta em dólar e estamos resolvidos. Vamos entrar numa nova era, Sr. Jó.

JÓ: E quanto ao computador que o senhor disse que ia adquirir para agilizar o trabalho?

SUED: Pensei e repensei e cheguei à conclusão de que o computador é coisa do diabo, Sr. Jó. Isso porque agilizando o trabalho o senhor iria ficar ocioso uma parte do dia e o ócio, Sr. Jó, é o pai do pecado. Quantos maus pensamentos por segundo de ócio um homem pode ter? Não, Sr. Jó, nós somos crentes num poder maior e trabalhamos com nossa velha máquina de escrever e nossa caneta. É isso que nos faz limpos e puros. A empresa Paraíso luta contra a sujeira, social, moral e, no seu caso em especial, não vamos adquirir um computador. Bom dia e bom trabalho, Sr. Jó. E me diga o que pensa desta frase para novo produto... Para limpar animal, vegetal ou mineral, use só Higiradical.

JÓ: Coisa de gênio, Dr. Sued, frase de gênio, devia entrar para a Bíblia.

SUED: Apenas uma frase que compus sentado no vaso sanitário, que é onde tenho minhas melhores ideias. E tem mais uma novidade. Vamos ter uma nova funcionária aqui. Mas isso tratamos depois. Bom dia, Sr. Jó.

JÓ: Bom dia, Dr. Sued.

Sued sai e Jó puxa seu caderno de notas e escreve falando alto.

JÓ: Sábado, 23 de julho de 2005. Mais uma vez cobreí do Dr. Sued o computador. Todas as outras empresas de limpeza usam computador mas ele insiste em usar minha pobre e maltratada memória em vez do computador. Sei que não faz isso por mal, o Dr. Sued é um homem temente a Deus e se ele acha que Deus não gosta do computador é porque o computador é mesmo obra do diabo. Quanto ao ócio, meus únicos momentos de ócio são quando escrevo meu caderno. E antes que o ócio traga o pecado e o pecado traga o diabo, encerro minhas notas deste dia. Dr. Sued disse que o ócio é o pai dos pecados e eu me pergunto quem será a mãe dos pecados? Esta nova funcionária que vem por aí me mete medo.

SEGUNDO DIA

Jó trabalhando entra Sued com Marisita, a nova funcionária. Dr. Jó a trata sensualmente. Ela se veste de modo provocante.

SUED: Sr. Jó, quero apresentar aqui a nossa nova funcionária, Marisita.

MARISITA: Prazer!

JÓ: Muito prazer, senhora.

MARISITA: Senhorita.

JÓ: Desculpe, mas notei sua aliança.

MARISITA: Sou viúva, Sr. Jó, e as viúvas voltam a ser senhoritas, não sabia disso?

JÓ: Na verdade não sabia não. Desculpe-me mais uma vez.

SUED: Vocês vão se dar bem, porque o senhor, seu Jó, vai ter que ensinar todo trabalho daqui para a senhorita Marisita; porque um chefe tem que saber de tudo o que se passa.

JÓ: Chefe, ela vai ser minha chefe?

SUED: Vai sim Sr. Jó, nós homens precisamos de um comando feminino para dar tudo o que podemos pelo nosso trabalho. Eu e o senhor vamos preparar a senhorita Marisita para ser a nossa chefe aqui no Paraíso SC LTDA. Senhorita Marisita, o Sr. Jó é um homem de respeito e tenho certeza que manterá sempre uma atitude respeitosa com a senhorita. Bom, agora os deixo para as primeiras lições... Ah, virei buscá-la para almoçarmos juntos. Mas antes a minha água mineral, Sr. Jó. Eu sem meu copo de água não sou nada!

Jó enche o copo e entrega, mas Marisita intermedia.

MARISITA: Tudo bem, querido... Quer dizer, Dr. Sued. *(Ri)* Dr. Sued é tão engraçado...

SUED: Passe para Dona Marisita todas as informações sobre o Higiradical. O produto que limpa o animal, o vegetal e o mineral...

Sued sai. Jó fica meio sem jeito. Marisita olha tudo em volta.

MARISITA: Sr. Jó vamos ter quer arrumar a casa. Eu acho que esta mesa vai para ali e aquele arquivo vem para cá e na parede vamos colocar um belo quadro que eu vou pedir para o Dr. Sued adquirir. Eu adoro arte. Na verdade, antes de vir para cá eu trabalhei numa galeria de quadros. Eu adorava ficar ali no meio de tantas obras de arte. Picasso, o senhor conhece Picasso?

JÓ: Já ouvi falar mas não tenho o hábito de frequentar galerias nem museus. Eu tenho uma vida muito simples.

MARISITA: Bom, vou ficar com a sua mesa e o senhor fica com a mesinha pequenininha bonitinha só para o senhor. Está bem assim?

JÓ: Como a senhora quiser.

MARISITA: Senhorita, por favor. Uma viúva volta a ser senhorita. Bem, acho que vou até a sala do Dr. Sued conversar sobre os meus planos para a empresa. Eu dei o telefone daqui, se me ligarem, anote bem os recados, viu?

JÓ: Vi...Anotarei.

Ela sai e Jó puxa seu caderno.

JÓ: Não era bastante a humilhação que o Dr. Sued me dispensava. Agora tenho um novo algoz. Pelo menos é uma mulher bonita. Para falar bem a verdade, eu senti qualquer coisa dentro de mim com a presença dela. Alguma coisa me despertou de um sono de quase vinte anos. Memórias me assediam. Lembro de Zelinda e das coisas loucas que fazíamos. Ela tem qualquer coisa da Zelinda, penso que é a bundinha. Esta aí me fará de capacho como o Dr. Sued, mas pelo menos poderei furtivamente olhar suas pernas quando ela sentar bem defronte de mim. Zelinda, que saudade.

TERCEIRO DIA

Jó trabalhando na mesinha pequena. Na mesa grande uma toalhinha e um vaso de flores. Na parede uma reprodução das Senhoritas, de Picasso. Dr. Sued entra.

SUED: Bom dia, Sr. Jó, não é mesmo uma beleza esta nossa sala de escritório com o toque feminino da Dona Marisita? Mas que pintura interessante. O senhor entende de pintura, Sr. Jó? Essa mulher com cara de cachorro é muito interessante. Quem foi que pintou essa coisa aí?

JÓ: Um pintor espanhol chamado Picasso.

SUED: Picasso... Picasso... Um nome meio imoral... Picasso.

JÓ: Picasso com dois esses.

SUED: Que diferença faz? Será sempre um nome imoral. O importante é que Dona Marisita deu um jeito novo nesta velha sala.

JÓ: É verdade, Dr. Sued, ela mudou tudo por aqui. Para melhor é claro. Ela mudou tudo!

SUED: Mais do que o senhor pensa, seu Jó. Muito mais do que o senhor pensa. Ela saiu para ver umas coisas para a firma e disse para o senhor que atenda ao telefone e anote seus recados.

JÓ: Farei isso.

SUED: Olha... muita gente pode ligar aí para ela. E eu tenho uma missão a cumprir com Dona Marisita. Eu era muito amigo do seu finado marido. Que deus o tenha. Tem algumas pessoas mal-intencionadas que na certa vão ligar atrás dela, aqui na empresa. Quero que... Discretamente, me faça um relatório dos telefonemas.

JÓ: Um relatório?

SUED: Um relatório Assim como: quem ligou, que hora ligou, que recado deixou, se deixou número para ligar de volta. Coisa simples.

JÓ: Claro que sim, coisa muito simples.

SUED: Discretamente... Faça com que ela nem desconfie... Poderia ficar preocupada. E devo informar ao Sr. que seus bilhetes de metrô chegarão esta semana. A firma vai fazer um contrato com o metrô e o senhor vai ser favorecido. Vamos anunciar no metrô, sabia? Meus parabéns Sr. Jó, vai andar de metrô sem desembolsar uma moedinha. Estava sabendo destas novidades?

JÓ: Não senhor. Estou sabendo agora.

SUED: Eu mandei fazer um desenho de um gato, um pé de comigo-ninguém-pode e uma pedra. E por baixo a famosa frase... Higiradical limpa o animal, o vegetal e o mineral. Minha mulher não gostou da frase, mas o senhor sabe que Dona Zuleika, apesar de ser uma mulher honrada, é muito ignorante.

JÓ: Eu não acho que ela seja ignorante...

SUED: Mas acho eu, porque a mulher é minha. Quando o senhor se casar, Sr. Jó, e tiver a sua mulher, daí o senhor julga se ela é ignorante ou não. Ah, se eu pudesse usaria outra frase assim: Higiradical limpa a cabeça do imoral.

Mas a nossa luta pela moral, senhor Jó, não vai poder entrar na propaganda do Higiradical. Bom, vou indo. Não se esqueça do relatório. Se Dona Zuleika ligar o senhor, por favor, diga que saí para um encontro de altos negócios. Mas se alguém ligar você passa tudo para mim. Não se esqueça do relatório.

JÓ: Não esqueço não. Estou apenas esperando as informações da prefeitura sobre as novas concorrências.

SUED: Não é deste relatório que eu estou falando, Estou falando do relatório dos telefonemas para a Dona Marisita.

JÓ: Ah, sim. Não esquecerei não. Terá tudo anotado.

SUED: Me entregue sempre no fim do dia... discretamente.

JÓ: Discretamente.

SUED: Meu copo de água. Eu sem meu copo de água não sou nada.

Jó enche o copo e entrega a Sued, que bebe. Dr. Sued sai. Jó verifica se ele foi mesmo embora e tira seu caderno da gaveta.

JÓ: (*ESCREVE*) Agora sei que o Dr. Sued tem intenções para com a Srta. Marisita. E pelo jeito ele não confia muito na honestidade dela. Essa nova função de araponga doméstico não me agrada nada. Mas quem tem, como eu, que defender o emprego acima de tudo não pode ter veleidades. Pobre Dona Marisita, nas garras de quem veio cair. Se tivesse caído em minhas mãos eu a teria tratado com muito carinho. E a pobre D. Zuleika, ele a trata muito mal. E dizer que foi o pai dela quem criou a empresa Paraíso. Mas isso não é da minha conta. Pensamentos, mergulhem dentro de mim.

QUARTO DIA

*Dona Marisita entra com grande embrulho.
Jó guarda o caderno e vai ajudar.*

310

MARISITA: Meu Deus que canseira! Fiquei horas esperando um táxi. Quase que liguei para o Sued ir me buscar mas desisti. Achei que ele podia estar ocupado, porque hoje chega a primeira remessa do Higiradical. Veja só o que comprei para a minha sala.

*Abre um pacote e tira uma cesta de lixo
com pintura de flores e borboletas.*

MARISITA: Não é a coisa mais lindinha que o já viu na vida, Sr. Jó?

JÓ: É muito bonita mesmo, de verdade. Até vai dar pena jogar o lixo dentro.

MARISITA: O senhor precisa entender mais de beleza. Se o lixo é sujo e feio, a gente tem que colocar ele num recipiente limpo e belo. Assim a sujeira e a feiura do lixo não aparecem e não atormentam as pessoas. Aprenda comigo, Sr. Jó, tudo o que é sujo e feio a gente põe escondido numa casca bem linda.

JÓ: Sábias palavras, Srta. Marisita. Sábias palavras.

MARISITA: (*DESEMBRULHA UMA ALMOFADA DE CETIM*) Esta almofada é para meu conforto. Essa cadeira aí é muita dura.

JÓ: Eu que o diga. Quase vinte anos sentado nela.

MARISITA: Mas o senhor é homem e um homem mesmo, verdadeiro, com h maiúsculo, tem que suportar certas coisas. Já nós, as mulheres... Na nossa fragilidade... E eu tenho partes do meu corpo muito frágeis...

Toca o telefone.

JÓ: Empresa Paraíso de Limpeza. Quem queria falar com ela... Pois não. D. Marisita, é um tal Juvenal ao telefone.

MARISITA: Diga que eu não estou... Ou melhor, eu atendo... Alô... vou bem, e você? Sei, sei. Sei, sei... Eu não pude ir, só isso. Se eu tive outro compromisso? Vamos dizer duas coisas. Em primeiro lugar eu tive sim, e em segundo lugar você não tem nada a ver com meus compromissos. Quem está brava... Euuuuuu? Imagina....Ah, sei, sei.... Vou pensar. Não sei o que vou fazer amanhã à noite. Eu já disse, vou pensar.

Marisita desliga o telefone, pega um pacote ao lado e tira de dentro umas meadas de lã, duas agulhas de tricô e uma revista de modelos de pulôver.

311

MARISITA: Como está começando a fazer frio, eu vou fazer um pulôver para o Sued. Ele vai adorar. Mas vai ser uma surpresa, o senhor não deve falar nada para ele, Sr. Jó.

JÓ: Não digo nada não.

MARISITA: Bom, vou dizer ao Sued que já voltei. Ele fica tão preocupado comigo.

Ela sai. Jó olha o novo recipiente para lixo. Pega o caderno e escreve.

JÓ: Hoje tive uma lição de filosofia dada por Dona Marisita. Tudo o que é sujo e feio a gente esconde dentro de uma casca bonita e limpa. Pensei duas coisas. A primeira é que talvez ela esteja se referindo a si própria. Porque ela tem uma casca limpa e bonita e por tudo o que a gente vê sua moral está meio encardida. Mas eu não sou moralista e nem imoralista.

Sou apenas um homem solitário que se masturbou ontem à noite pensando nas coxas de dona Marisita. A segunda coisa que pensei, foi que de acordo com a filosofia dela, o Dr. Sued devia fazer uma plástica, emagrecer uns trinta quilos, para esconder sua suja e horrorosa moral numa casca mais apresentável.

QUINTO DIA

Jó trabalhando, entra Marisita com uma mala.

MARISITA: Me ajude aqui, Sr. Jó, esta mala está muito pesada.

Jó vai ajudar a mala se abre e mostra roupas, sendo que uma parte delas é lingerie meio que de puta.

312

JÓ: Quer que ajude a colocar tudo na mala?

MARISITA: Ah, que vergonha! O senhor vai ver minhas roupas íntimas, mas na sua condição, eu não me importo.

JÓ: Perdão, mas qual é a minha condição...

MARISITA: O Dr. Sued me contou...

JÓ: E o que foi que o Dr. Sued falou a meu respeito...

MARISITA: Bem, ele me disse de seus hábitos...

JÓ: Que hábitos?

MARISITA: De sair com homens. Ele me explicou direitinho....

JÓ: Quer dizer que o Dr. Sued disse para a senhorita que eu sou....

MARISITA: Gay... Eu não me importo, não tenho preconceito. Quando trabalhei na galeria de pinturas, eu tinha um colega gay e sempre nos demos muito bem, Eu respeito muito os gays. Mas pode me ajudar a guardar as roupas. Não gostaria de usar uma calcinha como esta? Seu namorado ia achar uma gracinha.

JÓ: Eu não tenho namorado.

MARISITA: Ah, coitadinho, eu vou apresentar o meu ex-colega da galeria pra você. Ele é uma graça.

JÓ: E esta calcinha furada aqui, pra que serve...

MARISITA: Você me mata de vergonha, Joca. Pra que pode servir? Pra usar sem tirar.

JÓ: No banheiro?

MARISITA: Não, no elevador.

JÓ: No elevador... Vai viajar?

MARISITA: Vamos. Eu e o Sued vamos visitar uns clientes no Guarujá. Neste fim de semana da sexta-feira em diante estaremos fora. Vou falar com ele. Alguém me ligou?

JÓ: Não, por enquanto não...

Marisita sai e Jó fica ali pensando. Pega o caderno.

JÓ: (ESCREVE E FALA) Esta é nova. Então o Dr. Sued disse a ela que eu sou gay. Isso deve ser para afastar ela de mim. Ele tem medo da concorrência. Muito bem, serei gay para D. Marisita. Serei seu íntimo amigo e ficarei dono de todos os seus segredos. Não é para isso que servem os amigos gays? Então eles vão trabalhar no Guarujá. Pobre D. Zuleika, deve estar sintonizando AM e FM nas antenas dos chifres.

313

SEXTO DIA

Jó trabalhando. Entra D. Zuleika, que é uma coroa bonitona. Enfia a cara na sala.

ZULEIKA: Sr. Jó, há quanto tempo.

JÓ: Há quanto tempo digo eu. A Sra. não vem aqui faz uns dez anos.

ZULEIKA: Pois é, o Sued não gosta que eu venha no seu trabalho. Ele se esquece que antes de ele ser o diretor da Paraíso eu trabalhava aqui com meu pai.

JÓ: A quem eu não conheci, mas ouvi falar muito bem sobre sua pessoa.

ZULEIKA: Meu saudoso pai. *(CHORA)* Fiquei com saudades daqui e como o Sued viajou... *(CHORA MAIS)*

Jó vai até ela, ampara-a e a faz sentar-se na cadeira da D. Marisita.

JÓ: Não chore, D. Zuleika, olhe para o futuro... Se o passado é triste, olhe para o futuro.

ZULEIKA: Não é o meu passado que é triste. É o meu tempo presente. E o meu futuro só promete mais tristezas.

JÓ: Não pense assim tão negativamente, a senhora ainda tem muito tempo na vida para ser feliz.

ZULEIKA: Sabe para onde meu marido viajou?

JÓ: Para falar a verdade, eu não tenho certeza, mas penso que foi fazer contato com alguns clientes importantes.

ZULEIKA: Foi só, ou acompanhado?

JÓ: Olha, D. Zuleika, ele nem me explicou nada sobre esta viagem...

ZULEIKA: Foi só ou acompanhado, Sr. Jó?

JÓ: Penso que levou com ele a nossa nova funcionária.

ZULEIKA: A Sr. Marisita, viúva do nosso amigo Pimenta.

JÓ: É, a viúva... Ela agora é meu chefe.

ZULEIKA: E pelo jeito foi ela quem redecorou aqui a sua sala...

JÓ: A sala não é mais minha, D. Zuleika.

ZULEIKA: E o marido não é mais meu... Bem há muito tempo que não é.

Tocam a campainha. Jó vai atender e volta com o chinês Lin Chu Hu Li.

Jó (*ENTRANDO COM O CHINÊS*) O senhor deve ser o Sr. Lin Chu Hu Li da Higradical.

LIN CHU: Jo vindo plocula de Silor Suedi. Venido di Beijing... lepresentante Higladical. Limpeza. Basula...

JÓ: Basula eu não entendi.

ZULEIKA: Basura é sujeira em castelhano.

JÓ: Por favor, sente-se... Sit down, asseiez- vous, sentáti. Esta é a esposa do Dr. Sued.

LIN CHU: Mucho gusto... Jo tengo lo contlato... del Higradical. Essse es el contlato.

Tira da pasta umas folhas dá para Jó.

LIN CHU: Esta hoja es respecto poisson... Higladical, vely poisson, veneno... muelte. Si lo toma pela buca se muele em quinze minutos.

ZULEIKA: Que perigo!

LIN CHU: E envenenado, parece moleu do colação. Plecisa warning, avisa tudo cliente.

JÓ: Vamos ter que fazer uma campanha para avisar a todos sobre o perigo de ingerir o Higradical.

LIN CHU: Glamnde vantagi é que Higladical limpa tudo mesmo de veldadi. (*TIRA CONTRATO DA PASTA*) Este contlato. Quem vai signal?

JÓ: Seria o Dr. Sued, mas como a D. Zuleika está aqui, acho que ela pode assinar. É sócia da firma.

LIN CHU: Então signa que (*APONTA NO PAPEL*).

Zuleika assina.

LIN CHU: Vamos festar contlato. Palabéns nós tudo!!!

Abraçam-se e se cumprimentam.

SÉTIMO DIA

JÓ: O Sr. Sued ainda não voltou. Telefonou que estava fechando um grande contrato e ia ficar mais uns dias fora, com Dona Marisita, é claro. Por outro lado, D. Zuleika tem vindo todos os dias e conversamos muito. Tenho pensado muito nela. Uma mulher tão agradável e bonita, deixada para trás por um homem sem princípios nem meios nem fins. Comecei a carambolar alguns tratos na minha cuca. Quero dizer que chegou hoje o nosso carregamento de Higiradical e vamos começar a distribuição. Eu disse vamos, porque D. Zuleika está trabalhando comigo. Mas ela pediu que eu não contasse ao Dr. Sued. Um segredinho nosso. Aí vem ela, mergulhem meus pensamentos.

ZULEIKA: Bom dia, meu caro Jó, como passou a noite?

JÓ: Solitário como sempre. Minha vida é um desfile contínuo da solidão humana.

ZULEIKA: Nossa, o senhor é um poeta. Mas eu penso que um homem como o senhor, assim ainda jovem e bonito...

JÓ: Bonito, euuu? Por favor, não me confunda...

ZULEIKA: Não faça desfaçatez, o senhor sabe que é um homem bonito...

JÓ: São seus olhos, Dona Zuleika.

ZULEIKA: Não era hora de me chamar sem esse dona. Esse "dona" me envelhece, acha que sou velha?

JÓ: Acho que tem o frescor de uma adolescente, Zuleika...

ZULEIKA: Pode me chamar de Zu, se quiser. Era assim que meu pai me chamava.

JÓ: Mas não sei se deverei.

ZULEIKA: Já que estamos trabalhando juntos, me chame de Zu e eu o chamarei simplesmente de Jó... Combinado?

JÓ: Combinado... Chegou o produto chinês... Temos uma tonelada para distribuir. Mas ates preciso fazer um panfleto em português sobre os perigos de ser ingerido por seres humanos e animais.

ZULEIKA: Vamos fazer isso. Já notou, Jó, que todo produto que limpa de verdade é um veneno muito forte? Soda cáustica e agora o Higiradical.

JÓ: Higiradical produz uma morte que pode ser confundida com um ataque cardíaco.

ZULEIKA: Veneno perfeito para eliminar um canalha.

JÓ: É mesmo, perfeitíssimo...

ZULEIKA: Meu marido deu alguma notícia sobre sua viagem?

JÓ: Deu sim, disse que ia ficar uns dias para terminar um grande negócio com o Higiradical.

ZULEIKA: E a secretária, também vai ficar por lá?

JÓ: Ao que tudo indica. Para mim é um alívio, eu não gosto da intromissão dela no meu trabalho.

ZULEIKA: E da minha intromissão, você acha o quê, Jó?

JÓ: Suas ideias são recebidas por mim com carinho. Em primeiro lugar a senhora sabe o que diz. É a herdeira do grande fundador desta empresa. Em segundo lugar, sua voz... Desculpe, eu estou indo por um caminho estreito, perigoso e sem volta...

ZULEIKA: Então me dê a mão que eu quero ir por este mesmo caminho...

JÓ: Zu... eu....

ZULEIKA: Jó... Eu... te amo...

JÓ: Eu também. Te amo.

317

*Se abraçam e se beijam, e são interrompidos
pelo chinês que chega.*

LIN CHU: Desclupa, entrelou sem bateu.

SÉTIMO DIA

JÓ: (*ESCREVE O CADERNO*) Meu caderno de confissões, quantas coisas íntimas e secretas escrevi em tuas páginas lívidas. Mas hoje vou escrever ao mesmo tempo um grande pecado e uma grande felicidade. Zuleika, a minha Zu, dormiu em minha casa esta noite e fizemos amor como dois furiosos solitários abandonados que encontram um ao outro no deserto da vida, e o mundo parece renovar. Fizemos do alfabeto do amor do A ao Z. Não faltando nada que deixássemos de lado por mais louco que parecesse.

Hoje voltam o Dr. Sued e a Dona Marisita. Este breve período fez a firma caminhar séculos para frente. Eu e Zu sabemos lidar com a firma melhor que o Sued e a Marisita. O chinês quer ampliar os negócios. Uma ideia sinistra me ocorreu ontem à noite quando entre um ataque a Zu e outro fechei os olhos descansando. O Dr. Sued talvez esteja precisando de um descanso. Um bom descanso... Eu diria...

Entra Zuleika. Está radiante e relaxada.

ZULEIKA: Eterno descanso eterno e limpo. Limpo pelo mágico Higradical...

JÓ: Faremos isso?

ZULEIKA: Sim mancomunados, juntos, unidos num só ódio e num só coração, meu amor.

Se abraçam.

318

OITAVO DIA

Jó fazendo contas. Entram de óculos escuros Sued e Marisita.

SUED: De volta ao planeta dos macacos... Sr. Jó, nós voltamos!

JÓ: Estou vendo, e estão muito cheios de saúde...

MARISITA: É verdade, aquela praia é um lugar paradisíaco. Não é, meu bem...

SUED: É, meu bem... O Sr. Jó deve estar assustado por este nosso tratamento amoroso. Pois fique sabendo, Sr. Jó, que eu vou me separar de Dona Zuleika, que não me ama, e me casar com Marisita, que é louca por mim...

JÓ: Louca mesmo, a gente percebe....

MARISITA: Como é o destino, seu Jó, eu vou ser sócia do Sued, porque está tudo no nome dele. Uma nova vida.

JÓ: É mesmo, uma nova vida.

SUED: Você soube em primeiro lugar do nosso amor... Nem a Zuleika sabe.

JÓ: Agradeço a confiança....

SUED: Onde está a minha água faz tempo que não tomo...
Eu sem a minha água não sou nada.

JÓ: Está aqui, guardada para o senhor. Esperando pelo
senhor o tempo todo. (*SERVE A ÁGUA*)

SUED: (*VAI BEBER E FALA E NÃO BEBE. ISSO VÁRIAS VEZES*) E como
é que vão os meus negócios com o Higiradical?...

JÓ: Já entregaram a primeira partida e eu já distribuí.
Encomendei uma segunda partida, o Sr. Lin Chu, o
chinês esteve aqui e quer nos dar exclusividade...

SUED: Isso é muito bom... (*BEBE DE UM SÓ GOLE*) Sr. Jó, eu tenho que dizer
uma coisa triste para o senhor. A Marisita, como nova diretora
da firma, tem um primo que precisa de emprego e eu sem querer
enrolar muito a questão queria dizer que o senhor... Está... O
senhor (*LEVA A MÃO À GARGANTA*) Eu estou mal... Meu coração...

319

Sued cai. Marisita faz respiração boca a boca.

NONO DIA

JÓ: (*ESCREVE*) Foi um ataque cardíaco fulminante. Muito
fulminante. Mais fulminante do que qualquer ataque
fulminante. O Dr. Sued foi para o céu como bom homem
que sempre foi. O enterramos hoje de manhã.

Entra Marisita toda de negro.

MARISITA: Sr. Jó, eu penso que o senhor vai respeitar a última vontade
do falecido. Ele disse que eu seria diretora da firma.

JÓ: Eu preciso consultar os meus sócios...

MARISITA: Sócios no quê?

JÓ: Na empresa Paraíso...

MARISITA: Mas que sócios, o senhor enlouqueceu?

JÓ: Não... Podem entrar os meus sócios...

Entram o chinês e D. Zuleika...

JÓ: Esta é Dona Zuleika, a viúva... Viúva e única herdeira desta firma e de tudo o que o Sr. Sued possuía. Este é Lin Chu, representante da Higradical, que entrou como sócio para fazermos um negócio internacional.

MARISITA: E eu!

JÓ: Bom, a senhorita, porque viúva volta sempre a ser senhorita, pode fazer duas coisas... A primeira, ir embora sem levar nada. A segunda é levar estes cacarecos que andou colocando por aqui. Menos o quadro do Picasso, que nós gostamos muito. Como foi comprado com dinheiro da firma, fica aí. Adeus, D. Marisita.

MARISITA: Mas é uma quadrilha!!! Eu até tenho as minhas dúvidas se vocês não mataram o meu Sued! Eu vou à polícia!

ZULEIKA: Nós já fomos! E registramos uma suspeita de que a senhora pudesse ter envenenado o meu marido Sued. Mas fizeram um exame e ele morreu de ataque do coração. Portanto a senhorita não é culpada. Agora nós precisamos trabalhar e eu peço gentilmente... Fora daqui!!!

Marisita sai ventando. Os três erguem taças de champanhe.

ZULEIKA: Ao nosso casamento no próximo mês, Jó...

JÓ: E ao progresso e lucro da empresa multinacional capital brasileiro e tecnologia chinesa... Paraíso.

LIN CHU: Palabéns a limpesa com Higradical agora com nova lemo...

Higradical limpa acima do bem e do mal!



FINIS





**TREMEMBÉ JONES
CONTRA KONG KONG**

TREMEMBÉ JONES CONTRA KONG KONG

PERSONAGENS

TREMEMBÉ JONES

PINIQUINHO

PINICÃO

SONGAMONGA

CENA I

Na frente do proscênio surge — ao som da música tema — Tremembé Jones, seguido por sua dupla de carregadores cheios de mochilas, armas etc. São os palhaços Piniquinho e Pinicão. Eles passam de um lado para o outro do proscênio, cautelosos como quem anda em matas perigosas. A luz muda, a cortina sobe e eles entram no cenário: é uma clareira na selva.

TREMEMBÉ: Safáriiii... Altoooo!

Ele para e os dois batem e o derrubam.

TREMEMBÉ: São os dois carregadores mais encrencados que eu já conheci na minha longa vida de arqueólogo, antropólogo e caçador de animais ferozes da selva. Vocês não entendem nada de selva. O que faziam antes na vida?

PINICÃO: Antes do quê, incrível Tremembé Jones?

PINIQUINHO: Isso mesmo, Pinicão. Antes do quê?

TREMEMBÉ: Antes de me conhecerem.

PINICÃO: Bom, antes do dia que eu te conheci, eu vivia sem te conhecer. Não é verdade, Piniquinho?

PINIQUINHO: Verdade e lógico. Se a gente conheceu ele num dia, no dia anterior a gente não conhecia ele.

TREMEMBÉ: Não é isso, eu estou querendo saber qual era a profissão de vocês dois.

PINICÃO: Bom, isso é bem fácil de responder... Nós, o Piniquinho e eu, éramos artistas.

TREMEMBÉ: Não me façam rir. Quem são os artistas, vocês?

PINIQUINHO: Exatamente, completamente e efervescente. Nós éramos uma dupla de artistas muito famosa.

TREMEMBÉ: Não me façam rir. Vocês, dois artistas?

PINICÃO: Exatamente, completamente e efervescente. Artistas de verdade.

PINIQUINHO: Artistíssimos.

TREMEMBÉ: Não me façam rir. Que arte de artistas vocês faziam?

PINICÃO: Artes de circo.

PINIQUINHO: Pois é, artes de circos.

TREMEMBÉ: Não me façam rir! E o que faziam? Trapézio, corda bamba, engoliam espadas?

PINICÃO: Tudo isso. Mas o que a gente fazia mesmo era o povo rir, principalmente as crianças.

TREMEMBÉ: Não me façam rir! Como faziam rir?

PINIQUINHO: Com a nossa cara, o nosso nariz, a nossa cabeça, o nosso chapéu e a nossa graça.

TREMEMBÉ: Não me façam rir.

PINICÃO: Se a gente quiser, a gente faz você rir mesmo, com a nossa arte.

TREMEMBÉ: Eu aposto que não...

PINICÃO: Eu aposto que sim.

TREMEMBÉ: Eu aposto que não.

PINICÃO: Eu aposto que sim.

TREMEMBÉ: Pois então, vamos apostar de verdade. Eu aposto tudo o que vocês vão ganhar trabalhando para mim nesta aventura da selva que vocês não podem me fazer rir.

PINIQUINHO: Pois nós topamos a aposta. Não topamos, Pinicão?

PINICÃO: É claro que topamos, Piniquinho. Se você perder, incrível Tremembé Jones, vai ter que nos pagar em dobro o que combinamos receber por nossa participação como carregadores de safári nesta sua grande aventura.

TREMEMBÉ: Então, vamos dar as mãos para selar esta aposta.

Fazem confusão na hora de apertar as mãos. Finalmente conseguem.

TREMEMBÉ: Pois então, vamos lá. Podem me fazer rir.

Os dois palhaços fazem umas graças e Tremembé Jones resiste. Daí, chegam nele e dizem que ele riu, mas ele não riu. Depois de umas pantomimas, Pinicão chama Piniquinho no canto da cena.

PINICÃO: Não podemos fazer ele rir. Ele é muito sem graça, não ri de nada. Vamos perder nosso dinheirinho. *(CHORA)*

PINIQUINHO: Não vamos não, Pinicão. Eu tenho uma ideia para fazer o incrível Tremembé Jones morrer de rir.

PINICÃO: Já sei, vamos fazer o nosso número principal... A imitação de animais...

Convidam plateia a imitar os animais.

PINIQUINHO: Não e não.

PINICÃO: Ah, então nós vamos fazer a pantomima do lobo mau e da vovó?

PINIQUINHO: Também não é nada disso.

TREMEMBÉ: Eles desistiram... Agora eu vou ter dois carregadores sem precisar pagar nadinha. Eles não conseguiram me fazer rir porque eu não rio mesmo de nada. Sou um arqueólogo, antropólogo e caçador de animais ferozes que não ri nunca. Então, perderam a aposta?

PINIQUINHO: Ainda não... Vamos, Pinicão, o nosso número forte, que faz rir quem não gosta de rir... O número se chama...

PINICÃO: Os dedinhos assanhados.

TREMEMBÉ: Não vou rir nem com dedinhos nem com dedões.

PINIQUINHO: Vamos ver se ri ou não ri.

Os dois caem em cima dela fazendo cócegas, até que ele morre de rir. Eles o abandonam no chão e ele segue sempre rindo sem parar. Amarrou no riso. Os dois se cumprimentam e olham Tremembé Jones no chão rindo e riem dele.

PINIQUINHO: Você viu só, meu caro Pinicão? Nós somos os artistas que fazemos rir quando queremos...

PINICÃO: Com nossos dedinhos assanhados... Quer rir mais, quer?

PINIQUINHO: Ele não pode, se ele der mais um pouco de risada ele morre de rir... Pode parar, incrível Tremembé Jones, nós já ganhamos a aposta.

PINICÃO: Isso mesmo, agora quero comer, que eu estou com fome.

TREMEMBÉ: Eu... Não... Não consigo parar de rir... Eu não aguento mais.
(SE LEVANTA E VAI, RINDO SEMPRE, DE UM LADO PARA O OUTRO)

PINICÃO: E se ele morrer de rir mesmo?

PINIQUINHO: Não morre não, riso não mata ninguém...
Pode parar, incrível Tremembé Jones.

TREMEMBÉ: Não consigo...

PINIQUINHO: Temos um problema...

PINICÃO: Temos mesmo um porobelega.

PINIQUINHO: Temos mesmo mesmo um porobelega em uma.

Começam a falar rapidamente a mesma frase progressiva, enquanto Tremembé Jones ri cada vez mais. De repente ouve-se o horrendo urro de KongKong. Tremembé Jones para de rir de estalo, assustado.

329

PINICÃO: *(ASSUSTADO, JOGANDO-SE NO COLO DE PINIQUINHO)*
O que foi isso? Mamãeeee. Eu quero mamãeeee.

PINIQUINHO: Pinicão, para com isto, Pinicão. Foi apenas o horrível urro de... De quem foi este urro, incrível Tremembé Jones?

TREMEMBÉ: Bem, eu não sei ao certo... Mas penso que este horrível urro foi de alguém que eu estou procurando...

PINICÃO: Mas nós, não! Não é, Piniquinho?

PINIQUINHO: É claro que sim, Pinicão. Nós não fomos contratados para ouvir urros horríveis. Nós fomos contratados para esta grande aventura do incrível Tremembé Jones.

TREMEMBÉ: Eu acho que este urro esclarece muito sobre a minha aventura. Achem na bagagem a caixa onde está escrito “*PROVA NÚMERO UM*”.

Os dois começam a tirar tudo de dentro das mochilas. Tiram as coisas mais incríveis.

TREMEMBÉ: Eis a minha caixa da “PROVA NÚMERO UM”...

Abre a caixa devagar, com muito suspense e tira uma banana gigante da caixa.

TREMEMBÉ: Eis a “PROVA NÚMERO UM”.

Açonta a banana para eles, como se fosse uma arma. Os dois se jogam no chão.

TREMEMBÉ: Sabem o que é isto?

PINICÃO: Uma banana.

PINIQUINHO: Uma banana grande.

PINICÃO: Um bananona.

PINIQUINHO: Uma bananaça.

PINICÃO: Uma super banana.

TREMEMBÉ: E quem gosta de banana é o?... O?... O?...

PINICÃO: O Pinicão... Que quanto está com fome gosta do bananão...

TREMEMBÉ: Não, seu burro... Qual é o bicho que gosta de banana?...

PINIQUINHO: O macaco.

TREMEMBÉ: Isso mesmo. E, se a banana é deste tamanho, qual é o tamanho do macacão?...

PINICÃO: Bom, o tamanho de macacão é... Socorro, mamãeeee! O macacão vem buscar o bananão e vai comer o Pinicão... Socooooooooo, mamãeeee!

PINIQUINHO: Cale essa boca, Pinicão. Faça como eu, que não tenho medo de macacão nenhum.

Ruído de chocalho.

TREMEMBÉ: Que barulho é este?...

PINICÃO: Nada, são os dentes do Piniquinho batendo.

PINIQUINHO: E por que você, incrível Tremembé
Jones, está procurando esse macacão?

TREMEMBÉ: Porque, como arqueólogo, eu estudo as coisas
antigas e este macacão tem mais de duzentos anos.

PINICÃO: Não mete a mão em cumbuca.

TREMEMBÉ: E, como eu sou antropólogo e o
antropólogo estuda os homens...

PINICÃO: E quem estuda as mulheres, como se chama?

PINIQUINHO: Mulherólogo...

TREMEMBÉ: É antropólogo mesmo... Eu, como antropólogo, preciso
estudar de onde veio o homem... Alguns dizem que o homem
veio dos macacos. Então, tenho que estudar o macacão.

PINICÃO: E os palhaços, vem de onde?

PINIQUINHO: Do circo, é claro.

TREMEMBÉ: Os palhaços vêm do macaco também.

PINICÃO: Então, tem macaco palhaço?

PINIQUINHO: Não, Pinicão. Tem palhaço... Macaco.

TREMEMBÉ: Nada disso. O macaco é o macaco, e o palhaço é o palhaço...

PINICÃO: E o Tremembé Jones é incrível...

PINIQUINHO: E extraordinário... E vai descobrir o macacão.
Como é mesmo o nome do macaco?

TREMEMBÉ: KongKong...

PINICÃO: KongKong!

PINIQUINHO: KongKong!

TREMEMBÉ: E como eu sou um grande caçador de animais selvagens,
vou caçar, prender e levar KongKong para o jardim zoológico.
E vocês terão esta glória junto comigo. Peguem a rede!

*Os dois tiram uma rede. Acabam por se
enredar nela os três. Desenredam-se.*

TREMEMBÉ: Peguem a rede os dois. Agora, fiquem ali naquele morrinho. Quando o macaco chegar, é só jogar o pegar o macaco. Daí tem que dar esta injeção que faz o macaco dormir. Fica com você, Piniquinho.

PINIQUINHO: Espeta a agulha e o macaco dorme?

TREMEMBÉ: Dorme. A gente amarra ele e leva para o zoológico. Agora, fiquem aqui que eu vou atrair o macaco com meu pio de macaco.

Toca o “Pio do Macaco”, que é uma corneta rugidora. Os dois fecham os ouvidos com os dedos. Daí, vai embora rugindo o pio. Os dois ficam no “morrinho”, com medo.

PINICÃO: Se a gente errar a rede... O macacão vai pensar que eu sou um bananão por causa da cor da minha roupa. Daí, o macacão vai me descascar e comer. O Pinicão vai virar um bananão... (*CHORA*)

PINIQUINHO: Não chore Pinicão e apronte a rede que eu estou ouvindo uns passos. Ouça-lhos.

332

Ouve-se uns passos cadenciados. Os dois tremem de medo e fazem ruídos com a boca. Passa Tremembé Jones e eles jogam a rede. Piniquinho dá a injeção.

TREMEMBÉ: Sou eu... Sou euuuu... Esqueci a espingarda... Agora vou dormir dez horas... O antídoto... O antídoto... O anti... (*DORME E RONCA*)

PINICÃO: Ele dormiu. E agora? Se o macacão chegar, o que a gente faz?

PINIQUINHO: Pinicão, a gente já treinou com o incrível Tremembé Jones. A gente joga a rede e taca uma injeção de dormir... Mas quem seria esse tal de Antídoto?

PINICÃO: Deve ser um outro macacão... Vamos esperar.

CENA 2

Esperando Kong-Kong.

PINICÃO: Quanto tempo ele vai dormir?

PINIQUINHO: Sei lá... Enquanto ele não acordar, estamos em perigo, porque nós podemos ser atacados pelo macacão KongKong e pelo outro macacão Antodoto.

PINICÃO: Não é Antodoto, Piniquinho, é Antídico.

PINIQUINHO: Eu acho que é Antonomo.

PINICÃO: Antífrico...

PINIQUINHO: Antrítico...

PINICÃO: Atropodo...

Pinicão cobre Tremembé Jones e tira escondido de Piniquinho uma chupetona e bota na boca de Tremembé Jones.

333

PINICÃO: Dorme aí e acorda logo pra caçar o KongKong e o Antróbolo...

PINIQUINHO: Astríbulo.

Os dois ficam ali com a rede. Ouve-se passos. Os dois, com medo, aprontam a rede... Entra SongaMonga. É uma maga céltica cheia de flores e folhas. Escapa da rede. Os dois vão fugir, ela os paralisa com um gesto mágico.

SONGA-MONGA: Sinalifechatu...

Songa-Monga puxa uma corda imaginária que está presa nas costas dos dois, que lutam mas não conseguem escapar.

SONGA-MONGA: Quem são vocês, oh, estranhas criaturas narigentas que invadem minha selva?

PINICÃO: Eu sou o Pinicão.

PINIQUINHO: Eu sou o Piniquinho.

PINICÃO: E quem sois vós?

PINIQUINHO: Que sodes vobis?

SONGA-MONGA: Sou SongaMonga, a zeladora da selva.

PINICÃO: É a zeladora. Deve ter um prédio de apartamentos aqui...

PINIQUINHO: Esse aí dormindo é o incrível Tremembé Jones.

SONGA-MONGA: Oh, o incrível Tremembé Jones! Eu estava esperando sua chegada. Eu sabia que ele viria.

PINICÃO: Olha aí, Piniquinho, ela é amiga do incrível Tremembé Jones. Estamos salvos.

334

PINIQUINHO: Sim, estamos salvos.

SONGA-MONGA: Eu estava esperando este caçador malvado para prendê-lo, para que nunca mais use uma arma na minha selva. Sou SongaMonga, a ecológica... Não quero caça... Não quero que façam mal aos animais da selva... Não quero que façam mal às árvores da selva...

PINICÃO: Não quer que façam mal aos palhaços da selva...

SONGA-MONGA: Os palhaços não são da selva. Os palhaços são da quadrilha do incrível Tremembé Jones, o caçador. Quando ele acordar, vai ver quanto dói uma saudade. O que ele veio caçar por aqui?

Um urro fortíssimo de KongKong... Todos com medo e SongaMonga também. Ela corre a se esconder atrás de alguma coisa. Os dois se livram da corda imaginária e correm.

PINICÃO: Não podemos deixar o incrível Tremembé
Jones aqui com a SongaMonga.

PINIQUINHO: Vamos carregar com ele.

*Os dois fogem, carregando Tremembé
Jones. SongaMonga reaparece.*

SONGA-MONGA: Fugiram de mim. Mas eu os encontrarei...

CENA 3

*Em frente do Templo Perdido. Chegam Piniquinho, Pinicão
e Tremembé Jones, meio acordado e meio dormindo.*

TREMembÉ: (*ZONZO*) Eu estou meio zozzo.

PINICÃO: Isso deve ser zonzeira, não é mesmo, Piniquinho?

PINIQUINHO: Deve ser zonzeira da boa. Olhem!

PINICÃO: O que será isso aí?

TREMembÉ: Deus, é um antigo templo gorilita!

PINIQUINHO: Um templo gorilita. Eu sempre quis conhecer um
templo gorilita. Você não quis também, Pinicão?

PINICÃO: É claro que sim. Desde que eu era piniquinho assim que eu
queria conhecer um templo gorilita. É o sonho da minha vida.

TREMembÉ: Pois o que vocês estão vendo é um antigo templo
gorilita. Mas onde ouviram falar de templo gorilita?

PINIQUINHO: Eu, ouvi falar aqui mesmo e agora mesmo.
Foi você quem falou. Ou não foi?

TREMembÉ: É claro que eu falei... Mas vocês disseram que o sonho
da vida de vocês era conhecer um templo gorilita. Onde
ouviram antes de hoje falar de um templo gorilita?

PINICÃO: Já ouvi falar de templo, mas de gorilita eu confesso que é pela vez primeira.

TREMEMBÉ: Pois fiquem sabendo que este é um templo gorilita fundado pelos seguidores dos “Adoradores dos Grandes Macacos”...

PINIQUINHO: Grandes macacos... Mais ou menos de que tamanho?

PINICÃO: Lembra da banana, Piniquinho?

PINIQUINHO: A banana!... Eu estou com fome. Cadê o bananão?

PINICÃO: A banana mostra o tamanho do macacão, lembra?

PINIQUINHO: Eu estou perdendo o apetite... Não quero mais comer o bananão. Eu estou com medo do macacão. Porque eu como o bananão, daí eu fico com cheiro de bananão, aí vem o macacão e me come porque eu estou com cheiro de bananão.

PINICÃO: E vai ficar com gosto de bananão, também... Porque se você comer o bananão inteirão você vai virar um bananão e o macacão vai te comer e não me come não.

TREMEMBÉ: Quietos... Ouçam...

PINIQUINHO: Eu estou quieto, só ouvindo. Você está ouvindo, Pinicão?

PINICÃO: Eu estou ouvindo, sim. Mas será que o que eu estou ouvindo é o que você está ouvindo?

TREMEMBÉ: Calem-se os dois... Façam silêncio para que eu possa ouvir.

PINIQUINHO: Silêncio...

PINICÃO: Silêncio.

TREMEMBÉ: Cala a boca, eu quero ouvir.

PINIQUINHO: Espera aí, Seu Tremembé Incrível Jones da Silva... Se a gente não fizer barulho o que é que o senhor quer ouvir? O senhor só pode ouvir se a gente fizer barulho, porque aqui nesta selva...

TREMEMBÉ: Cala essa boca de pinico!

PINIQUINHO: Boca de pinico?

TREMEMBÉ: Cala!!! Ouçam...

Os palhaços procuram ouvir com a mão em concha ajudando o ouvido.

TREMEMBÉ: Ouçam o ronco...

PINIQUINHO: Você está ouvindo algum ronco, Pinicão?

PINICÃO: Eu estou... Será que tem alguém dormindo?

Som de ronco aumenta muito.

TREMEMBÉ: Minha arma! Pegue minha arma.

PINIQUINHO: Arma pra quê?

PINICÃO: Não pergunte para mim por que é que ele quer caçar agora. Aqui está a sua magnífica arma, incrível Tremembé Jones. Puxa, que ronco!

PINIQUINHO: Que roncão!

PINICÃO: Que roncação!

PINIQUINHO: Que roncação!

TREMEMBÉ: Vocês dois, palhaços, querem ganhar um beliscão?

PINIQUINHO: Eu não.

PINICÃO: Eu também não!

TREMEMBÉ: Então vamos entrar no templo... Atrás de mim... Vamos!

PINIQUINHO: Vai você atrás dele...

PINICÃO: Vamos nós dois. Um atrás do outro. Eu vou atrás...

PINIQUINHO: Eu não vou, não. Eu vou ficar aqui na porta mesmo.

TREMEMBÉ: Daí você fica sozinho e o perigo te pega...

PINIQUINHO: Aiii, o perigo me pega com esse roncão!

TREMEMBÉ: Vamos ver quem está roncando assim. Quem foi que espirrou?

PINIQUINHO: Espirrou?

PINICÃO: Espirrou?

PINIQUINHO: Quem espirrou?

TREMEMBÉ: Vejam, está escrito algo no pé da estátua. É, só pode ter sido escrito por quem tenha um narigão.

PINIQUINHO: Um narigão?!

PINICÃO: Um macacão!!!

TREMEMBÉ: Venham atrás de mim...

Os três entram no templo. Uma luz se acende e mostra uma estátua de um macacão.

TREMEMBÉ: Vejam... É o deus Kong.

PINIQUINHO: (*TAPANDO OS OLHOS*) Não quero nem ver...

PINICÃO: Nem eu... Não quero nem ver e nem olhar.

PINIQUINHO: Eu não quero nem olhar, nem espirrar.

PINICÃO: Você espirrou de novo?

TREMEMBÉ: Não fui eu. Deixe-me ler o que está escrito aqui... A maldição de Kong os alcançará...

Piniquinho treme de medo.

PINICÃO: Não espirre mais em cima de mim.

PINIQUINHO: Eu não espirrei em cima de você.

TREMEMBÉ: Quem espirrou?

PINIQUINHO: Só se foi o macacão.

PINICÃO: Mas o macacão não pode ser não, porque ele é uma estátua e estátua não espirra. Porque se a estátua espirrasse isso queria dizer que não era estátua, mas o macacão de verdade. É isso aí. Olha só, Piniquinho, eu bati no pé da estátua e a estátua não me fez nada. Isso porque é uma estátua e estátua não sente nada do que eu estou fazendo. Vem cá, bate aqui no pé da estátua.

PINIQUINHO: Vou bater com o martelão. (*PEGA UMA MARRETONA DE CAMPING NA MOCHILA*) Lá vai o Piniquinho com seu martelinho... (*BATE*)

O macacão tira o pé para não ser atingido.

TREMEMBÉ: Me esperem aqui que eu vou entrar no templo.

PINIQUINHO: A gente fica aqui com o macacão.

PINICÃO: Bate de novo no pé dele, bate Piniquinho.

PINIQUINHO: Olha só, eu aprumo o martelinho
e lá vai o Piniquinho... *(BATE)*

O macacão tira o pé.

PINIQUINHO: Por que será que eu errei? *(REPETE PARA A
PLATEIA A PERGUNTA)* Por que é que eu errei?

PINICÃO: Você precisa ter mais pontaria. Me dê esse
marretão aqui. Lá vai uma... Lá vai duas...

PINIQUINHO: Lá vai três.

PINICÃO: Espera aí, não conta errado... Vamos
contar certinho... Lá vai uma...

PINIQUINHO: Lá vai uma.

PINICÃO: Lá vai duas...

PINIQUINHO: Lá vai duas.

PINICÃO: Lá vai três... *(DÁ A MARRETADA)*

*O macacão tira o pé. Piniquinho puxa Pinicão
até a frente do palco. Está tremendo.*

339

PINIQUINHO: Eu vi a estauta...

PINICÃO: Não é estauta. É estratuta.

PINIQUINHO: Estruta.

PINICÃO: Estrautítica.

PINIQUINHO: Tiuticauta... Eu vi o pé da tiuticauta se mexer...

PINICÃO: Eu direi que você, Piniquinho, está vendo coisas...

PINIQUINHO: Eu estou mesmo. Eu vi o pé da
estratiuticauta se mexer. *(CHORA)*

PINICÃO: Espera aí, eu vou dar uma outra marretada
no pé da estautratiuticaca.

PINIQUINHO: E lá vai uma...

PINICÃO: E lá vai uma.

PINIQUINHO: E lá vai duas...

PINICÃO: E lá vai duas.

PINIQUINHO: E lá vai três...

PINICÃO: E lá vai três. *(DÁ A MARRETADA)*

O macacão muda o pé. Os dois disfarçam e chamam Tremembé Jones, tremendo de medo.

PINICÃO: Não trema, Piniquinho... Incrível Tremembé Joooneees! Somos nós...

TREMEMBÉ: O que é que vocês querem?

PINIQUINHO: Vem um pouquinho aqui que a gente quer te falar um segredinho...

TREMEMBÉ: Não tenho tempo para segredinhos...

PINICÃO: Então vamos dizer que seja um segredão...

TREMEMBÉ: *(VEM PARA ELES, PASSANDO PELA ESTÁTUA)* O que foi? Eu estou procurando caracteres gorilísticos para desvendar a história deste templo perdido na mata da selva... Mas falem logo os dois. Qual é o segredo? Vamos, falem logo!

OS DOIS: Logo.

TREMEMBÉ: Não é isso, sua dupla de palhaços. Falem o segredo...

PINIQUINHO: O segredinho...

PINICÃO: O segredão...

TREMEMBÉ: Isso, falem agora!

OS DOIS: Agora!

TREMEMBÉ: Qual é o segredo?...

PINIQUINHO: Veja só... Vamos lá com a marreta, Pinicão. Olha só, incrível Tremembé Jones. Lá vai marretada.

Pinicão ergue a marreta e quando vai baixar o macacão puxa o pé.

PINICÃO: (*CORRENDO DE VOLTA*) Olha aí... Olha aí só. Mexeu ou não memexeeuuu?

PINIQUINHO: Mexeu, isso mexeu. Eu vi que memexeu...

TREMEMBÉ: Não foi nada. Isso é apenas uma ilusão de ótica. Os seus olhos enganaram vocês, seus covardes. (*VAI PARA DEBAIXO DO MACACÃO*) É a luz da Lua que brilha e resvala na vala e o pé do macaco parece que mexe. Mas não mexe não, porque estátua de macaco não se mexe.

KongKong dá um chutão no bumbum dele e sai correndo atrás dos três, que fogem pela plateia. Na volta ao palco o macacão brinca com as crianças, entra em cena e depois sai.

CENA 4

341

Clareira. Tremembé Jones e os dois palhaços entram cansados. É noite de lua.

TREMEMBÉ: Altooo!

PINIQUINHO: Alto e gordo e grande. Era um macacão.

PINICÃO: Quase que pega o Piniquinho e o Pinicão.

TREMEMBÉ: Vocês sabem quem é aquele macacão?

PINIQUINHO: É o dono daquele bananão.

PINICÃO: É uma estauta...

TREMEMBÉ: Não. É KongKong, o gorilão.

OS DOIS: KongKong?!

TREMEMBÉ: Sim, é por quem estamos aqui. Tenho que caçá-lo para levá-lo ao zoológico. Ganharei milhões e milhões de dólares.

PINIQUINHO: E como iremos caçá-lo alo alo, incrível Tremembé Jones?

PINICÃO: Sim, como iremos caçá-lo alo alo, incrível Tremembé Jones?

TREMEMBÉ: Com a nossa rede, mas isso é para amanhã de manhã. Agora, eu só quero dormir.

PINIQUINHO: E se o KongKong aparecer de noite...

TREMEMBÉ: Faremos uma fogueira. O fogo não deixará com que ele chegue perto de nós.

PINICÃO: Vamos buscar gravetos para a fogueira, Piniquinho.

Eles fazem uma fogueira (elétrica, com papel vermelho).

PINIQUINHO: Onde estão os fósforos?

PINICÃO: Pergunte ao incrível Tremembé Jones...

PINIQUINHO: Incrível Tremembé Jones, onde estão os fósforos?

Tremembé ronca alto.

PINICÃO: Ele dormiu... Vamos procurar fazer fogo à moda dos índios. É só pegar dois pauzinhos e esfregar um no outro que faz fogo. Eu li numa revista...

PINIQUINHO: Então vamos pegar dois pauzinhos...

Piniquinho vai até a beira da coxia. Um braço peludo vem da coxia e dá-lhe dois paus do tamanho de garrafas.

PINIQUINHO: Obrigado. Pronto, Pinicão, vamos fazer o fogo.

Pinicão esfrega os paus e nada de fogo, é claro.

PINIQUINHO: Está difícil... Vou pegar outros menores...

Piniquinho vai até à beira da coxia e o braço peludo dá-lhe dois paus menores.

PINIQUINHO: Obrigado...

Ouve-se um ronco.

PINIQUINHO: Parece que eu ouvi um ronquinho... Deve ser do Tremembé Jones. Aqui estão dois gravetinhos. Experimente você, Pinicão.

Pinicão esfrega os pauzinhos e não consegue fogo.

PINICÃO: Estão molhados, é melhor arrumar outros, mais secos...

Piniquinho vai até à beira da coxia e a mão lhe dá um isqueiro aceso.

PINIQUINHO: Obrigado. Agora sim, temos um bom foguinho... Pinicão, olha só o fogo que eu arrumei.

KongKong entra atrás dele. Pinicão tenta avisar Piniquinho. Apavorado, faz mímica de macaco.

343

PINIQUINHO: *(OLHA PARA TRÁS E NÃO VÊ KONG)* Segura um pouco o fogo para mim... *(DÁ O ISQUEIRO PARA KONGKONG)*

Pinicão desmaia.

PINIQUINHO: *(SOCORRENDO PINICÃO)* O que foi? Você desmaiou, Pinicão? Acorde, incrível Tremembé Jones! Traz o isqueiro aqui para acender a fogueira... *(SE DÁ CONTA DO MACACO)* KongKong! Socorrooooo!

Correria no palco. Tremembé Jones acorda, pega a espingarda e quando vai atirar...

PINICÃO: Não atire nele, não. Briga é uma coisa, assassinato é outra. *(FICA NA FRENTE DE KONGKONG, PROTEGENDO-O)*

TREMEMBÉ: Sai já da frente! Estas balas só fazem dormir.

PINICÃO: Não saio não...

KongKong aproveita e foge.

TREMEMBÉ: Vocês dois estão despedidos. Estão despedidos por incompetência. Não servem para ajudantes de safári do grande e incrível Tremembé Jones.

PINIQUINHO: Pois então pague o que nos deve...

TREMEMBÉ: Está aqui... (*PEGA A CARTEIRA*) Em dólares. Muito boa noite e boa viagem. Espero nunca mais ver vocês dois. Me ajudem!...

*Os dois penduram nele toda a matalotagem.
Ele vai que nem uma árvore de Natal.*

PINIQUINHO: Adeus, incrível Tremembé Jones... Até um dia.

PINICÃO: Adeus, incrível Tremembé Jones... Até um dia.

TREMEMBÉ: Ora, vão pro espaço, seus palhaços!

Tremembé Jones sai e os dois ficam ali dando adeus.

344

PINIQUINHO: Nós fizemos o que achamos certo.

PINICÃO: Pois é, o certo é o certo.

PINIQUINHO: E o errado é o errado.

PINICÃO: E o mais ou menos é o mais ou menos.

PINIQUINHO: Toque aqui, parceiro...

PINICÃO: Toque aqui, parceiro... E agora, vamos comer qualquer coisa. Me pegue aí nosso saco de bolachinhas...

PINIQUINHO: Eu acho que não temos bolachinhas...
O Tremembé Jones levou.

PINICÃO: Pois podemos muito bem passar sem bolachinhas.
Me dê um refrigerante e um cachorro-quente...

PINIQUINHO: Eu acho que não tem nem refrigerante e nem cachorro-quente... O incrível Tremembé Jones levou...

PINICÃO: Pois então me dê um saco de pipocas...

PINIQUINHO: Eu acho que não vai ter picoca, não.

PINICÃO: Não é picoca, Piniquinho. É popoca...

PINIQUINHO: Pois foi o que eu falei, pipica...

PINICÃO: Mas não é pipica, é pororoca.

PINIQUINHO: É o que sempre disse, perereca.

PINICÃO: Não! É pururuca...

PINIQUINHO: Não tem mais comida alguma. Eu vou chorar... Estou com fome... (*CHORA*)

SONGA-MONGA: (*EM OFF*) Quem é que está chorando aí?

PINIQUINHO: Não sou eu, não. É o Pinicão.

PINICÃO: Não seja covarde, Piniquinho... Quem está chorando é o Piniquinho, ouviu, Dona Voz?

SONGA-MONGA: Por que está chorando?

PINIQUINHO: Porque o incrível Tremembé Jones foi embora e levou toda a comida e a barriguinha do Piniquinho está roncando de fome...

PINICÃO: Mas quem é que está falando aí?...

SONGA-MONGA: (*APARECENDO, COM AS MÃOS ESCONDIDAS ATRÁS DO CORPO*) Sou eu... SongaMonga, a ecológica... Então o grande caçador Tremembé Jones os abandonou... Muito bem... Estão com fome... (*MOSTRA A CESTINHA QUE TEM NAS MÃOS, CHEIA DE COISAS PARA COMER*) Podem comer à vontade... Então Tremembé Jones os deixou sem comida?

PINIQUINHO: Sim, incrível SongaMonga... Sem comida e sem bebida.

SONGA-MONGA: E foi caçar, não foi?

PINICÃO: Sim, foi caçar um macacão chamado KongKong.

SONGA-MONGA: Eu vou atrás dele. Não estranhem muito se a comida dele cair dentro do rio. (*SAI*)

Piniquinho e Pinicão riem muito. De repente, ouvem um grande rugido e se abraçam com medo.

PINIQUINHO: O que acontecerá com a gente?

PINICÃO: Eu quero mamãeee.

PINIQUINHO: Eu tambéeeem...

CENA 5

TREMEMBÉ: (*ENTRANDO*) Onde é que arrumaram comida?

PINICÃO: Uma ami...

PINIQUINHO: Compramos no supermercado das selvas...

TREMEMBÉ: Aqui não existe supermercado nenhum... Me deem um pouco de comida porque eu deixei cair toda a comida no rio...

PINICÃO: Você nos deixou sem comida aqui e agora vem pedir comida?... Vou primeiro conferenciar aqui com o meu parceiro para ver se a gente dá a comida ou não, incrível Tremembé Jones...

PINIQUINHO: Eu tenho uma ideia... A gente dá a comida, mas ele tem que devolver o bananão...

PINICÃO: Por que o bananão, incrível Piniquinho?

PINIQUINHO: Porque se o macacão aparecer e quiser comer a gente, eu dou o bananão para ele comer e aí ele não come a gente, porque se ele comer a gente a gente vai ficar na barriga dele. E se a gente ficar na barriga dele, vai ficar com medo do escuro porque o barrigão do gorilão é muito escuro.

PINICÃO: A gente dá a comida, mas quer o bananão...

TREMEMBÉ: Não posso dar o bananão porque é a minha isca de pegar KongKong.

PINICÃO: Então vá comprar sua comida no supermercado.

TREMEMBÉ: Não vou, não. Eu vou é dar este dinheiro aqui e vou pegar esta cestinha aqui... E agora vou embora...

PINIQUINHO: Ele levou nossa comida...

PINICÃO: A cestinha toda...

TREMEMBÉ: De onde veio esta tem mais... Vocês vão buscar...

PINIQUINHO: Devolva a cestinha, incrível e esfomeado Tremembé Jones!

TREMEMBÉ: Adeus, amigos...

PINICÃO: (*AGARRANDO A CESTINHA*) Não vai não... Não leva não...

TREMEMBÉ: Largue isso, senão...

PINICÃO: Eu vou puxar também.

Ficam ali, no puxa que puxa. Por trás, aparece KongKong e eles não sentem sua presença até que KongKong segura a cestinha também. Tremembé Jones percebe e vai até o lado, pega uma cordinha de laço, gira em torno da cabeça. Enquanto isso, Pinicão e Piniquinho descobrem KongKong. Piniquinho dá um grito, mas Pinicão o acalma.

PINICÃO: Ele é meu amigo, se lembra?... Aperte aqui a minha mão, grande macacão. Olha, eu vou buscar um bananão para você.

Pinicão pega o bananão e leva para KongKong que pega o bananão e, neste momento, Tremembé Jones joga por cima de um galho de árvore a cordinha, que (truque) pega KongKong pelo pescoço.

TREMEMBÉ: Te peguei, macacão. Vou ficar rico, rico, rico de marré, marré de si.

Tremembé Jones puxa a corda mas o que sobe é a cabeça de KongKong, surgindo a cabeça de SongaMonga, que grunhe e ruge.

347

PINIQUINHO: Veja, Pinicão. É SongaMonga, a ecológica.

PINICÃO: Eu não acredito! Ela é o incrível KongKong!

TREMEMBÉ: O que é que você está fazendo aí?

PINICÃO: Noooossa! O KongKong engoliu ela... Pobre SongaMonga... Desengole ela aí, seu macacão. *(DÁ COM O BANANÃO NELE)*

SONGA-MONGA: Ei, espera aí. Não tem macacão algum... Sou eu...

SongaMonga tira a roupa de macaco e, por baixo, aparece a sua roupa de safári, igual à de Tremembé Jones.

TREMEMBÉ: Então você não é a SongaMonga?

SONGA-MONGA: Não, sou a incrível Taubaté Elizabeth, antropóloga e ecóloga...

PINIQUINHO: Então, ela é da mesma raça do Tremembé Jones aí. Ela é a incrível Taubaté Elizabeth...

PINICÃO: Então não existe o macacão?!

TREMEMBÉ: Por que se vestiu de KongKong?

SONGA-MONGA: Para assustar os caçadores que matam os bichos da selva... Você é um deles, incrível Tremembé Jones.

TREMEMBÉ: Não, eu não mato. Eu caço e prendo e levo pro zoológico.

Pinicão sai levando a roupa de KongKong.

PINIQUINHO: Ainda bem que a paz se fez na selva. Vocês são iguais, dois incríveis antropólogos... Acho que podemos voltar para casa. Porque eu nunca deveria ter saído de casa para estas aventuras em companhia do incrível Tremembé Jones...

TREMEMBÉ: Bem, desculpe-me, incrível Taubaté Elizabeth... Eu nunca mais caçarei animais selvagens para levá-los ao zoológico. De hoje em diante, em sua homenagem, eu me tornarei ecológico.

SONGA-MONGA: Que bom que é assim. Porque eu sempre o admirei muito, incrível Tremembé Jones. Eu sempre sonhei encontrar você nas selvas. Na verdade, eu sempre fui apaixonada por você...

TREMEMBÉ: Você me deixa sem jeito, incrível Taubaté Elizabeth. Mas eu creio que simpatizei com você na primeira vez que nos encontramos, que foi exatamente agora...

SONGA-MONGA: Eu te amo, incrível Tremembé Jones.

TREMEMBÉ: Eu te amo, incrível Taubaté Elizabeth.

Os dois vão se beijar quando entra KongKong com o bananão.

TREMEMBÉ: Corram todos, é KongKong!

PINIQUINHO: *(TIRANDO A CABEÇA DO GORILA)* Não fujam, seus covardes. Sou eu, Pinicão cão com sua roupa de gorilão lã e seu bananão não.

Todos param.

TREMEMBÉ: Que brincadeira boba... Mas agora sabemos que KongKong é apenas uma lenda. KongKong nunca existiu...

Atrás do cenário se levanta a grande cabeça de papier maché do gorilão KongKong. Todos fogem, menos Pinicão que vai tirando a roupa de costas para a cabeça do macacão.

PINICÃO: Ei, gente. Não corram de mim. Não é KongKong, porque KongKong não existe... Sou eu, Pinicão... Com meu bananão.

KongKong dá um grande rugido. Pinicão o descobre e sai correndo pela plateia. As luzes se apagam com a música final.

349





OS BALÕES

UMA BRINCADEIRA CÊNICA PARA
QUATRO ATORES E MUITAS CRIANÇAS

OS BALÕES

UMA BRINCADEIRA CÊNICA PARA QUATRO ATORES E MUITAS CRIANÇAS

PROPOSTA

Temos tido, desde sempre, um teatro para crianças povoado de bichinhos falantes e outras invenções bisonhas. A importância do teatro infantil ainda não foi verdadeiramente considerada entre nós. O teatro pode ser um coadjuvante notável para os currículos escolares dos primeiros anos. Nas áreas de ensino pré-escolar o teatro pode abrir perspectivas pedagógicas insuspeitadas, logo nos “maternais”.

Nesta brincadeira cênica desenvolvemos as primeiras ideias de um teatro para crianças há muito pensado mas só agora amadurecido. O estímulo maior tem sido o trabalho de equipe no programa de TV “Vila Sésamo”, que nos mostrou a necessidade de um novo teatro infantil brasileiro.

Nesta nossa brincadeira a criança não é um espectador passivo e assustado. Tudo é feito para que o objetivo de participação geral seja cumprido. É um trabalho de grupo, criativo e alegre.

Improvisos são a base da diversão neste nosso teatro. Vivo como a vida deve ser, o ambiente no qual as construções, as canções e as brincadeiras *evoluem* para a integração do grupo infantil e os atores.

O maravilhoso deve estar sempre presente. Nada é impossível para o conhecimento sincrético da criança. Os monitores (atores) devem acompanhar este sincretismo, não impedindo a criação espontânea e carreando o resultado para o incrível universo novo do espírito infantil.

Chico de Assis, fevereiro 1973

OS BALÕES
UMA BRINCADEIRA CÊNICA PARA QUATRO ATORES E MUITAS CRIANÇAS

INGREDIENTES

Quatro atores (dois casais)
Músicos (playback)
Balões Verdes para metade das crianças
Balões azuis para a outra metade

MATERIAL PARA CONSTRUIR

isopor, madeira, papelão (caixas) e o mais o
que/quanto descobrir o grupo na prática

VESTUÁRIO

roupas normais dos atores (da cor dos balões)

DECORAÇÃO E CENÁRIO

apenas marcas de cor, indicando as
áreas dos respectivos balões.

- 1 — (*PORTA DO TEATRO*) Quando as crianças vão entrando no local onde se dará a brincadeira, dois atores vão entregando alternadamente os balões verdes e azuis. O ato de entrega deve ser acompanhado de uma frase do tipo: “Guarda bem o seu balão e procure a cor lá dentro”; “Não vá deixar estourar, hein”; “Nós vamos brincar de balões”; “É um balão para cada criança.”
- 2 — (*NO TEATRO, DENTRO DELE*) Os outros dois atores e os músicos esperam as crianças na entrada do local onde vai se passar a brincadeira. Como o local está decorado com as duas cores principais, os atores vão indicando os lugares para as crianças e seus pais (que não ganham balão) com frases como: “Balão verde é lá onde tem aquelas coisas verdes”; “Balões azuis, idem ibidem”; “Qual é a cor do seu balão?” Neste segundo lance, os atores devem procurar conversar com as crianças mais inibidas para, com carinho, deixá-las à vontade. Também neste lance começa a formação dos times verde e azul.
- 3 — Decoração dos campos: depois de completada a plateia, os atores animam as crianças a decorar seus territórios com as cores correspondentes e, para isso, trazem material farto e leve.
- 4 — Feita a decoração, os atores ainda em suas roupas normais, cantam com as crianças a Canção do Nome.

Canção do Nome

Como é seu nome
 Diga aí, diga lá
 Como é seu nome
 Diga aí, diga lá
 Como é que a gente
 Pode te chamar?

(*a criança diz o nome, Maria por exemplo*)

Maria é um nome bom
 É bom demais.

Alternadamente, os verdes e os azuis vão dizendo seus nomes. Os monitores devem ir estimulando as crianças a cantar em coro a canção com eles. Terminados todos os nomes, os atores podem comentar os nomes raros e difíceis e perguntar algum nome que esqueceram. Devem ainda testar crianças de um grupo e de outro para ver se guardaram o nome de outras crianças.

- 5 — Os monitores escolhem suas cores por sorte ou simpatia ou ajudados pelas crianças. Colocam suas roupas coloridas. Podem colocar um pequeno detalhe da outra cor na sua roupa para agradar alguma criança exigente.
- 6 — Os monitores fazem a proposta para as crianças trocarem de balões. Elas podem trocar seu balão com um balão de outra criança de cor contrária e, portanto, trocar de território com ela. Os atores estimulam as trocas nos grupos (torcida). Cantam a Canção da Troca de Cor.

Canção da Troca de Cor

Quem é que quer mudar
Para a cor do nosso balão?

(quando as crianças trocam)

Palmas para ele(ela)
A nossa cor é a cor mais bela.

- 7 — Com os grupos agora estáveis os monitores ensaiam gritos de torcida com as crianças. Aproveitam frases das crianças.
- 8 — Os atores apresentam os materiais de construção e propõem uma invenção coletiva com os materiais. Os dois grupos partem para a criação. Música de fundo e tempo limitado.
- 9 — Feitas as construções, cada grupo explica o que fez e porque fez. Os monitores perguntam novamente se alguém quer trocar de cor de balão. Novamente a canção e os gritos de torcida.
- 10 — Os adultos presentes podem ser consultados sobre as construções, desde que não prefiram uma à outra.
- 11 — Os atores ensaiam as canções dos balões com seus grupos. Inventam bailes, palmas etc. Cantam Canção dos Balões.

Canção dos Balões

O meu balão
tem a cor azul
Azul é a cor do meu balão

O meu balão é verde
Verde é a cor do meu balão

- 12 — Os atores vão pedindo para as crianças descobrirem nas suas roupas o que é verde e o que é azul.
- 13 — Enquanto um gravador toca uma fita onde foi gravada a Canção dos Nomes e os gritos de torcida e ainda a Canção dos Balões (gravados no próprio espetáculo), os atores combinam com seus grupos como vão contar as histórias dos seus balões.
- 14 — Tiram a sorte para ver quem começa e as crianças e atores contam as histórias dos seus balões, nas quais entra dança e canto e narrativa. Muito improviso.
- 15 — Terminadas as histórias, as crianças são informadas que podem trocar de balão de novo, se quiserem. Novos gritos de torcida etc.
- 16 — Após as trocas, os atores se preparam para contar a história dos balões verde e azul.

356

Canção Parlenda dos Dois Balões

Era uma vez
Um balãozinho azul
Cor do céu
Era uma vez
Um balãozinho verde
Cor de mar
E os dois balões
viviam sempre a brigar
O balãozinho azul
O balãozinho verde
Não podiam se encontrar

Eu sou azul, e azul é mais bonito
É muito belo o azul, belo demais
Eu verde sou e o verde é mais bonito
É muito belo o verde, belo demais

Eu sou da cor do céu
Eu sou da cor do mar
E os dois balões
Não podiam se encontrar

Porém um dia
Uma grande ventania
Levou os dois balões
A voar pelo ar
E eles se encontraram
Lá no alto muito alto
E com medo começaram
A falar e conversar

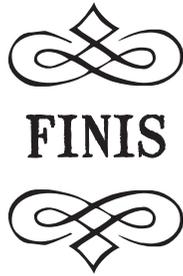
Desceram para o chão
Tão assustados
Que ficaram abraçados
Muito tempo um tempão

357

E por causa desta ventania
Os dois balõezinhos se encontraram
E agora o tempo todo, todo dia
Vivem sempre juntos a brincar

Azul é a cor do céu
Verde é a cor do mar
Mais bela é a amizade
Mais lindo é brincar
Azul é a cor do céu
Verde é a cor do mar
Mais linda é a felicidade
Mais belo é amar.

- 17 — Os atores repetem a última quadra enquanto formam uma roda com todas as crianças e seus balões. Propõem abraços e apertos de mão e beijos etc. entre os dois times.
- 18 — Os atores propõem que as crianças desfaçam as duas construções e façam uma só, em conjunto. Fazem isso cantando a Canção Parlenda dos Dois Balões.
- 19 — Palmas para a construção. Opinião dos adultos. Os atores se despedem e, à medida em que as crianças vão saindo, cantam a Canção do Nome. Se houver um estoque bom de balões podem ser distribuídos balões de outras cores na saída.



FINIS





**O MUNDO
SERÁ**

PRÓLOGO

PALHAÇO: Hoje nós vamos passear por um mundo cheio de descobertas fantásticas. O mundo será no futuro alguma coisa que a gente não sabe bem o que vai ser. Pelo jeito que vai indo algumas coisas são muito perigosas. O mundo está ficando sujo demais. A poluição está afogando o planeta. A gente espera que as guerras acabem os mares acalmem, a terra deixe de tremer. A gente espera que as pessoas tenham todas o que comer e que as crianças de todo o mundo possam sorrir diante da vida. A gente espera que o mundo não fique tão sujo da poluição. Esta peça é um conjunto de canções sobre os perigos de um mundo sujo. É também uma peça teatral sobre o amor pelo estudo. Por último, devemos dizer que o mais importante deste espetáculo é que estas crianças que fazem parte do nosso elenco serão os dirigentes do mundo daqui a vinte anos. Portanto, vamos ter fé na vida e nas crianças porque...

Crianças cantam: O mundo é

362

O mundo é
O mundo será
O mundo vai ser
Como a gente quiser
A vida é
A vida vai ser
A vida será
Como a gente mandar
Eu quero viver
Num mundo de amor
Onde eu possa ter
O meu valor
Eu quero viver
Num mundo de paz
Onde eu possa mostrar
Do que sou capaz.

No fim da canção mundo será o Palhaço fala.

PALHAÇO: O dia é cheio de tanta coisa. A gente tem que ir à escola, a gente tem que brincar um pouco, estudar muito e aí chega à noite o corpo cansado, os olhos pesando e a gente quando a noite cai, cai junto com a noite no abismo manso dos sonhos. Mas antes de adormecer, pensa...

As crianças cantam: Quando a noite cai.

Eu quero dormir
Na paz da minha casa
No calor do lar
Ali na minha cama
Eu tenho que pensar
Que amanhã vai ser
Um novo dia
Um novo dia, um novo dia
Um novo dia, um novo dia
Eu tenho que estudar
Eu tenho que crescer pra trabalhar
Naquilo que eu quero ser
Quando a noite cai eu quero sonhar
Na paz da minha casa
No calor do lar
Ali na minha cama
Eu vou para o futuro
E me vejo grande
Tomando o mundo
Nas mãos.

363

No final da canção vem o palhaço.

PALHAÇO: No planeta terra, tem gente de todo o tipo, de todas as cores, de todos os jeitos de vestir, de comer, de viver. São todos de uma raça só. A raça humana. Ninguém é melhor do que ninguém pela cor da pele. A raça humana é linda e tem tantas variedades. Somos como as flores. Uma flor vive entre as outras flores sem inveja, sem ciúmes, as flores aceitam a beleza umas das outras. Quem sabe podemos aprender a viver como as flores.

As crianças cantam

As flores brancas
Pretas e amarelas
Todas elas
São muito belas
A beleza das cores
Das flores
Existe só porque
Uma flor é uma flor
Uma flor pode ser
Branca, preta ou amarela
De qualquer cor
Ela sempre será
Muito bela.

No fim da canção vem o Palhaço.

PALHAÇO: As flores são um presente que a natureza nos dá. Além de tudo elas podem nos dar uma lição: vocês já cuidaram de flores? Quem cuidou de flores e as quis ver crescendo vai saber o que diz a nossa canção. Quem nunca cuidou de flores, vai saber como é que faz. Flores são coisas vivas, é preciso tratar com cuidado. Na terra tudo é coisa viva, mas a coisa mais viva que existe são as pessoas.

364

As crianças cantam

Se você puxar uma flor
Pra fazê-la crescer
Não vai dar certo não
Ela vai quebrar na sua mão
Mas, porém, todavia
Se você regar todo dia
Se você cuidado tomar
E a terra você adubar
Se você com muito amor
A luz do sol levar a sua flor
Daí a flor crescerá
Sua pétala abrirá
Ela enfeitará
As cores do seu jardim
Comigo também é assim.

No fim da canção vem o Palhaço.

PALHAÇO: Pois é, as flores, além de lindas, nos servem para dar lições. As flores da humanidade são as crianças. No imenso jardim dos povos nascem essas maravilhas que sem saber de nada sobre o mundo acabarão sabendo tudo. Crianças são flores.

Crianças cantam

Crianças são flores
Emocionantes
Quando descobrem
O porquê
Crianças são
Diamantes pensantes
Desafiantes
No entendimento da vida
Crianças
São risos constantes
Brilhantes
Que temos que lapidar
Crianças são
Pequenos semblantes
Resultantes da
Curiosidade
Que leva à ciência
à poesia
e à filosofia.

No final vem o Palhaço.

PALHAÇO: Vocês já ganharam um presente de que não gostaram? Isso acontece muito. Às vezes você ganha um presente que só vem trazer complicação para a sua vida. Vocês já ouviram falar de presente de grego? Uma vez teve uma guerra que se chamou a guerra de Troia. Os gregos cercaram Troia por anos e anos sem conseguir vencer a cidade. Até que um dia os troianos viram que os gregos tinham ido embora e deixaram na frente do grande portão da cidade um enorme cavalo de madeira sobre rodas. Os troianos pensaram que era um presente dos gregos pelo fim da guerra.

Puseram o cavalo para dentro da cidade e fecharam o portão. O que eles não sabiam é que o cavalo era oco e que dentro do cavalo estavam, ali quietinhos, um bando de gregos. À noite eles saíram da barriga do cavalo e abriram o portão da cidade de Troia para as tropas gregas, que só tinham fingido ir embora. Isso foi um presente de grego. Então, cada vez que a gente ganha um presente que só faz mal à gente, dizemos que foi um presente de grego.

As crianças cantam fazendo papel de adultos.

Vocês, nossos filhos,
Vão ter uma herança
E cada criança
Vai receber um legado
Das gerações do passado
Vocês, meus filhos,
Herdarão a terra
Com tudo que ela encerra
Para o bem e para o mal
Vocês, meu filhos,
Vão herdar um planeta
Moribundo
Feito de lixo
Como é, mundo.
Do polo norte ao polo sul
Onde brilha lindo o céu azul
Mas a sujeira mata os bichos
E você, bicho,
Vai herdar um monte de lixo
Vai ser um trabalhão
Limpar tanta sujeira e besteira
Não vai ser brincadeira
Gente nem sabe como falar
Nem dizer a vocês
Como começar
Você, bicho,
Vai ter que varrer o lixo.

No final entra o Palhaço.

PALHAÇO: Vocês nunca ouviram a mamãe ficar brava quando ela está limpando alguma coisa e vocês derramam alguma porcaria quando está quase limpo? Pois é, nada chateia mais a mamãe. Assim é o mundo, assim é a poluição. Quanto mais se limpa mais a sujeira cai sobre o que limpamos. Parece uma coisa que não tem fim. Para limpar o planeta tem um truque, que é bom todos ficarem sabendo.

As crianças cantam

Pra começar a limpar o planeta
Precisa parar de sujar
Precisa parar
De jogar detergente
Nas águas do rio
Que é coisa da gente
Precisa parar
De usar tanto plástico
Que um troço drástico
Que a gente não quer
Precisa parar
De jogar no nosso ar
Fumaça danosa
Do cano dos carros
Também dos cigarros
Precisa parar de jogar
Lixo perigoso no mar
Precisa
Tem lixo perigoso
Nas águas do mar
Fumaça venenosa
Empesteando o ar
Tem espuma, detergente,
Sujando o que é da gente
Tem plástico
Que não acaba mais
Vamos parar de sujar
Vamos parar de sujar
Vamos parar de sujar

367

Vem o palhaço.

PALHAÇO: Cada vez que o sol nasce o mundo recomeça. A cada vez que a maravilhosa luz do sol e seu calor nos atingem, o mundo começa de novo. Felizes são aqueles que sabem que tudo de ruim que a noite engole com sua boca escura deve desaparecer pela manhã. O sol cura todas as briguinhas, o sol cura todos os pequenos malfeitos. O sol cura tudo. O sol é a nossa estrela, nosso ponto na grande galáxia. Nada é tão lindo como um novo dia que está nascendo.

As crianças cantam.

Um novo dia
Está nascendo
Veja o sol apontando
No horizonte
Um novo dia
Está nascendo
Quanta coisa se pode fazer
Num novo dia
Neste dia novo, neste novo dia
Eu vou fazer uma magia
Pra saber os segredos do mundo
Que são só três
De onde viemos?
Onde estamos?
Para onde vamos?
O que eu não sei
Vou estudar
Vou pensar
Vou procurar
Se eu não achar
Aos mestres
Vou perguntar
Se os três
Não tiverem resposta pra dar
Vou descobrir eu mesmo.

No final vem o Palhaço.

PALHAÇO: Existem lindos sentimentos nas pessoas. O amor que sentem os pais pelos filhos e os filhos pelos pais são belos sentimentos. O amor do namorado pela namorada, do noivo pela noiva, do esposo pela esposa, são sentimentos belíssimos. Mas existe um sentimento que é tão lindo, mais que esses todos. Um sentimento que as pessoas têm sem precisarem ser parentes nem nada. Este sentimento é amizade. Por isso devemos cantar a amizade.

Crianças cantam.

Amigos são
A melhor coisa da vida
Amigos valem
Muito mais do que ouro
Amigos são
Nosso maior tesouro.

No final vem o Palhaço.

PALHAÇO: É preciso avisar todos os adultos da Terra. Olha, todas as crianças do mundo são vossos filhos. Sabiam? Pois é, são todos filhos da grande tribo humana dos cinco continentes e das ilhas pequenas e grandes. Saibam disto, pessoas grandes, vocês têm milhões e milhões de filhos. Filhos de todas as cores e tamanhos. Sabem o que devem fazer por elas? É muito simples, devem cuidar com amor do seu filho, do filho do outro e também do filho daquele distante que habita o outro lado do planeta, todos eles merecem seu amor.

As crianças cantam.

Todas as crianças do mundo
Devem estar
Em nosso coração
Todas as crianças do mundo
Devem ser criadas
Num ambiente de compreensão
Num ambiente de boa vontade
De tolerância e de amizade.

Vem o Palhaço para o final.

PALHAÇO: E assim chegamos ao fim do nosso espetáculo. Passamos por uma porção de caminhos e sentimos várias emoções diferentes, assim é o teatro. A vida está no palco e na plateia de dois jeitos diferentes. Na plateia é a vida de quem se admira e se emociona com as coisas que está vendo e sentindo. No palco, aqui onde nós estamos, a vida é matéria das artes. Da dança do canto e da arte de representar. Tudo isso é o teatro e tudo o que começa, termina. Aqui e agora termina assim.

Crianças cantam.

Retirada YAYÁ, retirada
Acabou-se a nossa função
Acabou-se a nossa função
E também, e também
Nossa satisfação
Agora vamos embora
Por outro caminho qualquer
Porém nós voltaremos
Um dia se Deus quiser.



FINIS



Faci re nis et peliquia voluptatque ped eostem comnis
aut optatio. Hillorerum repres maximin ra conseri
aute restruntus acestib usanda sum atemodit illab is
est officii dolupta dus, volla volupti orehentia derum
volore re ratur, totaecae comnitas nonet fuga. In et

“Há neste livro, disputando a atenção do leitor e se complementando, duas constantes: a obsessão do cronista João do Rio e a persistência da pesquisadora Cristiane d’Ávila. Ele, procurando a todo custo implantar o seu projeto de uma aliança luso-brasileira; ela, investigando durante mais de quatro anos, aqui e em Portugal, um aspecto inédito da bibliografia do cronista: as cartas que ele enviou a dois colegas portugueses dos quais se tornou amigo íntimo, os jornalistas e escritores João de Barros e Carlos Malheiro Dias. Eles foram seus parceiros na luta pela aproximação dos dois países num momento de forte antilusitanismo, ou seja, de afirmação da nossa identidade nacional pela negação da herança cultural portuguesa.”

Do Prefácio de Zuenir Ventura



FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA